

ÁREA 7

romance

Matthew Reilly

Autor de *Estação polar*
"... o sucessor de Tom Clancy." *Publishers Weekly*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MATTHEW
REILLY

ÁREA 7

Tradução de
Marcos Demoro



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006

Para John Schrooten, meu amigo

AGRADECIMENTOS

Tentarei ser breve. Meus sinceros agradecimentos vão mais uma vez para: Natalie Freer — que deve observar (e tolerar) de perto minhas excentricidades criativas. Sua paciência e generosidade não conhecem limites.

Meu irmão Stephen Reilly — escritor angustiado, crítico construtivo e criativo, além de grande amigo; e sua esposa, Rebecca Ryan, porque eles formam uma unidade.

Meus maravilhosos pais, Ray e Denise Reilly, por terem me encorajado, quando eu era garoto, a construir cenários em miniatura para os meus bonequinhos da série Star Wars; minha criatividade está diretamente ligada a eles dois.

Meus grandes amigos, John Schrooten, Nik e Simon Kozlina, e a todo o clã dos Kay (sobretudo Don, que fez com que eu reduzisse o tamanho dos felinos em Temple), e a Paul Whyte por ter me acompanhado numa extraordinária viagem pelo Utah durante minhas pesquisas para este livro.

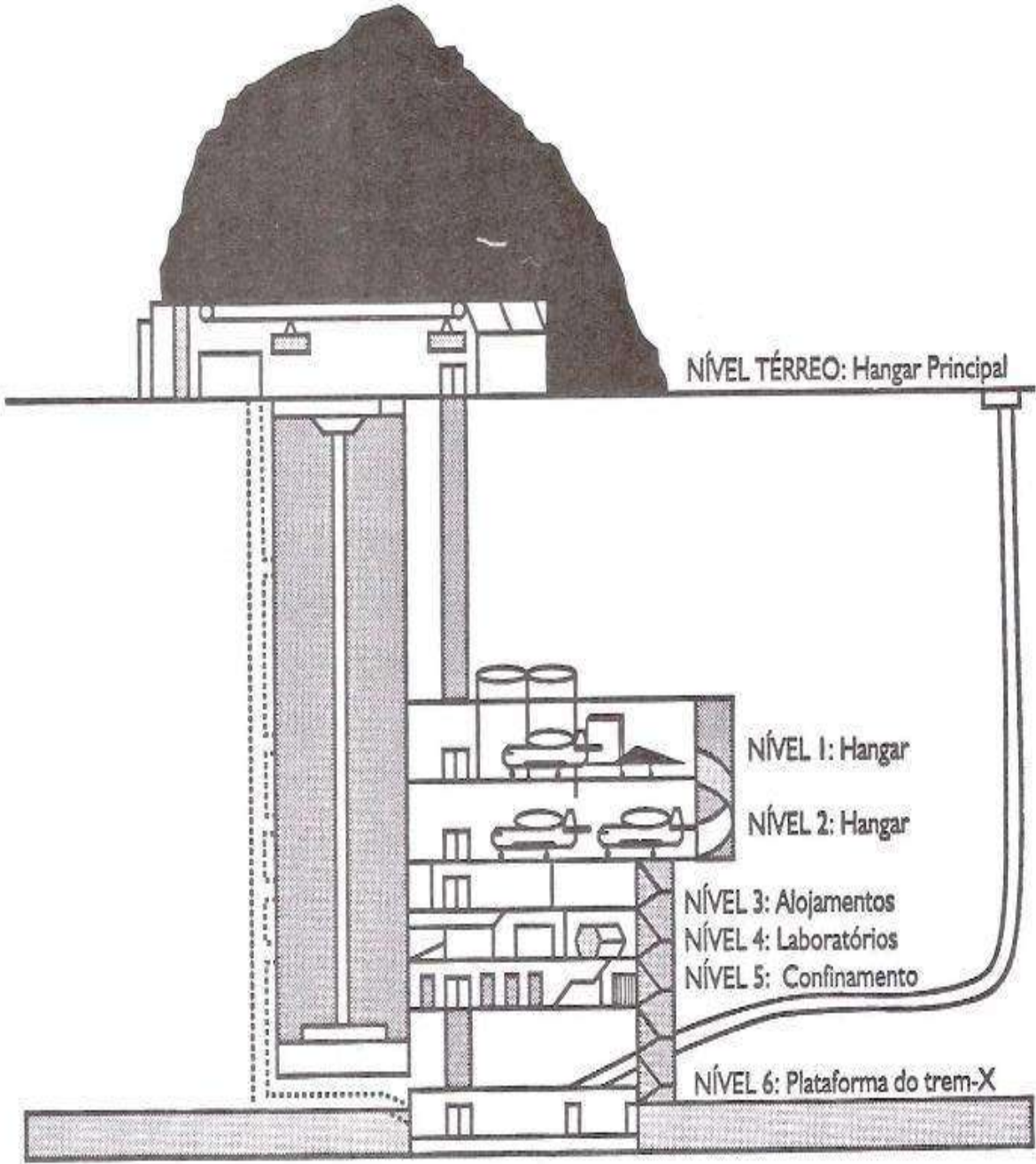
Uma menção especial para dois amigos americanos — o capitão Paul M. Woods, do Exército dos Estados Unidos, e o sargento de artilharia reformado Kris Hankinson, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, que com generosidade cederam seu tempo para me ajudar com os detalhes militares deste livro. Todos os erros são de minha responsabilidade e foram cometidos apesar de suas objeções.

E, finalmente, mais um agradecimento a todo o pessoal da Pan Macmillan. Este é o nosso quarto lançamento, mas a magia persiste. Obrigado a Cate Paterson, Jane Novak, Sarina Rowell e Paul Kenny. E, naturalmente, como sempre, aos representantes de vendas da Pan, pelas incontáveis horas que passam nas ruas, andando de uma livraria para outra.

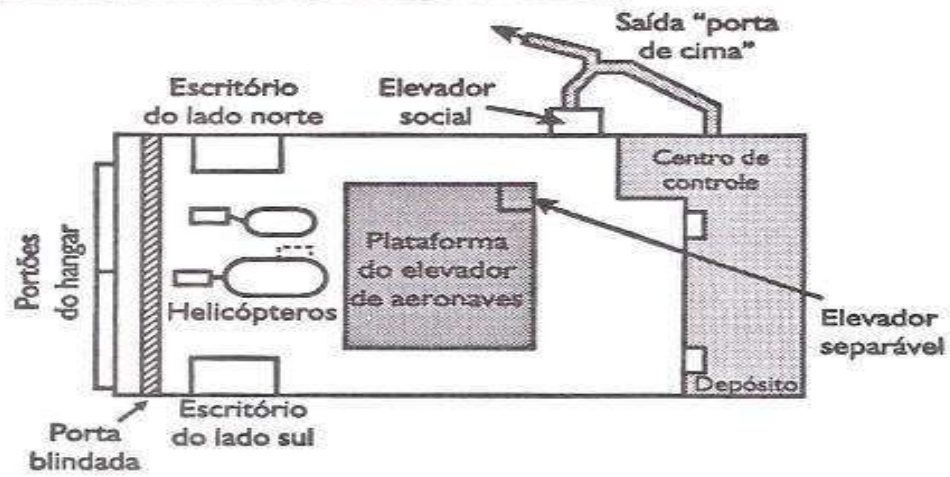
E para todos aqueles que conhecem algum escritor: jamais subestimem o poder do encorajamento que vocês podem transmitir.

Tudo certo! Agora vamos ao espetáculo...

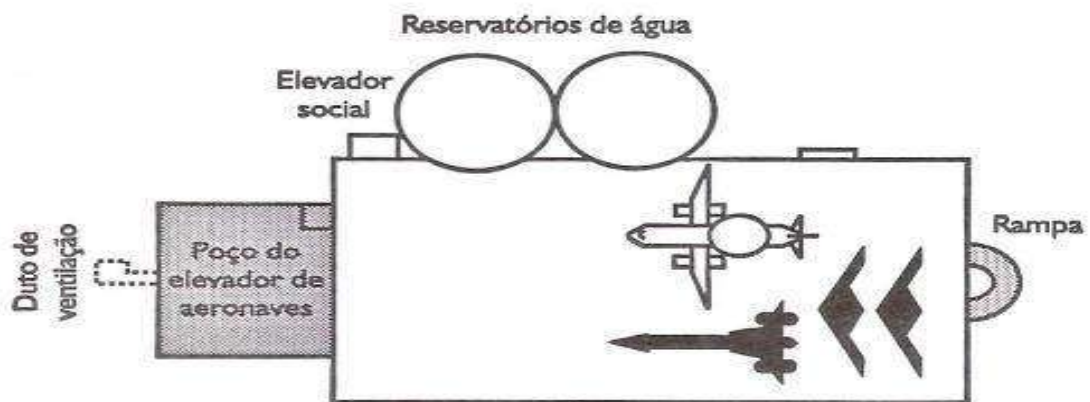
FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) Nº 7



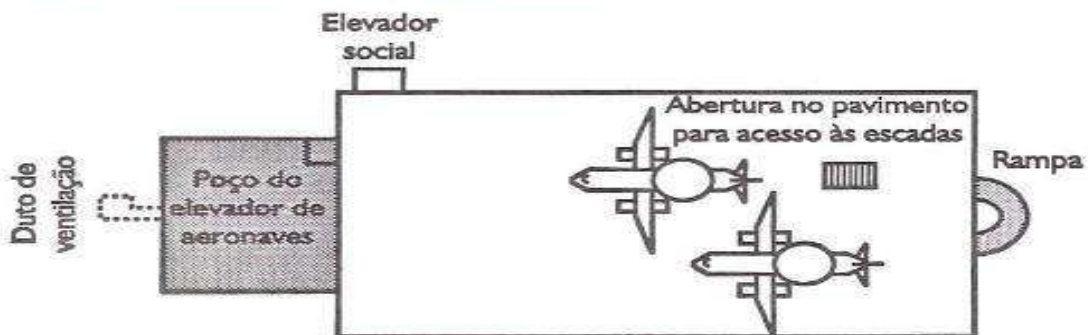
NÍVEL TÉRREO: HANGAR PRINCIPAL



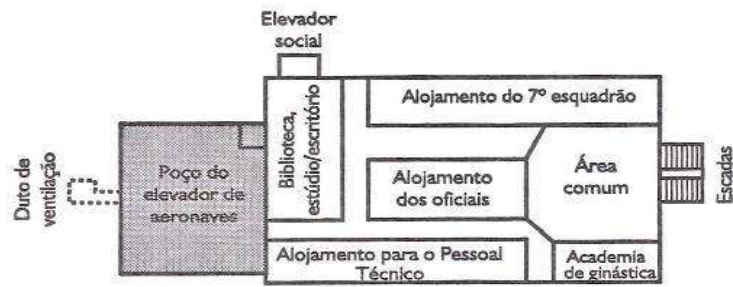
NÍVEL 1: HANGAR SUBTERRÂNEO



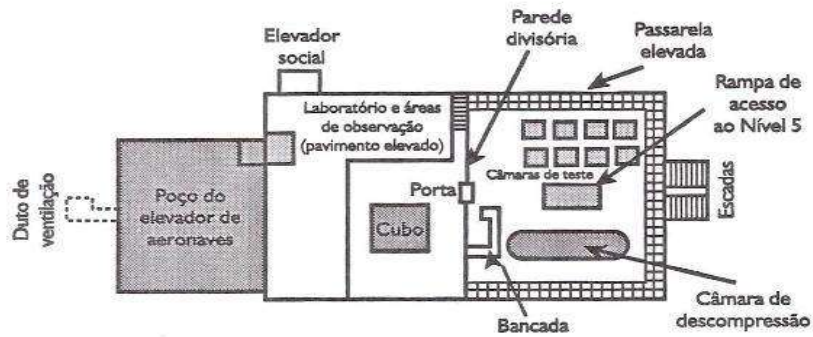
NÍVEL 2: HANGAR SUBTERRÂNEO



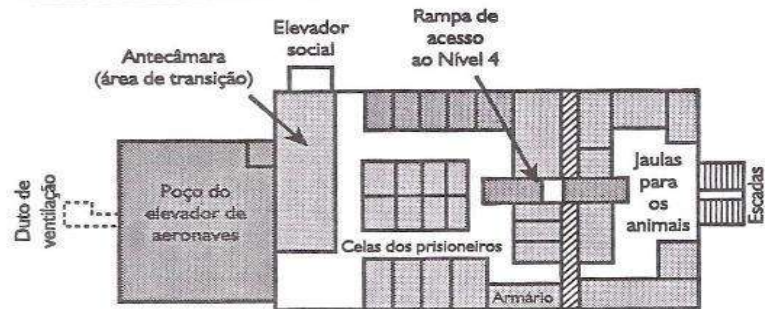
NÍVEL 3: ALOJAMENTOS



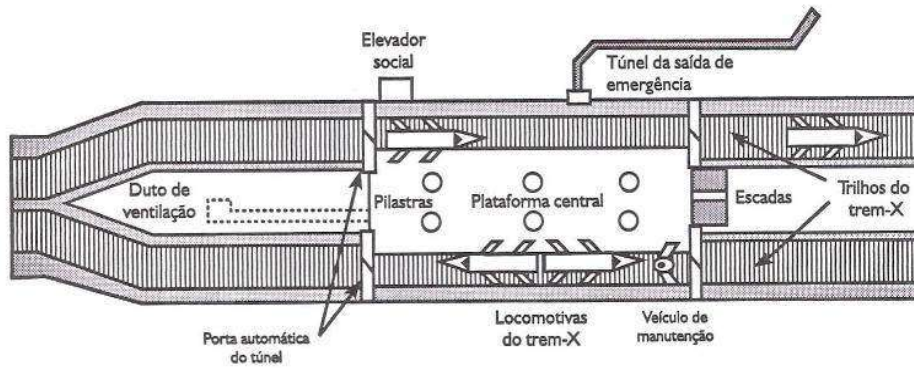
NÍVEL 4: LABORATÓRIOS E QUARENTENA



NÍVEL 5: CONFINAMENTO



NÍVEL 6: PLATAFORMA DO TREM-X



O maior perigo que os Estados Unidos enfrentam atualmente é que suas forças armadas passem a não tolerar mais a persistente incompetência de suas lideranças civis.

George K. Suskind,
Defense Intelligence Agency.
Testemunho prestado à
Subcomissão
Para as Forças Armadas, na Câmara
dos Deputados.
22 de julho de 1996

A diferença entre uma república e um império consiste na lealdade de seu exército.

Júlio César

INTRODUÇÃO

De: Katz, Caleb

Conferência em Homenagem a C. B. Powell: "A Presidência"

(Discurso proferido na Escola de Política da Harvard University, 26 de fevereiro de 1999).

Não existe no mundo nenhuma outra função que seja parecida com a do presidente dos Estados Unidos.

A pessoa que detém esse título torna-se, ao mesmo tempo, o líder da quarta nação mais populosa do planeta, o comandante-em-chefe de suas forças armadas e o diretor-geral daquilo que Harry Truman definiu como 'a maior empresa em funcionamento no mundo'.

O uso da expressão 'diretor-geral' tornou inevitáveis as comparações com estruturas corporativas, e, até certo ponto, elas são adequadas — mas que outros dirigentes de empresas controlam um orçamento de dois trilhões de dólares, com permissão para utilizar a 82ª Divisão Aerotransportada para impor a sua vontade, e estão sempre próximos a maletas que lhes permitem lançar mão de um arsenal de devastação termonuclear contra seus concorrentes?

Entre todos os papéis políticos modernos, contudo, o de presidente dos Estados Unidos é único, pela simples razão de ele ser o chefe de governo e o chefe de Estado.

A maioria das nações mantém separadas essas duas funções. No Reino Unido, por exemplo, o chefe de Estado é a rainha; o chefe de governo é o primeiro-ministro. Essa separação é fruto de uma história de tirania: reis que usavam a coroa e que ao mesmo tempo governavam segundo seus caprichos.

Nos Estados Unidos, porém, o homem que governa o país é também o símbolo do país. Todas as palavras e ações do presidente servem como o barômetro da glória da nação, visto que sua força é a força do povo.

John F. Kennedy confrontando os soviéticos durante a crise de Cuba, em 1962.

Os nervos de aço de Harry S. Truman ao decidir lançar a bomba atômica sobre o Japão, em 1945.

Ou o sorriso confiante de Ronald Reagan.

A força do presidente é a força do povo.

Mas existem perigos nessa ordem das coisas, já que, sendo o presidente a personificação dos Estados Unidos, o que acontece quando algo dá errado?

O assassinato de John E Kennedy.

A renúncia de Richard Nixon.

A humilhação de William Jefferson Clinton.

A morte de Kennedy foi a morte da inocência do país. A renúncia de Nixon enfiou uma faca no coração do otimismo do povo. E a humilhação de Clinton foi a humilhação mundial dos Estados Unidos — nas conferências de paz e durante as coletivas de imprensa ao redor do mundo, a primeira pergunta a respeito de Clinton versava invariavelmente sobre suas escapadas sexuais numa sala anexa ao Salão Oval.

Seja na morte ou na desgraça, na resolução ou na coragem, o presidente dos Estados Unidos é mais do que um simples homem. É uma instituição, um símbolo, a própria encarnação viva da nação. Nas suas costas depositam-se as esperanças e os sonhos de 276 milhões de pessoas... [pp. 1, 2].

De: Farmer, J.T.

Coincidência ou Assassinato Coordenado?

A morte do senador Jeremiah Woolf

Artigo retirado de: The Conspiracy Theorist Monthly

[circulação: 152 cópias]

(Delva Press, abril de 2001)

"... O corpo foi achado no bosque nas proximidades da isolada cabana de caça do senador, nas montanhas Kuskokwim, no Alasca.

Verdade seja dita, no momento de sua morte Jerry Woolf não era mais senador. Renunciara inesperadamente às suas funções no

Congresso havia apenas dez meses, alegando motivos familiares para o gesto inesperado, o que surpreendeu todos os jornalistas especializados.

Ele ainda estava vivo quando foi encontrado; algo digno de nota, considerando a espécie de bala de caça, de alta velocidade, que estava alojada no seu peito. Woolf foi imediatamente transportado de helicóptero para o Memorial Hospital do condado de Blaine, a duzentos quilômetros de distância, onde os médicos do pronto-socorro tentaram, em vão, deter a hemorragia.

Mas o ferimento era muito grave. Depois de 45 minutos de procedimentos de emergência, o ex-senador dos Estados Unidos Jeremiah K. Woolf morreu.

Parece simples, não é mesmo? Um terrível acidente de caça. Como muitos outros que acontecem todos os anos neste país.

Era nisso que o seu governo gostaria que você acreditasse.

Considere estes fatos: os arquivos do hospital do condado de Blaine mostram que um paciente chamado Jeremiah K. Woolf foi declarado morto no setor de emergência na tarde do dia 6 de fevereiro de 2001, às 16h35.

Esse é o único registro médico que existe sobre o incidente. Todos os outros relativos ao atendimento de Woolf no hospital foram confiscados pelo FBI.

Agora considere este outro fato: naquele mesmo dia — 6 de fevereiro de 2001 —, no outro extremo do país, exatamente às 21h35, a casa de Jeremiah Woolf em Washington foi destruída por uma explosão, que matou a mulher e a única filha dele. Os investigadores, mais tarde, declararam que a explosão fora causada por um vazamento de gás.

O FBI acredita que Woolf — anteriormente um jovem e vibrante senador empenhado na luta contra o crime organizado e potencial candidato à presidência — tenha sido vítima de uma extorsão da máfia: deixe-nos em paz, ou matamos sua família.

Trata-se, sem sombra de dúvida, de uma cortina de fumaça criada pelo governo.

Caso Woolf estivesse sendo vítima de chantagem, bem, seria necessário perguntar: por quê? Tinha renunciado ao Senado dez

meses antes. E se ele foi mesmo vítima de um acidente de caça rotineiro, por que os registros dos procedimentos a que foi submetido na sala de emergência foram confiscados pelo FBI?

O que realmente aconteceu com Jerry Woolf? Por ora, simplesmente não sabemos.

Mas considere este último fato: devido ao fuso horário, 21h35 em Washington corresponde a 16h35 no Alasca.

Portanto, no final das contas, deixando de lado todo o falatório sobre acidentes de caça, chantagem da máfia e válvulas de gás defeituosas, subsiste um fato: no exato momento em que o coração do ex-senador dos Estados Unidos Jerry Woolf parava de bater numa sala de pronto-socorro de um hospital no Alasca, sua casa, no outro extremo do país, explodia numa gigantesca bola de fogo...

PRÓLOGO

**Ala dos Prisioneiros sob Proteção,
Penitenciária Federal de Leavenworth,
Leavenworth, Kansas,
20 de janeiro, 12 horas.**

Tinha sido seu último desejo.

Assistir à cerimônia de posse pela televisão.

Sem dúvida, isso atrasou em uma hora a viagem para Terre Haute, mas, afinal de contas — pelo menos, era o que as autoridades de Leavenworth tinham decidido —, quem pode recusar o último desejo de um condenado, caso seja razoável?

A luz do televisor iluminava com seu reflexo trêmulo as paredes de concreto da cela de detenção. Um som baixo de vozes saía dos alto-falantes:

— ...juro solenemente...

— ...juro solenemente...

— ...que vou exercer fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos...

— ...que vou exercer fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos...

O prisioneiro condenado assistia às imagens da televisão com grande atenção.

E pouco depois — apesar do fato de ele ter menos de duas horas de vida — um sorriso começou a surgir no seu rosto.

O número inscrito na sua camisa de prisioneiro era: "T-77".

Era um homem envelhecido, de 59 anos, com um rosto arredondado castigado pelo tempo, e os cabelos pretos penteados para trás. Apesar da idade, era um homem grande, de complexão forte: com um pescoço robusto e os ombros largos. Tinha olhos negros indecifráveis, mas com um brilho que passava um ar de inteligência. Tinha nascido em Baton Rouge, na Lousiana, e quando falava, tinha um forte sotaque sulista.

Até pouco tempo antes, estivera alojado na Ala-T: uma seção de Leavenworth destinada aos prisioneiros que não estariam em segurança caso fossem misturados com o restante da população carcerária.

Duas semanas antes, entretanto, tinha sido transferido da Ala-T para o Pré-Trânsito — também conhecido como o Pavilhão de Partida —, uma outra ala especial onde os condenados que aguardam execução ficam alojados antes de serem transportados de avião para a Penitenciária Federal de Terre Haute, no Estado de Indiana, para serem executados com uma injeção letal.

Usada como fortaleza durante a Guerra Civil, Leavenworth é uma prisão federal de segurança máxima. Isso significa que recebe somente os infratores que violam leis federais: uma categoria de indivíduos variada, que inclui criminosos violentos, espões estrangeiros e terroristas, chefes do crime organizado e membros das forças armadas dos Estados Unidos que vendem segredos, cometem crimes ou desertam.

Talvez seja também a penitenciária mais brutal do país.

Mas, naquele modo peculiar inerente a todas as prisões do mundo, seus internos — os mesmos homens que mataram ou estupraram — desenvolveram com o passar dos anos um estranho senso de justiça.

Estupradores reincidentes são violentados diariamente. Desertores do Exército são espancados com regularidade, ou, pior ainda, têm a letra "D" marcada a ferro quente em suas testas. Espões estrangeiros, como os quatro terroristas árabes condenados pela explosão no World Trade Center, em 1993, ficaram conhecidos por perderem partes de seus corpos.

Mas, sem sombra de dúvida, o tratamento mais cruel de todos é reservado para uma classe especial de prisioneiros: os traidores.

Parece que, não obstante todos os crimes e atrocidades que cometeram, os prisioneiros de Leavenworth — entre os quais, muitos soldados caídos em desgraça — ainda professam um profundo amor pela pátria. Os traidores normalmente são mortos antes de completarem três dias na penitenciária.

William Ansom Cole, o ex-analista da CIA que vendeu informações ao governo chinês sobre uma iminente operação da Marinha contra o Centro de Lançamentos de Xichang, epicentro das operações espaciais da China — informações que levaram à captura, tortura e morte de todos os seis membros de uma equipe dos Seal —, foi encontrado morto na sua cela dois dias depois de ter chegado à prisão. Teve o reto despedaçado devido às repetidas violações que sofreu com um taco de sinuca e foi estrangulado como um porco, com uma perna de mesa e um lençol amarrados no pescoço: uma paródia cruel do método chinês de estrangulamento com uma vara de bambu.

Oficialmente, o prisioneiro T-77 estava em Leavenworth por homicídio, ou, mais precisamente, por ter sido o mandante do assassinato de dois altos oficiais da Marinha —, um crime punido pela justiça militar com a pena de morte. No entanto, o fato de ter mandado matar dois oficiais da Marinha que serviam como conselheiros do Estado-Maior das Forças Armadas elevava seu crime à categoria de traição. Alta traição.

Isso — além de também ter sido um oficial de patente elevada — fez com que ganhasse um lugar na Ala-T.

Mas nem mesmo na Ala-T um homem está inteiramente seguro. O prisioneiro T-77 foi espancado diversas vezes durante sua curta estada naquele local. Em duas ocasiões, foi ferido de forma tão violenta que precisou receber transfusões de sangue.

Na sua vida anterior, seu nome era Charles Samson Russel, general três estrelas da Força Aérea dos Estados Unidos. Codinome: César.

Tinha um QI comprovado de 182, um nível de gênio, e, como tal, fora um oficial brilhante. Metódico e afiado como uma navalha, destacara-se como um comandante perfeito, o que explicava seu codinome.

Mas, sobretudo... paciente, pensava César enquanto olhava as imagens no televisor diante de si.

Os dois homens na tela — o presidente da Suprema Corte e o presidente eleito — estavam terminando seu dueto. Postavam-se de pé, sob a luz cinzenta do inverno, junto ao pórtico ocidental do

Capitólio. O novo presidente estava com a mão apoiada sobre uma Bíblia

— ...empenhar-me-ei com o máximo de minha capacidade...

— ...empenhar-me-ei com o máximo de minha capacidade...

— ...vou preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos da América, e que Deus me ajude.

— ...vou preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos da América, e que Deus me ajude.

Quinze anos, pensou César.

Quinze anos, era o tempo que ele tinha esperado.

E agora, finalmente, tinha acontecido.

Não tinha sido fácil. Houvera vários inícios em falso, como aquela eleição na qual um sujeito concorrera como candidato à vice-presidência apenas para ser fragorosamente derrotado. Outros quatro conseguiram chegar às primárias de New Hampshire, mas depois não conseguiram o apoio do partido para sua candidatura.

E, naturalmente, sempre existem alguns, como aquele tal de Woolf, que deixam a política antes mesmo de começarem a explorar seu verdadeiro potencial para se tornar presidente. Tinha sido uma despesa a mais, mas pouco importava. Até mesmo o senador Woolf tinha servido a um propósito útil.

Mas agora...

Agora era diferente...

Agora, ele tinha um...

Sua teoria nascera de uma constatação extremamente simples.

Nos últimos quarenta anos, todos os presidentes dos Estados Unidos, com exceção de dois, tinham vindo de dois clubes de elite: o dos governadores de estados e o dos senadores federais.

Kennedy, Johnson e Nixon foram senadores antes de se tornarem presidentes. Cárter, Reagan e Clinton foram governadores. As únicas exceções são George Bush, pai, e Gerald Ford — Bush foi membro da Câmara dos Deputados, não do Senado, e a ascensão de Ford à presidência pertence a uma categoria própria.

Mas, como o general Russel também descobriu, homens de influência também são homens de saúde extremamente imprevisível.

Os estragos causados pelo estilo de vida de um político — estresse elevado, viagens constantes, ausência crônica de exercícios — freqüentemente cobravam pesados tributos a seus corpos.

E se introduzir um transmissor no coração de um presidente em exercício era quase impossível, considerando-se o restrito grupo de onde provinham os presidentes americanos — senadores e governadores —, inseri-lo no músculo cardíaco de um homem antes que ele se tornasse presidente não era algo fora de cogitação.

Porque, afinal de contas, um homem é apenas um homem antes de se tornar presidente.

As estatísticas para os próximos 15 anos falavam por si mesmas.

Quarenta e dois por cento dos senadores americanos foram submetidos a cirurgias na vesícula durante seus mandatos. A formação de cálculos biliares é um problema comum em homens de meia-idade que estejam acima do peso.

Dos 58% restantes, somente quatro não foram submetidos a alguma espécie de procedimento cirúrgico durante suas carreiras políticas.

Operações nos rins e no fígado eram corriqueiras. Várias pontes de safena — o tipo de operação na qual seria mais fácil implantar um transmissor — e um número nada desprezível de problemas de próstata.

E depois houve aquele homem.

Na metade do seu segundo mandato como governador de um grande estado do sudoeste, ele se queixou de dores no peito e de dificuldades respiratórias. Um procedimento exploratório realizado por um cirurgião de uma base aérea nos arredores de Houston revelou uma obstrução no pulmão esquerdo do governador, causada por resíduos provenientes do excesso de fumo.

Graças a um procedimento cirúrgico inovador, que utilizava moderníssimas câmeras de fibra ótica e instrumentos cirúrgicos super-reduzidos operados por controle remoto, desenvolvidos pela nanotecnologia, a obstrução foi removida e recomendou-se ao governador que deixasse de fumar.

O que o governador não ficou sabendo, contudo, foi que durante a operação o cirurgião da Força Aérea utilizara uma segunda peça de nanotecnologia: um microscópico radiotransmissor, do tamanho da cabeça de um alfinete, fora inserido na parede externa de seu coração.

Construído com plástico reabsorvível — um material semi-orgânico que, com o passar do tempo, seria parcialmente dissolvido no tecido externo do coração do governador —, o transmissor mais tarde assumiria uma forma irregular, com a aparência de um inofensivo coágulo sanguíneo, evitando, assim, que fosse descoberto por alguma técnica de observação, como o raio-X. Um objeto maior ou de formato mais regular seria detectado no decorrer do exame médico a que são submetidos todos os presidentes eleitos. Isso, obviamente, não poderia acontecer.

Como última precaução, o transmissor fora inserido "frio" — desativado — no corpo do governador. O sistema anti-grampo AXS-7 da Casa Branca detectaria imediatamente um sinal de rádio não autorizado.

Não.

A ativação ocorreria mais tarde, quando surgisse o momento certo.

No final da operação, um último procedimento: fora feito um minucioso molde em gesso da mão direita do governador.

Também seria necessário, para quando chegasse o momento.

Os guardas vieram pegá-lo dez minutos mais tarde.

Algemado e com os tornozelos acorrentados, o general Charles "César" Russel foi escoltado de sua cela até o avião que o aguardava.

A viagem até Indiana correu sem incidentes, assim como a sombria caminhada até a sala da injeção.

Mais tarde, o relatório mostraria que, enquanto estava estirado na mesa da injeção como um Cristo na horizontal, com os braços e as pernas presos com velhas correias de couro, o prisioneiro se recusara a receber a extrema-unção. Ele não proferiu suas últimas palavras e não demonstrou nenhum sinal de remorsos pelos seus

crimes. Na verdade, durante todo o ritual que precedeu a aplicação da injeção, ele não disse uma única palavra. Isso foi coerente com a conduta de Russel após o julgamento: de fato, sua execução não fora retardada porque ele não interpusera recurso de espécie alguma.

Segundo o tribunal militar que o sentenciara à morte, seu crime tinha sido tão hediondo, que ele somente sairia morto da prisão federal. Os juízes estavam certos.

Às 15h37 do dia 20 de janeiro, teve início o impiedoso procedimento. Cinquenta miligramas de tiopental sódico, para induzir à inconsciência, seguidos de dez miligramas de brometo de pancurônio, para suspender a respiração; por último, vinte miligramas de cloreto de potássio, para interromper os batimentos cardíacos de Russel.

Às 15h40, três minutos mais tarde, o general Charles Samson Russel foi declarado morto pelo médico-legista do condado de Terre Haute.

Uma vez que o general não tinha parentes vivos, seu corpo foi retirado da prisão por membros da Força Aérea dos Estados Unidos, para que fosse cremado imediatamente.

As 15h52, doze minutos depois de ter sido oficialmente declarado morto, enquanto seu corpo era transportado pelas ruas de Terre Haute, na parte de trás de uma ambulância da Força Aérea, um desfibrilador foi colocado sobre o peito do cadáver e ativado.

— Agora! — gritou um dos membros da equipe médica.

O corpo do general sofreu uma violenta convulsão enquanto uma potente corrente elétrica percorria seu sistema vascular.

Ocorreu na terceira tentativa.

No monitor do eletrocardiograma, colocado sobre uma parede da ambulância, surgiu um pequeno sinal.

Os batimentos cardíacos do general tinham sido restabelecidos.

Pouco depois, o coração estava pulsando regularmente.

Como o general Russel sabia bem, a morte ocorre quando o coração não tem mais capacidade de distribuir oxigênio para o

corpo. O ato de respirar serve para oxigenar o sangue, e o coração distribui o sangue oxigenado por todo o corpo.

Foi um suprimento de sangue hiperoxigenado correndo através das artérias de Russel que o manteve vivo naqueles doze minutos cruciais, sangue que tinha sido acrescido de células vermelhas ricas em oxigênio por meio de processo biogenético; sangue que durante aquele período de doze minutos continuou a fornecer oxigênio ao cérebro e aos órgãos vitais de Russel, ainda que seu coração tivesse parado de bater; sangue que o general recebeu durante as duas transfusões de que precisou depois das lamentáveis surras que levava em Leavenworth.

O tribunal militar dissera que Russel somente sairia morto da prisão federal.

Os juízes estavam certos.

Enquanto tudo isso acontecia, numa cela vazia do Pavilhão de Partida da Penitenciária Federal de Leavenworth, um velho aparelho de televisão permanecia ligado.

Na tela, o presidente recém-empossado — sorrindo, extático, eufórico — acenava para a multidão que o saudava.

Aeroporto Internacional O'Hare Chicago, Illinois 3 de julho (seis meses depois)

O primeiro foi encontrado no aeroporto O'Hare, em Chicago, num hangar vazio na extremidade de uma das pistas de aterrissagem.

Uma varredura matinal de rotina, efetuada com um leitor eletromagnético, revelara um fraco sinal magnético proveniente do hangar suspeito.

O hangar estava totalmente vazio, salvo por uma ogiva colocada bem no centro daquela área espaçosa.

À uma certa distância, parecia um grande cone prateado, com cerca de 1,50m de altura, colocado sobre um pallet de carga. De

perto, reconhecia-se mais facilmente: tratava-se de uma ogiva cônica projetada para ser inserida num míssil cruise.

Dos lados saíam fios que coligavam a ogiva a uma pequena antena parabólica. Através de uma janelinha retangular colocada na lateral da ogiva podia-se ver um líquido luminoso roxo.

Plasma.

Plasma explosivo Tipo-240. Um explosivo líquido extremamente volátil, quase nuclear.

Em quantidade suficiente para arrasar uma cidade inteira.

Investigações posteriores revelaram que o sinal magnético detectado no interior do hangar fazia parte de um sistema extremamente complexo de sensores de movimento que circundava a ogiva. Caso alguém entrasse num raio de menos de 15 metros da ogiva, uma luz vermelha de alarme começava a piscar, indicando que o dispositivo tinha sido armado.

Os registros dos contratos de leasing revelaram que o hangar vazio pertencia à Força Aérea dos Estados Unidos.

A partir dos documentos de controle do aeroporto resultou a informação de que nenhum membro da Força Aérea tinha posto os pés no interior do hangar por pelo menos seis semanas.

Um telefonema foi dado para o Comando de Transporte da Força Aérea dos Estados Unidos na base aérea de Scott.

A Força Aérea respondeu de forma vaga, descomprometida. Não sabiam nada sobre nenhuma ogiva à base de plasma posicionada em um de seus hangares civis. Fariam uma verificação interna e entrariam em contato com o O'Hare o mais rápido possível.

Foi então que começou a chegar uma enxurrada de comunicados vindos de todo o país.

Ogivas do mesmo modelo, circundadas por sensores magnéticos de movimento para que ninguém se aproximasse e dotadas de antenas parabólicas voltadas para o céu, foram encontradas no interior de hangares da Força Aérea nos três principais aeroportos de Nova York: JFK, La Guardia e Newark.

Em seguida, uma chamada do Dulles, em Washington.

Depois do aeroporto de Los Angeles.

São Francisco. San Diego.

Boston. Filadélfia.

St. Louis. Denver.

Seattle. Detroit.

Quatorze ogivas no total, em 14 aeroportos distribuídos por todo o país. Todas armadas. Todas preparadas. Todas prontas para explodir. Por ora, esperavam apenas por um sinal.

PRIMEIRO CONFRONTO

3 de julho, 6 horas

Os três helicópteros sobrevoavam a árida planície do deserto, progredindo rapidamente e quebrando o silêncio da manhã. Voavam em formação fechada, como sempre faziam, avançando a baixa altitude sobre os arbustos e levantando um ciclone de areia atrás deles. As laterais recém-polidas brilhavam na luz do amanhecer.

O gigantesco Sikorsky VH-60N voava na frente — mais uma vez, como de praxe —, escoltado em ambos os lados por dois ameaçadores Super Stallions CH-53E.

O teto branco e a fuselagem verde-escura polida à mão, o VH-60N é incomparável entre os helicópteros militares americanos. Fabricado para o governo dos Estados Unidos num setor "blindado", de segurança máxima, da fábrica da Sikorsky, em Connecticut, não é empregado em combate um helicóptero —, o que significa que o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos jamais o utiliza em missões, ocupando-se somente de sua manutenção.

São utilizados para uma função, uma única função, e não existem substitutos em serviço. E por um bom motivo, pois ninguém, com exceção de uns poucos engenheiros autorizados pelo Corpo de Fuzileiros e dos dirigentes da Sikorsky, conhece todas as suas características especiais.

Pode parecer um paradoxo, mas, não obstante todo o sigilo que o envolve, o VH-60N é sem dúvida alguma o helicóptero mais reconhecido em todo o mundo ocidental.

Nas telas dos radares de controle do tráfico aéreo, ele é designado como sendo o HMX-1, isto é: Helicóptero Marine, Esquadrilha Um; seu codinome oficial no rádio é "Nighthawk". Mas, com o decorrer dos anos, o helicóptero que transporta o presidente dos Estados Unidos em trajetos de curta e média distância passou a ser conhecido por um nome mais simples: Marine One.

Conhecido como M-1 por aqueles que voam nele, o helicóptero raramente é observado em vôo, e quando isso ocorre, trata-se quase sempre da mais banal das situações: ou está decolando do

imaculado gramado no lado sul da Casa Branca, ou aterrissando em Camp David.

Mas não naquele dia.

Naquele dia, o helicóptero sobrevoava o deserto transportando seu famoso passageiro de uma base remota da Força Aérea para outra, ambas localizadas na estéril paisagem do Utah.

O capitão Shane M. Schofield, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, trajava o uniforme azul "A" completo: chapéu com cobertura branca; paletó azul-marinho com os botões dourados; calças num tom de azul mais claro com listras laterais vermelhas; sapatos reluzentes; cinto de couro branco com coldre da mesma cor, com uma pistola M9 cromada. Estava de pé na cabine de pilotagem do helicóptero presidencial, atrás dos dois pilotos, observando o exterior através dos reforçados pára-brisas dianteiros da aeronave.

Com 1,80m de altura, esbelto e musculoso, Schofield tinha um rosto fino e atraente, e cabelos pretos espetados. E embora não fizessem parte dos trajes de um fuzileiro vestindo uniforme completo, ele também portava óculos de sol: um modelo anti-reflexo com lentes espelhadas, que não deixavam ver os olhos.

Os óculos encobriam duas grandes cicatrizes que cortavam verticalmente o rosto de Schofield abaixo dos olhos. Eram feridas de uma missão anterior e razão pela qual seu codinome de guerra era Espantalho.

A planície do deserto se estendia diante dele a perder de vista, um amarelo monótono contraposto ao céu do amanhecer. A poeira do deserto corria velozmente, varrida debaixo do helicóptero em aceleração.

À distância, Schofield via aproximar-se uma montanha baixa, o destino deles.

Um complexo de construções aninhava-se na base de uma colina rochosa, no término de uma longa pista de decolagem de concreto. As pequenas luzes eram visíveis mesmo na luz da manhã. A construção principal do complexo parecia ser um grande hangar para aeronaves, semi-escondido no flanco da montanha.

Era a Área Especial 7 (Restrita) da Força Aérea dos Estados Unidos, a segunda base que visitariam naquele dia.

— Equipe Avançada 2, aqui é o Nighthawk 1, estamos em fase de aproximação final da Área 7. Por favor, confirmem o status do local — disse o piloto do M1, o coronel fuzileiro Michael "Gunman" Grier, no microfone incorporado ao seu capacete.

— Não houve resposta.

— Repito. Equipe Avançada 2, dê uma posição. Ainda nenhuma resposta.

— Deve ser o sistema de interferência no rádio — disse a copiloto de Grier, a tenente-coronel Michelle Dallas. — Os operadores de rádio da 8 advertiram-me sobre isso. Essas bases são classificadas como sendo de Nível-7, por isso são protegidas 24 horas por dia por um radiobloqueio gerado de um satélite, que permite apenas transmissões a curta distância, para evitar que alguém de dentro mande informações para fora usando um transmissor.

Mais cedo naquela manhã, o presidente tinha visitado a Área 8, uma base da Aeronáutica igualmente isolada, distante cerca de 36 quilômetros a leste da Área 7. Lá, acompanhado pelos nove homens de seu destacamento pessoal do Serviço Secreto, fizera uma rápida visita pelas instalações da base, para inspecionar alguns novos modelos de aeronaves posicionados nos hangares.

Enquanto o presidente estava no interior do hangar, Schofield e os outros treze fuzileiros destacados para o Marine One e para os dois helicópteros da escolta tinham esperado do lado de fora, matando o tempo debaixo do Força Aérea 1, o imponente Boeing 747 presidencial.

Enquanto aguardavam, alguns fuzileiros começaram a discutir os motivos pelos quais tinham sido impedidos de entrar no hangar principal. O consenso — baseado exclusivamente em fofocas desprovidas de qualquer confirmação — era de que a base abrigava alguns dos novos aviões ultra-secretos da Força Aérea.

Um dos soldados, um sargento afro-americano chamado Wendall "Élvis" Haynes, um homem de sorriso fácil e voz tonitruante, disse ter ouvido que o Aurora, o lendário avião-espião capaz de voar em órbita baixa e alcançar velocidades superiores à Mach 9, era

mantido naquele local. Atualmente, o avião mais veloz do mundo, o Blackbird SR-71, não supera a velocidade Mach 3.

Outros sustentaram que no interior do hangar havia uma esquadrilha inteira de F-44, caças extremamente ágeis de formato cuneiforme, desenvolvidos a partir das asas triangulares do caça-bombardeiro B-2 Stealth.

Outros ainda, talvez inspirados pelo lançamento de um ônibus espacial chinês dois dias antes, sugeriram que a Área 8 escondesse o X-38, um ônibus espacial de dimensões reduzidas, construído com propósitos ofensivos, que era lançado de um Boeing 747. O X-38 era um projeto secreto conduzido pela Força Aérea em colaboração com a Nasa, sendo, conforme se dizia, o primeiro caça com capacidade para ir ao espaço, um ônibus espacial de ataque.

Schofield ignorou as especulações.

Ele não precisava fazer conjecturas para saber que a Área 8 estava relacionada com o desenvolvimento de aeronaves ultra-secretas provavelmente projetadas para ir ao espaço. Sua dedução se baseava em fatos simples.

Embora os engenheiros da Força Aérea tivessem se esforçado para escondê-la, a pista de aterrissagem e decolagem da Área 8 tinha sido alongada em relação ao tamanho de pista padrão em pelo menos trezentos metros em ambas as direções. O prolongamento da pista era feito em concreto claro — que contrastava com o asfalto negro de sua extensão aparente — e encoberto por uma fina camada de areia e alguns arbustos cuidadosamente arranjados.

Era uma pista alongada, projetada para decolagem e aterrissagem de aeronaves que necessitavam de uma pista mais extensa que as pistas padrão, podia servir para ônibus espaciais ou...

Naquele momento, o presidente surgiu repentinamente vindo do hangar principal, e os homens tiveram de retornar ao trabalho.

Inicialmente, o "Chefe" pretendia ir para a Área 7 a bordo do Força Aérea 1. Seria mais rápido do que o Marine One, ainda que fossem percorrer uma distância curta.

Mas houve um problema com o Força Aérea 1. Um inesperado vazamento no tanque de combustível da asa esquerda.

Por isso, o "Chefe" embarcou no Marine One, uma aeronave sempre preparada para eventualidades desse gênero.

Era por isso que Schofield agora estava observando a Área 7, iluminada como uma árvore de Natal na pálida luz do amanhecer.

Entretanto, enquanto observava o grupo de hangares ao longe, Schofield teve um estranho pensamento. Curiosamente, nenhum dos seus colegas a bordo do HMX-1 conhecia histórias a respeito da Área 7, nem mesmo os boatos mais mirabolantes.

Parecia que ninguém sabia o que acontecia na Área 7.

Estar nas proximidades do presidente dos Estados Unidos era como viver num mundo à parte. Era eletrizante e assustador ao mesmo tempo, pensou Schofield. Eletrizante porque se ficava próximo de alguém muito poderoso; assustador porque o homem era cercado por um grande número de pessoas que tentava se aproveitar do seu poder.

De fato, mesmo no curto período de tempo em que estava servindo a bordo do Marine One, Schofield observara que em todos os momentos havia pelo menos três grupos de poder, rivais entre si, disputando a atenção do presidente.

Primeiramente, havia o próprio staff pessoal formado por pessoas que, em sua maioria, tinham vindo de Harvard e que se levavam a sério, nomeadas pelo presidente para ajudá-lo numa série de assuntos: de segurança nacional à política interna, da administração das relações com a imprensa à organização da sua vida política.

Pelo menos até onde Schofield conseguira observar, todos os membros do staff pessoal do presidente pareciam ter um único objetivo abrangente: fazer com que o presidente fosse para o mundo exterior, para as ruas, para os olhos do povo.

Em franco contraste com esse objetivo, na verdade em franca oposição, havia o segundo grupo competindo pelos ouvidos do presidente: seus protetores, o Serviço Secreto dos Estados Unidos.

Comandado pelo sensato, estóico e totalmente impassível agente especial Francis X. Cutler, o destacamento pessoal do

presidente estava em constante desavença com o staff da Casa Branca.

Cutler, chamado oficialmente de "chefe do destacamento", mas pelo presidente apenas de Frank, era famoso por sua frieza nos momentos de maior pressão e por sua total intransigência em relação aos pedidos de políticos puxa-sacos. Com seus olhos estreitos acinzentados e cabelos no mesmo tom, cortados à escovinha, Frank Cutler era capaz de sustentar o olhar de qualquer membro do staff presidencial e repeli-lo com uma única palavra: "não".

O terceiro e último grupo que lutava pela atenção do presidente era a própria tripulação do Marine One.

Eles não só estavam sujeitos aos egos inflados do staff presidencial — Schofield jamais se esqueceria de seu primeiro vôo a bordo do Marine One, quando o consultor do presidente para política interna, um pomposo advogado nova-iorquino, de 29 anos, ordenara-lhe que fosse buscar um café com leite, "e rápido" —, mas também tinham freqüentes atritos com o Serviço Secreto.

Garantir a segurança do presidente era missão do Serviço Secreto, mas quando estava a bordo do HMX-1, pelo menos esse era o raciocínio do Corpo de Fuzileiros, o "Chefe" devia estar cercado por pelo menos seis fuzileiros o tempo todo.

Uma delicada trégua havia sido negociada.

Enquanto o presidente estava a bordo do Marine One, sua segurança ficava nas mãos dos fuzileiros. Dessa forma, somente os principais membros do destacamento do Serviço Secreto — Frank Cutler e alguns outros — podiam voar com ele. O restante de seu destacamento pessoal viajava nos dois helicópteros da escolta.

No momento em que o presidente pisava fora do Marine One, entretanto, sua incolumidade ficava novamente sob a responsabilidade do Serviço secreto dos Estados Unidos.

Gunman Grier falava no microfone de seu capacete:

— Nighthawk 3, aqui é Nighthawk 1. Dê uma olhada na Equipe Avançada 2. O radiobloqueio está ferrando com as nossas transmissões a longa distância. Estou recebendo o sinal de "all clear"

deles, mas não consigo estabelecer contato vocal. Eles devem estar no túnel de saída de emergência. Caso consiga chegar suficientemente perto, tente entrar em contato com a Área 8 novamente. Veja se há alguma novidade sobre o Força Aérea 1.

— Copiado, Nighthawk 1 — respondeu uma voz pelas ondas curtas. — Estamos a caminho.

De sua posição atrás de Grier e Dallas, Schofield viu o helicóptero à direita, o Super Stallion, sair da formação e afastar-se voando pelo deserto.

Os dois helicópteros remanescentes da Ia Esquadrilha dos Fuzileiros prosseguiram na rota predeterminada.

Em algum lugar, numa sala escurecida, um homem vestindo uniforme azul estava sentado diante da tela iluminada de um computador. Portava um fone de ouvido com microfone e falava em voz baixa.

— ... Iniciando o teste de sinal do satélite primário... ativando...

Ele apertou um botão no console.

— Mas que diabos...? — disse Dallas, tocando seu fone de ouvido.

— O que foi? — perguntou Gunman Grier.

— Não sei — respondeu Dallas, girando no seu assento. — Acabei de pegar um pico na faixa de ondas curtas. Ela olhou para a tela das microondas, que mostrava uma série entrecortada de cristas e vales, depois balançou a cabeça.

— Estranho. Parece que um sinal de microondas esbarrou em nós e foi embora.

— A varredura antigraças foi feita esta manhã — disse Grier. — Duas vezes.

Eram efetuados controles rigorosos e varreduras regulares completas em busca de aparelhos de escuta plantados no Marine One. Era praticamente impossível plantar um aparelho transmissor ou receptor no helicóptero presidencial.

Dallas olhou para a tela diante de si e deu de ombros.

— O sinal é muito fraco para ser um sinal de localização. Também é fraco para ser uma transmissão de dados de voz ou de computador. Mas não enviou nem recebeu nenhuma informação. Foi como se tivessem feito apenas um controle para verificar se estávamos aqui — ela se virou para Grier, com um olhar interrogativo.

O piloto do helicóptero presidencial franziu o cenho.

— Muito provavelmente trata-se apenas de um distúrbio causado pelo radiobloqueio na atmosfera, um sinal de microondas desviado. Mas não vamos correr riscos — ele se virou para Schofield.
— Capitão, caso não se importe, poderia fazer uma varredura da aeronave com essa varinha mágica?

— ...Sinal de retorno recebido — disse o operador do console, na sala escurecida. — Teste do sinal primário bem-sucedido. O dispositivo está funcionando. Repito. O dispositivo funciona. Estou voltando o interruptor para o modo de espera. Pronto. Começando o teste do sinal secundário...

Schofield entrou na cabine principal do Marine One, agitando um analisador de espectro digital AXS-9 sobre as paredes e assentos, pelo teto e piso, procurando qualquer coisa que estivesse emitindo algum sinal para o exterior.

Como é fácil imaginar, o interior do helicóptero presidencial M-1 é luxuoso. Com seu tapete marrom espesso e suas poltronas espaçosas, parece mais a primeira classe de um avião comercial do que o interior de uma aeronave militar.

Doze assentos de couro bege ocupam a maior parte da cabine. Todas as poltronas têm o selo da presidência bordado nelas, o que também vale para os largos descansos para os braços nas laterais, os copos de uísque e canecas de café, para o caso de alguém se esquecer com quem estava viajando.

Na parte posterior da área central, continuamente vigiada por um fuzileiro trajando uniforme completo, há uma porta de mogno encerado, que conduz à popa do helicóptero.

É o escritório privado do presidente.

De dimensões reduzidas, mas elegantemente decorado, dotado de um impressionante sistema compacto de aparelhos de telefone, fax, computadores e televisores, o escritório do Marine One permite ao "Chefe" monitorar os negócios da nação onde quer que se encontre.

Nos fundos do escritório presidencial, atrás de uma porta fechada a pressão, encontra-se o último achado do Marine One, reservado para ser utilizado somente nas circunstâncias mais terríveis: uma pequena unidade de ejeção com capacidade para uma pessoa, a via de fuga do presidente.

Schofield agitou o analisador de espectro sobre os assentos da primeira classe, em busca de grampos.

Naquele setor estavam sentados Frank e cinco de seus agentes do Serviço Secreto. Eles olhavam para fora através das janelinhas, ignorando a varredura de Schofield.

Também estavam ali dois assessores do presidente: o chefe do staff e o diretor de comunicações; ambos folheavam grossos dossiês.

De pé, ao lado deles, guardando as duas portas da cabine principal, havia dois fuzileiros em posição de sentido.

Também havia mais uma pessoa sentada na cabine principal.

Um homem atarracado e de pescoço curto, vestindo o uniforme verde-oliva do Exército dos Estados Unidos, estava silenciosamente sentado no fundo da cabine, na poltrona mais próxima do escritório do presidente.

Observando-o, com seus cabelos cor de cenoura e um cerrado bigode laranja, ele não parecia ser alguém importante, e, verdade seja dita, não era mesmo.

Era um subtenente chamado Carl Webster e seguia o presidente aonde quer que ele fosse, não porque possuísse alguma especialidade ou conhecimento notável, mas por causa do objeto extremamente importante que ficava algemado ao seu pulso direito: uma maleta de aço inoxidável que continha os códigos e os interruptores do arsenal nuclear norte-americano, conhecida como "o Futebol".

Schofield terminou sua varredura, que incluiu uma rápida verificação no escritório do presidente.

Nada.

Não havia um único grampo no helicóptero.

Ele voltou para a cabine de comando no exato momento em que Gunman Grier dizia no microfone:

— Afirmativo, Nighthawk 3, obrigado. Continue no túnel. Grier virou-se para a co-piloto.

— O Força Aérea 1 está novamente em operação. Era apenas um vazamento num pistão. Vai permanecer na Área 8. Vamos levar o "Chefe" de volta depois de nossa visitinha à Área 7. Espantalho?

— Nada — disse Schofield. — O helicóptero está limpo.

Grier deu de ombros.

— Deve ter sido o radiobloqueio. Obrigado, Espantalho.

Grier repentinamente tocou no capacete enquanto recebia outra mensagem.

Suspirou aborrecido enquanto a voz do outro lado da linha bombardeava seu ouvido.

— Vamos nos empenhar ao máximo, coronel — disse ele. — Mas não prometo nada — Grier desligou o microfone e balançou a cabeça. — Vá se foder, Ramrod.

Virou-se para Schofield e Dallas.

— Senhoras e senhores, nosso estimado oficial de ligação com a Casa Branca pediu para que acelerássemos um pouco. Pelo visto, o Chefe tem um encontro para o chá da tarde com algumas senhoras de Washington, e Hagerty acha que nosso ritmo não é suficientemente veloz para o cumprimento da agenda.

Dallas segurou uma risada.

— O velho Ramrod de sempre.

Quando se tratava de utilizar o Marine One, todas as comunicações entre os fuzileiros e a Casa Branca passavam por um coronel fuzileiro, designado com o título de "oficial de ligação com a Casa Branca", função exercida nos últimos três anos pelo coronel Rodney Hagerty.

Desafortunadamente, Hagerty, um oficial de 41 anos de idade, alto e Riagro, com um bigode finérrimo, que parecia desenhado a

lápiz, e modos afetados, era visto como um soldado da pior espécie pela maioria dos integrantes do HMX-1: um arrivista, mas ao mesmo tempo um frio especialista em política de gabinete, alguém mais interessado em ganhar divisas para colocá-las sobre o uniforme do que em ser um verdadeiro fuzileiro. Mas, como acontece freqüentemente, os altos escalões da corporação não percebiam isso e continuavam a promovê-lo, apesar de tudo.

Até mesmo Schofield não gostava dele. Hagerty era um burocrata que obviamente gostava de sua posição próxima ao poder. Embora seu codinome oficial fosse "Hot Rod", a rígida conduta com que seguia os procedimentos e o protocolo, mesmo quando eram nitidamente impraticáveis, fez com que ganhasse um codinome alternativo nas fileiras da tropa: "Ramrod".

Naquele exato momento, o solitário helicóptero Super Stallion, o Nighthawk 3, estava pousando em meio a uma nuvem de poeira sobre a planície arenosa do deserto. A cerca de oitocentos metros em direção a oeste, localizava-se a baixa montanha rochosa que abrigava a Área 7.

Enquanto o grande helicóptero tocava o solo, quatro fuzileiros trajando uniformes de combate completos saltaram para fora da aeronave e correram até uma pequena trincheira escavada no duro terreno rochoso do deserto.

A saída de emergência da Área 7 encontrava-se no interior da trincheira. Era a saída bem abrigada de um longo túnel subterrâneo que garantia uma via de fuga da Área 7. Naquele dia, funcionaria como a principal saída de emergência do complexo, para a pouco provável eventualidade de o presidente encontrar algum problema dentro da base.

O oficial em comando, o tenente Corbin "Colt" Hendricks, aproximou-se do poeirento buraco. Três de seus subordinados o seguiram empunhando suas MP-5/10, também chamadas de MP-10, uma versão em 10mm das MP-5 Heckler & Koch.

Um constante bip-silêncio-bip apitava regularmente no fone de ouvido de Hendricks: o sinal de "all clear" — de que estava tudo bem — da Equipe Avançada 2. O sinal de AC não podia transmitir

mensagens de voz, mas tinha uma função importante: caso a Equipe Avançada 2 fosse vítima de algum tipo de emboscada ou problema, o oficial em comando simplesmente desligaria o sinal de AC e todos os outros membros da comitiva presidencial ficariam sabendo que havia algum perigo espreitando. Ouvi-lo naquele momento tinha um efeito tranquilizador.

Hendricks e seus homens chegaram na borda da trincheira e olharam para dentro.

— Ah, merda... — sussurrou Hendricks.

Os dois helicópteros presidenciais voavam em direção à Área 7.

— Diga-me, Espantalho... — Gunman Grier virou-se no seu assento para poder ver Schofield. — Onde está o seu harém? Por trás dos óculos de sol espelhados, Schofield esboçou um sorriso sem graça para o piloto do helicóptero presidencial.

— Hoje, estão servindo no Nighthawk 2, senhor — disse ele. Grier estava se referindo aos dois membros femininos da antiga unidade de Schofield, ambas incluídas na formação composta para aquela missão da 1ª. Esquadrilha de Helicópteros dos Fuzileiros: a primeiro-sargento Elizabeth "Gata" Gant e a sargento de artilharia Gena "Mãe" Newman.

Na condição de ex-comandante de uma unidade de reconhecimento dos fuzileiros, a presença de Schofield a bordo do Marine One era um fato excepcional.

Trabalhar no helicóptero do presidente significa, sobretudo, seguir o cerimonial. Além disso, o tempo de permanência a bordo do helicóptero não é computado como hora de vôo "efetivo", razão pela qual muitos fuzileiros lindem a evitar o serviço a bordo do M-1. De fato, salvo algumas poucas exceções, a maior parte do efetivo designado para essa tarefa é composta por militares relativamente jovens, que não querem perder nenhuma oportunidade na carreira.

Por esse ponto de vista, era muito incomum ter um ex-comandante de uma unidade de reconhecimento a bordo, mas algo que Gunman Grier via com bons olhos.

Ele gostava de Schofield. Tinha ouvido falar que ele era um comandante talentoso: um homem preocupado com seus

subordinados e que recebia como resultado o máximo empenho deles.

Grier também ouvira falar sobre o que acontecera com Schofield em sua última missão, e respeitava o jovem capitão por causa disso.

Também gostava de Mãe e de Gant. Admirava o modo como trabalhavam e a ferrenha lealdade delas ao ex-comandante. Definilas como sendo o "harém" de Schofield era um sinal de afeto vindo de alguém que raramente demonstrava sentimentos.

Schofield, no entanto, estava acostumado com o fato de ser considerado um tipo "estranho".

Na verdade, esse era o verdadeiro motivo pelo qual estava servindo a bordo do Marine One.

Cerca de 18 meses antes, ainda no posto de tenente, Schofield estivera no comando de uma unidade de reconhecimento dos fuzileiros que fora enviada para uma remota estação polar na Antártida, com o objetivo de investigar a descoberta de uma nave de origem possivelmente extraterrestre.

Para ser breve, a missão acabara num inferno total.

Contando com ele, somente quatro dos doze fuzileiros sobreviveram ao pesadelo. Foram forçados a defender a estação lutando contra militares de duas potências estrangeiras e contra agentes infiltrados na própria unidade. Para completar, Schofield fora declarado morto por alguns membros corruptos do alto escalão do Corpo de Fuzileiros, que depois decidiram transformar aquela mentira numa realidade.

Seu retorno aos Estados Unidos — vivo e em boas condições de saúde —, obviamente gerara uma grande curiosidade na mídia.

Seu rosto aparecera em todos os principais jornais do país. Aonde quer que fosse, mesmo depois do frenesi inicial, fotógrafos e jornalistas tentavam tirar fotos escondidas ou fazê-lo dizer coisas nas quais nem mesmo pensara. Afinal, ele era a prova viva da corrupção dos militares norte-americanos: o bravo soldado condenado à morte pelos generais sem rosto de seu comando militar.

Isso deixara o comando dos fuzileiros com um problema grave: o que fazer com ele, para onde designá-lo?

Por fim, a solução fora engenhosa.

A forma mais segura de esconder Schofield consistia em colocá-lo diante dos olhos da mídia mundial, mas numa posição onde não seriam capazes de tocá-lo.

Ele seria designado para o Marine One.

O helicóptero ficava posicionado na Base Aérea dos Fuzileiros Navais, em Quântico, na Virgínia. Desse modo, Schofield podia morar na base, o que tornava praticamente impossível qualquer aproximação. Trabalharia a bordo do VH-60N do presidente, um helicóptero que era visto pela mídia apenas quando pousava na Casa Branca, e, mesmo nesses casos, sempre a uma distância segura.

Quando a transferência fora efetuada, Mãe e Gant resolveram acompanhar Schofield. O quarto sobrevivente do desastre antártico, um soldado chamado Rebound Simmons, decidira pedir baixa do Corpo de Fuzileiros depois da missão malsucedida.

Isso tinha acontecido um ano antes.

Nestes meses, Schofield, um sujeito esquivo durante a maior parte do tempo e avesso a conversa fiada, fizera apenas algumas poucas amizades na Casa Branca: normalmente agentes do Serviço Secreto e membros do staff doméstico. Em suma, pessoas comuns. Com seus óculos de lentes espelhadas, todavia, ele era adorado pelos netos do presidente. Por isso, e para alegria deles, era quase sempre designado para tomar conta deles nas ocasiões de visita. Schofield, porém, jamais mantivera uma conversação informal com o presidente.

A Área 7 estava ficando cada vez maior diante do Marine One. Schofield podia ver os portões maciços do enorme hangar, se abrindo lentamente, revelando uma fortíssima iluminação artificial no interior.

Grier falou ao microfone de seu capacete:

— Nighthawk 2, aqui é Nighthawk 1. Estamos iniciando a descida.

Nas entranhas do Nighthawk 2, a sargento Elizabeth "Gata" Gant estava sentada sobre a lona de um banco retrátil, tentando ler em vão uma apostila pousada sobre os joelhos.

Diferentemente do Marine One, o barulho dos rotores no interior do Nighthawk 2 era absolutamente ensurdecedor. E, visto que esta aeronave jamais transportava o presidente, a decoração de seu interior era mil vezes mais espartana. Ali não havia poltronas estofadas com descansos para os braços, ou monogramas bordados.

Promovida a primeiro-sargento, Libby Gant tinha 28 anos de idade, completados havia exatamente seis horas.

Não era muita alta, mas com um físico definido, cabelos louros cortados curtos e olhos azul-celeste, e vestindo o uniforme comum de combate — farda, colete à prova de balas e uma MP-10 — podia ser considerada bem atraente. Mas quando vestia o uniforme de gala — chapéu, paletó e calças compridas — era um espetáculo.

Como estavam sobrevoando um espaço aéreo reservado à Força Aérea, o ambiente a bordo do Nighthawk 2 era relaxado. Sem a habitual tensão de ter que coordenar o plano de vôo do Marine One com o tráfego aéreo civil, Gant, que no tempo livre estudava para ser admitida na escola preparatória de oficiais, aproveitou a oportunidade para rever suas anotações.

Estava apenas começando a estudar o Curso 9405, Comando Tático Avançado, quando uma voz sussurrante a desconcentrou.

— Parabéns pra você...

Parabéns pra você...

Parabéns, querida primeiro-sargento Ga-ant.

Parabéns pra você.

Ela levantou o olhar do que estava lendo e soltou um suspiro.

O assessor do presidente para assuntos internos, Nicholas Tate III, tinha se instalado no assento vazio ao lado dela. Tate tinha um tipo de beleza européia: sobrancelhas escuras, pele morena e um queixo digno de um modelo. Era extremamente seguro de si. Naquele dia, estava vestindo um terno Armani de três mil dólares, que combinava com uma colônia da mesma grife. Aparentemente, essa era a última moda.

Tate segurava um pequeno pacote, embrulhado com capricho, que estendeu para que Gant o pegasse.

— Vinte e oito, se não me engano — disse ele.

— Correto, senhor — confirmou Gant.

— Chame-me de Nick, por favor. — Ele inclinou a cabeça em direção ao presente. — Vamos, o que está esperando? Abra-o.

Com relutância, Gant desembulhou o pequeno pacote que continha uma bela caixa verde-clara. Levantou a tampa, revelando um belíssimo colar de prata.

Parecendo um filete de prata da melhor qualidade, a jóia tinha uma superfície polida reluzente. Um pequeno diamante, mas perfeito, pendia do colar como uma lágrima.

— É da Tiffanys — disse Tate.

Gant levantou o olhar na direção dele.

— Não é permitido usar jóias vestindo o uniforme, Sr. Tate.

— Eu sei. Mas espero que possa usá-lo quando eu a levar para jantar no Nino's, no sábado que vem.

O Nino's era um restaurante de Georgetown muito freqüentado pelos socialites de Washington e, seguramente, o mais caro da cidade.

Gant suspirou.

— Estou saindo com uma pessoa.

Não deixava de ser verdade. No fim de semana anterior, depois de algumas tentativas vacilantes, ela e Shane Schofield tinham saído juntos, pela primeira vez em algo parecido com um encontro romântico.

— Ora, ora, ora — disse Tate. — Ouvei falar nisso. Mas sair uma vez IMO quer dizer que seja um relacionamento sério.

A situação estava ficando difícil. Gant levantou o colar para vê-lo contra a luz da janela.

— Sabe que se parece muito com um colar que vi uma vez em Paris?

— É mesmo? — disse Tate.

No momento em que Gant pronunciara a palavra Paris, entretanto, um dos outros fuzileiros girara a cabeça para um dos lados. Tate não percebera nada.

— É verdade — disse Gant. — Estivemos lá há uns dois meses com o Chefe. Tive um dia de folga, então...

— Meu Deus do Céu, dá só uma olhada nisso! — uma excitada voz feminina cortou o que Gant dizia.

— Oi, Mãe — disse Gant, enquanto a sargento de artilharia Gena "Mother" Newman surgia próximo a ela no corredor estreito.

— Como está a aniversariante do dia? — perguntou Mãe, com um sorriso maroto.

Elas já tinham usado o código "Paris" muitas vezes antes. Sempre que uma delas era assediada por um admirador indesejável, devia introduzir a palavra "Paris" na conversa para que a outra, ouvindo o sinal, viesse resgatá-la. Um velho truque utilizado entre amigas no mundo inteiro.

Com quase 1,90m de altura e cem quilos, Mãe raramente tinha que recorrer ao truque. Era quase que a completa antítese de Libby Gant: um físico maciço, traços escuros, a cabeça totalmente raspada e modos um pouco grosseiros e diretos. Seu codinome, "Mãe", realmente dizia tudo. Não derivava de nenhuma qualidade maternal extraordinária. Era uma abreviatura para filha-da-mãe. Combatente nata, perita em toda espécie de armamentos pesados e armas de fogo, tinha sido promovida no ano anterior à respeitada patente de sargento de artilharia.

Mas não era tudo. Por causa de um encontro com uma orca durante a desastrosa missão na Antártica, Mãe tinha uma outra característica física bem peculiar.

Uma prótese na perna esquerda.

O terrível incidente com a orca privara-a de tudo que ficava abaixo do joelho esquerdo. Mas pode-se dizer que a baleia levava a pior: recebera uma bala no cérebro. Agora, Mãe tinha no lugar do pé e da canela esquerda uma prótese de altíssimo nível tecnológico que, conforme o fabricante tinha prometido, permitira-lhe mover-se com naturalidade. Com "ossos" construídos com liga de titânio, cujas articulações eram perfeitas, e simuladores hidráulicos dos músculos, funcionava graças a receptores dos impulsos nervosos e um aparelho para a compensação automática do peso. Era tão sofisticada que exigia o implante de um chip de computador para controlá-la.

Mãe estava olhando para o reluzente colar da Tiffanys.

— Uau, isso é mesmo uma jóia de primeira! — exclamou ela. E, virando-se para Nick, disse: — Esse pedaço de corrente deve ter

custado uma grana preta, filhote.

— Foi compatível com o meu orçamento — disse Tate, com frieza.

— Isso provavelmente custou mais do que o que eu ganho num ano.

— Provavelmente.

Ignorando-o, Mãe virou-se para Gant:

— Desculpe-me por estragar a sua festinha, querida aniversariante, mas o comandante mandou chamá-la. Quer você lá na frente durante a aterrissagem.

— Ah, tudo bem.

Gant levantou-se e, enquanto fazia isso, devolveu o colar para Tate.

— Desculpe-me, Nicholas, mas não posso aceitar isso. Estou saindo com outra pessoa.

E, depois disso, seguiu para a parte da frente.

Parado próximo à entrada do túnel de saída de emergência, Colt Hendricks permanecia boquiaberto, olhando para a trincheira abaixo.

O que podia ver diante de si só podia ser definido como algo horrível.

Os corpos dos nove membros da Equipe Avançada 2 do Serviço Secreto encontravam-se tombados sobre o solo arenoso da trincheira, contorcidos em posições bizarras e crivados de balas. O tipo e o tamanho dos ferimentos indicavam que tinha sido usada munição especial: projéteis que se expandem depois que entram no corpo, com impacto letal. Alguns dos agentes tinham sido baleados no rosto: suas cabeças tinham literalmente explodido. Havia sangue em toda parte ressecando na areia.

Hendricks reconheceu o agente que comandava a equipe do Serviço Secreto, um homem chamado Baker, que jazia com a boca aberta, os olhos arregalados, e tinha um buraco de bala na testa. Na mão estendida, segurava o aparelho que transmitia o sinal de AC da Equipe Avançada. O ataque devia ter acontecido tão rapidamente que ele não tivera tempo nem mesmo para desligar o interruptor.

Atrás de Baker, Hendricks viu uma porta de aço que parecia muito sólida. Ficava na parede empoeirada da trincheira, bem na saída do túnel. Estava fechada.

Hendricks virou-se de costas, pegou seu radiotransmissor e correu em direção ao Nighthawk 3.

— Nighthawk 1!

Estática.

— Maldição! Nighthawk 1! Aqui é...

Foi como se o deserto simplesmente tivesse ganhado vida.

O poeirento piso do deserto fragmentou-se. Areia escorria das coberturas de lona para emboscadas, e, repentinamente, de ambos os lados de Hendricks, cerca de uma dúzia de homens camuflados surgiram da areia disparando suas metralhadoras.

Um segundo depois, um projétil 9mm, modelo Silvertip, entrou pelo lado esquerdo do cérebro de Hendricks. A subsequente expansão gasosa do projétil fez com que a sua cabeça explodisse.

Hendricks jamais viu o homem que o matou.

Jamais viu a equipe camuflada de espectros do deserto abater o resto de seus homens com uma eficiência implacável e cirúrgica.

E jamais os viu apossarem-se do helicóptero e voarem em direção à Área 7.

Os dois helicópteros presidenciais restantes desceram Juntos, aterrissando num redemoinho de areia em frente ao imponente hangar principal da Área 7. Os enormes portões geminados do gigantesco hangar se abriram totalmente, revelando interior magnificamente iluminado. A montanha baixa na qual o hangar havia sido escavado avultava sobre as quatro construções do complexo.

Assim que os helicópteros tocaram o solo, os agentes do Serviço Secreto saltaram do Nighthawk 2 e correram para tomar suas posições em torno do Marine One.

Um comitê de boas-vindas aguardava na pista em frente ao hangar. Seus integrantes permaneciam parados no ar fresco da manhã, diante das luzes do hangar.

Dois oficiais da Força Aérea, um coronel e um major, encabeçavam o comitê de boas-vindas.

Atrás dos dois oficiais havia quatro fileiras de militares de tropas especiais armados com dez homens em cada fila. Todos estavam vestidos com uniforme de combate completos — fardas pretas, coletes à prova de bala pretos e capacetes pretos — e mantinham suas moderníssimas submetralhadoras P-90, fabricadas na Bélgica, rigidamente cruzadas sobre o peito.

Olhando através do pára-brisa da cabine do Marine One, Schofield reconheceu o emblema deles imediatamente. Eram membros de uma unidade que raramente participava dos exercícios militares dos Estados Unidos, uma unidade envolta em grande sigilo e que, muitos diziam, era utilizada somente nas missões mais críticas.

Era a elite entre as unidades de infantaria da Força Aérea dos Estados Unidos, o famoso 7º. Esquadrão de Operações Especiais.

Baseado na Alemanha Ocidental durante a maior parte da Guerra Fria, tinha como missão principal, naquele período, a defesa das pistas de aviação das bases norte-americanas contra as Spetsnaz, unidades de elite soviéticas. Mas suas missões extra-oficiais, entretanto, eram bem mais espetaculares: o planejamento da operação de fuga de cinco experientes cientistas soviéticos, especialistas em mísseis nucleares, de uma base secreta na Ucrânia; o assassinato do chefe de operações da KGB, Vladimir Nakov, em Moscou, em 1990, antes que matasse Mikhail Gorbachev; e, finalmente, em 1997, o ousado resgate de Fred Conway, chefe do escritório da CIA no Extremo Oriente, da terrível prisão de Xiangi, um labirinto quase inexpugnável de celas e câmaras de tortura pertencente ao conhecido Serviço de Inteligência Externa Chinês.

Todos os homens do esquadrão portavam uma máscara de combate especial, um modelo antigás ERG-6. Feitas de material rígido de cor preta, pareciam a parte inferior de uma máscara de hóquei, cobrindo a boca e o nariz de quem a utilizava, da mesma forma que a máscara de Jessé James cobria seu rosto nos velhos tempos.

Havia mais três homens parados na pista deserta, em frente aos componentes do 7º. Esquadrão. Todos três vestiam jalecos brancos engomados. Cientistas.

Quando os fuzileiros e os agentes do Serviço Secreto do Nighthawk 2 tomaram suas posições, uma escadinha automática começou a se desdobrar na dianteira esquerda do Marine One.

Dois fuzileiros saíram do helicóptero na frente e colocaram-se em posição de sentido na base da escada, com a coluna ereta e o olhar para a frente.

Pouco depois, o agente especial Frank Cutler desceu do helicóptero, com a mão no coldre e os olhos atentos. O Serviço Secreto não confia em ninguém. Nem mesmo na Força Aérea dos Estados Unidos. Mesmo nos seus quadros poderia haver um soldado desequilibrado capaz de atirar no presidente.

O presidente saiu logo depois, seguido pela sua comitiva.

Schofield e um jovem cabo do corpo de fuzileiros desceram por último.

Como de costume, os dois pilotos do Marine One — Gunman e Dallas — ficaram a bordo. Deviam permanecer na aeronave para o caso de uma decolagem rápida ser necessária.

Os dois grupos se estudavam na pista de aterrissagem, sob a luz do amanhecer: o destacamento da Força Aérea posicionado na base e a comitiva do presidente.

Redemoinhos de areia trazida pelo vento giravam em torno deles. Os primeiros sinais de uma tempestade de areia esperada para mais tarde, naquele dia.

Um jovem capitão da Força Aérea acompanhou o presidente até um coronel que comandava a formação militar: um homem de aspecto severo, com cabelos e sobrancelhas grisalhas. Assim que o presidente chegou mais perto, o coronel deu um passo à frente e saudou com firmeza seu comandante-em-chefe.

— Bom dia, senhor presidente — disse ele. — Coronel Jerome T. Harper, Comando Médico e Cirúrgico da Força Aérea dos Estados Unidos, e oficial comandante da Área Especial 7. Este é o major Kurt Logan, comandante do 7º Esquadrão, estacionado nesta base. As

duas equipes avançadas do Serviço Secreto o aguardam no interior da base. É uma honra recebê-lo, senhor. Bem-vindo à Área 7.

— Obrigado, coronel — respondeu o presidente. — É um prazer estar aqui. Faça as honras.

Assim que o presidente, acompanhado pelo alto escalão de sua comitiva, desapareceu no interior do enorme hangar acompanhado por seus assessores diretos, o major encarregado pelo destacamento do 7º Esquadrão foi até Schofield.

O major Kurt Logan tinha cerca de 1,90m de altura, a cabeça praticamente raspada e a pele extremamente marcada. Schofield, na realidade, já o encontrara antes, embora duvidasse que Logan fosse lembrar-se dele.

Tinha sido num curso especial de comando e liderança ministrado pela Marinha num de seus complexos Seal, em Fort Lauderdale, em 1997. Graças a uma combinação de táticas inteligentes e vigor físico, o silencioso Logan fora o primeiro colocado da turma, com uma vantagem de quarenta pontos. Ele sabia avaliar uma situação de combate num único instante e, quando se tratava de atacar o inimigo, era implacável. Schofield, na época apenas um promissor comandante de uma unidade de reconhecimento, tinha se classificado em décimo numa turma de 16.

Pelo que parecia, Logan não tinha mudado muito. Sua postura — as mãos firmemente entrelaçadas nas costas e o olhar glacial — denotava uma grande e inabalável força interior. Um vigor moldado no campo de batalha.

— Desculpe-me, capitão — disse Logan, na forma suave e arrastada dos sulistas. Ofereceu uma folha de papel a Schofield. — Nossa lista de pessoal. Para os seus registros — Schofield pegou a lista e retribuiu com a que trouxera.

Era de praxe nas inspeções presidenciais que ambos os lados trocassem listas de pessoal. O staff do presidente queria saber quem se encontrava nas bases que estavam visitando; e o pessoal das bases queria saber quem exatamente participava da comitiva presidencial.

Schofield deu uma olhada na lista da Área 7: colunas de nomes sem significado estendiam-se pelo papel.

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
 ÁREA ESPECIAL 7 (RESTRITA)
 EFETIVO
 CLASSIFICAÇÃO: SIGILOSO

NOME	UNIDADE	NOME	UNIDADE
COMANDANTE DA UNIDADE			
Harper, J.T. (CO)			
7º ESQUADRÃO			
Alvarez, M.J.	A	Golding, D.K.	D
Arthurs, R.T.	C	Goldman, W.E.	A
Atlock, F.D.	B	Grayson, S.R.	E
Baines, A.W.	A	Hughes, R.	A
Bennet, B.	E	Ingliss, W.A.	B
Biggs, N.M.	C	Johnson, S.W.	D
Boland, C.S.	B	Jones, M.	D
Boyce, L.W.	D	Kincaid, R.	B
Calvert, E.T.	E	Littleton, S.O.	E
Carney, L.E.	E	Logan, K.W. (MAJ)	A
Christian, F.C.	A	McConnell, B.A.	B
Coleman, G.K.	E	Messick, K.	E
Coles, M.	B	Milbourn, S.K.	D
Crick, D.T.	D	Morton, I.N.	C
Criece, T.W.	A	Nance, G.F.	D
Davis, L.R.	C	Nystrom, J.J.	D
Dayton, A.M.	E	Oliver, P.K.	E
Dillan, S.T.	D	Price, A.L.	C
Doheny, F.G.	A	Rawson, M.J.	C
Egan, R.R.	B	Sayles, M.T.	B
Fraser, M.S.	C	Sommers, S.R.	C
Fredericks, G.H.	A	Stone, J.K.	C
Frommer, S.N.	E	Taylor, A.S.	B
Gale, A.	D	Willis, L.S.	C
Giggs, R.E.	B	Wolfson, H.T.	A
PESSOAL CIVIL			
Botha, G.W.	MED		
Franklin, H.S.	MED		
Shaw, D.E.	MED		

No entanto, Schofield reparou numa coisa.

Havia mais nomes na lista do que homens do 7º Esquadrão na pista. A lista de membros do 7º Esquadrão trazia cinquenta nomes, e, no asfalto, havia somente quarenta militares. Ele imaginou que houvesse mais uma unidade de dez homens em algum lugar no interior da base.

Enquanto Schofield observava a lista, Logan disse:

— Capitão, caso não se incomode, gostaríamos de remover seu...

— Qual é o problema, major? — disse uma voz por trás de Schofield. — Não se preocupe com o capitão Schofield. Sou eu quem está no comando aqui.

Era Ramrod Hagerty, o oficial de ligação com a Casa Branca. Com seus bigodes tipicamente britânicos e uma postura nitidamente não adquirida no campo de batalha, Hagerty era o exato oposto de Kurt Logan.

Antes de responder, Logan olhou Hagerty de cima a baixo. Obviamente não ficou nada impressionado com o que viu.

— Pensei que o coronel Grier fosse o último na cadeia de comando do Marine One — disse Logan, com frieza. E com toda razão.

— Bem, pois, sim... sim, tecnicamente é ele — disse Hagerty. — Mas, como oficial de ligação com a Casa Branca, tudo o que estiver relacionado com o movimento desses helicópteros deve receber minha prévia aprovação.

Logan examinava Hagerty, mantendo um silêncio glacial. Em seguida, disse:

— Eu estava perguntando ao capitão se ele não se importaria em levar os helicópteros para o hangar principal enquanto o presidente estiver na base. Não gostaríamos que os satélites inimigos soubessem que o Chefe está nos visitando, não é mesmo?

— Não, não, é claro que não. É claro que não — disse Ramrod. — Schofield, providencie isso.

— Sim, senhor — disse Schofield, secamente.

Os gigantescos portões duplos do hangar se fecharam com um ruído surdo.

Os dois helicópteros da 1ª Esquadrilha de Helicópteros dos Fuzileiros agora estavam estacionados no interior do hangar principal da Área 7, com os rotores e o tubo da cauda recolhidos na posição de repouso. Apesar de suas dimensões consideráveis, os dois helicópteros presidenciais pareciam miniaturas no enorme hangar.

Depois de supervisionar o deslocamento dos helicópteros, Schofield agora se encontrava sozinho no meio do hangar espaçoso, olhando em silêncio ao redor.

O restante dos fuzileiros, dos agentes do Serviço Secreto e do staff da Casa Branca — cerca de vinte pessoas que não eram suficientemente graduados para acompanhar o presidente —

permaneciam circulando perto dos helicópteros ou tomando café num dos dois escritórios com paredes de vidro que ficavam ao lado dos portões principais.

Schofield ficou impressionado com o tamanho do hangar.

Era gigantesco.

Fortemente iluminado por brilhantes lâmpadas de halogênio brancas, devia se estender por pelo menos cem metros para o interior da montanha. Um sistema de trilhos, montado no teto, percorria toda a extensão da área. Naquele momento, duas grandes caixas de madeira estavam suspensas nos trilhos, em ambos os lados do hangar.

Defronte aos portões duplos se encontrava um edifício. Ainda que tivesse dois andares, toda a construção ficava no interior da estrutura do hangar. O segundo andar era fechado por janelas de vidro inclinado e se elevava sobre o hangar, o que permitia a observação de todo o pavimento.

No lado norte do hangar havia um pequeno elevador social que dava acesso ao edifício de dois andares.

Salvo os helicópteros presidenciais, não havia nenhuma outra aeronave no hangar naquele momento. Alguns veículos de reboque, largos e pintados de branco, não muito diferentes daqueles vistos nos aeroportos, estavam espalhados pelo hangar. Schofield tinha usado dois deles para transportar os helicópteros para dentro.

Mas sem sombra de dúvida, o objeto mais impressionante do imenso hangar, no entanto, era a gigantesca plataforma do elevador para aeronaves que ficava situada no centro.

Era grande, inacreditavelmente grande, semelhante aos enormes elevadores hidráulicos que ficam suspensos nos porta-aviões. Uma gigantesca plataforma quadrada, colocada bem no centro do hangar.

Com setenta metros por setenta, a plataforma era bastante larga para receber um Boeing 707 AWACS completo: os famosos aviões-radar de controle da Força Aérea, reconhecidos pelo rotodome com dez metros de altura, parecido com um disco voador, que ficava montado sobre o costado da aeronave.

Munida de um sistema hidráulico oculto, a gigantesca plataforma ocupava quase toda a área central do hangar. Para aumentar a eficiência, no lado nordeste da plataforma, assim como nos elevadores dos porta-aviões, havia uma pequena seção separável. Tratava-se de um elevador autônomo, capaz de operar independentemente da plataforma maior. Ele corria em trilhos fixados na parede do poço do elevador, sem coligação com o sistema hidráulico da plataforma principal. Era uma espécie de "plataforma dentro da plataforma", por assim dizer.

Naquele dia, entretanto, o pessoal da Área 7 estava proporcionando um espetáculo completo.

Enquanto permanecia em pé na beirada do enorme poço, Schofield via o presidente, cercado pelos nove homens do destacamento do Serviço Secreto e pelos cicerones de alta patente da Força Aérea, ficando cada vez menor à medida que a plataforma descia pelo largo poço de concreto.

Naquele exato momento, enquanto Shane Schofield estava no centro do imenso hangar, olhando para o poço do elevador, havia mais alguém observando-o.

O observador encontrava-se no escuro, na sala de controle da Área 7, no andar superior do edifício interno que formava a parede oriental do hangar. Em torno dele, quatro operadores de rádio, uniformizados, falavam em voz baixa nos microfones.

— ... unidade Alfa, proteja a sala de reuniões do Nível 3...

— ... a unidade Eco informa que o grupo de reconhecimento formado por fuzileiros do Nighthawk 3 teve de ser neutralizado junto ao túnel da saída de emergência. Encontraram o que sobrou da Equipe Avançada 2. Agora, a unidade Eco está guardando o helicóptero deles num dos hangares externos. Retornarão para o hangar principal quando acabarem...

— ... unidade Bravo e unidade Charlie, permaneçam no hangar principal...

— ... a unidade Delta informa que está posicionada...

— ... o Serviço Secreto está tentando contactar a Equipe Avançada 1 no Nível 6. O sinal simulado de AC ainda está

funcionando...

O major Kurt Logan chegou ao lado do vulto que permanecia nas sombras.

— Senhor, o presidente e o destacamento dele acabaram de chegar no Nível 4. Todas as unidades estão em posição.

— Ótimo.

— Devemos agir agora?

— Não. Deixe que ele continue o passeio — disse o homem sem rosto. — Ainda temos de cuidar de mais uma coisa antes que possamos começar.

- Bom dia.

Schofield virou-se e viu os rostos sorridentes de Libby Gant e Mãe Newman.

— Ei, são vocês — disse ele.

— Ralph ainda está puto com você — disse Mãe. — Quer uma revanche.

Ralph era o marido de Mãe. Um homem baixo, com um sorriso imenso e uma ilimitada capacidade de agüentar todas as excentricidades de Mãe. Trabalhava como caminhoneiro e tinha sua própria carreta Mack, com 18 rodas. Numa das laterais, mandara pintar um coração flechado e a palavra "Mother" pairando acima dele. Com sua baixa estatura e o sorriso ligeiro, Ralph era muito estimado na comunidade dos fuzileiros navais, visto como um lendário boa-praça.

Era também o feliz proprietário de uma churrasqueira nova, e, durante um dos tradicionais almoços das tardes de domingo na casa de Mãe, algumas semanas atrás, desafiara Schofield para um torneio de lances livres na cesta de basquete da garagem. Schofield deixara que ele vencesse, mas Ralph percebera.

— Talvez no próximo fim de semana? — disse Schofield. — Mas como está você? Conte-me como foi aquele check-up da perna que você ia fazer ontem.

— Em duas palavras, Espantalho: do cacete — disse Mãe. — Readquiri todos os movimentos e posso correr tão rápido quanto antes. Parece que isso deixou os médicos felizes. Diabos eu disse a

eles que marquei 275 pontos no boliche na semana passada, mas eles não deram muita bola. De qualquer modo, já que tenho agora uma parte mecânica, quero um codinome novo: Darth Vader.

Schofield deu uma risada.

— Como quiser, Darth.

— Você está tendo problemas com o Ramrod novamente? — perguntou Gant, num tom sério.

— Os habituais — disse Schofield. — Ah, feliz aniversário. Gant sorriu.

— Obrigada.

— Tenho uma coisa para você — Schofield enfiou a mão no bolso do casaco. — Não é nada grandioso, mas... — ele franziu o cenho, enquanto dava batidinhas nos outros bolsos. — Droga, está aqui em algum lugar. Talvez tenha deixado no helicóptero...

— Não se preocupe.

— Posso lhe dar mais tarde?

— Sem dúvida.

Mãe olhou para o enorme hangar em torno deles.

— Mas que merda de lugar é este? Parece o Fort Knox.

— É mais do que isso — disse Schofield.

— O que está querendo dizer?

— Vejam como é o piso próximo aos portões do hangar.

Mãe e Gant obedeceram e puderam ver uma série de buracos quadrados que corriam ao longo do piso de concreto, paralelos aos portões. Cada buraco tinha pelo menos trinta centímetros de largura e a mesma profundidade.

— Agora olhem para cima.

Do teto do hangar despontava uma série de espessas protuberâncias de metal, parecidas com dentes, com as mesmas medidas dos buracos no pavimento, de forma que podiam se encaixar perfeitamente.

— Portas blindadas movidas a pistões — disse Schofield. — Igual àsquelas dos porta-aviões da classe Nimitz. Servem para dividir os hangares dos navios, criando zonas auto-suficientes para o caso de incêndio ou explosão. Mas vocês podem notar que não há

nenhuma outra porta blindada neste hangar. Apenas uma, o que significa que esta é a única saída.

— Mas do que está falando? — perguntou Mãe.

— Quero dizer que as coisas feitas nesta base são mais importantes que tudo que possamos imaginar — comentou Schofield.

A ampla plataforma do elevador na qual estava o presidente dos Estados Unidos parou com um solavanco em frente a uma gigantesca porta de aço, marcada com um enorme número "4", pintado em preto.

Acima do presidente e de sua comitiva se estendia o largo poço de concreto do elevador, como se fosse um túnel vertical de grandes dimensões. Vistas de baixo, a mais de cem metros de profundidade, as brilhantes luzes artificiais do hangar situado no andar térreo eram agora somente um pequeno e distante quadrado branco.

Assim que o elevador parou, a maciça porta de aço diante dele começou a se levantar. O coronel Jerome Harper seguiu à frente, guiando o grupo e falando rapidamente.

— Esta instalação outrora foi o quartel-general do Comando de Defesa Aeroespacial dos Estados Unidos — Norad —, antes que ela fosse transferida para uma instalação mais moderna, construída sob a montanha Cheyenne, no Colorado, em 1975. O complexo é cercado por uma parede externa de titânio com sessenta centímetros de espessura, construída debaixo de trinta metros de granito sólido. Assim como o complexo da montanha Cheyenne, esta base também foi projetada para agüentar o impacto direto de um míssil termonuclear.

Harper entregou ao presidente uma folha de papel na qual estava desenhado um esquema da estrutura subterrânea.

O hangar aparecia no topo do diagrama — no nível térreo, coberto pela montanha; via-se, em seguida, o poço do elevador que descia até alcançar os vários níveis de uma estrutura construída nas profundezas do subsolo.

Harper prosseguiu:

— O complexo subterrâneo contém seis níveis, sendo que os dois primeiros são hangares utilizados para guardar aeronaves secretas, semelhantes às aquelas que se encontram na Área 8. O Nível 3 abriga as instalações de comunicação e os alojamentos. No Nível 5, fica o confinamento, com as celas de detenção. O Nível 6 faz parte do sistema do trem-X. Todos os níveis podem ser isolados contra radiação e contágio transmitidos pelo ar, e o complexo todo, caso tenha sido isolado, tem capacidade para sobreviver trinta dias graças a um suprimento de oxigênio autônomo. As provisões de alimentos são mantidas num armazém do Nível 3. No hangar do Nível 1 há um reservatório com capacidade para 360 milhões de litros de água.

O grupo chegou ao início de um corredor que seguia em aclave. Em sua outra extremidade, havia uma porta maciça parecida com a de um gigantesco cofre. Um encarregado apressou-se em abri-la.

— O projeto "Fortune" foi iniciado neste local há quatro anos, depois que o primeiro embrião capaz de sobreviver alcançou a maturidade — disse Harper. — Agora, ele finalmente, alcançou um estágio no qual podemos utilizá-lo.

O presidente aguardou pacientemente a abertura da porta de segurança, que tinha um metro de espessura.

Frank Cutler e os outros oito membros do destacamento pessoal do presidente permaneciam atrás do Chefe — silenciosos, impassíveis, invisíveis. Em intervalos de três minutos, Cutler verificava silenciosamente seu fone de ouvido para ouvir os sinais de AC das duas equipes avançadas. Os sinais chegavam fortes e claros.

Depois, finalmente, a porta foi aberta, e o presidente olhou despreocupadamente para além dela.

E ficou boquiaberto.

— Ai... meu... Deus...

Aposto minha grana na superbomba — disse Elvis Haynes, recostando-se na cadeira. Elvis, Schofield, Gant e Mãe estavam sentados num dos escritórios com paredes envidraçadas que ficavam perto dos portões principais do hangar. Com eles estavam os

coronéis Grier e Dallas, os fuzileiros que serviam a bordo do Marine One, assim como os três agentes do Serviço Secreto remanescentes.

Numa divisão nada sutil entre gerentes e empregados, todos os funcionários da Casa Branca que tinham permanecido no hangar ou estavam no outro escritório envidraçado, o do lado sul, ou trabalhavam no interior dos helicópteros, que diziam ser mais adequados à sua posição do que as espartanas instalações da Força Aérea.

Além disso, como dissera Nicholas Tate a Gant ao convidá-la para permanecer no Marine One com ele, o café e os bolinhos do helicóptero presidencial era bem mais saborosos.

Gant seguira com Schofield e os outros.

Ramrod Hagerty, por sua vez, tinha se sentado com os funcionários da Casa Branca.

— Não diga besteiras, cara — rebateu Gus Gorman, um cabo baixote de óculos. — A superbomba não existe.

Gorman era um sujeito magro e narigudo, com aspecto de nerd, que usava óculos de fundo de garrafa e tinha o pescoço magricela. Nem mesmo o uniforme completo era capaz de fazer com que parecesse atraente. Era muito popular na tropa por causa de sua memória quase fotográfica e do humor cortante: seu codinome era "Brainiac", um elogio e não um insulto.

— Bobagem — disse Élvís. — Foi fabricada pela Darpa nos anos 1990, em colaboração com a Marinha...

— ... mas jamais conseguiriam fazer com que funcionasse. A coisa dependia de um elemento que só é encontrado em meteoritos, e nunca conseguiram encontrar uma espécie ativa.

— Rapazes, vocês acreditam em qualquer coisa — comentou alguém falando em voz baixa, no outro lado do escritório.

Todos se viraram, inclusive Schofield.

O autor do comentário era um sargento recém-chegado na unidade. Um rapaz enérgico, com o rosto marcado pelas sobrelhas grossas, pelo nariz adunco e os olhos castanho-escuros. Não falava muito, e quando isso acontecia, era uma espécie de evento para a equipe. Inicialmente, essa característica fora erroneamente considerada como um traço de desprezo em relação a

eles. Mas logo descobriram que o sargento Buck Riley Jr. simplesmente não gostava de jogar conversa fora.

Riley Jr. era filho de um sargento fuzileiro muito respeitado na corporação, Buck Riley Pai, e que Shane Schofield conhecera muito bem.

Eles se conheceram em combate, quando Schofield se envolvera numa confusão dos diabos na Bósnia, e Riley Pai participara da equipe de resgate. Desenvolveram uma grande amizade, e Riley pai tornara-se um confiável primeiro-sargento na unidade de Schofield. Infelizmente, ele também participara da malfadada missão na Antártica, onde fora assassinado de maneira brutal por um inimigo cujo nome Schofield não podia nem mesmo mencionar, com base no Official Secrets Act, a lei de proteção às informações confidenciais.

O sargento Buck Riley Jr. — calado, enérgico e sério — usava com orgulho o codinome do pai. Era conhecido por toda a unidade simplesmente como "Book II".

Book II olhou para Elvis e Brainiac.

— Vocês acreditam mesmo que a Darpa construiu uma bomba capaz de destruir um terço da massa da Terra?

— Acredito — disse Elvis.

— Não — disse Brainiac.

— Bem, não construíram. A superbomba é uma lenda urbana — disse Book II. — Criada com o propósito de manter vivas as teorias da conspiração na internet e as velhinhas fofoqueiras do Corpo de Fuzileiros ocupadas. Querem ouvir mais alguns exemplos? O FBI manda agentes para as prisões para que trabalhem em missões altamente secretas. A Força Aérea norte-americana mantém bombardeiros nucleares posicionados em hangares comerciais dos principais aeroportos dos Estados Unidos, para serem usados no caso da deflagração repentina de uma guerra. A Usamriid, o instituto de pesquisa de doenças infecciosas, desenvolveu uma cura para a Aids, mas não permitiram a divulgação dessa informação. A Força Aérea criou um sistema de propulsão magnética capaz de fazer com que veículos flutuem no ar. O consórcio que perdeu a licitação para construir o bombardeiro Stealth apresentou o projeto de um avião

supersônico capaz de ficar totalmente invisível graças a um mecanismo nuclear de refração do ar; e o avião foi construído apesar de tudo, mesmo depois que perderam o contrato. Vocês ouviram algo a respeito?

— Não — disse Élvís —, mas isso é muito legal.

— E quanto ao senhor, capitão? — Book II virou-se para Schofield. — Já ouviu algo desse tipo?

Schofield encarou fixamente o jovem sargento.

— Tinha ouvido falar nesse supersônico, mas não no resto.

Ele se afastou do debate, passando a examinar o escritório ao seu redor. Franziu o cenho. Estava faltando uma pessoa. E logo se deu conta.

— Ei, onde está o subtenente Webster? — perguntou ele.

O presidente dos Estados Unidos olhava boquiaberto através das janelas de observação inclinadas.

Através das janelas, no meio de uma sala com pé-direito alto — parecida com um hall —, ele viu um enorme cubo, feito de um material transparente, parecido com vidro.

Estava exatamente no meio do hall, mais baixo do que o teto e mais estreito do que as paredes: um cubo transparente do tamanho de uma grande sala de estar, delimitado nos dois lados por uma estrutura de observação que se elevava em forma de "L".

Mas era o que estava no interior do cubo de vidro, no entanto, que prendia a atenção do presidente.

De fato, ele não conseguia desviar os olhos do que via.

— O cubo é feito de polifibras e possui seu próprio suprimento de oxigênio autônomo. É totalmente hermético — explicou o coronel Harper. — Caso sua estrutura sofra algum comprometimento, a pressão do ar no interior do cubo aumenta automaticamente, evitando desse modo qualquer risco de contágio.

Harper fez um sinal para um dos três cientistas que estiveram na pista mais cedo.

— Senhor presidente, gostaria de apresentar-lhe o Dr. Gunther Botha, o homem que conduziu o projeto "Fortune".

O presidente apertou a mão de Botha. Era um homem de 58 anos de idade, gordo e calvo, com o rosto arredondado, e que falava com um gutural sotaque sul-africano.

— É um prazer conhecê-lo, senhor presidente.

— O Dr. Botha vem...

— Sei de onde o Dr. Botha vem — disse o presidente, com uma ponta de contrariedade na voz. — Vi a ficha dele ontem.

Gunther Botha era um antigo membro do famigerado Batalhão Médico das Forças de Defesa da África do Sul. Embora não fosse um fato muito conhecido, a África do Sul, durante os anos 1980, tinha sido a segunda nação do mundo, depois da União Soviética, na criação e produção de armas biológicas, para serem utilizadas principalmente contra a maioria negra.

Mas com a queda do regime de apartheid, Gunther Botha logo se vira desempregado e na alça de mira da Comissão para a Verdade e Reconciliação. Sua contratação clandestina para trabalhar para o governo dos Estados Unidos, em 1996, não era muito diversa do que fora feito com os cientistas nazistas ao final da Segunda Guerra Mundial. Era extremamente difícil encontrar especialistas no campo de conhecimento no qual Botha operava.

O presidente se virou para olhar através das janelas de observação.

— Então, essa é a vacina... — disse ele, olhando atentamente para o cubo transparente.

— Sim, senhor, isso mesmo — disse Botha.

— Foi testada? — o presidente não se virou para falar com ele.

— Foi.

— Na forma de soro hidratado?

— Sim.

— Contra a última linhagem?

— Foi testada ontem à tarde contra a 9.1, assim que esta chegou.

— Senhor presidente — disse o coronel Harper —, caso deseje, podemos fazer uma demonstração.

Houve uma hesitação.

— Tudo bem — disse o presidente. — Faça.

— Aonde ele foi? — perguntou Schofield, parado no meio do hangar principal da Área 7, ao lado de Libby Gant.

O subtenente Carl Webster — o homem responsável pelo Futebol — não estava em nenhum dos dois helicópteros, nem em nenhum dos dois escritórios do hangar. E uma rápida verificação com o pessoal do Serviço Secreto revelou que ele não tinha acompanhado o presidente no passeio pela instalação.

O subtenente Webster estava desaparecido.

Era um fato preocupante, visto que havia regras rígidas de protocolo em relação aos movimentos de Webster. Caso não estivesse com o presidente, pretensamente devia ficar perto do Marine One o tempo todo.

— Você deu uma olhada no comitê de boas-vindas, o famoso 7º Esquadrão — perguntou Gant, observando os três grupos de soldados armados com P-90, dispostos em vários pontos em torno do hangar. A tropa de elite da Força Aérea observava Schofield e Gant impassivelmente.

— Tem um aspecto terrível — comentou Schofield.

— Estão bombados — disse Gant.

— O quê?

— Os olhos estão amarelados.

— Esteróides?

— Hum, hum — grunhiu Gant.

— Não é à toa que pareçam agressivos — disse Schofield.

— Élvís não gosta deles — comentou Gant. — Disse ter ouvido em algum lugar que eles são, vou citá-lo literalmente: "racistas enrustidos". Pode reparar que não há nenhum soldado negro nesses pelotões.

Era verdade. Salvo dois soldados de origem asiática, perdidos no meio deles, todos os combatentes do 7º Esquadrão eram brancos como leite.

— É, também ouvi esses boatos — disse Schofield.

Embora ninguém gostasse de admitir, o racismo em alguns setores das forças armadas, principalmente contra soldados negros, ainda era um problema. E, com seus severos cursos de seleção, as

unidades das forças especiais, como o 7o Esquadrão, conseguiam impor facilmente sutis práticas discriminatórias.

Schofield cumprimentou com a cabeça os comandantes de cada um dos três grupos de dez homens, fáceis de identificar pelo fato de não terem de segurar suas P-90. Suas armas automáticas ficavam presas sobre os ombros, em coldres colocados nas costas.

— Você sabe como são chamados os comandantes das unidades do 7º Esquadrão nos exercícios militares?

— Como?

— As "Cinco Serpentes". Como comandante-chefe do esquadrão, Kurt Logan lidera uma formação de dez homens, a primeira delas, a unidade Alfa. As outras quatro unidades são comandadas por quatro capitães: McConnell, Willis, Stone e Carney. Todos, ótimos soldados. Nas poucas vezes em que se deram ao trabalho de aparecer nos exercícios de combate das forças conjuntas, no Forte Bragg, sempre ficaram em primeiro lugar. Certa vez, uma única unidade do 7º Esquadrão capturou três equipes defensivas dos Seal. E isso foi na ausência do Logan.

— Por que são chamados de "Cinco Serpentes"? — perguntou Gant.

— Isso começou como uma piada, provavelmente por causa dos ciúmes dos outros comandantes. Três razões. Primeira: porque taticamente parecem serpentes, atacam velozmente e com força total, sem nenhuma clemência. Segunda: porque pessoalmente todos são indivíduos extremamente frios. Nunca se misturam com seus pares das outras forças. Ficam sempre juntos.

— E a terceira razão?

— Porque todos os codinomes deles são baseados em nomes de serpentes venenosas.

— Legal... — disse Gant, ironicamente.

Continuaram andando. Gant mudou de assunto. — Sabe, eu me diverti muito no sábado passado.

— Sério? — Schofield virou-se para fitá-la.

— É. E você?

— Eu também, claro.

Gant disse:

— Estava pensando, sabe, porque, bem, você não...

— Espere um momento — disse Schofield, repentinamente. — Há algo errado aqui.

— O quê?

Schofield olhou novamente para as três unidades do 7º. Esquadrão posicionadas ao redor do hangar.

Uma unidade montava guarda junto ao elevador social. A segunda permanecia junto ao poço do elevador de aeronaves. A terceira unidade se encontrava no lado sudeste do hangar, defronte a uma porta que dava acesso a um edifício de dois andares, onde ficava a sala de controle.

Foi então que Schofield leu o que estava escrito na porta atrás dos homens da terceira unidade do 1º Esquadrão.

Logo, pressentiu o que estava acontecendo.

— Vamos — disse ele, voltando em direção aos escritórios. — Rápido!

— Senhor, os códigos de armação foram inseridos — disse Logan. — O Futebol está pronto. O subtenente Webster foi muito... gentil.

Os operadores de rádio no interior da sala de controle continuavam a repassar ordens atualizadas:

— ... sistema de fechamento de emergência preparado...

— ... suprimento autônomo de oxigênio preparado...

— Major Logan — disse um deles. — Continuo recebendo sinais dos sensores térmicos posicionados no exterior, no setor nove, próximo à saída de emergência.

— De que medidas?

— As mesmas de antes. Entre trinta e quarenta centímetros. Não estou certo, senhor, mas juraria que se aproximaram mais do túnel desde que verifiquei pela última vez.

Logan olhou para a imagem do satélite. Uma imagem aproximada em preto e branco do deserto, a oeste do complexo principal, mostrava cerca de 24 manchas brancas e oblongas dispostas em torno da saída de emergência.

De trinta a quarenta centímetros — Logan olhou atentamente para a imagem. — Muito pequenas para serem homens. Provavelmente, trata-se apenas de um bando de ratos do deserto. Consiga uma imagem ampliada pelo satélite, apenas para nos garantirmos. Fique de olho nisso.

O homem nas sombras virou-se para encarar Logan.

— Onde está o presidente neste momento?

— Está lá embaixo, no laboratório de testes do Nível 4.

— Entre em contato com Harper. Dê-lhe o sinal verde. Diga que estamos preparados. Avise que a missão pode começar.

O Paciente 1 não foi imunizado com a vacina — explicou o Dr. Gunther Botha, num tom de voz neutro e científico. O presidente agora estava na penumbra, numa outra área do Nível 4, observando duas câmaras de teste bem iluminadas.

Dentro de cada uma das câmaras havia um homem totalmente nu. Num descabido contraste com a nudez, ambos os homens portavam máscaras antigás e tinham uma série de eletrodos fixados em seus peitos.

— O Paciente 1 é um homem branco caucasiano de 36 anos de idade, tem 1,70m de altura e pesa 73 quilos. O paciente está usando uma máscara antigás padrão. Estou liberando o agente neste momento.

Ouviu-se o som baixo de um assovio enquanto uma leve névoa amarelo-mostarda, formada por partículas de aerossol, era liberada na câmara onde estava o primeiro homem. Era um homem magro, desengonçado, que olhava assustado para o próprio corpo, enquanto o gás entrava no ambiente estanque.

O presidente perguntou:

— Onde você obteve o vírus?

— Em Changchun — disse Botha.

Changchun era uma cidade remota da Manchúria setentrional. Embora o governo chinês negasse, em Changchun localizava-se a principal instalação para teste de armas biológicas mantida pelo exército chinês. Havia rumores de que os prisioneiros políticos e os

espiões estrangeiros capturados eram usados como cobaias nos experimentos com vírus e agentes nervosos.

O homem nu na câmara de gás ainda estava de pé e olhava nervosamente para o próprio corpo.

— A infecção secundária ocorre por meio da ingestão indireta, através dos orifícios na derme: folículos de cabelos e feridas abertas — disse Botha, calmamente. — Sem a administração de uma vacina efetiva, a morte ocorre aproximadamente trinta minutos depois do contato. Para um agente nervoso absorvido indiretamente, trata-se de um óbito relativamente rápido.

— Mas... — Botha levantou um dedo. — Se comparado aos efeitos de uma inalação direta desse agente, o resultado é extremamente ineficiente.

Ele apertou o interruptor do sistema de intercomunicação e falou com o homem na câmara.

— Você poderia fazer o favor de tirar a máscara?

Em resposta, o homem fez um gesto obsceno, mostrando-lhe o dedo médio.

Botha soltou um suspiro e apertou um botão num console próximo. O Paciente 1 recebeu um violento choque através dos eletrodos fixados no seu peito.

— Como eu disse antes, você poderia fazer o favor de tirar a máscara antigás?

O Paciente 1 removeu sua máscara lentamente. E imediatamente — violentamente — o vírus fez efeito. O homem pressionou o próprio estômago e começou a tossir profundamente.

— Como eu disse, bem mais eficiente — disse Botha. O homem agachou-se, começando a ficar sem fôlego.

— A irritação gastrointestinal começa aproximadamente dez segundos depois da exposição.

O homem começou a vomitar explosivamente, espalhando um líquido verde-amarronzado pelo chão da cabine de teste.

— A liquefação do estômago acontece depois de trinta segundos...

O homem caiu de joelhos, tentando respirar. Um líquido viscoso começou a escorrer pelo seu queixo. Ele se agarrou na parede de

vidro da cabine, bem diante de Botha.

— A liquefação do fígado e dos rins depois de um minuto...

O paciente vomitou uma massa de sangue escuro sobre a janela. Em seguida, caiu no chão, tremendo e vítima de violentos espasmos.

— Falência total dos órgãos depois de noventa segundos. Morte em dois minutos.

Pouco depois, o homem nu no interior da câmara, encolhido em posição fetal, ficou imóvel.

O presidente assistiu a tudo, tentando esconder a repugnância.

Tratava-se de um método de morte muito cruel, mesmo para um homem como aquele que estava na câmara de teste.

Ainda assim, tentou justificar a morte do Paciente 1 à luz do que este homem fizera durante sua vida. Junto com um amigo, Leon Roy Hailey torturara nove mulheres na traseira do furgão dele, rindo de suas vítimas enquanto elas pediam misericórdia. Os dois homens tinham gravado, com uma câmera de vídeo, a agonia e morte das garotas para o próprio deleite. O presidente assistira às fitas.

Também sabia que Leon Roy Hailey fora condenado a 452 anos de reclusão. Ele jamais sairia vivo da prisão. E assim, depois de cinco anos brutais de cárcere, ele — como todos aqueles submetidos a testes na Área 7, todos condenados a várias sentenças de prisão perpétua — inscrevera-se no programa para ser cobaia em experimentos científicos.

— O Paciente 2 — disse Botha, impassível — recebeu a vacina na forma de soro hidratado. O soro foi misturado num copo de água que ele bebeu há exatamente trinta minutos. O Paciente 2 é branco caucasiano, tem 32 anos de idade, 2,02m de altura, e pesa 112 quilos. Estou liberando o agente neste momento.

Ouviu-se novamente o som de um assovio, seguido pela repentina lufada de uma névoa de aerossol amarelo-mostarda.

O homem na segunda câmara viu o gás entrar na cabine, mas, ao contrário do primeiro paciente testado, não esboçou nenhuma reação. Era muito maior e mais forte do que o anterior, apresentando um peitoral largo e bíceps protuberantes, além de

punhos enormes e uma cabeça alongada que parecia ser muito pequena para o seu corpo.

Ele portava uma máscara antigás e, sob a névoa amarela que caía em torno de si, limitava-se a olhar através do vidro espelhado da câmara de leste, como se a agonia de uma morte dolorosa não lhe causasse a menor preocupação.

Nenhuma tosse. Nenhum espasmo. Usando a máscara, ainda não tinha sido afetado pelo vírus.

Botha apertou o interruptor do sistema de intercomunicação.

— Por favor, retire a máscara.

O Paciente 2 obedeceu à ordem de Botha sem fazer nenhuma objeção, e removeu a máscara.

O presidente viu o rosto do homem, e, desta vez, teve que respirar fundo.

Era um rosto que já vira muitas vezes antes, na televisão e nos jornais. Era o maligno rosto tatuado de Lúcifer James Leary, o serial killer conhecido em todo o país como "o Cirurgião de Fênix".

Era o homem que havia matado 32 viajantes que pediam carona, sobretudo jovens mochileiros, na rodovia interestadual entre Las Vegas e Fênix, no período de 1991 a 1998. Em todos os casos, Leary tinha deixado sua marca registrada: uma peça de jóia pertencente à vítima, geralmente um anel ou um colar, jogado sobre a estrada, no ponto em que fora raptada.

Ex-estudante de medicina caído em desgraça, Leary levava as vítimas para sua casa em Fênix, onde amputava seus membros. Depois, comia-os na frente das próprias vítimas. A descoberta da sua casa por agentes do FBI, com direito a um porão manchado de sangue e duas vítimas vivas, embora parcialmente comidas, tinha horrorizado o país.

Mesmo naquele momento, Lúcifer Leary parecia a personificação do mal. Todo o lado esquerdo de seu rosto era coberto por uma tatuagem escura, na qual havia o desenho de cinco marcas verticais de garras, como se o próprio Freddy Krueger lhe tivesse cortado o rosto cruelmente, com seus dedos de pontas laminadas. As marcas tatuadas impressionavam pelos detalhes: a

pele rasgada em pedaços e as manchas de sangue desenhadas para causar repugnância máxima.

Agora, para horror do presidente, Leary sorria em direção à janela de observação, revelando horrendos dentes amarelos.

Foi neste momento que o presidente se deu conta de uma coisa.

Mesmo sem a máscara antigás, Leary não parecia ser afetado pelo vírus presente no ambiente.

— Como poderá observar — disse Botha, orgulhosamente —, mesmo quando o vírus é inalado diretamente para os pulmões, a vacina ministrada oralmente, em forma de soro hidratado, é capaz de prevenir a infecção. A vacina neutraliza o vírus ao impedir que este libere a proteína dietilpropane, que ataca a enzima de pigmentação meta-hidrogenase e a proteína DB do grupo sanguíneo...

— Poderia fazer o favor de explicar sem usar o jargão científico? — interrompeu o presidente, secamente.

— Senhor presidente, o que acaba de assistir é um salto quântico na evolução da guerra biotecnológica. Essa é a primeira arma biológica geneticamente manipulada produzida no mundo, um agente totalmente sintético para o qual não existem curas naturais. E funciona com um grau de eficiência que eu jamais tinha visto antes. Trata-se de um vírus construído artificialmente, e, não se engane, concebido de forma muito especial.

"É uma arma étnica, projetada para matar somente certas raças, apenas as pessoas que possuam alguns genes exclusivamente relacionados à sua etnia. Neste caso, o vírus ataca somente aquelas pessoas que possuem a enzima meta-hidrogenase e a proteína sanguínea DB. Essas são as enzimas que formam a pigmentação da pele branca, as enzimas características dos caucasianos. Senhor presidente, a mesma enzima que faz com que nossa pele seja branca nos torna suscetíveis ao vírus. É extraordinário. Não sei como os chineses fizeram isso. Meu governo, na África do Sul, tentou durante anos desenvolver um vírus que pudesse ser colocado nos reservatórios de água e esterilizar apenas os negros, mas jamais conseguimos. Pelas características desse agente, porém, não seria

difícil adaptar a composição genética do vírus para que ele também pudesse afetar os afro-americanos, visto que a enzima responsável pela pigmentação da pele deles é uma variação da meta-hidrogenase...

— Vá direto ao ponto — disse o presidente.

— O ponto é simples, senhor presidente — disse Botha. — As únicas pessoas que estão a salvo do vírus são as de origem asiática, porque não possuem nenhuma espécie de enzima de pigmentação. Assim, elas estariam imunes ao agente, enquanto os caucasianos e os afro-americanos pereceriam. Senhor presidente, deixe-me apresentar a mais nova arma biológica chinesa, o Sinovírus.

Estou avisando, algo aqui está errado! — disse Schofield.

— Bobagem, capitão — Ramrod Hagerty balançou a mão em sinal de desdém. — Você andou lendo muitas histórias em quadrinhos.

— E quanto a Webster, então? Não consigo achá-lo em lugar algum. Ele não pode simplesmente ter desaparecido.

— Provavelmente está no banheiro.

— Não, fui verificar — disse Schofield. — E o Nighthawk 3? Onde estão eles? Por que Hendricks não fez contato?

Hagerty limitou-se a olhá-lo com indiferença. Schofield disse:

— Senhor, com o devido respeito, pelos menos dê uma olhada onde está posicionado o pessoal do 7º Esquadrão.

Hagerty girou sua cadeira. Ele, Schofield e Gant se encontravam no escritório no lado sul do hangar principal, com um pequeno grupo de funcionários da Casa Branca. Hagerty olhou despreocupadamente através da janela do escritório para as equipes do 7º Esquadrão, que estavam no lado de fora.

— Parece que estão vigiando todas as entradas — disse Hagerty, dando de ombros. — Para impedir que entremos em áreas onde supostamente não devemos entrar.

— Não, senhor, não é isso. Observe atentamente. O grupo ao norte está guardando o elevador social. O grupo do meio está guardando o elevador de aeronaves. Ambos estão corretos. Mas veja

o grupo que se encontra junto ao edifício do controle, aquele defronte à porta.

— Certo, mas...

— Senhor, estão guarnecendo um depósito!

Hagerty desviou o olhar do rosto de Schofield para ver os soldados da Força Aérea. Era verdade. Estavam parados em frente a uma porta na qual estava escrito DEPÓSITO.

— Isso é muito interessante, capitão. Vou colocar suas observações no meu relatório — Hagerty voltou a trabalhar em seus papéis.

— Mas, senhor...

— Eu já disse, vou colocar suas observações no meu relatório, capitão Schofield. Isso encerra o assunto.

Schofield endireitou-se.

— Com todo o respeito, senhor, já estive em combate? — perguntou.

Hagerty interrompeu seu trabalho e olhou para cima.

— Acho que não estou gostando do seu tom, capitão.

— Já estive em combate?

— Estive na Arábia Saudita durante a Operação Tempestade no Deserto.

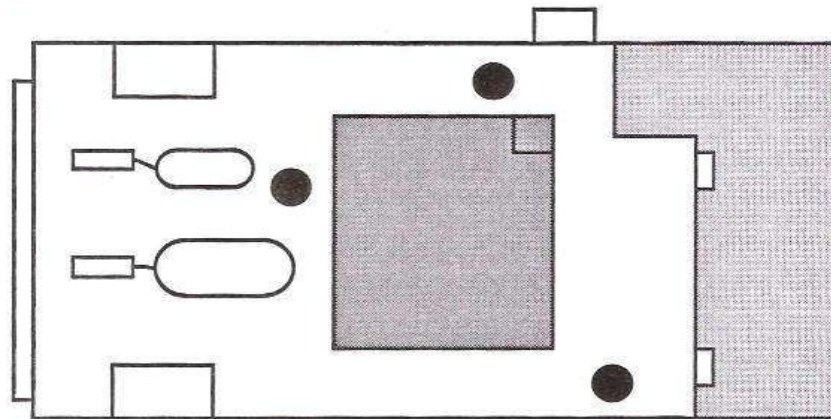
— Combatendo?

— Não. Com o corpo diplomático.

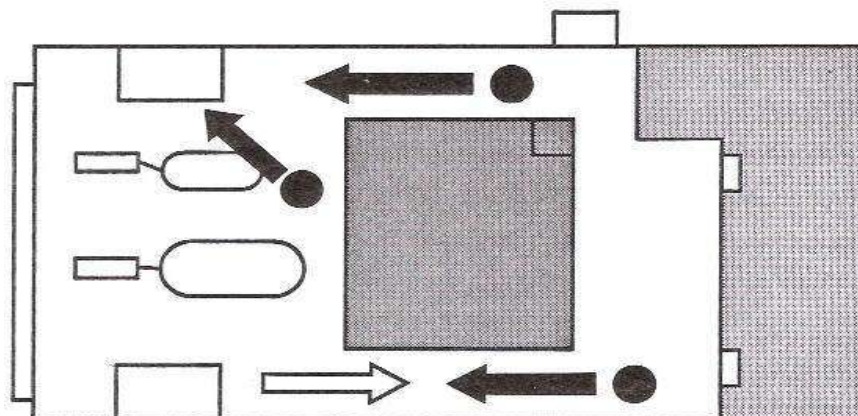
— Senhor, caso tivesse participado de um combate, saberia que esses três grupos de comandos da Força Aérea não estão em posições defensivas. Estão em posições ofensivas. Mais do que isso, estão perfeitamente posicionados para arrasar estes dois escritórios.

— Bobagem.

Schofield pegou a folha de papel na qual Hagerty estava escrevendo e rabiscou nela um resumido mapa do hangar:



— Estamos aqui neste momento — Schofield bateu levemente com o indicador nos três grandes pontos pretos do diagrama. — Doze horas, dez horas e quatro horas. Mas quando eles se movimentam assim... — Schofield acrescentou algumas setas no seu diagrama:



— ... ficamos em sérios apuros. Todos os fuzileiros e agentes do Serviço Secreto que se encontram no escritório do lado norte vão enfrentar o ataque com força total, enquanto o pessoal da Casa Branca, que está aqui no escritório do lado sul, vai naturalmente correr na direção contrária, exatamente para onde está a terceira unidade do 7º. Esquadrão.

Hagerty olhou para o diagrama de Schofield durante um bom tempo. Em seguida, disse:

— Isso é a coisa mais estúpida que já ouvi em toda a minha vida, capitão. Eles são soldados americanos.

— Pelo amor de Deus, apenas ouça o que estou dizendo...

— Não, é você quem vai me escutar — bradou Hagerty. — Não se iluda nem mesmo por um instante achando que não sei quem é você. Sei tudo sobre a Estação Polar Wilkes. Sei o que aconteceu lá. Mas só porque uma vez foi uma espécie de herói, não tem o direito de difundir teorias conspiratórias de merda e esperar que acreditem em você. Estou nesta corporação há 22 anos e cheguei no posto em que estou...

— ... fazendo o quê? Apontando lápis — disse Schofield.

Hagerty ficou em silêncio. Seu rosto estava vermelho como uma beterraba.

— Isso mesmo, Schofield. Pelo bem da corporação, não vou fazer uma cena aqui, mas quando voltarmos para Quântico, assim que tocarmos o solo você vai ser detido e levado à corte marcial sob a acusação de insubordinação grave. Agora, caia fora da minha frente, porra.

Schofield apenas balançou a cabeça em sinal de irritação e retirou-se.

— E aqueles, senhor, são os homens que trouxeram o Sinovírus para cá — disse o coronel Harper, conduzindo o presidente ao longo das cabines de teste do Nível 4.

Pararam diante de uma imensa câmara de quarentena, com pelo menos dez metros de largura. Através de uma pequena janela de vidro instalada na lateral da câmara reforçada, o presidente viu quatro homens sentados em sofás, assistindo à televisão. O espaço era inundado por uma luz ultravioleta azulada. Todos os quatro, reparou o presidente, eram de origem asiática.

Assim que viram o presidente, dois dos homens no interior da câmara levantaram-se imediatamente e ficaram em posição de sentido.

— Senhor presidente, tenho a honra de apresentar-lhe o capitão Robert Wu e o tenente Chet Li, do 7º. Esquadrão...

Foi neste exato momento que o telefone celular de Harper tocou. O coronel pediu desculpas e se afastou para atender a chamada.

— Foi um prazer conhecê-los, cavalheiros — disse o presidente, dando um passo à frente. — O país tem uma dívida de gratidão com vocês.

— Obrigado, senhor.

— Obrigado.

— Quanto tempo vocês ainda vão ter de permanecer aí dentro? — indagou o presidente, fazendo a pergunta pessoal obrigatória.

— Por mais duas horas — disse o sujeito chamado Wu. — Chegamos ontem trazendo a nova linhagem, mas temos de ficar aqui durante 24 horas. A câmara é fechada por um mecanismo de tempo. Não pode ser aberta antes das nove horas da manhã. Somente então vão poder ter certeza de que não estamos contaminados por nenhuma outra espécie de vírus.

— Bem, não vou mais estar aqui às nove horas — disse o presidente —, mas fiquem tranquilos: vão receber algo de mim num futuro muito próximo.

— Obrigado, senhor.

— Obrigado, senhor.

Tendo terminado o telefonema, o coronel Harper retornou.

— E, com isso, concluímos o nosso passeio, senhor presidente — disse ele. — Agora, caso me siga por aqui, tenho mais uma coisa para lhe mostrar.

Schofield e Gant se achavam no interior do Marine One, atrás de Brainiac, que estava sentado no console de comunicações do helicóptero, digitando rapidamente num teclado.

— Alguma notícia do Nighthawk 3 ou das duas equipes avançadas? — perguntou Schofield.

— Nada sobre o Nighthawk 3 — disse Brainiac. — Recebo, porém, os sinais de AC das equipes do Serviço Secreto, mas foi tudo que consegui.

Schofield pensou por um instante.

— Estamos conectados com a rede local da Área 7?

— Afirmativo. Dessa forma, o presidente pode receber informações seguras pela linha terrestre.

— Bem, então é possível conectar-se com o sistema de câmeras da base? Você poderia fazer isso?

— Sem dúvida.

O presidente foi levado através de uma série de escadas de incêndio até o Nível 3, onde ficavam os alojamentos da Área 7. Com seu destacamento de nove homens do Serviço Secreto, ele foi levado para uma grande sala de reuniões com teto rebaixado: havia sofás e mesas, uma pequena cozinha e, num local de destaque junto a uma das paredes, um televisor Panasonic com tela grande.

— Espere aqui um momento, senhor presidente — disse o coronel Harper. — Vou pedir que uma pessoa desça até aqui para falar com o senhor.

Em seguida, saiu da sala, deixando o presidente e seu destacamento sozinhos.

Uma série de monitores em preto e branco foi acesa no compartimento de comunicações do Marine One.

Cada monitor exibia um panorama captado por uma das inúmeras câmeras de segurança espalhadas pela Área 7.

— Conseguimos a conexão — disse Brainiac.

Em tomadas de diversos ângulos, Schofield podia ver uma série de escadas vazias, o pavimento do hangar principal, algo que parecia uma estação de metrô, o interior dos escritórios envidraçados no hangar principal — um, cheio de fuzileiros e agentes do Serviço Secreto; o outro, com os membros do staff da Casa Branca. E, num preto e branco granulado, o interior de um elevador...

Schofield ficou paralisado ao ver a última imagem.

O elevador estava lotado com dez soldados do 7º Esquadrão fortemente armados.

E uma movimentação repentina num dos outros monitores chamou sua atenção.

Era um panorama captado por uma das câmeras colocada numa das escadas.

Uma facção inteira de soldados do 7º Esquadrão descia correndo pelas escadas.

— Isso vai ser muito doloroso — murmurou ele, impassível.

Schofield saiu do Marine One saltando diretamente para o pavimento do hangar, com Gant e Brainiac seguindo-o de perto.

Embora nada tivesse mudado fisicamente no hangar, de certa forma tudo parecia bem diferente.

Estava com um ar ameaçador.

Perigoso.

Schofield viu as três equipes do 7º. Esquadrão paradas em suas posições em torno do enorme espaço. Viu o comandante de um dos grupos tocar na orelha enquanto recebia uma ordem pelo rádio.

— Fiquem aqui — disse Schofield.

— Positivo — respondeu Brainiac.

— Ei! — exclamou Gant.

— O que foi?

— Tente não parecer tão assustado.

— Vou fazer o melhor que puder — disse Schofield, enquanto saía da cobertura do Marine One e começava a caminhar com passos calculados pelo hangar, em direção ao escritório envidraçado no lado norte.

Estava mais ou menos na metade do caminho, quando tudo aconteceu.

De um golpe e com um grande estrondo.

Buum!

Como uma cortina caindo depois de um espetáculo teatral, uma gigantesca porta de titânio caiu com um barulho surdo diante dos portões principais do hangar, bloqueando-os. A extremidade de chumbo, munida de terríveis protuberâncias em forma de dente, encaixando-se firmemente na série de buracos parecidos com quadrados metálicos que se estendem ao longo da entrada do hangar.

E com a queda da maciça porta blindada, Schofield desistiu de aparentar qualquer calma.

Começou a correr no exato momento em que as duas equipes do 7º. Esquadrão próximos ao escritório do lado norte — os que representavam doze horas e dez horas — apontaram suas P-90. E o ar ao redor de Schofield foi varrido por um inferno de balas.

Passaram-se cinco minutos e ninguém ainda tinha vindo encontrá-los. O presidente dos Estados Unidos não estava acostumado a ficar esperando.

Ele e sua escolta permaneciam na sala de reuniões do Nível 3, um olhando para a cara do outro, aguardando em silêncio.

— Frank — disse o presidente para o chefe do destacamento —, vá ver o que está acontecendo...

Naquele momento, o televisor foi ligado automaticamente.

O presidente e seus homens voltaram a atenção para o aparelho.

— Mas que porra é... — exclamou alguém.

Na tela, destacada em grandes dimensões, apareceu a vinheta amarelo-clara do Sistema de Transmissão de Emergência: o circuito especial transmitido em todos os espectros, com capacidade para interceptar as transmissões regulares no caso de uma emergência nacional.

Pouco depois, a vinheta do STE desapareceu repentinamente, e um rosto apareceu em seu lugar.

— Mas que diabos... — desta vez foi o presidente quem falou. O rosto na tela era o de um homem morto.

Era o rosto do general Charles Samson Russel, da Força Aérea dos Estados Unidos, codinome: "César".

Em todas as telas dos televisores da Área 7 e, aparentemente, em todos os aparelhos de televisão dos Estados Unidos, o rosto arredondado e a testa acentuada de Charles Russel se mexeram um pouco antes de ele começar a falar.

— Senhor presidente, povo americano, bem-vindos à Área 7. Sou o general Charles Russel, da Força Aérea dos Estados Unidos.

Durante muito tempo, fiquei assistindo à autodestruição deste país. Agora, basta — o tom de sua voz era pausado, com um forte sotaque da Louisiana.

"Nossos deputados, tanto em nível federal como estadual, são incapazes de uma liderança autêntica. Nossa liberdade de imprensa não é mais o instrumento para o controle do governo, como tinha sido concebida. Para todos os homens que alguma vez lutaram ou morreram por este país, a situação atual é uma desgraça. E não podemos mais permitir que perdure."

Na sala de reuniões, o presidente assistia à televisão, paralisado.

— Assim, proponho um desafio, presidente, um desafio para o senhor e para o sistema que representa. Há um radiotransmissor instalado no seu coração. Foi fixado no tecido externo do seu músculo cardíaco durante a operação de pulmão a que se submeteu há quatro anos.

Frank Cutler voltou-se para encarar o presidente, com uma expressão de horror disseminando-se pelo rosto.

— Agora vou ativar o sinal — prosseguiu César. Apertou alguns botões num pequeno aparelho vermelho que mantinha na mão. Da parte superior do aparelho compacto saía uma pequena antena preta.

Frank Cutler retirou do paletó um analisador de espectro, usado para detectar qualquer dispositivo que emita sinal, e começou a agitar sobre o corpo do presidente.

Pés e pernas... ok.

Cintura e estômago... ok.

Peito...

O analisador de espectro enlouqueceu.

— Meu desafio, senhor presidente, é simples — a voz de Russel ecoava através da base subterrânea. — Como é do seu conhecimento, em todos os principais aeroportos dos Estados Unidos existem pelo menos três hangares reservados para guardar bombardeiros, caças e material bélico da Força Aérea. Neste exato momento, dentro de 14 desses hangares, encontram-se 14 ogivas

de plasma Tipo-240. Dentre esses aeroportos estão o John F. Kennedy, Newark La Guardia, em Nova York, o Dulles, em Washington, o O'Hare, em Chicago, o LAX, em Los Angeles, e outros aeroportos em São Francisco,

San Diego, Seattle, Boston, Filadélfia e Detroit. Cada ogiva de plasma, como sabe, possui um raio de destruição de 25 quilômetros e uma potência de noventa megatons. Todas as ogivas estão armadas.

Na sala de reuniões do Nível 3, todos permaneciam em silêncio.

— A única coisa capaz de impedir a detonação dessas ogivas, senhor presidente, é a continuidade dos batimentos do seu coração — advertiu Charles Russel, sorrindo.

Russel prosseguiu.

— Todos os artefatos nos aeroportos estão conectados a um único satélite, que se encontra em órbita geoestacionária sobre esta base. Esse satélite, senhor presidente, emite um sinal de microondas de alta frequência que é recebido e reenviado ao espaço pelo transmissor alojado no seu coração.

"Mas, uma vez ativado o radiotransmissor no seu coração, o aparelho passa a ser alimentado por energia cinética. Caso o seu coração pare de bater, o transmissor deixa de funcionar, e o sinal do satélite não será mais reenviado. Neste caso, o satélite instruirá as ogivas colocadas nos aeroportos para que detonem. Senhor presidente, caso seu coração pare de bater, os Estados Unidos como o conhecemos deixarão de existir. Caso seu coração continue a bater, os Estados Unidos sobreviverão. O senhor é o símbolo de uma cultura falida: um político, um homem que busca o poder somente pelo poder, mas, como as pessoas que representa, leva uma vida tranqüila sabendo que jamais será mobilizado para lutar em prol do sistema que lhe dá esse poder.

"Bem, o senhor viveu em segurança durante muito tempo, presidente. Agora foi chamado a prestar contas. Agora é a sua vez de lutar. Eu, por outro lado, sou um combatente. Derramei meu

sangue por este país. Quanto sangue o senhor derramou? A quais sacrifícios se submeteu? Nenhum. O senhor não passa de um covarde.

"Mas como sou um patriota honesto, vou dar ao senhor e ao sistema que representa uma última chance de provarem seu valor. Pois o povo deste país precisa de uma prova. Precisam vê-lo debater-se, vê-lo caindo, vê-lo traí-los para salvar sua própria pele. Eles o elegeram para que os representasse. Agora chegou a hora de fazer isso literalmente. Se o senhor morrer, eles morrem juntos.

"Esta base foi totalmente selada. E, como foi projetada para agüentar o impacto direto de uma explosão nuclear, não há maneira de escapar daqui. No seu interior, junto com você, encontra-se um destacamento de cinqüenta homens da melhor força terrestre que este país tem a oferecer, o 7º. Esquadrão de Operações Especiais. Esses homens receberam ordens para matá-lo, senhor presidente.

"Junto com o seu destacamento do Serviço Secreto, o senhor vai enfrentá-los numa luta mortal. Quem vencer fica com o país. Quem perder morre.

"Naturalmente, o povo deve permanecer informado sobre o resultado desse desafio — disse César. — Portanto, de hora em hora, emitirei um boletim atualizado da perseguição através do Sistema de Transmissão Especial."

O presidente olhou para a câmera de vigilância mais próxima.

— Isso é ridículo. Você não teria a possibilidade de colocar...

— Jeremiah K. Woolf, senhor presidente — disse César Russel, na tela do televisor. O presidente calou-se imediatamente.

Ninguém mais disse coisa alguma.

— Seu silêncio faz-me presumir que você viu o dossiê do FBI. Naturalmente, o presidente tinha visto o dossiê: os estranhos eventos envolvendo a morte de um ex-senador tinham exigido isso.

No exato momento em que Jeremiah Woolf morrera no Alasca, sua casa em Washington voara pelos ares. Nenhum culpado fora encontrado para ambos os incidentes. Tinha sido uma coincidência muito bizarra para ser ignorada, mas, na ausência de qualquer prova para explicá-los, a grande imprensa resolvera simplesmente aceitá-los como sendo uma trágica coincidência.

Mas o presidente sabia, no entanto, de um aspecto em particular da morte do senador que jamais viera a público: o elevado nível de células vermelhas presentes na corrente sanguínea e o nível extremamente baixo da pressão arterial e alveolar. Esses indícios demonstravam que Woolf passara por um elevado estresse psicofísico antes de ser baleado, típico das situações: "lutar ou fugir".

Em outras palavras, o ex-senador estava fugindo de alguém quando fora baleado. Como a presa numa caçada.

Isso agora fazia sentido.

Um transmissor havia sido instalado no coração de Woolf... depois, no Alasca, fora caçado e baleado; e quando seu coração finalmente parara de bater, sua casa, no outro lado do país, explodira. A voz de César Russel distraiu-o de seus pensamentos.

— A inesperada decisão de sair da vida pública tomada pelo ex-senador Woolf deixou-me com um transmissor sem utilidade. Dessa forma, decidi transformá-lo numa cobaia. Uma espécie de treinamento. Um ensaio para hoje.

O presidente trocou um olhar com Frank Cutler.

César levantou um objeto e disse:

— Ah, e para o caso de estar imaginando uma forma de escapar desta base...

Era uma maleta de aço inoxidável.

A maleta de aço inoxidável do subtenente Carl Webster.

Uma algema que ficava presa na alça da mala ainda estava no seu lugar. Em compensação, a outra extremidade estava solta no ar. Toda manchada de sangue.

Era o Futebol.

E estava aberto.

O presidente viu o dispositivo de reconhecimento das impressões da palma da mão, em vidro plano, que fazia parte da maleta. Era um sistema de identificação programado para reconhecer as impressões da palma da mão do presidente, de modo que somente ele pudesse ativar e desativar o arsenal termonuclear norte-americano.

De algum modo, Russel tinha conseguido falsificar a impressão da palma da mão do presidente e inserir os códigos de armação. Mas como poderia ter conseguido uma cópia da mão do presidente?

— Além do transmissor no seu coração, senhor presidente — disse Russel, — todos os artefatos nos aeroportos foram coligados em rede a um timer regulado para exatos noventa minutos, como pode ser visto aqui na tela do Futebol. Somente colocando a palma da sua mão sobre o vidro, uma vez a cada noventa minutos, é possível o cronômetro impedir que as ogivas de plasma sejam detonadas. Portanto, não convém pensar em fugir. O Futebol, para o seu conhecimento, será mantido aqui em cima, no hangar principal.

"Hoje é um grande dia para a história da nação, senhor presidente, um dia de ajuste de contas. Na alvorada de amanhã, do glorioso 4 de julho, vamos ver se acordaremos numa nação nova, num país renascido. Boa sorte, senhor presidente, e que Deus tenha piedade de sua alma."

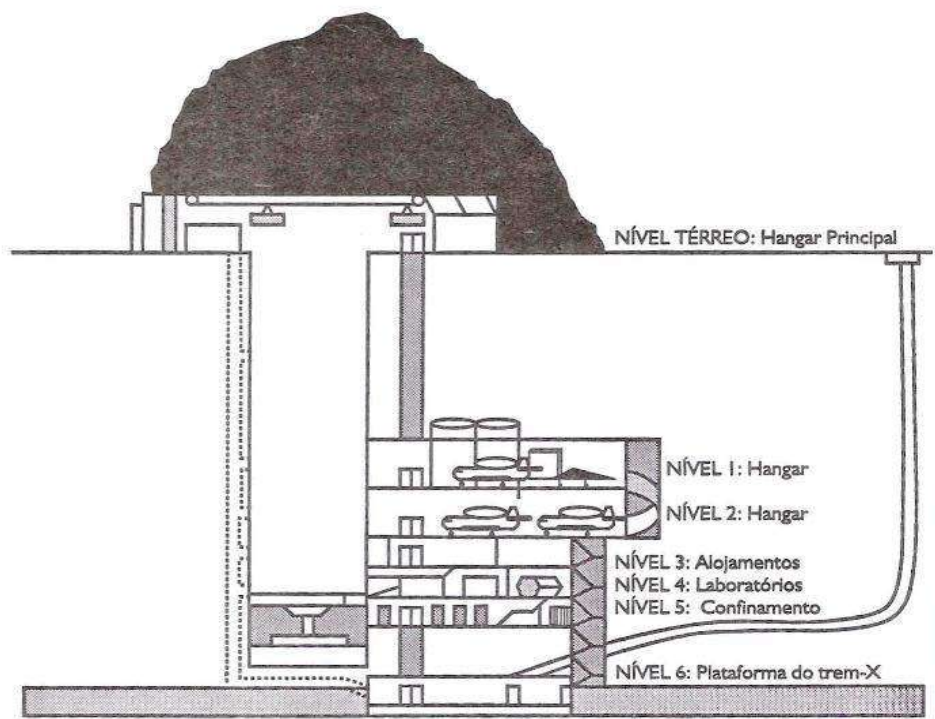
Naquele exato momento, como se esperassem a deixa teatral correta, as portas principais da sala de reuniões foram escancaradas e uma equipe do 7º. Esquadrão, liderados pelo major Kurt Logan e usando as assustadoras máscaras antigás ERG-60, irrompeu na sala disparando seus devastadoras P-90.

O desafio tinha começado.

SEGUNDO CONFRONTO

3 de julho, 7 horas

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) Nº 7
7h



O hangar principal transformou-se num campo de batalha. Balas atingiam o pavimento ao redor dos pés de Shane Schofield enquanto ele corria em direção à porta de entrada do escritório envidraçado do lado norte.

Ele enfiou a cabeça pelo vão da porta:

— Fuzileiros! Dispersar!

Mas isso foi tudo o que conseguiu dizer antes de a janela do escritório se estilhaçar em mil pedaços. Ele se jogou ao chão e arrastou-se para o lado, em busca da proteção proporcionada pelos dois helicópteros presidenciais e pelos veículos de reboque.

Olhou sobre os ombros a tempo de ver dois fuzileiros, vestindo uniforme completo, saltarem através das janelas do escritório. Um

segundo depois, a pequena estrutura foi atingida por um míssil Predator e explodiu numa bola de fogo. Cacos de vidro voaram em todas as direções.

Schofield deslizou para debaixo do Marine One, onde se encontrou em companhia de Libby e Brainiac.

Os disparos de armas de fogo ecoavam em torno deles. Pouco depois, num efeito bizarro, Schofield ouviu uma voz retumbando no sistema de alto-falantes do hangar, por cima do barulho dos tiros: — ... ooa sorte, senhor presidente, e que Deus tenha piedade de sua alma.

— Mas que merda! — gritou Brainiac.

— Por aqui! — disse Schofield, arrastando-se de bruços para debaixo do grande helicóptero.

Ele alcançou uma grade larga fixada no pavimento. Conseguiu soltá-la com facilidade. Havia um duto de ventilação debaixo dela. O duto, feito com paredes de aço, precipitava-se em direção às profundezas, desaparecendo nas trevas.

— Vamos! — gritou Schofield, por cima do ruído da artilharia. Com um barulho seco, um painel de metal na fuselagem do Marine One foi aberto repentinamente, quase decapitando Schofield. Um vulto surgiu logo atrás, apontando um fuzil M-16 na altura da testa de Schofield.

— Porra! É você — disse Mãe, enquanto escorregava para o pavimento através da saída de emergência do helicóptero. — Tome aqui, aniversariante do dia — disse ela, jogando uma submetralhadora MP-10 para Gant. — Desculpe-me, Espantalho, não trouxe nada para você. Isso foi tudo que consegui encontrar no armário de armas a bordo. Há mais armas no arsenal da frente, mas as chaves ficam com o Gunman.

— Não se preocupe — disse Schofield. — A primeira coisa que temos de fazer é sair daqui e nos reagruparmos. Depois temos que pensar numa forma de acabar com esses cretinos. Venham por aqui.

— Você chegou a ver algum trecho daquela merda que estava passando na televisão? — perguntou Mãe, enquanto se arrastava em direção ao duto.

Gant e Brainiac foram os primeiros a entrar no duto de ventilação, sustentando-se com as mãos e firmando os pés contra as paredes para não caírem.

— Não — disse Schofield. — Estava muito ocupado me desviando das balas.

— Então, tenho muito para lhe contar — disse Mãe, enquanto entravam no duto.

O presidente dos Estados Unidos corria velozmente, como jamais fizera na vida. Seus pés quase não tocavam o chão.

Assim que as portas foram abertas e a equipe do 7º Esquadrão irrompeu pela sala, os nove homens do destacamento de proteção entraram em ação.

Quatro deles imediatamente tomaram posições defensivas, colocando-se entre o presidente e as tropas de assalto que se aproximavam, e abriram os paletós sob os quais escondiam suas submetralhadoras Uzi. Estas, com seu zumbido característico, logo começaram a desferir uma rajada brutal de fogo — disparando 600 balas por minuto — contra o inimigo que avançava.

Os outros cinco membros da escolta agarraram rispidamente o presidente praticamente erguendo-o do solo e o empurraram para uma saída de emergência próxima, protegendo-o das balas com os próprios corpos enquanto corriam para fora da sala.

Os soldados do 7º Esquadrão tinham se posicionado estrategicamente atrás dos sofás, armários e poltronas, e, quando as portas da saída de emergência foram fechadas atrás do presidente, massacraram o último dos quatro agentes do Serviço Secreto que tinham ficado para trás. O zumbido das Uzi tinha cessado, e agora, na sala, havia somente o surdo ruído das P-90.

As Uzi podem muito bem disparar 600 balas por minuto, mas as P-90, fabricadas pela empresa FN Herstal, na Bélgica, disparam a impressionante quantidade de 900 balas por minuto. De fato, com sua empunhadura arredondada, seu sistema interno de repetição e um incrível pente montado sobre o cano com capacidade para cem balas, parecia mais uma arma saída de um filme de ficção científica.

— Desçam pela escada! Agora! — gritou Frank Cutler, enquanto as balas estouravam no outro lado da porta antifogo. — Sigam para a saída alternativa!

O presidente e os membros restantes de seu destacamento desceram voando as escadas, pulando quatro degraus de cada vez, segurando-se no corrimão para fazerem as curvas com mais agilidade. Todos mantinham uma arma na mão — Uzi, SIG-Sauer, tudo que tinham.

Ao presidente só restava correr no ritmo de seus guardacostas, visto que seguia prensado no meio deles.

— Equipe Avançada 1! Responda! — gritou Cutler no seu microfone de pulso enquanto corria.

Nenhuma resposta.

— Equipe Avançada 1! Responda! Estamos nos aproximando da saída de emergência 1 com o "Patriota" e precisamos saber se ela está aberta!

Não obteve resposta.

Acima, no hangar principal, Book II estava no meio de um inferno.

As balas ricochetavam no pavimento ao seu redor. Do alto, cacos de vidro choviam na sua cabeça.

Book II e Élvís tinham se refugiado num dos ângulos externos do escritório do lado norte, no pequeno vão próximo às portas blindadas. Os dois tinham mergulhado através da janela quebrada pelas balas um segundo antes de a sala explodir em pedaços com o impacto do míssil Predator.

Às três equipes de dez homens do 7º. Esquadrão estavam por toda parte, movendo-se com precisão e velocidade, avançando ao redor dos helicópteros, saltando sobre os cadáveres, sempre com as submetralhadoras contra o ombro e prontos para disparar contra qualquer coisa que se movesse diante dos canos de suas armas.

No outro lado do hangar, Book viu o pessoal da Casa Branca saindo do escritório do lado sul, uma dezena no total. Foram presas fáceis para a unidade do 7º. Esquadrão que tinha ficado posicionada no lado leste do hangar.

Os homens e mulheres que trabalhavam para a Casa Branca foram abatidos no lugar em que se encontravam, atingidos na cabeça por uma rajada impiedosa de tiros. Seus corpos se contorciam e estremeciam ao cair no pavimento. Era um massacre brutal.

Repentinamente, Book II ouviu um grito e virou-se a tempo de ver Gunman Grier sair correndo dos escombros do escritório norte, berrando de raiva e disparando a Beretta cromada que empunhava.

No entanto, bastou Grier dar três passos para que seu peito literalmente explodisse numa efusão vermelha. Dois combatentes do 7º. Esquadrão o atingiram simultaneamente.

A violenta rajada crivou o corpo de Grier com tal intensidade, que o manteve de pé por algum tempo mesmo depois de morto, empurrando-o para trás, até ele se chocar contra uma parede e cair destroçado no pavimento.

— Mas que situação de merda! — gritou Élvís, por cima do barulho da artilharia. — Não há como sair daqui!

— Por ali! — Book II apontou para o elevador social no lado norte do hangar. — É a única saída que consigo ver!

— Mas como vamos chegar lá?

— Dirigindo! — gritou Book II, apontando com um gesto de cabeça para um dos imensos veículos de reboque que ainda estava atracado à parte traseira do Nighthawk 2, a cerca de oito metros de distância.

Dentro da sala de controle, os quatro operadores de rádio falavam rapidamente em seus microfones.

— ... unidade Bravo, elimine todos os agentes hostis remanescentes no escritório norte...

— ... a unidade Alfa está perseguindo o destacamento presidencial que está descendo as escadas de incêndio no lado leste...

— ... unidade Charlie, libere o hangar principal, visualizei quatro fuzileiros descendo pelo duto de ventilação principal...

— ... unidade Delta, tenha paciência, mantenha a posição...

— O que você quer dizer com "fixaram um transmissor no coração dele"? — disse Schofield, enquanto abria caminho pelo duto de ventilação, mantendo as pernas bem abertas para apoiar os pés contra as paredes de aço.

Gant e Brainiac estavam mais abaixo, descendo o mais rápido que podiam através do duto de ventilação. Abaixo deles, o túnel parecia não ter fim..

— Se o coração dele parar, as bombas explodem em todos os grandes aeroportos das grandes cidades — disse Mãe.

— Meu Deus — disse Schofield.

— E também deve alcançar o Futebol a cada noventa minutos, para reiniciar o timer da pasta. Caso não faça ... buum!

— A cada noventa minutos? — Schofield apertou um botão em seu velho relógio digital, para ativar seu próprio cronômetro. Por segurança, deu alguns minutos de desconto, por isso a contagem regressiva começou da marca dos 85 minutos: 85:00... 84:59... 84:58... Repentinamente, ouviu um estrondo vindo de cima e levantou a cabeça...

Balas vinham em rajadas por todos os lados.

Os projéteis salpicavam as paredes de metal ao redor dele e de Mãe.

Acima dele, na entrada do túnel, Schofield viu uma P-90 ser apontada para baixo — segurado por alguém fora do campo de visão — e ser disparado violentamente.

— Espantalho! — gritou Gant alguns metros abaixo. Estava agachada dentro de um pequeno túnel horizontal que saía do duto principal de ventilação. — Aqui embaixo, rápido!

— Vamos, Mãe! Vai! — gritou Schofield.

Ele e Mãe soltaram os apoios de pé que mantinham nas paredes do poço e deslizaram através do duto vertical em meio à escuridão.

Wooosh!

Desceram velozmente pelo estreito túnel vertical, ouvindo o impacto das balas que atingiam as paredes em torno deles, até que frearam, cravando os pés nas laterais do duto, pouco antes de chegarem ao túnel horizontal.

Mãe conseguiu dar uma freada perfeita, parando bem diante do túnel horizontal. Schofield, no entanto, passou direto pelo duto transversal, mas, de alguma forma, conseguiu esticar os braços e agarrar a beirada com a ponta dos dedos uma fração de segundo antes de despencar centenas de metros em direção à morte.

Mãe entrou no túnel transversal primeiro, depois puxou Schofield para dentro. Naquele exato momento, uma longa corda foi jogada através do túnel vertical, vinda do topo.

O 7º Esquadrão estava a caminho.

Mais à frente, Gant seguia na liderança, acompanhada de perto por Brainiac. O túnel tinha paredes revestidas de metal, e cerca de um metro e meio quadrado. Dessa forma tinham que correr levemente agachados.

Depois de uma pequena curva no túnel, Gant viu uma luz mais à frente. Ela aumentou a velocidade, mas logo freou bruscamente, esticando os braços numa desesperada tentativa de agarrar algum apoio.

Parou tão repentinamente que Brainiac quase se chocou com as costas dela. Por sorte, conseguiu parar a tempo. Uma colisão teria lançado os dois numa queda livre de mais de cinquenta metros.

— Porra... — disse Brainiac.

— Qual o motivo do engarrafamento? — disse Mãe. Ela e Schofield tinham acabado de alcançar os outros dois fuzileiros. — Ai...

O túnel pelo qual tinham seguido terminava no poço do elevador principal.

Um grande abismo com paredes de concreto, com setenta metros de um lado a outro, descerrava-se diante deles.

No outro lado, bem defronte deles, podia-se ver uma enorme porta de aço reforçado e o número "1" pintado de preto. Parecia a entrada de uma espécie de hangar.

Abaixo deles, a cerca de setenta metros, encontrava-se a larga plataforma do elevador hidráulico parada na altura do Nível 4.

— É nessas horas que eu gostaria de ter um Maghook — disse Schofield. O Maghook era um cabo dotado de um gancho e de um

potentíssimo ímã. A arma registrada das unidades de reconhecimento dos fuzileiros.

— Há um par deles lá em cima, no Nighthawk 2 — disse Mãe.

— Não serviriam de nada — comentou Gant. — A distância é muito grande. Um Maghook tem no máximo cinqüenta metros de extensão. Aqui seriam necessários pelo menos setenta metros.

— Bem, é melhor pensarmos em alguma coisa! — exclamou Brainiac, olhando para o túnel transversal, ao mesmo tempo em que ouvia os ruídos dos homens do 7º. Esquadrão, deslizando pelo túnel vertical.

Schofield observou as paredes de concreto do enorme poço do elevador. Eram cobertas de graxa e sujeira, mas também havia uma outra coisa.

De fato, ao longo das paredes havia uma série de tomadas retangulares, pequenas canaletas horizontais inseridas no concreto a intervalos regulares. Tinham algumas dezenas de centímetros de profundidade e percorriam todo o perímetro do poço do elevador. Provavelmente tinham sido projetadas para a passagem de cabos e fios elétricos sem atrapalhar os movimentos do elevador de aeronaves.

Mas, naquele exato momento, não serviam como rota de fuga.

Buum!

Schofield se virou. Era o barulho de coturnos batendo numa superfície metálica.

Os homens do 7º. Esquadrão tinham entrado no túnel horizontal.

A equipe da Força Aérea deslocava-se rapidamente, correndo levemente agachada através do túnel transversal, com as armas apontadas para a frente.

Eram quatro deles e todos usavam uniformes de combate pretos: capacetes, máscaras antigás e coletes à prova de bala. Sem saberem ao certo por qual túnel Schofield e seu grupo tinham seguido, os outros membros da unidade continuaram a descer pelo túnel vertical para checar os outros andares.

Os dois homens que lideravam o grupo fizeram a curva no túnel e... pararam bruscamente.

Tinham chegado ao final do duto horizontal, estavam exatamente no ponto onde este encontrava o imenso poço do elevador.

Mas não havia ninguém ali.

O fim do túnel estava vazio.

Todas as vezes que o presidente dos Estados Unidos visita um determinado lugar, o Serviço Secreto sempre estabelece com antecedência pelo menos três rotas alternativas de fuga, que possam ser utilizadas numa emergência.

Nos grandes hotéis, geralmente trata-se de uma saída pelos fundos, uma entrada de serviço — por exemplo, pela cozinha — e uma saída pelo telhado, caso seja necessária uma retirada de helicóptero.

Para a Área 7, o Serviço Secreto tinha enviado duas equipes avançadas para escolher e vigiar os pontos de saída alternativos que tivessem sido escolhidos.

A saída alternativa nº 1 ficava no nível mais baixo da Área 7, o Nível 6. Tratava-se do mesmo túnel da saída de emergência, com 700 metros de extensão, que saía no deserto, a cerca de 800 metros da montanha baixa que encobria a base. A primeira Equipe Avançada do Serviço Secreto estava posicionada abaixo, no Nível 6; a segunda estava acima, na saída de emergência do deserto.

O presidente e seu destacamento de cinco homens avançava descendo pelas escadas de incêndio, sob uma tempestade de balas que zuniam perto de suas cabeças. A primeira unidade do 7º Esquadrão, a unidade Alfa, liderada pelo major Kurt Logan, estava bem atrás deles.

Chegaram numa porta antifogo na qual estava escrito: Nível 4: LABORATÓRIOS. Passaram a toda velocidade através dela.

Mais escadas, uma outra plataforma, mais uma porta. Sobre esta havia um grande aviso fixado:

NÍVEL 5: ÁREA DE CONFINAMENTO DE ANIMAIS ENTRADA
PROIBIDA
USAR ESTA PORTA SOMENTE EM CASO DE EMERGÊNCIA
ACESSO ATRAVÉS DOS ELEVADORES NA OUTRA EXTREMIDADE
DESTE PAVIMENTO

O presidente passou correndo ao largo dela.

Chegaram num vão no fundo da escada, numa porta onde estava escrito: NÍVEL 6: ESTAÇÃO DO TREM-X.

Frank Cutler estava correndo na frente. Chegou até a porta e abriu-a com um puxão...

... e foi imediatamente atingido por uma violenta saraivada de disparos de armas automáticas.

O rosto e o peitoral de Cutler tornaram-se uma massa disforme e banhada em sangue, enquanto uma chuva de balas o perfurava incessantemente. O chefe do destacamento foi arremessado de volta para o vão da escada, derrapando pelo chão e derrubando também o homem que estava atrás dele.

Um outro agente, uma garota chamada Juliet Janson, mergulhou para a frente e fechou a porta novamente, mas antes conseguiu vislumbrar o horror que se passava mais adiante.

O nível mais baixo da Área 7 era o sexto. O amplo espaço assemelhava-se muito a uma estação de metrô: havia uma plataforma erguida entre os trilhos de duas linhas férreas de bitola larga. Na parede de concreto armado, junto aos trilhos do lado direito, ficava a porta da saída de emergência, que era o objetivo deles.

Posicionada nos trilhos do trem, defronte à porta e protegida pela plataforma, havia uma outra unidade completa de soldados do 7º. Esquadrão, todos com as P-90 apontadas para a porta antifogo.

Em frente aos homens do 7º. Esquadrão, tombados com os rostos virados sobre o próprio sangue, jaziam os corpos crivados de balas dos nove membros da Equipe Avançada 1 do Serviço Secreto.

A porta antifogo se fechou e a agente especial Juliet Janson virou-se.

— Rápido! — gritou ela. — De volta para as escadas! Agora!

— ... atenção todas as unidades, a unidade Delta interceptou o inimigo... — disse um dos operadores de rádio, na sala de controle.
— Repito, a unidade Delta interceptou o inimigo...

Shane Schofield tentou evitar qualquer barulho, chegando mesmo a prender a respiração.

Bastava que olhassem para baixo.

Schofield estava pendurado pela ponta dos dedos numa canaleta escavada horizontalmente na parede de concreto do poço do elevador, pouco menos de um metro abaixo da saída do túnel transversal no qual — levemente agachados para não baterem com a cabeça — estavam agora os quatro soldados do 7º. Esquadrão.

Ao lado dele, Mãe, Gant e Brainiac também se sustentavam pela ponta dos dedos na canaleta.

Acima deles, podiam ouvir um dos homens do 7º. Esquadrão falando no microfone de seu capacete.

— Charlie Seis, aqui é Charlie Um, eles não estão no túnel do Nível 1. Estamos a caminho.

Passos pesados, depois mais nada.

Schofield suspirou aliviado.

— Para onde vamos agora? — perguntou Brainiac.

— Para lá — disse Schofield, balançando o queixo em direção à gigantesca porta de aço do hangar, que ficava no outro lado do poço do elevador.

— Pronto?— gritou Book II para Élvís.

— Pronto! — gritou de volta Élvís.

Book II lançou um último olhar para o imenso reboque branco Volvo que estava atracado na traseira do Nighthawk 2, alguns metros à frente. Com seus pneus descomunais, sua carroceria rebaixada e uma pequena cabine com dois lugares, o veículo parecia mais um tijolo sobre rodas ou uma gigantesca barata. Não por acaso, este tipo de reboque era conhecido entre os funcionários dos aeroportos de todo o mundo pelo apelido de "barata".

Naquele momento, a "barata" atracada ao Nighthawk 2 estava estacionada com a frente voltada para o exterior, apontada para a porta blindada de titânio que descera com grande estrondo alguns minutos antes, selando o hangar.

Book II segurava uma Beretta cromada em cada mão. Uma era dele, e a outra tinha sido surrupiada de um fuzileiro morto nas proximidades. Ele gritou para Élvís:

— Você pega o volante! Eu entro pelo outro lado!

— Está bem!

— Agora!

Os dois saltaram de pé e saíram correndo juntos a descoberto. Suas pernas moviam-se com velocidade.

Quase que instantaneamente, uma rajada de balas percorreu o pavimento atrás deles, mordiscando-lhes os calcanhares.

Élvís atirou-se no assento do motorista e bateu a porta atrás de si. Book II correu em direção ao banco do passageiro, mas as rajadas eram tão violentas que ele mudou de idéia. Mergulhou sobre o teto plano de aço do veículo e gritou:

— Élvís! Arranque!

Élvís deu a partida. O motor de 600 cavalos do Volvo ganhou vida. Em seguida, Élvís engrenou a primeira e meteu o pé no acelerador.

Os pneus do reboque guincharam no momento em que se moveram, avançando direto para a porta blindada que isolava o hangar do mundo exterior arrastando junto o Nighthawk 2, o helicóptero de transporte Super Stallion CH-53E!

As duas unidades do 7º. Esquadrão remanescentes no hangar, vinte homens no total, correram atrás deles disparando suas armas contra a "barata", que se afastava em alta velocidade.

Uma rajada de projéteis especiais atingiu as laterais do Volvo.

Élvís girou o volante fazendo a "barata" rodopiar, e seguiu avançando a toda velocidade em direção ao escritório do lado sul.

No teto do veículo, Book II ajoelhou-se para disparar suas duas pistolas contra os combatentes do 7º. Esquadrão, que se aproximavam.

Não foi uma boa idéia — os assassinos da Força Aérea estavam mais bem armados. Era o mesmo que atacar uma bateria de mísseis Patriot com uma zarabatana. Assim, se abaixou por trás da cabine do veículo para se proteger do fogo cerrado.

— Mas que merda!— gritou Elvis da cabine de direção.

Book II olhou para a frente.

Um solitário combatente do 7º. Esquadrão encontrava-se a cerca de dez metros na frente deles — exatamente no caminho deles —, junto ao lado sul do poço do elevador central. Sobre seu ombro esquerdo havia um lançador de foguetes Predator antitanque!

O soldado apertou o gatilho.

Houve uma lufada de fumaça e, pouco depois, um pequeno objeto cilíndrico foi ejetado para fora do lançador, voando numa velocidade fenomenal em direção à "barata", deixando um rastro de vapor parado no ar.

Elvis reagiu rapidamente, fazendo a única coisa que lhe veio em mente naquele momento.

Girou o volante violentamente para a esquerda.

O imenso veículo reboque Volvo ergueu-se sobre duas rodas, enquanto girava violentamente para esquerda. Por um momento parecia que iria seguir direto para o abismo do poço do elevador.

Mas a "barata" continuou a girar e a girar com suas rodas guinchando, até que, repentinamente, passou a seguir para o lado norte, através do estreito trecho de piso que ficava entre o Marine One e o poço do elevador.

O Nighthawk 2 não teve a mesma sorte.

Arrastado pela "barata" com a cauda à frente, o Nighthawk 2 oscilava muito, e a inesperada mudança de direção levou-o diretamente para a trajetória do míssil. O Predator o atingiu, chocando-se contra os vidros reforçados da cabina numa velocidade tremenda.

O espetáculo foi magnífico. Toda a parte frontal do Super Stallion CH-53E explodiu numa bola de fogo, deixando um rastro de vidro e metal retorcido por trás do helicóptero. No lugar do vidro da cabina de comando, restava somente um buraco emoldurado pelo aço retorcido devido à explosão.

O impacto do míssil também tinha destruído a roda de aterrissagem sob o nariz do helicóptero. A parte dianteira da aeronave, ou o que tinha restado dela, era arrastada pelo pavimento, levantando uma chuva de faíscas.

— Élvís! — gritou Book II. — Vá para o elevador! O elevador social!

Os soldados do 7º. Esquadrão se jogavam no chão para escapar da "barata", que seguia em alta velocidade e completamente descontrolada na direção deles, arrastando atrás o helicóptero totalmente destruído.

Élvís viu as portas do elevador à sua direita e girou o volante com força. A "barata" correspondeu à manobra, virando para a direita e passando por cima de um dos ângulos do poço do elevador de aeronaves; por um átimo de segundo, Book II, parcialmente pendurado para fora do teto do veículo, viu somente um largo abismo se abrindo abaixo dele.

Três segundos depois, a "barata" — e junto com ela o helicóptero agora destruído — parou com as rodas travadas exatamente em frente às portas do elevador social, no lado norte do hangar.

Book II virou-se, levantando as pistolas já engatilhadas.

— Ô!Ô!Ô! — gritou um dos homens armados, mantendo sua pistola erguida.

— Calma, sargento — disse o outro calmamente. — Estamos com você.

Book II tirou os dedos dos gatilhos.

Eram fuzileiros.

O primeiro era Ashley Lewick, um sargento de aspecto extremamente feio, com sobrancelhas grossas que se uniam acima de um nariz adunco e um largo sorriso. De estatura baixa e compleição corpulenta, seu codinome era uma ironia: "Máquina do Amor". Com aproximadamente a mesma idade e patente, ele e Élvís eram amigos desde muitos anos.

O segundo fuzileiro, entretanto, não podia ser mais diferente de Máquina do Amor. Alto e bem-apessoado, sem ser efeminado, era um capitão de 29 anos, chamado Tom Reeves. Sendo um jovem

oficial promissor, tinha sido promovido a capitão antes de muitos tenentes bem mais experientes. Não obstante suas evidentes qualidades, os homens o chamavam de "Calvin", numa referência à sua semelhança com um dos modelos de roupas íntimas da Calvin Klein.

— Meu Deus, Élvís — disse Máquina do Amor —, onde diabos você aprendeu a dirigir! Numa corrida de demolições?

— Por quê? Onde vocês estavam? — perguntou Élvís.

— Onde você acha, seu idiota? Dentro do Nighthawk 2. Mergulhamos para dentro dele quando a merda bateu no ventilador. E de certa forma estávamos felizes até que vocês nos levaram diretamente para aquele lançador de fogue...

Naquele exato momento, uma rajada de balas atingiu a parede acima deles.

Dez homens do 7º. Esquadrão, da unidade Bravo, avançavam pelo hangar para atacá-los.

— Espero que você tenha um plano, visto que decidiu nos trazer para este lugar, sargento — disse Calvin Reeves para Book II.

Neste exato instante, ouviram uma campainha, e as portas metálicas do elevador se abriram, deslizando. Felizmente, estava vazio.

— Essa era a idéia, senhor — disse Book II.

— Aprovada! — disse Calvin, enquanto entravam às pressas na cabine do elevador. Book II foi direto para o painel de comandos e apertou o botão "FECHAR AS PORTAS".

As portas começaram a se fechar. Uma bala zuniu dentro do elevador, chocando-se contra a parede do fundo.

— Depressa... — incitou Élvís.

As portas continuavam se fechando.

Eles ouviram o som de coturnos pisando no teto da "barata", em frente ao elevador, e também escutaram o ruído de metralhadoras sendo engatilhadas...

As portas se juntaram...

...e, no momento em que finalmente se fecharam, uma tempestade de balas a atingiu, vindo de fora, fazendo surgir uma infinidade de pequenas protuberâncias na superfície metálica.

Levou algum tempo, mas, pendurados pelas pontas dos dedos nas canaletas de fiação e movendo-se ao longo do poço do elevador com uma mão depois da outra, tinham finalmente chegado na enorme porta do hangar que ficava no lado oposto, bem defronte ao túnel.

Mantendo-se suspenso na canaleta horizontal com uma única mão, Schofield conseguiu apertar um botão num painel de controle colocado ao lado da porta. Instantaneamente, a imensa porta de aço começou a se erguer com um ruído surdo.

Schofield foi o primeiro a sair do poço do elevador para o nível do andar e, depois de certificar-se de que não havia tropas inimigas à vista, passou a ajudar os outros a subirem.

Quando todos já tinham subido, fizeram uma pausa para olhar o espaço diante deles.

— Uau, minha nossa... — soltou Mãe.

Um gigantesco hangar subterrâneo se estendia a perder de vista diante deles.

Na sala de controle que se erguia sobre o nível térreo, uma série de monitores em preto e branco ocupava uma parede inteira. Nas telas, diversas imagens do complexo subterrâneo:

Juliet Janson e o presidente correndo pelas escadas.

Book II, Calvin Reeves, Elvis e Máquina do Amor no interior do elevador social, retirando a escotilha do teto e passando através dela.

Schofield e os outros passando pela entrada do hangar subterrâneo.

— ...afirmativo, unidade Charlie, já os encontrei. O grupo que saiu pelo duto de ventilação está na entrada do hangar do Nível 1. Quatro fuzileiros: dois homens e duas mulheres. São todos seus...

— ...unidade Bravo, seus alvos acabam de sair do elevador social pela escotilha do teto. Estamos a ponto de perder contato visual. Mas estão no poço. Vamos lacrar todas as portas que dão para o poço, exceto a de vocês. Portas trancadas. Peguem-nos...

— ...senhor, a unidade Eco esvaziou o restante do hangar principal. Aguardamos novas ordens...

— ...dê instruções para irem ajudar a unidade Charlie — disse César Russel, olhando para o monitor no qual estava Shane Schofield.

— ...Eco, aqui é o controle, sigam para a entrada do hangar do Nível 1 para encontrar a unidade Charlie...

— ...unidade Alfa, o destacamento presidencial está subindo pelas escadas. Seguindo na direção de vocês. Unidade Delta, a porta antichama do Nível 6 está desguarnecida. Vocês estão autorizados a entrar na escada e combater o inimigo...

Era absolutamente gigantesco.

Um enorme hangar subterrâneo, com aproximadamente as mesmas dimensões, senão ainda maior do que aquele que ficava no nível superior.

Havia também algumas aeronaves em seu interior.

Um avião Boeing 707 AWACS modificado, com o característico rotodome, parecido com um disco voador, montado no costado da aeronave. Dois bombardeiros Stealth B-2 de aspecto sinistro, com sua pintura preta capaz de absorver os sinais de radar, suas asas de formato futurístico e as janelas da cabine de comando com vidros foscos. E, estacionado exatamente na frente dos dois bombardeiros Stealth, havia também um Lockheed SR-71 Blackbird, a aeronave operacional mais veloz do mundo, com sua fuselagem superalongada e turbinas duplas na traseira.

Os aviões que dominavam o hangar faziam Schofield e sua equipe parecerem anões.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Mãe.

Schofield permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Observava atentamente o avião-radar. A aeronave permanecia silenciosamente estacionada naquele local, com o nariz apontado na direção do largo poço do elevador.

Em seguida, disse:

— Vamos descobrir se aquilo que disseram a respeito do coração do presidente é mesmo verdade.

Nas escadas de incêndio, balas cortavam o ar em todas as direções.

O destacamento do presidente, agora reduzido a três membros, conduzia seu protegido pelas escadas acima, mantendo as armas apontadas para a frente. Estavam armados com Uzi, SIG-Sauer e as pistolas que normalmente levavam em coldres fixados nos tornozelos.

Um jovem agente chamado Julio Ramondo liderava o grupo. Ele pulverizava as escadas acima com sua Uzi, correndo velozmente apesar de um ferimento de bala no ombro.

A agente especial Juliet Janson, que tinha assumido o comando do destacamento mais pela postura do que pela hierarquia, vinha logo atrás dele. Protegia o presidente, que a seguia grudado nela.

O terceiro e último agente sobrevivente do destacamento, um homem chamado Curtis, cobria a retaguarda, atirando para as escadas abaixo à medida que avançavam.

Aos 28 anos, Juliet Janson era a mais jovem integrante do destacamento presidencial, mas isso agora parecia não ter a menor importância.

Diplomada em Criminologia e Psicologia, capaz de correr os cem metros em 13,8 segundos, Juliet era uma exímia atiradora. Filha de um empresário americano e de uma professora universitária taiwanesa, Juliet tinha um impecável aspecto euro-asiático: ligeiramente morena, queixo definido, belíssimos olhos amendoados e cabelos pretos escorridos, cortados na altura dos ombros.

— Ramondo! Você consegue vê-lo? — gritou ela por sobre o ruído dos disparos.

Depois do horror pelo qual passaram ao tentar chegar ao Nível 6 e da morte violenta de Frank Cutler, o presidente e seu destacamento tinham ficado ensanduichados pelo 7º. Esquadrão.

A unidade que anteriormente se encontrava no Nível 6 agora estava vindo pelas escadas atrás deles, enquanto a unidade que os obrigara a fugir do Nível 3 se aproximava deles vindo de cima.

Correr era tudo que lhes restava. Correr para chegar a algum dos níveis entre o sexto e terceiro antes de acabarem no fogo

cruzado.

— Sim! Estou vendo! — gritou Ramondo de volta. — Venham! Juliet Janson chegou no vão e correu junto com Ramondo, mantendo o presidente bem perto. Acima deles, podiam ouvir o ruído de passos ecoando pelas escadas, ao mesmo tempo em que balas rasgavam as paredes em torno deles.

Janson viu a porta mais próxima e leu o aviso fixado nela:

NÍVEL 5: ÁREA DE CONFINAMENTO DE ANIMAIS ENTRADA
PROIBIDA USAR ESTA PORTA SOMENTE EM CASO DE EMERGÊNCIA
ACESSO ATRAVÉS DOS ELEVADORES NA OUTRA EXTREMIDADE
DESTE PAVIMENTO

— Acho que isso pode ser considerado uma emergência — disse ela, antes de estourar as fechaduras da porta com três tiros de sua SIG-Sauer.

Em seguida, abriu a porta com um chute e empurrou o presidente para o interior do Nível 5.

Book II estava olhando para cima. Cerca de 15 metros acima dele, no poço do elevador social, pôde ver as portas que davam para o hangar do nível térreo.

Estava em pé no topo do elevador social — parado no meio do poço —, com Calvin, Élvís e Máquina do Amor. Algumas lâmpadas fluorescentes, colocadas a longos intervalos regulares, iluminavam o recinto fechado de concreto.

— Por que tínhamos de sair do elevador? — perguntou Élvís.

— Câmeras — disse Book II. — Não podíamos permanecer...

— Teríamos virado alvo fácil caso permanecêssemos ali dentro — disse Calvin Reeves, cortando a conversa. — Cavalheiros, na condição de oficial mais graduado do grupo, estou assumindo o comando.

— Então qual é o plano de fuga, Capitão América? — perguntou Máquina do Amor.

— Vamos continuar em movimento... — começou Calvin, mas isso foi tudo que disse, porque naquele exato momento as portas do

andar acima deles foram abertas com um grande estrondo e logo surgiram três canos de P-90, com lanternas amarelas brilhando sobre suas bocas.

Uma rajada de balas ricocheteou por todo o elevador.

Book II agachou-se com um rodopio e viu a série de cabos verticais dos contrapesos, que desapareciam pelas paredes do poço junto ao elevador parado.

— Os cabos! — gritou ele, pulando precipitadamente em direção à parede, sem se importar com a cadeia de comando. — Todos para baixo! Agora!

Shane Schofield irrompeu na cabine dianteira do AWACS parado no hangar do Nível 1.

— Brainiac.

— Já estou indo! — Brainiac seguiu para a parte traseira, desaparecendo pela cabine principal da aeronave.

— Feche a porta — disse Schofield para Mãe, que chegou por último.

Schofield foi para a parte traseira. O interior do AWACS, o avião-radar era muito parecido com o de um avião comercial, mas um avião comercial no qual todos os assentos tivessem sido retirados e substituídos por grande consoles retangulares de monitoramento.

Brainiac já estava trabalhando num dos consoles no momento em que Schofield se sentou ao lado dele. Mãe e Gant foram direto para as duas portas laterais, a fim de observar através das janelinhas.

Brainiac começou a digitar no teclado.

— Mãe disse que se trata de um sinal de microondas — disse Schofield. — O satélite envia o sinal para baixo, e o chip de rádio que está implantado no coração do presidente o reenvia para o satélite.

Brainiac continuava a digitar no console.

— Faz sentido. Somente um sinal de microondas poderia atravessar o radiobloqueio criado na atmosfera sobre esta base, mas

isso só pode ser feito com o reconhecimento da frequência de segurança.

— Frequência de segurança?

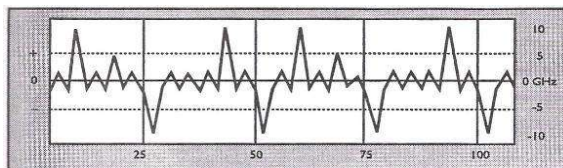
Brainiac continuava a trabalhar no teclado.

— O radiobloqueio sobre esta base é como um guarda-chuva, um gigantesco domo de energia eletromagnética. Basicamente, esse guarda-chuva de energia bloqueia todos os sinais não autorizados que entram ou saem da base. Mas, como todos os bons sistemas de interferência de rádio, possui uma frequência designada para transmissões autorizadas. Isso é uma frequência de segurança: uma largura de banda pela qual as microondas conseguem se propagar sem serem bloqueadas pela interferência. Uma espécie de passagem secreta num campo minado.

— Então o sinal desse satélite está vindo através da frequência de segurança? — perguntou Schofield.

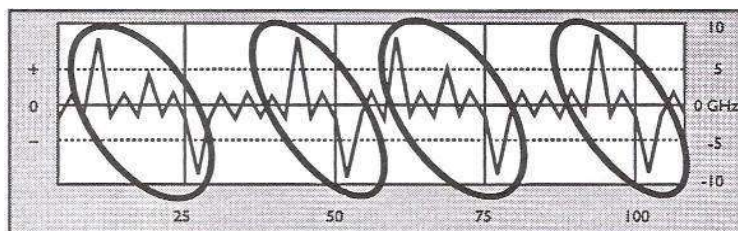
— Suponho que sim — disse Brainiac. — Agora estou usando o rotodome, o sistema de radar do AWACS, para procurar todas as frequências de microondas no interior da base. Essas aeronaves têm os melhores sistemas de detecção de banda larga que existem, logo não deve... Bingo! Consegui.

Apertou a tecla ENTER e uma nova tela se acendeu no visor.



— Bem, você está vendo isso? — Brainiac apontou para a imagem na tela. — É uma clássica assinatura de reenvio. O satélite envia um sinal de busca, são as cristas altas no meridiano positivo, na altura dos 10 gigahertz; em seguida, pouco depois, o receptor na Terra, ao que parece o presidente, reenvia o sinal. São esses vales baixos, no meridiano negativo.

Brainiac tinha imprimido uma cópia do diagrama e desenhou alguns círculos em torno dos picos.



— Busca e reenvio. Interferência à parte, o sinal de reenvio parece se repetir a cada 25 segundos. Capitão, aquele general da Força Aérea não estava mentindo. Existe algo aqui embaixo que está reenviando um sinal de microondas de busca e envio — disse Brainiac.

— Como podemos saber se não se trata somente de um sinal de rádio ou algo do gênero? — perguntou Schofield.

— Por causa da irregularidade dele — disse Brainiac, apontando para o diagrama. — Não repete a seqüência de modo exato. Veja como de vez em quando há uma crista menor do que outra entre os sinais de busca e envio? — Brainiac apontou para uma das cristas médias do diagrama.

— Mas o que significa tudo isso?

— É uma assinatura de interferência. Isso significa que a fonte que reenvia o sinal está em movimento.

— Jesus! — exclamou Schofield. — Então é verdade.

— E a situação está piorando — intrometeu-se Gant, da janelinha da saída de emergência localizada no lado esquerdo da cabine. — Dê uma olhada nisto.

Schofield foi até a janelinha e olhou para o exterior.

E seu sangue ficou gelado.

Devia haver pelo menos vinte homens.

Vinte soldados do 7o Esquadrão estavam avançando rapidamente pelo hangar, com as submetralhadoras P-90 nas mãos, máscaras antigás ERG-6 cobrindo seus rostos. Manobravam de modo a cercar o AWACS.

A primeira coisa que sentiram foi o fedor. Um odor acre parecido com o cheiro de um zoológico: aquela mistura característica

de excremento animal com serragem, num espaço confinado.

Juliet Janson seguia à frente pelo Nível 5, puxando o presidente logo atrás. Os outros dois agentes do Serviço Secreto vinham correndo no encalço deles, depois de terem bloqueado a porta antifogo que dava para a escada.

Estavam numa grande sala escura — parecida com um calabouço — fechada nos três lados por jaulas de aspecto assustador. Um verdadeiro conjunto de barras de aço forjado fixadas nas paredes de concreto sólido. No quarto lado da sala havia outras jaulas de aparência mais moderna: jaulas com paredes de fibra de vidro transparente que iam do teto ao chão e estavam cheias com um líquido opaco preto. Janson não conseguia ver o que continham, mas parecia que algo se mexia no interior.

Um repentino grunhido fez com que ela se virasse.

Havia algo muito grande dentro de uma das jaulas de aço à sua direita. Na luminosidade sombria do calabouço, ela só conseguia ver o vulto de algo grande e peludo movendo-se por trás das grossas barras pretas.

Da jaula provinha um ruído sinistro, como se alguém estivesse arranhando com as unhas um quadro-negro.

O agente especial Curtis se aproximou da cela, tentando ver o que havia por entre as barras.

— Não se aproxime muito — advertiu Janson.

Tarde demais.

Um terrível rugido fez vibrar a cela, enquanto uma massa indistinta de pêlos, com olhos cintilantes e dentes longos e afiados, irrompeu da escuridão da jaula e avançou na direção do agente.

Quando o animal tentou agarrá-lo, esticando uma pata para fora das barras, Curtis pulou para trás e caiu de costas.

Encerrada a tentativa de emboscada, Janson agora conseguia ver melhor a criatura.

Era imensa, com pelo menos dois metros de altura e coberta por ásperos pêlos pretos. Além disso, encontrava-se totalmente fora do lugar, numa cela de concreto subterrânea.

Janson não conseguia acreditar naquilo.

Era um urso.

E também não parecia ser um urso dos mais felizes. Seus pêlos estavam desgrenhados e endurecidos, com manchas de suor e crescimento irregular. As fezes do animal estavam coladas aos pêlos na altura das patas traseiras, fazendo com que o maior carnívoro terrestre parecesse um monstro desequilibrado saído de um filme de terror.

As outras três jaulas no lado norte do calabouço continham mais ursos: quatro fêmeas e dois filhotes.

— Meu Deus... — soltou o presidente, ainda sem fôlego.

— Que diabos está acontecendo neste lugar? — sussurrou Julio Ramondo.

— Pouco me importa! — exclamou Janson, puxando o presidente em direção a uma porta de aspecto pesado, situada no outro lado do calabouço. — O que quer que seja, não podemos permanecer aqui.

O hangar do Nível 1 estava imerso no silêncio.

O gigantesco AWACS encontrava-se no centro do vasto hangar, circundado pelos combatentes do 7º. Esquadrão.

— Esta não é exatamente a situação pela qual eu esperava — disse Schofield.

— Como fazem para saber a nossa localização? — perguntou Mãe.

Gant olhou para Schofield.

— Jamais imaginei que uma base como esta fosse tão controlada.

— Concordo plenamente — disse Schofield.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Mãe.

— Câmeras — disse Schofield. — Câmeras de vigilância. Em algum lugar desta base há alguém numa sala olhando para uma série de monitores e dizendo para esses sujeitos onde nós...

Bam!

Do lado de fora da aeronave veio uma forte pancada. Gant olhou através da janelinha da saída de emergência.

— Merda, eles subiram na asa.

— Ai, Cristo!— exclamou Schofield, — Vão atacar pelas portas...

Ele e Gant trocaram um olhar.

— Estão vindo nos pegar — disse ele.

Pareciam formigas sobre um avião de brinquedo. Oito homens do 7º. Esquadrão, quatro de cada lado, avançavam sorrateiramente pelas asas do gigantesco Boeing 707.

Do pavimento do hangar, o capitão Luther "Pítton" Willis, comandante da terceira subunidade do 7º. Esquadrão, a unidade Charlie, encontrava-se no pavimento do hangar e observava seus homens se moverem sobre as asas da aeronave estacionada.

— Os Avenger estão chegando — disse um primeiro-sargento. Pítton ficou calado, limitando-se a concordar friamente com a cabeça.

No interior do AWACS, Schofield corria pelo corredor central, controlando as entradas da parte de trás da aeronave. Gant e Brainiac vigiavam as janelas laterais.

— Não há ninguém aqui atrás! — gritou Schofield, da parte posterior da aeronave, onde havia duas portas de emergência. — Gata!

— Estou com quatro na asa esquerda! — gritou Gant.

— São quatro na direita! — disse Brainiac.

— Mãe! — chamou Schofield.

Nenhuma resposta.

Schofield percorreu com passadas rápidas a cabine principal.

Não havia sinal de Mãe em parte alguma. Supostamente, ela estaria verificando as entradas que ficavam na parte dianteira da aeronave: a porta da saída de emergência que ficava no piso da cabine de comando e as escotilhas acima dos assentos ejetores dos pilotos.

Enquanto avançava, Schofield olhou através da janelinha mais próxima e viu os soldados sobre a asa esquerda.

Ele franziu o cenho: o que estariam fazendo ali fora?

Não podiam simplesmente irromper pela portas das asas. Ainda que se utilizando apenas de pistolas, Schofield e seus fuzileiros

poderiam repelir facilmente uma invasão em fila única através de uma passagem tão estreita.

Foi naquele momento que, através da janelinha da porta lateral do Boeing 707, ele viu os Avenger.

Havia dois deles. Entraram no hangar pela rampa de veículos, que ficava na extremidade oriental do andar.

O veículo de defesa aérea Avenger é uma viatura Humvee modificada. Basicamente, conserva o mesmo chassi largo de um Humvee, mas, na parte posterior, possui duas plataformas quadradas montadas na traseira. Cada uma delas tem capacidade para carregar quatro mísseis terra-ar Stinger. Na parte inferior desses lançadores de mísseis, fica um par de potentes metralhadoras calibre 50mm. Tratava-se, em substância, de um abatedor móvel de aviões extremamente eficiente.

— Bem, agora já sei o que pretendem fazer — disse Schofield, em voz alta.

Iam destruir a fuselagem do avião com os Stinger e, aproveitando-se da confusão que se seguiria, entrariam no Boeing.

Bom plano, pensou Schofield. Mas muito doloroso para ele e seus três fuzileiros.

Os dois Avenger se afastaram um do outro à medida que avançavam rapidamente pelo pavimento desobstruído do hangar. Um seguia para o flanco direito do AWACS, o outro para o esquerdo.

Alguns metros depois, desapareceram do campo de visão de Schofield.

Merda.

Tinha de fazer alguma coisa, e rapidamente...

VRUUUM!

As turbinas sob as asas do AWACS começaram a funcionar com um estrondo. No espaço fechado do hangar, o ruído era absolutamente ensurdecedor.

Schofield virou-se imediatamente.

— Mãe... — disse ele.

Os Avenger pararam nos dois lados do AWACS, com os pneus guinchando, no exato momento em que o imenso Boeing 707

começava a se mover para a frente. O ruído e o ar quente aspirado pelas turbinas eram atordoantes.

Com o súbito movimento da aeronave, os oito homens que estavam sobre suas asas perderam o equilíbrio.

Schofield irrompeu na cabine do AWACS.

Mãe estava sentada no assento do comandante.

— E aí, Espantalho? — gritou ela, por cima do ruído das turbinas. — Quer vir comigo num passeio dominical?

— Você já pilotou algum avião antes, Mãe?

— Uma vez, vi Kurt Russel pilotando num filme! Droga, não pode ser muito diferente de dirigir a carreta com dezoito rodas do Ralph...

Whack-whack-whack-whack-whack!

Uma rajada de balas acertou o pára-brisa, estilhaçando-o. Uma chuva de vidro caiu sobre Mãe e Schofield, ao mesmo tempo em que os projéteis que vinham de baixo acertavam o teto da cabine.

Foi então que Schofield viu o Avenger parado no lado esquerdo do AWACS, com os dois lançadores de mísseis inclinados para cima, preparando-se para disparar contra a cabine.

— Mãe! Rápido! Vá para a esquerda! — gritou ele.

— O que?

Seguir para a esquerda os faria entrar em rota de colisão com o Avenger.

— Apenas faça o que estou dizendo! — Schofield saltou sobre o assento do co-piloto ao lado de Mãe e, usando os controles de direção operados por pedal, conseguiu dar uma violenta guinada a bombordo, ao mesmo tempo em aumentava a potência das turbinas.

O gigantesco AWACS reagiu imediatamente.

Ganhou velocidade, movendo-se rapidamente dentro dos limites do enorme hangar, balançando bruscamente para o lado esquerdo: avançando diretamente no sentido do Avenger!

Os homens do 7º Esquadrão que estavam no Avenger viram o que estava para acontecer.

Desistindo de seus esforços para deter o avião com os Stinger, mergulharam para fora do Humvee uma fração de segundo antes

que as enormes rodas dianteiras do Boeing passassem por cima do teto do Avenger com um grande estrondo, esmagando-o como se fosse uma latinha de cerveja.

— Boa! — gritou Mãe, enquanto o avião balançava violentamente ao passar por cima do que restava do Humvee.

— Ainda não terminou — disse Schofield. — Há outro desses por aqui. Gata! Onde está aquele outro Avenger?

Gant e Brainiac ainda estavam na cabine principal do AWACS, cobrindo as portas de entrada que ficavam junto às asas. Gant com uma MP-10, Brainiac com sua Beretta.

— Está atrás de nós, no lado esquerdo! — gritou Gant. Através da janelinha, viu o Humvee próximo à parede do lado norte do hangar. Seus lançadores de mísseis estavam erguidos e prontos para disparar. Pouco depois, sem nenhum aviso, um dos lançadores expeliu uma lufada de fumaça.

— Segurem-se firme — avisou ela. — Míssil disparado!

Repentinamente, houve uma monstruosa explosão que sacudiu violentamente o AWACS inteiro, chegando a tirar as rodas traseiras da aeronave do chão.

Uma nuvem de fumaça invadiu a cabine principal vinda da cauda, enquanto o gigantesco avião caía de volta no chão, balançando sobre sua suspensão.

— Acertaram a cauda! — gritou Gant.

Havia sido pior do que isso.

O segundo Avenger tinha reduzido toda a parte traseira do 707 a um buraco fumegante. A extremidade da cauda se soltara da aeronave, caindo sobre o pavimento do hangar.

O AWACS continuava a girar numa ampla circunferência, rolando suas imensas rodas rapidamente, enquanto era martelado por uma incessante saraivada de balas disparadas pelos soldados do 7º. Esquadrão.

No enorme espaço do hangar subterrâneo, a trajetória da aeronave parecia quase cômica. Assistir a algo tão grande e pesado se mover naquela velocidade, com tamanha imprudência, era digno de ser visto.

O avião cumpriu um arco de 180° — a ponta da asa direita roçou o flanco do Blackbird SR-71 —, de tal modo que agora estava apontado na direção oposta àquela de onde tinha vindo, com a parte traseira, semidestruída, exposta à assustadora artilharia dos homens do 7o Esquadrão.

Os projéteis crivavam o interior da cabine central, penetrando no teto e nas paredes da aeronave. Gant e Brainiac se jogaram ao chão para se protegerem dos fragmentos de plástico e metal que choviam em torno deles.

— Merda! — gritou Brainiac. — Não ensinam isso em Parris Island!

Book II também estava se movimentando velozmente.

Deslizou rapidamente por um dos cabos verticais dos contrapesos que corriam por um dos lados do poço do elevador social. Calvin, Elvis e Máquina do Amor escorregavam pelos cabos atrás dele, seguindo-o a uma curta distância.

Depois de escaparem da artilharia disparada contra o teto do elevador, eles agora tinham de achar um meio de sair do poço antes que os homens do 7o Esquadrão, posicionados acima deles, passassem pelo elevador, que neste momento servia como um obstáculo entre os dois grupos.

Book II parou diante de uma porta dupla marcada com um número "1" pintado de preto, mas imediatamente ouviu os ruídos abafados de um combate em andamento: o estrondo de armas automáticas, violentas explosões e pneus guinchando.

— Melhor evitar este andar aqui — disse Calvin Reeves, assim que chegou ao lado de Book II. — Vamos tentar o próximo.

Eles continuaram deslizando em direção ao fundo do poço.

No interior do hangar, Píton Willis assistia ao AWACS traçar uma descontrolada circunferência em torno do enorme hangar.

Ele falou no microfone de seu capacete, sem demonstrar emoção alguma:

— Avenger 2. Acerte a cabine de comando. Dois mísseis.

Na cabine do AWACS, Schofield estava apertando os pedais de controle.

— Mãe! — gritou ele. — Volte para a cabine principal! Cubra a parte traseira! Certifique-se de que ninguém vai entrar por ali! Vou assumir o controle!

Mãe agarrou seu M-16 e foi para o que restava da cauda.

Depois que ela saiu, Schofield viu o segundo Humvee aparecer no seu campo de visão. Estava vindo do lado norte, junto à parede do hangar. O veículo manobrava rapidamente, preparando-se para disparar novamente.

Ele acionou o interfone da aeronave.

Brainiac!— a voz de Schofield ecoou pelo sistema de som da aeronave. — Preparar contramedidas eletrônicas!

Na cabine principal, Brainiac escutava atentamente o que Schofield dizia.

— Ah, sim. É claro!

— Do que vocês estão falando? — gritou Gant, enquanto Mãe se juntava a eles na cabine principal.

Mas Brainiac já tinha mergulhado na direção de um dos consoles. Deslizou por cima do assento mais próximo e começou a digitar rapidamente.

Gant olhou através da janelinha da porta. Viu as paredes do hangar passando como um raio. Viu o segundo Humvee parado junto a uma das paredes, preparando-se para disparar seus mísseis.

— Vai nos atingir novamente! — bradou ela.

— Brainiac... — a voz ansiosa de Schofield surgiu nos alto-falantes. Os dedos de Brainiac voavam sobre o teclado do console. As palavras ATIVAR INTERFERÊNCIA apareceram na tela.

— Segurem-se firme — gritou Gant.

Duas nuvens de fumaça saíram dos lançadores de mísseis do Humvee... ..naquele exato momento, Brainiac pressionou a tecla ENTER. Dois Stinger foram disparados do lançador de mísseis fixado na traseira do Humvee, deixando dois rastros de fumaça pairando no ar atrás deles. Avançaram diretamente para a parte dianteira do AWACS, voando numa formação perfeita.

Mas, repentinamente, os Stinger enlouqueceram.

Apesar de os mísseis serem atraídos pelo calor, as potentes contramedidas antimísseis do AWACS conseguiram afetá-los. Desorientando os chips dos comandos eletrônicos, interferindo no sistema de lógica interna. Foi como se um maremoto de interferência eletrônica, disparado invisivelmente pelo enorme rotodome do AWACS, tivesse alcançado os dois Stinger.

Eles reagiram da maneira esperada. Ficaram fora de controle.

Romperam a formação de vôo, separando-se num giro em forma de "Y": um, seguindo em descontrole para a direita; e o outro, para a esquerda. O míssil que seguia para a direita passou velozmente por debaixo do AWACS em movimento, enquanto que o outro passou direto por cima da aeronave.

Da cabine de comando do AWACS, Schofield observou estupefato um dos mísseis passar voando por cima deles e, pouco depois — bizarramente —, diminuir a velocidade, dar meia-volta e seguir na direção do Humvee que o tinha lançado!

Uma fração de segundo mais tarde, o míssil explodiu contra a parede de concreto acima do Humvee, atingindo em cheio, numa velocidade tremenda, um compartimento construído a alguns metros do chão do hangar.

O míssil explodiu, mandando pelos ares fragmentos de concreto da parede onde ficava o compartimento. Com o violento impacto, a larga porta de aço do compartimento foi arrancada de suas dobradiças e voou pelo hangar como um traste de metal retorcido. Grandes pedaços de concreto caíram sobre o Humvee que disparara o míssil.

O que quer que fosse mantido no interior daquele compartimento, pensou Schofield, agora não existia mais.

Mas ainda havia outro míssil totalmente descontrolado circulando pelo hangar.

Ele passou enlouquecido perto da cauda destruída do AWACS e, girando em torno do próprio eixo, bateu na parede norte do hangar, explodindo próximo às portas do elevador social.

Grossos pedaços de concreto foram arrancados da parede e choveram em todas as direções.

A explosão de concreto, entretanto, foi seguida por uma visão das mais inesperadas.

Um potentíssimo jato de água — sim, água — começou a jorrar do buraco recém-aberto na parede.

Schofield franziu o cenho. — Mas que diabos...?

Uma ameaçadora explosão sacudiu as paredes do poço do elevador social.

Book II, suspenso nos cabos com os outros homens de seu grupo, encontrava-se atrás da porta do Nível 3. Tinham tentado entrar no Nível 2, mas as portas seladas fizeram com que descessem ainda mais.

Quando ouviu a explosão, Book II levantou os olhos para ver de onde o barulho tinha vindo.

O panorama que pôde observar foi tão aterrorizante quanto inesperado.

Uma seção inteira da parede de concreto, perto das portas do Nível 1, 15 metros acima deles, fora destruída pela explosão. O interior do poço do elevador foi atingido por uma chuva de cimento e pedras.

Logo depois, bem atrás do concreto, veio a água.

A água caiu sobre Book II e os outros como se fosse o jato de uma maldita mangueira de incêndio.

O jato de água descia pelo poço estreito do elevador com o estrondo de uma cascata. Logo, a torrente começou a bater violentamente contra seus corpos.

Tudo que podiam fazer era se segurar com firmeza nos cabos. Mas, assim que sentiu o impacto da água que descia em cascata, Book II previu o futuro: a parede de água era muito forte. Eles iam cair.

— ...atenção todas as unidades. Os reservatórios de água do Nível 1 foram rompidos. Repito: a integridade dos reservatórios de água foi rompida... a água vinda dos reservatórios está invadindo o poço do elevador social...

— Dêem início às manobras de isolamento — disse César Russel, calmamente. — Selem o poço. Mantenham a água confinada. Deixem que inunde o poço.

— Sim, senhor.

Máquina do Amor foi o primeiro a cair.

Assim que a parede de água o atingiu, ele perdeu o apoio no cabo do contrapeso e caiu, passando por Book II.

Precipitou-se velozmente, afastando-se de Book II numa espécie de pesadelo em câmera lenta. Com os olhos bem abertos, a boca entreaberta e o grito abafado pelo barulho de cachoeira, ele desapareceu na escuridão do poço.

Book II soltou um palavrão.

— Mas que merda!

E, pouco depois, fez a única coisa que conseguiu imaginar.

— Sargento! Não!— gritou Calvin, mas era tarde demais.

Book II tinha afrouxado a mão no cabo. Agora, deslizava como uma bala através do poço, atrás de Máquina do Amor, pela escuridão.

Book II caía através da escuridão.

Deslizou durante um longo tempo pelo cabo do contrapeso, ganhando velocidade e sentindo o calor do atrito queimar suas mãos debaixo das luvas brancas de seu uniforme de gala.

Foi então que, repentinamente, com uma pancada, atingiu a água, águas profundas, no fundo do poço.

Exatamente como previra.

O poço do elevador media cerca de três metros quadrados. Assim, ele imaginara que, caso todas as portas de saída estivessem seladas, a monumental quantidade de água que jorrava do buraco no Nível 1 não demoraria a se acumular no fundo, formando uma piscina de razoável profundidade.

De fato, Máquina do Amor se encontrava nas proximidades, debatendo-se sobre as águas. Respirava com dificuldade e tossia água. Mas estava vivo.

— Você está bem? — gritou Book II.

— Estou!

Pouco depois, Calvin e Élvís chegaram no fundo do poço, após deslizarem pelos cabos do contrapeso. O estrondo causado pela cascata reverberava na piscina ao redor deles, espalhando água para todos os lados.

— E aí, Capitão Fantástico — disse Élvís para Calvin —, nosso acolhedor poço de elevador está ficando cheio d'água! O que sugere que façamos agora?

Calvin hesitou.

Mas Book II, não. Apontou com a cabeça para um par de portas alguns metros acima deles.

— Simples. Vamos derrubá-las!

— Cacete... — exclamou Brainiac, olhando para o exterior através da traseira destruída do AWACS.

Uma espécie de gêiser de água saía com alta pressão da parede próxima ao elevador social, inundando todo o pavimento de concreto do hangar.

— Mas que diabos é isso?

— Somente mais um dia de caos e destruição ao lado do Espantalho — disse Mãe.

— Ei! — exclamou Gant, olhando através da janelinha da porta que vigiava. — O que aconteceu com os soldados que estavam em cima das asas?

Mãe e Brainiac se viraram para poder ver as asas do avião. As asas do AWACS estavam vazias.

Os homens do 7º. Esquadrão não eram vistos em lugar algum. Naquele mesmo instante, ouviram o terrível som de passos pesados acima deles.

O AWACS continuava a rodar pelo hangar, deslocando-se agora sobre uma camada de três centímetros de água. O avião tinha realizado uma circunferência quase completa. Agora estava apontado em direção à imensa abertura no pavimento: o poço do elevador de aeronaves.

Schofield pressionava os pedais de controle, tentando manter sob controle a enorme aeronave.

A entrada do elevador de aeronaves estava bem diante deles. Uma leve camada de água precipitava-se no vazio, como uma pequena catarata do Niágara.

A grande plataforma hidráulica certamente era a melhor forma de escapar daquela confusão, mas, na última vez que a vira, ela estava parada num dos níveis mais abaixo...

Pouco depois, repentinamente, alguma coisa acima de Schofield explodiu com uma chuva de faíscas.

Era uma das escotilhas do teto da cabine de comando, que se abrem quando o assento ejetor do piloto é acionado.

Tão logo a escotilha desapareceu, uma verdadeira tempestade de balas foi disparada através da abertura recém-criada, atingindo o painel de controle da aeronave, devastando todos os medidores e mostradores.

Essa primeira enxurrada de balas foi rapidamente seguida de uma segunda rajada que rasgou o assento vazio do piloto — o assento onde Mãe estivera sentada pouco antes —, reduzindo seu revestimento a farrapos.

Schofield viu o que estava para acontecer e rapidamente mergulhou para fora do assento no qual estava sentado, jogando-se no exíguo espaço defronte ao assento.

Uma fração de segundo depois, um par de botas de combate aterrissou com uma pancada sobre o assento do piloto: pertenciam a um soldado do 7º. Esquadrão, de aspecto assustador.

O soldado mascarado girou rapidamente, com sua submetralhadora P-90 firmemente pressionado contra o ombro, procurando por inimigos na parte de trás da cabine de comando. Em seguida, voltou-se para verificar a parte da frente e olhou para baixo — onde, para sua total surpresa, viu Schofield encolhido, com as costas apoiadas num console.

Desarmado e sem possibilidade de defesa, Schofield viu o combatente mascarado começar a apertar gatilho com a mão coberta por uma luva preta...

Schofield então arremessou o pé.

Não contra as pernas do soldado, mas mirando a alavanca que corria ao lado do assento do piloto — a alavanca de ejeção.

O pontapé de Schofield deu certo.

Com um alto e explosivo silvo, o assento ejetor do piloto foi lançado através da abertura no teto da cabina, levando o soldado do 7º. Esquadrão junto!

Pítton Willis viu, estupefato, um de seus homens ser lançado velozmente para fora da cabine de comando do AWACS de pé sobre um assento ejetor, passando pelos atônitos companheiros que estavam no teto da aeronave.

O homem cortou os ares como se fosse um projétil, antes de se chocar no teto de concreto do hangar.

O ruído do pescoço se quebrando ecoou de forma nauseante através do hangar — não obstante o barulho dos motores do AWACS, o som foi bem audível, tal a violência com que o corpo bateu no teto. Ele teve morte instantânea, ao bater no teto, visto que sua coluna foi esmagada pelo assento ejetor, que pesava 120 quilos.

Neste meio tempo, Schofield sacou sua pistola Beretta e, arrastando-se de costas pelo chão atrás dos assentos, começou a dispará-la contra o teto da cabine de comando, para impedir que algum outro soldado tentasse entrar na aeronave.

Em questão de segundos, sua arma ficou sem munição. Ele se levantou e olhou através do pára-brisa dianteiro...

...e viu que o avião seguia na direção do poço do elevador! — Ah, isto está ficando cada vez melhor — murmurou ele. Tentou pensar rapidamente numa solução para aquela situação. O avião dirigia-se para o poço.

Os homens do 7º. Esquadrão encontravam-se espalhados por todo o teto.— por todo o hangar, para ser mais exato.

E ele, Gant, Mãe e Brainiac estavam encurralados dentro do avião.

Qual era a solução?

Simples.

Sair do hangar.

Mas não há saída. Estamos presos neste avião, e se sairmos, estaremos mortos.

A menos, é claro, que saíamos do hangar enquanto estivermos a bordo do avião...

Ah, é isso mesmo...

E, com isso, Schofield sentou de volta no assento do co-piloto e reassumiu o controle da aeronave. Apesar dos danos causados pelos projéteis, os controles ainda funcionavam.

Empurrou para a frente o manche, acelerando o gigantesco Boeing, mantendo-o apontado diretamente para o enorme poço do elevador.

— Que diabos ele está fazendo...? — rugiu Pítón.

O imenso AWACS ganhava velocidade e estrondava pelo hangar, seguindo direto para o poço do elevador.

Os soldados que estavam no teto da aeronave se deram conta da aceleração. Olharam para a frente e perceberam com apreensão para onde estavam indo.

— Ele só pode estar de brincadeira... — resmungou Pítón, enquanto via seus homens pularem do teto do avião à medida que este avançava na direção do poço do elevador.

Na cabine de comando do avião, que ganhava velocidade, Schofield estava apertando os cintos de segurança. Enquanto fazia isso, acionou o interfone da aeronave.

— Senhoras e senhores, aqui quem fala é o capitão. Procurem um assento e apertem bem os cintos, porque estamos prestes a decolar.

Atrás, na cabine principal, Gant e os outros dois fuzileiros se viraram para olhar para a frente.

Através da cabine do AWACS, viram a enorme abertura do poço do elevador surgindo diante deles, aproximando-se rapidamente.

— Ele está pensando em fazer aquilo que estou pensando que vai fazer? — comentou Gant com Mãe.

Mãe fez uma pausa antes de falar.

— Receio que sim.

Elas pularam em direção aos assentos mais próximos procurando desesperadamente os cintos de segurança.

O Boeing 707, agora privado de sua cauda, aproximou-se do poço do elevador, ribombando sobre o concreto molhado do hangar subterrâneo.

Em seguida, antes que alguém pudesse sequer pensar em detê-lo, o avião passou pela abertura no pavimento do hangar, inclinando-se ao cruzar a beirada, e desapareceu no poço do elevador de aeronaves.

O AWACS caiu embicado através do poço do elevador como se fosse um avião camicase enlouquecido. Caiu junto à parede de concreto, espatifando-se na imensa plataforma hidráulica, que estava parada no Nível 4, cinquenta metros abaixo, com um estrondo.

O nariz do AWACS desintegrou-se instantaneamente assim que bateu na plataforma do elevador. As peças soltas na cabine voaram em todas as direções, zunindo pelo ar em estilhaços. Duas das turbinas do avião se soltaram e foram arremessadas a uma grande altura assim que tocaram na plataforma.

A aeronave pareceu equilibrar-se sobre o nariz destruído durante uma eternidade. Depois, com um sonoro grunhido metálico, como uma sequóia californiana tombando em câmera lenta, inclinou-se e caiu sobre a asa esquerda, partindo-a imediatamente. Uma fração de segundo depois, o restante do Boeing tombou sobre a plataforma do elevador com um estrondo ressonante.

No interior do AWACS, o mundo tinha se inclinado 45° para a esquerda.

Mãe, Gant e Brainiac lutavam para se soltar dos cintos de segurança, visto que estavam inclinados dramaticamente para o

lado, quando Schofield entrou, vindo da cabine de comando.

— Vamos — disse ele, ajudando Mãe a soltar o cinto. — Não podemos permanecer aqui mais nem um segundo. Logo estarão aqui embaixo.

— Para onde vamos? — perguntou Gant, enquanto saía do assento e tentava ficar de pé.

Schofield franziu os lábios.

— Temos de achar o presidente.

— Jesus! Ele conduziu o avião direto para o maldito poço... unidade Charlie e unidade Eco, comecem a perseguição... o presidente está no Nível 5, dirigindo-se para a área de confinamento dos animais. Unidade Delta, vocês têm permissão para entrar nos laboratórios dos animais...

— ...afirmativo, comandante da unidade Bravo. Sim, eles estão na água, no fundo do poço. Boa idéia...

— O que o Jibóia está fazendo? — perguntou César Russel. O capitão Bruno "Jibóia" McConnell era uma das "Cinco Serpentes" e comandava a unidade Bravo.

— Ele está no topo do elevador social, senhor. Vai descer com a cabine até o fundo do poço para afogar os filhos da mãe. E, caso consigam escapar pelos lados, vai fuzilá-los sumariamente.

Book II e os outros flutuavam nas águas da piscina, cada vez mais profunda, que se formara na base do poço do elevador.

A água continuava a cair com fortíssima intensidade. Não dava o menor sinal de que fosse parar, e, junto com o nível de água, eles também subiam, aproximando-se das portas que ficavam no poço do elevador.

Repentinamente, no meio do rumor causado pela água, ouviram um ruído estrepitoso ecoando pelo poço, seguido de um zumbido mecânico.

Book estava olhando para cima quando a chuva foi interrompida.

Bem, parecia ter cessado. Agora, a água tinha começado a escorrer pelas laterais do poço, encobrendo os cabos dos contrapesos

como uma cortina.

— O que está acontecendo? — gritou Máquina do Amor. Foi então que Book II viu.

Uma sombra descia na escuridão acima deles, uma sombra em forma de caixa, que ficava cada vez maior à medida que se aproximava deles.

— O que é aquilo? — gritou Calvin Reeves.

— Ah, droga... — exclamou Book II. — É o elevador.

O elevador social descia através do poço sob um potente jato de água que o atingia vindo de cima. Seu teto bloqueava o fluxo de água no centro do poço, desviando-o para os lados, de onde passava a escorrer pelas paredes de concreto.

Posicionados no Nível 1, dois franco-atiradores do 7º. Esquadrão mantinham fuzis com mira infravermelha apontados para o fundo do poço.

Estavam prontos para disparar nos homens que porventura emergissem por algum dos lados do elevador, para não morrerem afogados.

— Isso não é nada bom — disse Book II, com frieza. — Nada bom mesmo.

Ou morriam afogados quando o elevador os empurrasse para debaixo d'água, ou morriam escalando as paredes do poço. Não havia como fugir daqueles assassinos...

Book II lançou um olhar para as duas portas que agora estavam setenta centímetros acima dele. Havia um grande número 5 pintado nelas.

Nível 5.

Book II tentou imaginar o que poderia haver atrás daquelas portas, mas logo se deu conta de que pouco importava. Elas eram a única escapatória e ponto final.

Ele se arrastou para fora da água e conseguiu ficar em pé na soleira das portas, equilibrando-se na ponta dos dedos dos pés. Uma cortina de água caía sobre a sua cabeça.

Como todas as outras portas no poço do elevador, aquelas também estavam bem seladas por algum mecanismo pressurizado.

O elevador continuava descendo, movendo-se lenta e inexoravelmente para baixo.

A água alcançou a soleira da porta, superando-a rapidamente. Calvin Reeves surgiu ao lado dele.

— Mas que droga, sargento, como vamos abrir essas portas?

Book II sabia que o mecanismo de abertura das portas deveria estar em algum lugar, provavelmente embutido na parede.

— Não consigo vê-lo! — gritou de volta. — O dispositivo deve estar escondido dentro da parede!

O elevador estava cada vez mais perto. Agora devia estar na altura do Nível 4, prosseguindo em sua lenta descida. A água não parava de cair.

Foi então que Book II conseguiu ver um grosso cabo isolado que saía da parede de concreto, à direita das portas, e corria para debaixo da água.

— É claro! — gritou ele. Um mecanismo de abertura de emergência não pode ficar na altura das portas. Deve ficar acima ou abaixo do pavimento, de forma que as portas possam ser abertas quando o elevador estiver parado entre os níveis.

Sem pensar muito, Book II tomou bastante fôlego e mergulhou na piscina que se formara abaixo dele.

Silêncio.

A estranha quietude do mundo subaquático.

Book II nadou para baixo, percorrendo com os dedos a trajetória do cabo preto fixado na parede de concreto.

Depois de avançar cerca de um metro, tocou em algo sólido, numa caixa de força embutida na parede. Conseguiu abri-la e procurou por um disjuntor, mas encontrou seis. Automaticamente, acionou o quinto.

Imediatamente ouviu um som forte vindo de algum lugar acima dele, o som de uma porta automática sendo aberta.

Nadou rapidamente para cima. Chegou à superfície e botou a cabeça para fora da água...

— ...Book! Rápido! Vamos! — foram as primeiras palavras que ouviu.

Tinha emergido a um metro das portas recém-abertas. Imediatamente viu Calvin Reeves e Élvís de pé sobre o pavimento do Nível 5. Máquina do Amor equilibrava-se na beirada da soleira da porta com um dos braços estendidos, tentando alcançar Book II.

Book II olhou para cima.

O fundo do elevador estava a pouco mais de noventa centímetros da sua cabeça, aproximando-se rapidamente!

Ele segurou a mão de Máquina do Amor, que o agarrou com todas as suas forças e puxou-o por cima da soleira da porta. Calvin e Élvís seguraram a outra mão. Com um esforço desesperado, arrancaram Book II da água, que continuava a inundar o poço do elevador. Uma fração de segundo depois, o elevador chegou no pavimento e parou diante deles.

Os quatro ficaram paralisados.

A água continuava a subir em torno do elevador, mas agora havia achado uma via de saída através da porta aberta e estava invadindo rapidamente o pavimento do Nível 5.

Book II prendeu a respiração, aguardando que as portas do elevador se abrissem. Na pior das hipóteses, esperava que uma falange de homens do 7º. Esquadrão irrompesse disparando suas armas.

Mas nada disso aconteceu.

O elevador estava vazio.

Por enquanto, estavam a salvo.

Book II virou-se para ver o ambiente ao seu redor. O nível da água já tinha começado a subir.

Era uma espécie de ante-sala de grandes dimensões, com algumas escrivaninhas, um armário de vidro Lexan cheio de armas e instrumentos anti-motim. E duas pequenas celas de detenção.

Book II franziu o cenho.

Parecia a sala de recepção de um presídio.

— Mas que droga de lugar é este? — exclamou Book II, em voz alta.

Naquele exato instante, no outro lado do Nível 5, Juliet Janson e o presidente dos Estados Unidos encontravam-se diante de um inferno de outra natureza.

Juliet tinha achado que a sala com as jaulas dos animais era um lugar terrível.

Ali era pior.

Depois de superarem as portas blindadas no lado oeste da sala dos animais, ela descobrira que tinham entrado numa região bem mais assustadora da Área 7.

Estavam num largo salão com o teto rebaixado. Mas muito mal iluminado: somente uma das três luzes estava acesa; logo, várias zonas daquele espaço estavam imersas na mais profunda escuridão.

Mas a insuficiência de luz não conseguia esconder a verdadeira natureza daquele lugar.

Estava repleto de celas.

Velhas celas de concreto deterioradas, com paredes espessas e grades pretas fixadas profundamente nas divisórias de cimento. As instalações estavam nitidamente envelhecidas e, na meia-luz do Nível 5, tinham uma aparência gótica perfeita.

Eram os gemidos e sussurros roucos vindos da escuridão por detrás das grades, no entanto, que revelavam a natureza de seus ocupantes.

Estas não eram celas para animais.

Eram celas para seres humanos.

Os prisioneiros tinham ouvido a pesada porta sendo aberta de supetão e escutaram Juliet, o presidente e os outros dois agentes do Serviço Secreto passando através dela. E logo se precipitaram para as grades de suas celas para ver o que estava por trás de toda aquela agitação.

— Ah, como vai, gatinha? — gritou um sujeito desdentado, enquanto Juliet passava diante de sua cela empunhando sua SIG-Sauer prateada, puxando o presidente logo atrás.

— Ramondo! — gritou ela. — Bloqueie aquela porta atrás de nós! Havia uma fileira de travas de aço na parede próxima à porta

pela qual tinham entrado. Ramondo abaixou as três primeiras, trancando a porta. Os prisioneiros começaram a gritar e protestar.

Como todos os prisioneiros sentenciados à prisão perpétua, eles conseguiam perceber instantaneamente o medo e tinham prazer em aumentar essa sensação. Alguns gritavam obscenidades, outros esfregavam ruidosamente suas canecas de metal contra as grades de ferro. Um outro grupo limitava-se a emitir gritos ininterruptos e enervantes "Ahhhhhhhhh!".

Juliet avançava naquele pesadelo mantendo uma expressão severa e determinada.

À direita, viu uma rampa em aclive suave que acabava num pesado portão gradeado. A rampa parecia conduzir ao nível superior. Ela foi até lá verificar.

— Ei, gatinha! Você não quer cavalgar... em cima do meu mastro?

O presidente olhou assustado para o caótico cenário em torno de si. Os prisioneiros, com uniformes de brim azul, a barba desleixada e o aspecto de insanos, inclinavam-se para fora das celas e tentavam agarrá-lo.

— E aí, velhote. Aposto que você tem um traseiro macio como um marshmallow...

— Vamos! — Juliet puxou o presidente para longe das vozes. Chegaram no portão gradeado.

Como era de se esperar da porta de uma prisão, o cadeado era grosso e reforçado. Não conseguiriam abri-lo à bala.

— Curtis — disse Juliet, decidida. — O cadeado.

O agente especial Curtis se ajoelhou diante do portão e tirou do bolso de seu casaco uma gazua de aspecto futurístico.

Enquanto Curtis se ocupava com a gazua, Janson observava a área próxima deles.

Havia agitação e barulho por todos os lados. Braços podiam ser vistos balançando através das portas para fora das celas, rostos ameaçadores espremiam-se por entre as barras de ferro. E havia os gritos, os gritos ininterruptos.

— Ahhhhhhhh!

Nenhum dos prisioneiros parecia ter reconhecido o presidente. Divertiam-se fazendo barulho para incitar o medo...

Repentinamente, ouviram um barulho surdo vindo de algum lugar atrás deles.

Juliet virou-se, empunhando a arma.

Da escuridão surgiu um fuzileiro num uniforme totalmente encharcado de água, avançando na direção dela com uma escopeta Remington nas mãos.

Atrás do primeiro homem havia outros três fuzileiros, todos também molhados até a alma.

O fuzileiro que seguia à frente baixou a escopeta quando reconheceu Juliet e o presidente.

— Está tudo bem! Tudo sob controle! — disse Book II, apontando para o chão o fuzil que tinha surrupiado no armário de armas da ante-sala. — Somos nós!

Calvin Reeves deu um passo adiante e perguntou, com um ar sério:

— O que aconteceu aqui embaixo?

Juliet disse:

— Já perdemos seis homens, e aqueles canalhas da Força Aérea estão atrás dos nossos traseiros. Devem estar na sala ao lado, mas bloqueamos a porta.

Atrás dela, o agente especial Curtis inseriu a gazua no cadeado do portão e apertou um botão.

Zzzzzzzzz!

A gazua emitia um zumbido agudo similar à broca de um dentista. O cadeado se abriu um segundo depois com um clique alto. O portão estava aberto.

— Qual é o seu plano, agente Janson? — perguntou Calvin.

— Ficar o mais longe possível daqueles bandidos — disse Juliet. — E, para começar, seguindo por esta rampa. Vamos.

Os agentes especiais Curtis e Ramondo foram os primeiros a subir pela rampa, seguidos por Calvin. Juliet empurrou o presidente atrás deles. Máquina do Amor e Elvis foram logo em seguida. Book II manteve-se firme no mesmo lugar, ao lado de Juliet, cobrindo a retaguarda.

Estavam entrando na rampa, quando ouviram uma voz se destacando por cima da algaravia.

— ...Não sou um prisioneiro... sou um cientista!... Conheço esta base... Posso ajudá-los!

Juliet e Book II viraram-se.

Levaram alguns instantes para localizar o dono da voz.

Estava na cela mais próxima da sala dos animais enjaulados.

O dono da voz estava de pé encostado nas barras da cela, mas, no caos circundante, parecia apenas um prisioneiro qualquer.

Com um olhar mais atento, porém, ficava claro que era muito diferente dos outros.

Não estava usando o uniforme de brim azul dos prisioneiros; vestia um jaleco de laboratório sobre uma camisa social e uma gravata frouxa.

De fato, também não tinha o aspecto perturbado ou ameaçador. Muito pelo contrário. Era de estatura baixa, usava óculos e tinha cabelos louros ralos, que pareciam penteados da mesma forma desde que nascera.

Juliet e Book se aproximaram da cela onde ele estava.

— Quem é você? — gritou Juliet, para poder ser ouvida em meio ao alarido.

— Meu nome é Herbert Franklin! — respondeu prontamente. — Sou um médico, um imunologista! Até esta manhã, estava trabalhando numa vacina! Mas depois o pessoal da Força Aérea me trancafiou aqui dentro!

— Você conhece esta base? — gritou Book II. Ao lado dele, Juliet deu uma olhada na porta maciça que separava a área da detenção dos animais enjaulados. Estava sendo forçada pelo outro lado.

— Conheço! — disse Franklin Herbert.

— O que você acha? — perguntou Book II a Juliet.

Ela ponderou por um instante.

Em seguida, voltou-se em direção à rampa e gritou:

— Curtis! Rápido! Volte aqui! Há um outro cadeado que precisa ser aberto!

Menos de dois minutos mais tarde, todos estavam seguindo pela rampa, mas agora com um novo membro incorporado ao grupo.

Enquanto corriam em direção ao nível superior, entretanto, nenhum deles reparou na camada de água que se expandia velozmente pela sala e que já se aproximava das celas, perto da base da rampa.

Quando o AWACS em fuga se precipitara no poço do elevador de aeronaves, a plataforma estava parada no Nível 4, exatamente o mesmo lugar que a comitiva presidencial tinha deixado uma hora mais cedo.

Agora, os restos destruídos do Boeing 707 cobriam a larga plataforma do elevador.

Havia peças retorcidas de metal espalhadas por todos os lugares. Algumas rodas tinham sido arremessadas para longe com o impacto, enquanto o avião estava embicado para baixo, inclinado para um dos lados. A asa esquerda tinha sido esmagada pelo peso da aeronave. Por um milagre, o rotodome de nove metros do AWACS, semelhante a um disco voador, havia sobrevivido intacto à queda.

Shane Schofield saiu das ferragens do avião, seguido por Gant, Mãe e Brainiac. Eles saltavam sobre os escombros enquanto corriam em direção à gigantesca porta de aço que dava acesso ao Nível 4.

Uma porta menor, inserida na base da porta principal, foi aberta com facilidade.

Não tinha sido inteiramente aberta, quando Schofield levantou sua arma e abriu fogo. O tiro acertou uma câmera de vigilância fixada na parede, estourando-a em milhares de faíscas.

— Nada de câmeras — disse ele, enquanto andava. — É por causa delas que estamos sendo seguidos.

Os quatro membros do grupo seguiram por um pequeno corredor em alicive, fechado na outra extremidade por uma porta de aspecto sólido.

Mãe girou a maçaneta, e a pesada porta se abriu.

Schofield foi o primeiro a passar pelo vão da porta, abrindo caminho com sua pistola cromada.

Tinha entrado numa espécie de laboratório. Ao longo da parede havia uma fileira de supercomputadores ligados, com luzes piscando. Terminais com teclados, monitores mostrando dados nas telas e caixas vazias de plástico, usadas para experiências, ocupavam os espaços das bancadas.

Fora isso, o laboratório estava deserto...

Bang!

Um disparo de arma de fogo.

Bang!

Outro.

Era Gant, que tinha acabado de exterminar duas câmeras de vigilância.

Schofield examinava atentamente o largo espaço.

Na sala havia uma coisa muito incomum: uma parede de vidro inclinada para fora, bem defronte à entrada.

Ele se aproximou da vidraça de observação e olhou através dela...

...e se encontrou vendo uma larga sala em cujo centro havia sido colocado um gigantesco cubo de vidro.

O cubo era totalmente autônomo e ocupava o centro daquela espécie de salão sem tocar no teto ou nas paredes.

A parede que ficava na outra extremidade do cubo, que servia para dividir o espaço em duas partes, não chegava até o teto, acabando cerca de dois metros abaixo. A seção do alto era fechada com um vidro espesso. Do outro lado daquele vidro, Schofield conseguiu ver uma série de rampas e passarelas suspensas sobre alguma coisa que não era possível distinguir no pavimento.

Mas foi o cubo diante de si que chamou sua atenção.

Tinha mais ou menos as dimensões de uma grande sala de estar. Era fácil fazer essa comparação, visto que o cubo de vidro continha a mobília normal de uma sala qualquer: um sofá, uma mesa com cadeiras, um televisor acoplado a um Playstation 2 e, muito estranhamente, uma cama de solteiro coberta com uma colcha estampada.

Espalhados sobre o chão entre as paredes envidraçadas havia alguns brinquedos: carrinhos Matchbox, uma espaçonave amarela da

série Star Wars e alguns livros ilustrados.

Schofield balançou a cabeça.

Parecia o quarto de uma criança.

Naquele exato momento, o ocupante do cubo de vidro saiu de um ângulo discretamente cortinado do espaço, o banheiro. Schofield ficou boquiaberto.

— Mas que diabos está acontecendo aqui? — exclamou.

No lado norte do laboratório elevado havia uma série de degraus que desciam até o cubo.

Depois de descer a escada, com Gant seguindo logo atrás, Schofield prosseguiu margeando a parede divisória que isolava aquela seção do leste do pavimento. Mãe e Brainiac tinham ficado em cima, na sala de observação.

Schofield e Gant aproximaram-se lentamente do gigantesco cubo, olhando para o seu interior.

O ocupante do cubo de vidro tinha visto a aproximação deles, e, depois de hesitar um pouco, foi para a beirada envidraçada da estrutura totalmente selada.

Tendo chegado a poucos centímetros da barreira de vidro, bem diante de Schofield, ele inclinou a cabeça para um dos lados e começou a falar.

— Bom dia, moço — disse o garotinho.

- Senhor, reporto um blackout total nas câmeras do laboratório do Nível 4. Começaram a atirar contra as câmeras de vigilância...

— Fico surpreso que tenham demorado tanto — disse César Russel. — Onde está o presidente?

— No Nível 5. Subindo a rampa em direção ao Nível 4.

— E os nossos homens?

— A unidade Alfa está posicionada na área de descompressão do Nível 4 esperando por eles. A unidade Delta ficou retida na área do confinamento de animais do Nível 5.

César sorriu.

Embora a unidade Delta estivesse momentaneamente retida, a tática por trás de seus movimentos era sólida. A unidade Delta

estava empurrando o presidente para o ponto onde Alfa estava esperando...

— Mande a unidade Delta passar através daquela porta e subir pela rampa, cortando qualquer possibilidade de recuo do presidente.

Ele não podia ter mais de seis anos de idade.

Tinha os cabelos castanhos cortados em forma de capacete, com uma franja que chegava quase aos olhos. Usava uma camiseta da Disneylândia e um par de tênis Converse. Seu aspecto era igual ao de qualquer criança entre os milhões de crianças norte-americanas da sua idade.

Só que essa criança vivia dentro de um cubo de vidro, nas entranhas de uma base secreta da Força Aérea dos Estados Unidos.

— Como vai? — disse Schofield, cauteloso.

— Por que você está assustado? — perguntou o garoto.

— Assustado?

— É, você está assustado. Está com medo de quê?

— Como sabe que estou assustado?

— Bem, sabendo — disse o garoto, de forma enigmática. Tinha a voz serena e clara. Schofield chegou a achar que estivesse no meio de um sonho. Não sabia o que responder.

— Como se chama? — perguntou o garoto.

— Shane. Mas quase todo mundo me chama de Espantalho.

— Espantalho? É um nome engraçado.

— E você? — perguntou Schofield. — Qual é o seu nome?

— Kevin.

— E o sobrenome?

— O que é um sobrenome? — perguntou o garoto.

Schofield vacilou.

— De onde você vem, Kevin? — perguntou pouco depois.

O garoto deu de ombros.

— Daqui mesmo, acho. Nunca estive em nenhum outro lugar. Ei, quer saber de uma coisa?

— Claro.

— Você sabia que uma barra de Twinkies fornece às crianças metade das necessidades diárias de glucose, além de ser também

muito gostosa?

— Huum, não, eu não sabia disso — respondeu Schofield.

— E sabia que os répteis são tão sensíveis ao campo magnético terrestre, que alguns cientistas dizem que eles podem prever terremotos? Ah, e que ninguém é mais informado do que a NBC? — O garoto falava com grande seriedade.

— É mesmo? — Schofield trocou um rápido olhar com Gant.

Foi então que um sonoro ruído mecânico veio do outro lado da parede divisória.

Schofield e Gant viraram-se na direção do ponto de onde tinha vindo o barulho: atrás do vidro no alto, da outra parte do Nível 4, as luzes se apagaram repentinamente.

O presidente dos Estados Unidos subia cautelosamente a rampa que ligava os Níveis 5 e 4. Era escoltado por três agentes do Serviço Secreto, quatro fuzileiros navais americanos e um solitário cientista.

No topo da rampa se encontrava uma grande porta articulada em metal corrugado, similar aos portões de garagem, exceto pelo fato de que a abertura desta era no sentido horizontal.

Juliet Janson apertou um interruptor na parede, e a porta horizontal começou a se abrir, deslizando. Do outro lado, reinava uma escuridão ameaçadora.

— A porta da rampa está sendo aberta... — sussurrou no microfone de seu rádio um dos dez combatentes do 7o Esquadrão, que estavam posicionados no interior da área de descompressão do Nível 4.

Os outros nove soldados da unidade Alfa estavam distribuídos em vários esconderijos em torno da parte leste do pavimento, com seus fuzis apontados para a rampa no centro do espaço. Com as máscaras antigás que cobriam a parte inferior do rosto e visores noturnos, eles pareciam um bando de insetos esperando pela presa.

A porta horizontal deslizava lentamente, permitindo que um largo fecho de luz entrasse no espaço escuro. Um outro fecho de luz

era filtrado através do vidro da parte superior do segmento de vidro da parede divisória que cortava o pavimento em dois.

— Permaneçam fora do campo de visão até que todos tenham entrado — ordenou Kurt Logan, de sua posição. — Ninguém deve sair vivo daqui.

Os agentes do Serviço Secreto Curtis e Ramondo foram os primeiros a entrar na semi-escuridão, mantendo suas Uzi prontas para disparar. Foram seguidos por Calvin Reeves e Élvís.

Com Juliet Janson ao lado, o presidente veio logo depois, segurando uma pequena pistola SIG-Sauer P-228 de forma desajeitada numa das mãos. Juliet cedera-lhe a arma para o caso de alguma emergência.

Atrás deles vinham o cientista Herbert Franklin e, cobrindo a retaguarda, Book II e Máquina do Amor, ambos armados com escopetas.

Assim que viu a escuridão por trás da porta, Book II pressentiu que havia algo de errado.

Em torno deles surgiram várias estruturas, mas que eram pouco visíveis na escuridão. À direita, podia-se entrever uma longa câmara hexagonal. À esquerda, numa área ainda mais escura, havia oito pequenas câmaras, mais ou menos das dimensões de uma cabine telefônica. No débil reflexo de luz proveniente do outro lado da parede, Book conseguiu perceber uma série de passarelas suspensas cerca de seis metros acima do chão.

Assim que Book II passou pelo vão de entrada, a porta horizontal se fechou, deslizando suavemente, bem próxima aos pés dele, impedindo uma eventual retirada.

Calvin tinha apertado um interruptor nas proximidades para fechá-la.

Book II engoliu em seco. Teria preferido manter aquela porta aberta.

Ele acendeu uma pesada lanterna que recolhera na ante-sala do Nível 5. Mantendo a lanterna junto ao cano de sua arma, direcionou o raio de luz pelo interior do espaço em torno deles.

Calvin Reeves assumiu o comando tático do grupo.

— Vocês dois — sussurrou para Curtis e Ramondo —, verifiquem atrás daquelas cabines telefônicas, depois cuidem da porta que dá para as escadas. Haynes, Lewick, Riley — disse ele, utilizando os sobrenomes de Élvís, Máquina do Amor e Book II —, controlem a área atrás da câmara de descompressão, depois verifiquem a outra porta — ele apontou para a parede divisória. — Janson. Você e eu ficamos com o Chefe.

Curtis e Ramondo desapareceram atrás das câmaras de teste parecidas com cabines telefônicas e, pouco depois, reapareceram junto à escada.

— Não há ninguém aqui — disse Ramondo.

Book II, Élvís e Máquina do Amor entraram na escuridão por detrás da câmara de descompressão. Era uma faixa estreita e vazia do pavimento. Nada.

— Tudo limpo aqui atrás — disse Book II. — Ele e os outros fuzileiros reapareciam, vindo da parte de trás da grande câmara hexagonal, aproximando-se da porta que ficava na parede divisória.

Reeves estava seguindo a tática padrão de combate numa área fechada: na ausência do inimigo, manter sob controle todas as saídas, para consolidar a própria posição.

Foi o maior erro que Calvin Reeves podia cometer.

Não só porque limitava as opções de retirada, mas porque era exatamente o que Kurt Logan — já posicionado no interior do espaço — esperava que ele fizesse.

Enquanto Élvís e Máquina do Amor se aproximavam da parede divisória, Book II apontou o raio de sua lanterna para a câmara de descompressão. Com dez metros de extensão, era realmente grande.

Ele viu uma pequena portinhola de vidro no final da câmara e dirigiu a luz através dela.

O que viu fez com que seu coração disparasse.

Pressionado contra o vidro, havia um rosto humano, um rosto com traços asiáticos que estava olhando para ele. O asiático sorriu animadamente.

Logo em seguida, apontou o dedo para o alto, em direção ao teto da câmara de descompressão.

Book II seguiu o dedo do homem com sua lanterna, direcionando-a para o teto da câmara de descompressão...

...e encontrou-se diante do rosto em forma de inseto de um soldado do 7º. Esquadrão, que usava um visor noturno e uma máscara antigás!

A lanterna foi o que salvou a vida de Book II.

Mesmo que tenha sido por um instante, o raio de luz cegou o homem escondido no topo da câmara de descompressão. Ele teve que se desviar da luz, porque a luminosidade era ampliada 150 vezes em seu visor noturno.

Foi todo o tempo de que Book necessitou.

Sua escopeta estourou em pedaços o visor do soldado com um estrondo, fazendo com que ele voasse para fora do teto da câmara.

Foi uma pequena vitória, visto que naquele exato momento irrompeu um violento tiroteio em torno do espaço escuro, ao mesmo tempo em que uma legião de silhuetas negras surgia de suas posições no topo da câmara de descompressão e no interior das câmaras de teste. Descarregavam uma tempestade de balas em cima do indefeso grupo de fuzileiros de Book, que estava no meio da sala. Do outro lado, junto à porta que dava para a escada, Curtis e Ramondo foram atingidos por uma série de rajadas da P-90, vindas dos dois flancos. Não tiveram tempo de reagir. Seus corpos foram jogados contra a parede, crivados de balas.

Depois do primeiro disparo, Juliet Janson deu um forte empurrão no presidente, derrubando-o no chão perto da câmara de descompressão no momento exato em que uma rajada passou zunindo sobre suas cabeças.

Calvin Reeves não teve a mesma sorte.

O fogo cruzado o atingiu em cheio na nuca, levantando-o por um instante na ponta dos pés e fazendo com que caísse de joelhos. Tinha uma expressão de aflição no rosto, como se tivesse consciência de ter falhado, apesar de ter feito tudo certo. Em seguida, tombou, batendo violentamente o rosto contra o chão, a

poucos metros do lugar em que Herbert Franklin estava deitado com as mãos sobre a cabeça.

Os projéteis zuniam pelo ar.

Disparando com a mão livre, Juliet ajudou o presidente a se levantar e o empurrou em direção às bancadas do laboratório que ficavam próximas à parede divisória. Naquele exato momento, ela viu que um soldado do 7º. Esquadrão estava sobre o teto da câmara de descompressão, mirando seu fuzil direto para a cabeça do presidente.

Ela virou sua pistola na direção do soldado, mas sabia que não seria suficientemente rápida...

Bang!

Repentinamente, a cabeça do homem do 7º. Esquadrão explodiu, e o seu pescoço partiu-se para trás. O corpo caiu rolando de cima do teto da câmara de descompressão.

Juliet se virou para ver quem tinha disparado o tiro certo, mas, estranhamente, não conseguiu ver ninguém.

Book II, Elvis e Máquina do Amor lançaram-se para trás de uma das bancadas do laboratório no momento em que sua superfície foi varada de balas. Responderam imediatamente ao fogo, tentando acertar os três soldados escondidos atrás das câmaras de teste.

Mas logo ficou claro que o improvisado arsenal dos fuzileiros, formado por escopetas e pistolas, não seria páreo para as submetralhadoras de repetição rápida P-90 do 7º. Esquadrão. As prateleiras acima deles foram estilhaçadas e quebradas sob o peso do fogo inimigo.

Elvis encolheu-se em busca de proteção.

— Droga! — gritou ele. — Estamos realmente fodidos!

— Grande novidade — gritou Book II. Tinha acabado de recarregar sua escopeta e estava se aproximando da borda da bancada para dispará-la, quando aconteceu uma coisa estranha: viu os três soldados da Força Aérea serem atingidos numa rápida seqüência por alguém que devia estar atrás deles.

Book II se encontrava diante de uma área vazia do campo de batalha.

— Mas que diabos...?

De sua posição junto à porta da escada, o comandante da unidade Alfa, Kurt Logan, viu o que estava acontecendo.

— Merda! Tem mais alguém aqui dentro! — gritou ele pelo microfone, bastante irritado. — Alguém que está nos derrubando!

Logan ainda estava falando ao microfone, quando o soldado que estava ao seu lado recebeu uma bala na cabeça e metade de seu crânio explodiu, espalhando sangue e miolos para todos os lados.

— Maldição!— Logan esperava perder no máximo dois de seus homens no combate, mas já tinha perdido seis. — Unidade Alfa, bater em retirada! Todos para a escada, agora! Procedimentos de evacuação de emergência!

Ele abriu a porta que dava para a escada no exato momento em que uma rajada perfurou a parede ao lado, quase arrancando sua cabeça. Os soldados remanescentes passaram correndo por ele, seguindo através da porta em busca de proteção na escada do lado leste. Mas antes dispararam brutalmente contra os corpos de seus companheiros tombados, crivando de balas os cadáveres e o chão em torno deles.

O próprio Logan metralhou impiedosamente o corpo do homem do 7º. Esquadrão que estava caído ao seu lado. Em seguida, desapareceu através da porta atrás dos outros. Subitamente a sala ficou silenciosa.

Book II permanecia agachado atrás da bancada do laboratório, com Élvís e Máquina do Amor ao seu lado, enquanto a fumaça acre das armas de fogo erguia-se no ar ao redor deles. Silêncio.

Um silêncio ensurdecedor.

Juliet Janson e o presidente estavam deitados no chão a poucos metros de distância de Book e dos outros. Estavam protegidos por uma outra bancada que estava coberta de poeira e fragmentos de plástico. Juliet ainda mantinha a arma levantada...

Whump!

Um par de coturnos aterrissou com um forte estrondo no tampo da bancada acima deles.

Todos se levantaram para ver o que estava acontecendo, encontraram-se diante do capitão Shane M. Schofield, trajando uniforme de gala e segurando uma Beretta cromada em cada mão.

Ele sorriu.

— Tudo bem?

Nesse meio tempo, em bares, escritórios e residências ao redor dos Estados Unidos e do mundo, as pessoas permaneciam sentadas diante de seus aparelhos de televisão.

Como não havia muito material disponível, a CNN e as emissoras do mundo inteiro continuavam a exibir repetidamente as poucas imagens de que dispunham. Um especialista atrás do outro era chamado a emitir sua opinião sobre os acontecimentos.

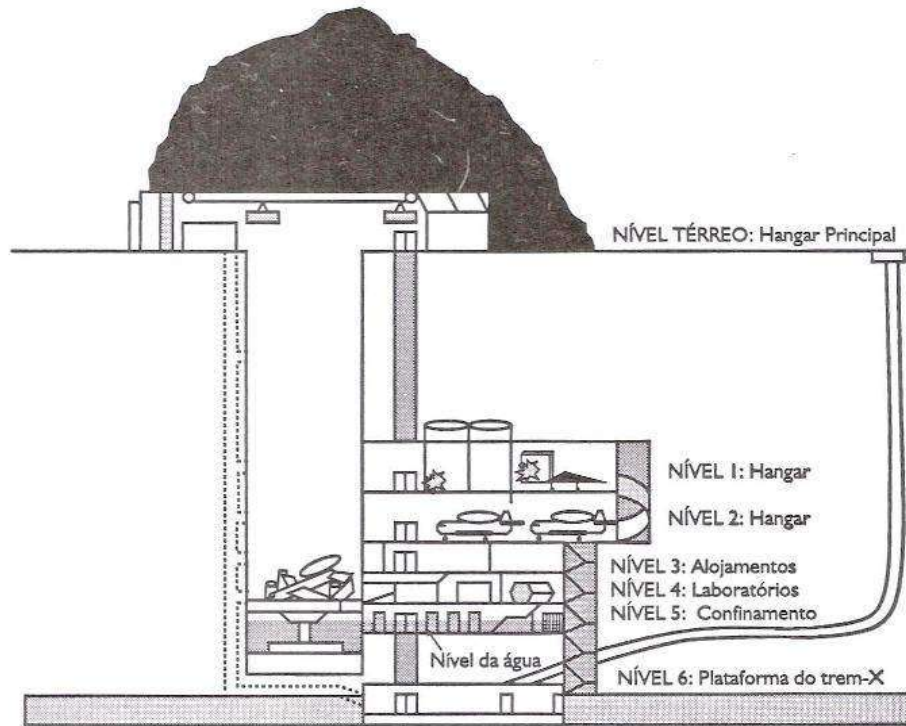
Os funcionários do governo estavam tomando medidas, embora não houvesse muito a fazer, visto que o local exato onde aquele pesadelo se desenrolava era um segredo que poucos conheciam.

Em todo caso, dentro de poucos minutos seriam 8h da manhã pelo fuso horário das Montanhas Rochosas. E as pessoas ao redor do mundo aguardavam ansiosamente pelo boletim atualizado da próxima hora.

TERCEIRO CONFRONTO

3 de julho, 8 horas

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) Nº 7
8h



A Divisão Espacial da Defense Intelligence Agency (DIA), que se ocupa do monitoramento dos programas espaciais das potências estrangeiras, fica localizada no segundo andar do edifício de três pavimentos do Pentágono, exatamente embaixo da famosa "Sala de Contingências".

Embora sua designação pudesse parecer exótica e excitante, nenhuma outra percepção conseguia ser mais distante da realidade, como David Fairfax sabia bem.

Em resumo, ser mandado para a Divisão Espacial era uma espécie de punição, porque nada de interessante acontecia naquele departamento.

Eram quase 10h da manhã, no fuso horário da Costa Leste, e Fairfax — desconhecendo toda a comoção que se passava no mundo exterior — digitava no teclado de seu computador. Tentava decifrar uma série de interceptações telefônicas que a DIA tinha realizado nos últimos meses. Quem quer que tivesse feito aquelas ligações usara um sofisticado codificador para dissimular o conteúdo das conversações. A tarefa de Fairfax era decifrar o código.

Engraçado como as coisas mudam, pensou ele.

David Theodore Fairfax era um especialista em criptologia, um decifrador de códigos secretos. De altura mediana e corpo esguio, com cabelos castanhos despenteados e óculos com armação de metal, não aparentava ser um gênio. Na realidade, com sua camiseta da Mooks, calças jeans e um par de tênis, Fairfax parecia mais um estudante universitário aparvalhado do que um especialista trabalhando para o governo.

No entanto, fora seu brilhante trabalho de conclusão da graduação em computação não-linear teórica que chamara a atenção da Defense Intelligence Agency. A DIA estava trabalhando em coligação direta com a Agência de Segurança Nacional (NSA), principal órgão norte-americano para o recolhimento e decodificação de sinais. Mas isso não impedia a agência de manter sua própria equipe de decifradores de códigos — um grupo que freqüentemente controlava a própria NSA —, da qual David Fairfax fazia parte.

Fairfax tinha sido imediatamente contratado para trabalhar na análise criptográfica. Ele amava o desafio que isso proporcionava, a batalha entre duas mentes: uma que esperava esconder, a outra que esperava descobrir. Fairfax tinha uma máxima pela qual vivia: Nenhum código é indecifrável.

Não levou muito tempo para que reparassem nele.

No começo dos anos 1990, as autoridades norte-americanas foram confundidas por um homem chamado Phil Zimmerman e seu indecifrável software codificado, o PGP. Em 1991, Zimmerman enviara o PGP pela internet, causando grande consternação nas autoridades, especialmente porque o governo norte-americano não conseguia decifrá-lo.

O PGP utilizava um sistema codificado conhecido como public key system, que previa a multiplicação de números primos extremamente elevados para obter a "chave" fundamental do código. Neste caso específico, "números primos extremamente elevados" significavam números com mais de 130 dígitos.

Era indecifrável.

Afirmara-se na época que todos os supercomputadores do mundo reunidos levariam doze vezes a idade do universo para verificar todos os valores contidos numa única mensagem codificada com o PGP.

O governo ficou enfurecido. Difundiu-se a informação de que certos grupos terroristas e alguns governos estrangeiros tinham começado a usar o PGP para codificar suas mensagens. Em 1993, foi iniciado um processo judicial contra Zimmerman com base na seguinte acusação: ao descarregar o PGP na internet, ele exportara uma arma para fora dos Estados Unidos, visto que softwares de codificação eram definidos pelo governo como sendo uma espécie de "munição".

Mais tarde, em 1996, depois de perseguir Zimmerman durante três anos, a procuradoria-geral dos Estados Unidos estranhamente arquivou o processo.

As autoridades declararam não haver mais pressupostos para levar o processo adiante, por isso resolveram arquivá-lo.

O que a procuradoria-geral jamais mencionou foi o telefonema que recebera do diretor da DIA, na mesma manhã em que desistira do processo, avisando-lhe que o PGP havia sido decifrado.

Existe uma conhecida regra que é seguida por qualquer um envolvido com criptografia: uma vez que o código do inimigo foi decifrado, você faz de tudo para impedir que ele saiba que o código foi decifrado.

E o homem que decifrara o PGP era um desconhecido matemático de 25 anos chamado David Fairfax, que trabalhava na DIA.

Fora descoberto que o computador para cálculos teóricos não-lineares não era um sonho impossível de ser realizado. A DIA construiu um protótipo com o expresso propósito de decifrar o PGP.

Os resultados dos primeiros cálculos não só provaram a capacidade ilimitada do modelo, como também demonstraram que ele podia decompor em fatores números extremamente elevados com grande facilidade.

Nenhum código é indecifrável.

Infelizmente, porém, nenhum analista criptográfico vai entrar para a história, pelo simples fato de ter que manter em segredo suas grandes vitórias.

E foi exatamente o que aconteceu com David Fairfax. Ele decifrou o PGP, mas jamais lhe permitiram comentar seu feito. Assim, no grande labirinto das atividades governamentais, Fairfax recebeu um pequeno aumento salarial e uma nova tarefa.

E agora se encontrava na Divisão Espacial, analisando uma série de interceptações de telefonemas não-autorizados feitos numa remota base da Força Aérea no Utah.

E pensar que as "coisas realmente interessantes" estavam ocorrendo numa sala similar à sua, no outro lado do corredor, bem diante dele. Uma força-tarefa de analistas em criptografia da DIA e da NSA estava rastreando os sinais enviados à Terra pelo ônibus espacial chinês que tinha decolado de Xichang alguns dias antes.

Aquilo sim era interessante, pensou Fairfax. Melhor do que estar ali decodificando algumas ligações telefônicas de uma estúpida base aérea no deserto.

As chamadas telefônicas apareciam na tela do computador de Fairfax sob a forma de uma verdadeira cascata de números, que representavam matematicamente o conteúdo de uma série de conversações gravadas ocorrida no Utah nos últimos dois meses.

Fairfax observava a tela com os olhos vidrados. Usava um par de enormes fones de ouvido nos quais escutava um fluxo contínuo de estática entrecortada.

Uma coisa era certa: essas ligações tinham sido muito bem codificadas. Fairfax estava trabalhando nisso havia dois dias. Tentou alguns velhos algoritmos.

Nada.

Tentou alguns novos.

Nada.

Faria isso durante um mês inteiro, caso fosse necessário. Tentou um programa que tinha criado para decifrar os códigos mais recentes da companhia telefônica Vodafone...

— *...Kan bevestig dat in-enting plaasvind...*

Por um breve instante, um estranho idioma gutural materializou-se nos seus ouvidos.

Os olhos de Fairfax cintilaram. Consegui...

Tentou o programa em algumas outras ligações telefônicas gravadas.

E, num instante milagroso, a estática sem sentido repentinamente tornou-se um som claro de vozes conversando numa língua estrangeira, entremeada com esporádicas sentenças em inglês.

— ... Toetse op laaste poging op Word die vier-em-twientigste ver wag. Wat van die onttrekkings eenheid?...

— ...Recon do span is alreeds weggestuur...

— ...Voorbereidings onderweg. Vroegoggend. Beste tydvir onttrekking...

— ...Está tudo acertado. Confirme para o terceiro...

— ...Ontrekking kan'n probleem wees. Gestel nos gebruik die Hoeb land hier naby. Verstaan hy is'n lid van Die Organisasie...

— ...Sal die instruksies oordra...

— ... missão pode seguir adiante...

— ... Die Recon dos is gereed. Verwagte aankoms by blepande bestemming binne nege dae...

Os olhos de Fairfax brilhavam ao observar a tela.

Nenhum código é indecifrável.

Ele esticou o braço e pegou o telefone.

Depois da rápida batalha na área de descompressão, Schofield e os outros bateram em retirada para o lado oposto do Nível 4, para o laboratório de observação que se elevava acima do gigantesco cubo. Seguiram trancando as portas atrás deles e destruindo com tiros as câmeras de vigilância.

De todos os lugares que Schofield tinha visto até então na Área 7, aquele era o mais facilmente defensável.

Excluindo o elevador social, havia somente duas entradas: a curta rampa que conduzia ao elevador de aeronaves e a porta que dava na escada que descia em direção ao cubo.

Juliet Janson desabou exausta no chão do laboratório.

O presidente fez o mesmo.

Os fuzileiros — Book II, Elvis, Máquina do Amor, Mãe e Brainiac — formaram uma roda e contaram rapidamente suas respectivas desventuras no interior do poço do elevador inundado e a bordo do AWACS.

O último membro que havia se unido a esse grupo, o cientista Herbert Franklin, sentara-se num canto e olhava para o infinito.

Schofield e Gant permaneceram de pé.

Agora tinham algumas armas que haviam sido recolhidas dos corpos dos soldados do 7º. Esquadrão na área de descompressão: um fuzil, alguns equipamentos de rádio, três granadas, feitas a partir de um composto de RDX de alto poder de destruição, e dois pequenos explosivos, do tamanho de um polegar, para destruir fechaduras.

No final das contas, os homens de Logan tinham proporcionado um bom saque.

As brutais rajadas direcionadas aos companheiros caídos não tinham a intenção de servir como tiros de misericórdia, mas de destruir qualquer arma que os mortos pudessem oferecer ao inimigo. Conseqüentemente, apenas uma P-90 tinha sido resgatada do campo de batalha. Todas as outras submetralhadoras tinham sido despedaçadas, assim como a maioria das pistolas semi-automáticas portadas pelos soldados mortos.

— Mãe — disse Schofield, jogando-lhe a P-90 —, mantenha os olhos na entrada da rampa. Elvis, vigie a escada que desce para o cubo.

Mãe e Elvis saíram apressados.

Naquela situação, qualquer outra pessoa iria reportar-se diretamente ao presidente, mas Schofield não fez isso. Podia ver que o presidente não estava ferido — ainda tinha todos os dedos das

mãos e dos pés — e sabia que, enquanto seu coração estivesse batendo, tudo estaria em ordem.

Reportou-se a Juliet Janson.

— Dê-me um informe atualizado — foi tudo o que disse.

Janson olhou para Schofield e viu o próprio reflexo nas lentes espelhadas dos óculos do capitão.

Já o tinha visto antes, perto dos helicópteros presidenciais, mas jamais tinham conversado realmente. No entanto, tinha ouvido os outros agentes falarem a seu respeito. Sabia do seu envolvimento "naquilo que acontecera na Antártida".

— Sofremos uma emboscada numa sala do Nível 3, logo depois que a mensagem foi transmitida pelo sistema de transmissão de emergência — disse ela. — Desde aquele momento, eles estiveram o tempo todo na nossa cola. Alcançamos as escadas e descemos para chegar na saída de emergência do Nível 6, mas estavam nos esperando lá. Voltamos, desta vez subindo pelas escadas, e também estavam nos esperando. Tentamos despistá-los entrando o Nível 5 e subimos pela rampa que conduzia ao Nível 4. Eles estavam posicionados lá, esperando-nos novamente.

— Baixas?

— Oito agentes do destacamento pessoal do presidente foram mortos. E toda a equipe avançada que estava no Nível 6. No total, 17 homens.

— Frank Cutler?

— Morto.

— Algo a acrescentar?

Janson indicou com a cabeça o pequeno homem vestindo jaleco de laboratório.

— Foi encontrado no Nível 5, antes de sofrermos a emboscada na sala de descompressão. Disse que é um cientista que trabalha na base.

Schofield deu uma olhada em Herbert Franklin. Sentado num canto, o homem limitou-se a fazer um aceno com a cabeça, sem dizer nada.

— E quanto a você? — perguntou Janson.

Schofield deu de ombros.

— Estávamos no hangar principal quando tudo veio abaixo. Rastejamos pelo duto de ventilação e chegamos num hangar subterrâneo onde destruimos um Humvee e depois nos precipitamos no poço a bordo de um AWACS.

— Como de costume — acrescentou Gant.

— Como soube que estávamos sofrendo uma emboscada do outro lado? — perguntou Janson.

Schofield tornou a dar de ombros.

— Estávamos embaixo, perto do cubo, quando as luzes da sala de descompressão foram apagadas. Achamos que pudesse ser um dos nossos, tentando se esconder das câmeras de vigilância. Subimos então naquelas passarelas suspensas para verificar. Quando vimos os soldados preparando a emboscada perto da rampa, presumimos que estivessem esperando para pegar o prêmio principal — fez um sinal em direção ao presidente. — Resolvemos então preparar nossa própria contra-emboscada.

— No outro lado da sala, Brainiac sentou-se ao lado do presidente.

— Senhor presidente — disse ele, com deferência.

— Olá — respondeu o presidente.

— Como está se sentindo, senhor?

— Bem, ainda estou vivo, o que já é um bom começo, considerando as circunstâncias. Como você se chama, meu filho?

— Gorman, senhor. Cabo Gus Gorman, mas todos me chamam de Brainiac.

— Brainiac?

— Correto, senhor — Brainiac hesitou por um momento. — Senhor, caso não se importe, estava imaginando... se não for muito problemático... posso perguntar-lhe uma coisa?

— Certamente — disse o presidente.

— Obrigado. Bem, sendo o presidente e tudo mais, o senhor deve estar por dentro de algumas coisas, não é mesmo?

— Sim, presumo que sim...

— Certo. Ótimo! Porque eu sempre quis saber uma coisa: Porto Rico é um protetorado dos Estados Unidos porque registra o maior

número anual de aparições de OVNIS no mundo?

— O quê?

— Bem, pense um pouco: qual seria o motivo para sustentarmos um lugar como Porto-de-merda-Rico. Deve haver uma...

— Brainiac! — gritou Schofield, do outro lado da sala. — Deixe o presidente em paz. Senhor presidente, é melhor vir assistir. São quase 8h, e César vai emitir um boletim atualizado a qualquer instante.

O presidente foi se juntar a Schofield, mas antes lançou um olhar interrogativo na direção de Brainiac.

Exatamente às 8h em ponto, o rosto de César Russel surgiu em todos os televisores instalados na Área 7. — Meus concidadãos americanos — começou ele —, depois de uma hora de jogo, o presidente ainda está vivo. Sua causa, entretanto, não parece estar indo muito bem. Sua escolta do Serviço Secreto foi dizimada: oito dos nove membros já tiveram a morte confirmada. Outras duas unidades do Serviço Secreto, equipes avançadas, uma delas posicionada no nível mais baixo desta base e a outra numa das saídas de emergência, também foram eliminadas, elevando as perdas presidenciais para um total de 26 homens. Em ambas as ocasiões, nenhuma baixa foi infligida aos homens do 7º. Esquadrão.

"Dito isto, devo acrescentar que um pequeno bando de fuzileiros navais, cavaleiros vestindo armaduras brilhantes, entrou em cena. São os decorativos membros da tripulação do helicóptero presidencial, todos muito elegantes envergando seus uniformes de gala, que partiram em defe...

Naquele instante, sem dar o menor aviso, os aparelhos de televisão espalhados pela Área 7 foram desligados. As telas repentinamente ficaram escuras.

Ao mesmo tempo, todas as luzes do complexo se apagaram depois de piscar, mergulhando a Área 7 nas trevas.

No interior do laboratório do Nível 4, todos se entreolharam alarmados por causa da súbita falta de energia.

— Droga... — exclamou Gant, olhando para o teto.

Um segundo depois, as luzes se acenderam com um zumbido, e o sistema de televisores foi religado, fazendo com que o rosto de César reaparecesse na tela. Ele ainda estava falando.

— ...o que nos deixa com cinco unidades do 7º. Esquadrão combatendo contra um punhado de fuzileiros. Esse é o panorama da partida às 8h em ponto. Vejo vocês novamente às 9h, para um novo boletim atualizado.

Os televisores foram desligados.

— Mentiroso — disse Juliet Janson.—Aquele filho-da-puta está distorcendo a verdade. A equipe avançada que estava no Nível 6 já estava morta quando chegamos lá. Eles foram mortos antes que essa confusão começasse.

— Também mentiu a respeito das baixas dele — disse Brainiac.
— Filho-da-mãe safado.

— O que devemos fazer agora? — perguntou Gant a Schofield.
— Eles estão em superioridade numérica, mais bem armados e nos encurralaram. Além disso, estão jogando em casa.

Schofield estava pensando a mesma coisa.

O 7º. Esquadrão estava obrigando-os a fugir permanentemente. Tinha todas as vantagens e, mais importante ainda — pensou Schofield, olhando para o próprio uniforme — estava preparado para a luta.

— Certo — disse ele, pensando em voz alta. — Conheça o seu inimigo.

— O quê?

— São princípios básicos. Temos de nivelar as coisas, mas, para fazer isso, é preciso conhecê-los. Regra número um: conheça o seu inimigo. Bem. Quem são eles?

Janson deu de ombros.

— O 7º. Esquadrão. A unidade de infantaria de elite da Força Aérea. A melhor do país. Bem treinada, bem armada...

— E cheia de esteróides — acrescentou Gant.

— Mais do que simples esteróides — disse uma outra voz.

— Todos se viraram.

Era Herbert Franklin, o cientista.

— Quem é você? — perguntou Schofield.

O homenzinho apresentou-se nervosamente.

— Meu nome é Herbie Franklin. Até esta manhã, eu era um imunologista trabalhando no projeto "Fortune". Mas fui encarcerado pouco antes de vocês chegarem.

— O que você quis dizer com "mais do que simples esteróides"? — perguntou Schofield.

— Bem, eu quis dizer que os homens do 7º Esquadrão posicionados nesta base têm sido... reforçados... na falta de uma palavra mais adequada.

— Reforçados?

— Potencializados. Melhorados para um desempenho superior. Você já se perguntou por que os homens do 7º. Esquadrão se saem tão bem nos jogos de guerra das forças armadas? Já se perguntou por que continuam a lutar enquanto todos os outros estão desmaiados devido ao cansaço?

— Já...

Franklin continuou a falar rapidamente.

— Esteróides anabolizantes para fortalecer os músculos e aperfeiçoar a forma física. Injeções de eritropoietina sintética para aumentar a oxigenação do sangue.

— Eritropoietina sintética? — repetiu Gant.

— EPO, para abreviar — disse Herbie. — É um hormônio que estimula a medula óssea a produzir células vermelhas, aumentando o fluxo de oxigênio na corrente sanguínea. Atletas que participam de provas de resistência, ciclistas principalmente, vêm usando isso há anos. Os homens do 7º. Esquadrão são mais fortes do que vocês e podem passar dias em operação sem descanso — disse Herbie. — Droga, capitão, esses homens já eram fortes antes de chegar à base, mas mesmo assim foram reforçados com as tecnologias farmacológicas mais novas. Tudo isso era feito para que lutassem com mais força, em melhor forma e durante mais tempo do que qualquer outro soldado.

— Tudo bem, tudo bem — disse Schofield. — Acho que já deu para entender qual é o quadro.

Na verdade, ele estava pensando em outra coisa. Pensava no garotinho chamado Kevin, que vivia num cubo de vidro a 15 metros dali.

— É isso o que você faz aqui? É para isso que serve exatamente esta base? Para aperfeiçoar soldados de elite?

— Não... — disse Herbie, olhando de forma preocupada para o presidente. — O reforço físico dos soldados do 7º. Esquadrão é apenas uma tarefa auxiliar, visto que protegem a base.

— Então para que diabos serve este lugar?

Herbie olhou novamente para o presidente. Depois, respirou profundamente antes de responder...

Foi uma outra voz, entretanto, que falou no lugar dele.

— Esta base abriga a vacina mais importante que já foi produzida na história dos Estados Unidos — foi o que a voz disse.

Schofield se voltou.

Era o presidente.

Schofield examinou-o atentamente. O presidente ainda usava seu terno, em tom de carvão, e gravata. Com seus cabelos levemente grisalhos, sempre bem penteados, e o familiar rosto enrugado, parecia um empresário rural de meia-idade. Mas um empresário que tinha passado por maus bocados durante a última hora.

— Uma vacina? — repetiu Schofield.

— Exatamente. Uma vacina contra o mais novo vírus genético desenvolvido pelos chineses. Um vírus que ataca as pessoas da raça branca através do DNA que determina a pigmentação da pele. Um agente conhecido como Sinovírus.

— E qual é a fonte dessa vacina...? — inquiriu Schofield.

— É um ser humano geneticamente modificado — disse o presidente.

— É o quê?

— Uma pessoa, capitão Schofield, que desde seu estágio embrionário foi modificada com o propósito de resistir ao Sinovírus. Uma pessoa cujo sangue pode ser coletado para produzir anticorpos para o restante da população americana. Uma espécie de vacina

humana. O primeiro ser humano feito geneticamente sob medida em todo o mundo, capitão. Um garoto chamado Kevin.

Os olhos de Schofield eram duas fendas estreitas. Aquilo explicava muitas coisas: o forte esquema de segurança que cercava a base, a visita presidencial e, sobretudo, um menino vivendo dentro de um cubo de vidro. Mas Schofield também ficou chocado com outra coisa que o presidente acabara de dizer: o presidente sabia o nome do garotinho.

— Você concebeu um garoto para ser usado como vacina? — perguntou Schofield. — Com todo o respeito, senhor, mas isso não cria nenhum problema de consciência?

O presidente fez uma careta.

— Meu trabalho não é feito de pretos e brancos, capitão. Mas de cinza, de um cinza infinito. E, neste mundo cinzento, tenho de tomar decisões, decisões freqüentemente muito difíceis. É verdade, Kevin já existia bem antes de eu me tornar presidente, mas assim que fui eleito fiquei sabendo da sua existência. Tive que decidir se o projeto teria continuidade. Tomei uma decisão. Posso não gostar dela, mas, em face de um agente como o Sinovírus, decisões duras são necessárias.

Houve um breve silêncio. Book foi o primeiro a falar.

— Para que servem os prisioneiros encarcerados lá embaixo?

— E os animais. São usados em quê? — acrescentou Juliet.

Schofield franziu o cenho. Como não tinha visto o Nível 5, nada sabia sobre animais ou prisioneiros.

Foi Herbie Franklin quem respondeu.

— Os animais são usados em ambos os projetos, a vacina e o reforço dos soldados do 7º. Esquadrão. Os ursos Kodiak são usados pela peculiaridade das toxinas que possuem no sangue. Todos eles possuem níveis altíssimos de oxigênio no sangue, utilizados no período de hibernação. A pesquisa para aperfeiçoamento do sangue dos integrantes do 7º. Esquadrão vem dos estudos feitos com esses animais.

— E quanto às celas de vidro, aquelas parecidas com aquários? — perguntou Janson. — O que há dentro delas?

Herbie vacilou.

— Uma espécie rara de lagarto monitor conhecida como dragão-de-comodo. O maior lagarto terrestre, com cerca de quatro metros de comprimento. Eles são tão grandes quanto um crocodilo adulto. Temos seis deles.

— E são utilizados em quê? — perguntou Schofield.

— Os dragões-de-comodo pertencem a uma das espécies de répteis mais antigas sobre a Terra. São encontrados somente em ilhotas espalhadas pela Indonésia. São grandes nadadores, famosos por nadarem entre as ilhas, mas também são muito rápidos em terra, capazes de superar facilmente um homem numa corrida, algo que fazem regularmente. Seu sistema imunológico é extraordinariamente forte. Eles são praticamente imunes às doenças. Seus nódulos linfáticos produzem um soro anti-bacteriano altamente concentrado, que protege esses animais contra doenças há milhares de anos.

O presidente disse:

— Os produtos derivados do sangue dos dragões-de-comodo foram reestruturados para se adequar ao sangue humano e, desta forma, servir como base para o sistema imunológico de Kevin. Depois, coletamos o plasma sangüíneo geneticamente construído de Kevin para produzir um soro que possa ser inserido nos reservatórios de água dos Estados Unidos. Um soro em forma de solução hidratada, que, por sua vez, vai imunizar a maior parte da população contra o Sinovírus.

— Você está dizendo que vão despejar isso nos reservatórios de água? — perguntou Schofield, incrédulo.

— Ah, isso já foi feito antes — disse Herbie. — Em 1989, contra a toxina do botulismo, e, em 1990, por causa da crise no Iraque, contra o antraz. Os norte-americanos não sabem que são resistentes às principais armas biológicas existentes no mundo.

— E quanto aos prisioneiros? — perguntou Book II. — Eles servem para quê?

Herbie olhou para o presidente, que fez um gesto silencioso com a cabeça. O pequeno cientista deu de ombros.

— Os prisioneiros são uma outra história. Não estão aqui para fornecer nenhuma espécie de derivado sanguíneo ou soro. Seu papel é simples. Servem como cobaias para os testes com a vacina.

— Jesus Cristo — exclamou Gant, examinando a lista com os nomes dos prisioneiros.

Depois de explicar-lhes para que serviam os homens encarcerados na base, Herbie pegou uma lista com seus nomes num dos terminais de computador do laboratório.

Havia 42 nomes no total, todos condenados a múltiplas sentenças de prisão perpétua ou candidatos ao corredor da morte que, de alguma forma, tinham escapado da cadeira elétrica.

— O pior do pior — disse Herbie, apontando para a lista. Schofield tinha ouvido falar na maioria deles.

Sylvester McLean: o assassino de crianças de Atlanta. Ronald Noonan: o padeiro de Houston que disparara aleatoriamente da torre do relógio. Lúcifer Leary: o serial killer de Fênix. Seth Grimshaw: o famoso líder da Black League, uma organização terrorista extremamente violenta que acreditava que o governo estivesse preparando os Estados Unidos para serem controlados pelas Nações Unidas.

— Seth Grimshaw? — disse Gant, ao ver o nome. Ela se virou para Juliet Janson. — Não foi esse que...?

— Foi — disse Janson, olhando nervosamente para o presidente, que estava na outra extremidade do laboratório. — No começo de fevereiro. Pouco depois da cerimônia de posse. Ele é totalmente insano.

Gant comentou:

— Cara, espero que aquelas grades sejam resistentes.

— Tudo bem — exclamou Schofield, fazendo com que todos retornassem ao presente. — Vamos voltar ao aqui e agora. Estamos presos aqui dentro.

Eles querem matar o presidente. Caso ele morra, 16 cidades grandes vão virar fumaça por causa do radiotransmissor fixado no seu coração.

— E bem diante dos olhos do povo americano — disse Janson.

— Não necessariamente — intrometeu-se o presidente. — Não creio que César saiba a respeito da Diretiva LBJ.

— O que é a Diretiva LBJ? — perguntou Schofield.

— É um aspecto do Sistema de Transmissão de Emergência, uma salvaguarda conhecida somente pelo presidente e pelo vice-presidente. Trata-se, essencialmente, de uma válvula de segurança introduzida por Lyndon Johnson em 1967, para evitar que o STE fosse usado antes do tempo.

— Mas como funciona exatamente?

— Faz com que haja um atraso de 45 minutos em qualquer transmissão enviada ao ar através do sistema, a menos que seja introduzido um código conhecido pelo presidente. Em outras palavras, salvo casos mais urgentes, a diretiva impede que uma transmissão capaz de gerar pânico seja levada ao ar em tempo real. Reserva-se um período de 45 minutos para que as coisas se acalmem. Agora que são 8h09, a primeira transmissão de César já foi ao ar, mas, se conseguíssemos achar a caixa de transmissão do STE localizada no interior desta base, poderíamos impedir todas as transmissões subseqüentes.

Schofield franziu os lábios, refletindo.

— Isso por ora não é uma de nossas prioridades. Usaremos esse recurso somente se estivermos no lugar certo e na hora certa.

Ele se virou na direção de Herbie.

— Fale-nos sobre este complexo. Herbie deu de ombros.

— O que há para saber? É uma fortaleza. Anteriormente era o quartel-general do Norad. Quando esta base é fechada, é realmente fechada. Na verdade, acho que jamais imaginaram que esta base seria utilizada para manter alguém preso no lado de dentro.

— Mas, mesmo na eventualidade de um fechamento geral, deve haver algum procedimento de abertura — disse Schofield. — Algo que faça com que as portas sejam abertas quando a crise acaba.

Herbie concordou com a cabeça.

— Uma fechadura com relógio de controle.

— O que significa isso?

— No caso de um fechamento total da base, um sistema de segurança controlado por timer é ativado. Depois, sempre na hora cheia, as pessoas que permanecem vivas no interior da base têm uma "janela horária", de cinco minutos de duração, para inserir um dos três códigos possíveis.

— Que tipo de código? — perguntou Gant.

— Lembre-se — disse Herbie — que esta base foi construída tendo em vista um conflito nuclear em grande escala entre os Estados Unidos e a União Soviética. Os códigos refletem isso. Sendo assim, existem três códigos de acesso possíveis. O primeiro serve simplesmente para prolongar o fechamento. A crise nuclear ainda está se desenrolando, de modo que a instalação permanece trancada. O segundo admite que a crise foi resolvida e encerra o trancamento: as portas blindadas são recolhidas e todas as entradas e saídas são reabertas.

— E o terceiro? — perguntou Gant.

— O terceiro é uma medida intermediária. Permite que um eventual mensageiro escape. Em suma, autoriza a abertura de portas individuais, permitindo que mensageiros saiam da instalação.

Schofield estava ouvindo Herbie atentamente.

— O que acontece se durante a janela temporal não for inserido nenhum código? — perguntou Schofield.

— Você é um sujeito rápido, capitão. Veja bem, esse é o ponto, não é mesmo? Se nenhum código for inserido, o timer adverte ao computador central da Área 7 que a base pode ter sido tomada pelo inimigo. Caso isso ocorra, haverá uma nova oportunidade para inserir um dos códigos na próxima janela horária que vai se abrir dentro de uma hora. Se nenhum código for inserido, o computador presumirá que a base foi tomada pelo inimigo e, a partir de então, o mecanismo de autodestruição será ativado.

— Mecanismo de autodestruição — deixou escapar Brainiac. — Que porra é essa?

— Trata-se de uma ogiva termonuclear de cem megatons que está enterrada debaixo do complexo — disse Herbie, com naturalidade.

— Ai, Jesus... — exclamou Brainiac.

Gant comentou:

— Ela certamente foi removida quando a União Soviética se desintegrou.

— Receio que não — disse Herbie. — Quando esta base foi remodelada para abrigar armas químicas, foi decidido que o artefato de autodestruição ainda era necessário. Caso houvesse um acidente e um vírus se espalhasse pela base, todo o complexo, incluindo o vírus, poderia ser destruído com a detonação de uma superogiva nuclear.

— Certo — disse Schofield. — Então, se quisermos sair daqui, temos de esperar pela janela horária, achar um computador conectado à rede central e, finalmente, inserir o código correto no sistema.

— Correto — disse Herbie.

— Quais são os códigos? — perguntou Schofield.

Herbie deu de ombros, impotente.

— Isso eu não sei. Sou capaz de iniciar um procedimento de fechamento caso haja uma emergência, mas não tenho autorização para desfazê-lo. Somente o pessoal da Força Aérea pode fazer isso...

— Ei, desculpem-me — disse Juliet Janson —, mas não estamos nos esquecendo de uma coisa?

— De quê? — perguntou Brainiac.

— Do Futebol — disse Janson. — A pasta do presidente. A mesma que foi capturada para impedi-lo de fugir desta base. Ele tem de colocar a palma da mão no analisador da maleta a cada noventa minutos, caso contrário as bombas de plasma que estão nos aeroportos voarão pelos ares.

— Droga — disse Schofield. — Tinha me esquecido completamente disso.

Ele consultou seu relógio.

Eram 8h12.

Tudo havia começado às 7 horas. O que significava que tinham de achar um modo de levar a mão do presidente até o Futebol até as 8h30.

Schofield olhou ao redor.

— Alguém sabe onde estão mantendo o Futebol?

— Russel disse que o manteriam no hangar principal, lá em cima, no nível térreo — disse o presidente.

— O que você acha? — comentou Gant com Schofield.

— Acho que não temos muitas opções. De algum modo, temos de fazer com que o presidente coloque a mão sobre o Futebol.

— Mas não podemos permanecer fazendo isso eternamente.

— Não — disse Schofield —, não podemos. Em algum momento, vamos ter de achar uma solução mais duradoura. Mas, até que isso aconteça, vamos ter de nos virar com as provisórias.

— Seria suicídio levar o presidente para cima, para campo aberto. Provavelmente vão estar nos esperando — disse Janson.

— Sem dúvida — disse Schofield, levantando-se. — E é por essa razão que não vamos fazer isso. Faremos algo bem mais direto. Vamos trazer o Futebol até ele.

A primeira coisa que devemos fazer — disse Schofield, reunindo todos em torno dele — é cuidar dessas câmeras de vigilância. Enquanto estiverem funcionando, estamos ferrados — ele se virou para Herbie Franklin. — Onde fica a caixa principal de conexões elétricas deste lugar?

— No hangar do Nível 1. Acho que na parede norte.

— Certo — disse Schofield. — Mãe, Brainiac: quero que cuidem das câmeras. Caso seja necessário, interrompam o fornecimento de energia elétrica, pouco me importa, mas apaguem o sistema de câmeras. Entenderam?

— Entendido — disse Mãe.

— E levem o Dr. Franklin com vocês. Caso ele esteja mentindo, atirem nele.

— Entendido — disse Mãe, olhando com suspeição para Herbie, que engoliu em seco.

— E quanto ao restante de nós? — perguntou Juliet.

Schofield se dirigiu para a pequena rampa que levava ao poço do elevador de aeronaves.

— O restante de nós vai lá para cima jogar um pouco de futebol.

— Recarga do sistema completada...

— Qual o status? — perguntou César Russel.

Dez minutos mais cedo, durante a segunda transmissão de César pelo STE, o complexo inteiro experimentara uma repentina queda de energia elétrica, fazendo com que todos os sistemas internos fossem desligados.

— ...confirmado: o suprimento principal de energia foi interrompido — disse um dos operadores de rádio. — Agora estamos trabalhando com o sistema de energia auxiliar. Todos os sistemas estão em funcionamento.

"...perdemos a imagem ampliada da saída de emergência que estávamos recebendo via satélite. Estamos restabelecendo o contato com o satélite neste momento..."

— Outro operador: Copiem isso. O sistema principal de energia foi desligado na caixa de disjuntores do Nível 1 exatamente às 8h, pelo operador 008-72...

— 8-72? — César franziu o cenho, pensativo.

— Senhor, perdemos o contato visual. Todas as câmeras foram desligadas com a interrupção do sistema principal de energia...

César contraiu os olhos.

— A todas as unidades, reportem-se.

— Aqui é a unidade Alfa — era a voz de Kurt Logan. — Trocar frequência de transmissão. Existe a possibilidade de o inimigo ter obtido alguns dos nossos equipamentos de rádio.

— Troca de frequência realizada — disse o operador chefe. — Prossiga, comandante da unidade Alfa...

— Estamos no hangar do Nível 2. Estamos nos dirigindo para o elevador social para poder encontrar os outros homens no hangar principal. Relatamos seis baixas.

— Aqui é o comandante da unidade Bravo, estamos no hangar principal protegendo o Futebol. Todos prontos e alertas. Nenhuma baixa...

— Aqui é o comandante da unidade Charlie. Estamos seguindo em conjunto com a unidade Eco através do refeitório do Nível 3. Temos um morto e dois feridos, por causa daquela merda que aconteceu com o AWACS há pouco. Os alvos selecionados foram

vistos pela última vez no Nível 4. Estamos preparando um ataque conjunto através do duto de serviço entre os níveis 3 e 4. Por favor, informem...

— Charlie, Eco, aqui é a sala de controle. Perdemos todo o contato visual com o laboratório do Nível 4...

— Diga para as unidades Charlie e Eco que podem atacar à vontade — interrompeu César Russel, asperamente. — Devem mantê-los em movimento. Eles não podem continuar fugindo eternamente.

— Aqui é a unidade Delta. Ainda estamos no Nível 5. Nenhuma baixa. Quando derrubamos a porta antifogo deste pavimento, os alvos já tinham subido a rampa para o Nível 4. Há uma grande inundação na área de confinamento do Nível 5. Aguardamos instruções...

— Delta, aqui é César — disse Russel, friamente. — Voltem para o Nível 6. Cubram as saídas do trem-X.

— Positivo, senhor...

Vinte combatentes do 7º. Esquadrão, vestidos de preto, desciam correndo através de um corredor nos alojamentos do Nível 3, fazendo o chão tremer. Eram os homens das unidades Charlie e Eco.

Eles chegaram à porta de um duto de serviço, fechada a pressão, que ficava no pavimento. Um código foi inserido, e a escotilha circular se soltou, liberando o ar com um silvo agudo. Depois que removeram a porta, revelou-se um pequeno espaço entre o piso do Nível 3 e o teto do Nível 4. Uma outra escotilha fechada a pressão encontrava-se disposta bem abaixo da primeira. Era a entrada do Nível 4.

Um dos soldados desceu através do duto de serviço.

— Controle, aqui é o comandante da unidade Charlie — disse Pítton Willis no microfone de seu capacete. — Estamos no duto de serviço que leva ao laboratório do Nível 4. Estamos nos preparando para atacar descendo pelo teto.

— Faça isso! — replicou César.

Pítón fez um sinal com a cabeça para o soldado que tinha entrado no pequeno espaço sob o pavimento.

O soldado soltou o mecanismo de pressão da válvula e deixou que a escotilha caísse no piso três metros abaixo. O homem saltou para baixo, seguido por outros soldados prontos para disparar suas P-90.

Nada.

O laboratório estava vazio.

Sobreveio um estrondoso ruído mecânico. Vinha de trás de uma das paredes.

Os homens do 7º. Esquadrão se viraram todos ao mesmo tempo. Era o ruído da plataforma hidráulica do elevador de aeronaves. Os soldados das unidades Charlie e Eco desceram correndo pela curta rampa que ligava o laboratório de observação ao poço do elevador de aeronaves.

Chegaram a tempo de ver o lado inferior da gigantesca plataforma movendo-se lentamente para o alto, em direção ao hangar principal.

Pítón Willis falou pelo microfone de seu capacete:

— Controle, aqui é o comandante da unidade Charlie. Eles estão indo para o Futebol.

Com um estrondo, o gigantesco elevador de aeronaves se arrastava pesadamente através do largo poço de concreto. Movia-se lentamente, carregando as ferragens retorcidas do AWACS sobre a superfície da plataforma.

O avião jazia inclinado, como um pássaro ferido, com o nariz para baixo e a cauda destruída, além das asas quebradas. O rotodome do avião, ainda intacto, erguia-se acima da imagem desoladora.

Metro a metro, o imenso elevador subia através do poço de concreto manchado de graxa.

Quando a plataforma passou pela porta que dava para o hangar do Nível 1, três pequenas figuras saltaram agilmente para fora dela, caindo sobre o pavimento do hangar subterrâneo.

Eram Mãe, Brainiac. Herbie Franklin vinha logo atrás deles, resfolegando.

Estavam se dirigindo para a caixa principal de disjuntores, que Franklin dissera ficar localizada no hangar do Nível 1. Sua missão era neutralizar o sistema de câmeras da Área 7.

O hangar agora estava deserto. Os homens do 7º. Esquadrão havia muito tinham ido embora. Os dois bombardeiros Stealth e o solitário SR-71 Blackbird pareciam estar esperando por eles no imenso espaço, como um trio de sentinelas adormecidos.

Mãe verificou seu relógio enquanto margeava a parede esquerda do hangar.

8h20

Dez minutos para levar o Futebol ao presidente.

Enquanto se movia ao longo da parede de concreto, com a atenção voltada contra possíveis emboscadas do inimigo, Mãe viu um grande compartimento na parede do lado sul. A porta de aço do compartimento, de três metros de altura, jazia no centro do hangar, retorcida e empenada.

— Ah, exatamente como eu pensava... — disse ela.

— O quê? — perguntou Herbie por detrás dela.

— Nosso pequeno entrevero com o 7º. Esquadrão, aqui mesmo, mais cedo — disse Mãe. — Eles lançaram uma dupla de Stinger, um acertou aquele compartimento, e o outro perfurou alguns tanques de água dentro da parede, perto do elevador social.

— Oh! — exclamou Herbie.

— Vamos ver se restou alguma coisa — disse Mãe.

No plano superior, a gigantesca plataforma do elevador surgia lentamente no hangar principal.

Primeiramente, apareceram as ferragens do AWACS, erguendo-se sobre as bordas do poço quadrado.

Depois, surgiu a parte traseira da fuselagem que tinha explodido...

...acompanhada do rotodome intacto...

...seguido das asas arrebitadas.

Agora tudo o que restava do AWACS era visível. A plataforma tinha alcançado o nível do hangar e parou com um forte ruído metálico. Houve um longo silêncio.

O hangar térreo ainda mostrava as feridas da batalha que ocorrera ali cerca de uma hora e meia antes.

O Marine One estava a oeste da plataforma do elevador, enquanto que o outro helicóptero, o Nighthawk 2, quase que totalmente destruído, encontrava-se coligado ao veículo rebocador no lado norte da plataforma, bem diante do elevador social.

No lado leste do AWACS, no entanto, havia algo inteiramente novo: uma equipe de dez soldados do 7º. Esquadrão, a unidade Bravo. Estavam posicionados entre a plataforma do elevador e o edifício com vidros inclinados, dispostos atrás de uma barricada semicircular construída com caixotes de madeira e containeres de plástico da marca Samsonite.

Sobre uma cadeira, no centro da barricada, havia uma familiar maleta de aço inoxidável com a tampa aberta, revelando uma série de luzes verdes e vermelhas, um teclado e o vidro plano do analisador de impressões da palma da mão.

O Futebol.

O capitão Bruno "Jibóia" McConnell, o homem de olhos acinzentados que comandava a unidade Bravo, fixava com suspeição os restos retorcidos do AWACS.

A aeronave destruída permanecia no centro do enorme hangar — silenciosa e imóvel —, como um imenso monte de lixo. Mais silêncio.

— Como vão as coisas aí embaixo, Mãe? — sussurrou a voz de Schofield no fone de ouvido de Mãe. Um presente de um dos agentes do Serviço Secreto que tinha morrido.

Lá embaixo, no Nível 1, Mãe inspecionava a caixa de disjuntores elétricos danificada que estava diante de si. A metade dos interruptores tinha sido inteiramente destruída com o impacto do míssil. A que sobrara era um saco de gatos: algumas partes estavam intactas, outras eram apenas montes de fios derretidos.

Naquele exato momento, Herbie Franklin estava digitando no teclado de um terminal de computador que sobrevivera ao choque.

— Espere um instante — disse ela pelo microfone de pulso. — E aí, Einstein. Qual é a história?

Franklin franziu o cenho.

— Não faz o menor sentido. Alguém já esteve aqui antes, há cerca de vinte minutos, às 8h em ponto. Cortaram a linha de energia elétrica principal. Neste momento, a base está funcionando com o sistema auxiliar...

— Você pode desligar as câmeras? — perguntou Mãe.

— Não vai ser necessário. Foram desligadas quando a energia principal foi desativada — Herbie virou-se para encarar Mãe. — Já estão desligadas.

Acima, no hangar principal, as portas do elevador social estavam se abrindo.

Do interior do elevador saíram Kurt Logan e outros três sobreviventes da unidade Alfa. Juntaram-se a Jibóia McConnell e aos homens da unidade Bravo.

— O que está acontecendo? — perguntou Logan.

— Nada... — respondeu Jibóia. — Ainda.

— Controle, aqui fala o comandante da unidade Charlie — a voz de Pítton Willis soou nos alto-falantes da sala de controle. — Não há ninguém no Nível 4.

— Entendido, comandante da unidade Charlie. Leve sua equipe para o hangar principal através do elevador social. Unidade Eco, permaneça aí embaixo. César quer que vocês façam um rastreamento dos pavimentos inferiores. Perdemos todo o contato visual das câmeras e precisaremos de alguns olhos embaixo...

No Nível 1, Mãe apertou o botão do microfone de pulso.

— Espantalho, aqui é Mãe. As câmeras foram neutralizadas. Repetindo: as câmeras foram neutralizadas. Estamos nos dirigindo para o poço do elevador de aeronaves.

— Obrigado, Mãe.

— Muito bem, vamos entrar em ação — disse Schofield, virando-se para o presidente, Book II e Juliet. Encontravam-se num ponto mal iluminado.

Schofield consultou seu relógio:

8:25:59

8:26:00

Seria em cima do laço.

— Gata, Élvís, Máquina do Amor, preparem-se! Ao meu sinal! Três...

O hangar principal estava imerso no silêncio.

— Dois...

O Marine One estava a cerca de dez metros da carcaça do AWACS, reluzindo sob os fortíssimos refletores do hangar.

— Um...

Os homens da unidade Bravo observavam o AWACS com cautela. Mantinham as armas apontadas e engatilhadas na direção da aeronave, numa tensão crescente.

— ...Agora.

Schofield apertou o botão de uma pequena unidade portátil que segurava numa das mãos. Era o detonador a controle remoto de uma das granadas RDX, que tinha recolhido de um dos homens do 7º. Esquadrão na sala de descompressão. Com um peso similar, o explosivo à base de RDX é seis vezes mais potente do que o C4. Explode com mais potência e força e num longo raio, o que o torna extremamente devastador.

Assim que apertou o botão, a carga de RDX que deixara escondida na cabine de comando do AWACS explodiu, arrebatando a fuselagem e criando uma chuva mortal de vidro e fragmentos de metal no interior do hangar.

A partir daquele momento, tudo aconteceu rapidamente.

Os homens da unidade Bravo mergulharam no chão para escapar da explosão.

Pedaços de metal incandescente da fuselagem do avião passavam zunindo por cima de suas cabeças e atingiam a barricada que os protegia como se fossem dardos acertando o tabuleiro de cortiça.

Quando conseguiram levantar as cabeças com dificuldade, puderam ver três vultos saindo do duto de ventilação exatamente embaixo do Marine One.

— Ali!— gritou Jibóia, apontando naquela direção.

Um dos vultos se afastou correndo do helicóptero presidencial, enquanto os outros dois se arrastavam através de uma escotilha na barriga da aeronave.

Alguns segundos depois, os motores do Marine One entraram em funcionamento.

A extremidade da cauda, a mesma que tinha sido dobrada pelo piloto para facilitar o reboque da aeronave, abriu-se junto com as pás dos rotores. Assim que estas se abriram, começaram a girar, apesar de o helicóptero ainda estar preso ao veículo reboque.

Os soldados só começaram a disparar quando o primeiro fuzileiro a sair de baixo da aeronave, Máquina do Amor, já tinha soltado a "barata" presa à cauda do helicóptero e pulado para dentro da pequena cabine de direção do reboque.

— Mas que diabos?... — disse Kurt Logan.

Naquele mesmo instante, a "barata" acelerou, vindo da parte de trás do Marine One, e contornou a plataforma do elevador, seguindo diretamente para onde estavam os homens do 7º. Esquadrão, que vigiavam o Futebol.

— Atirem — gritou Logan para Jibóia e seus homens. — Atirem agora.

Foi o que fizeram.

Uma barragem de projéteis de P-90 atingiu o pára-brisa do reboque em alta velocidade e o estilhaçou.

No interior da cabine de direção, Máquina do Amor encolheu-se para debaixo do painel. Projéteis rasgaram o encosto do assento atrás dele, fazendo com que a espuma do estofamento voasse para todos os lados.

A "barata" corria através do hangar, mas oscilava violentamente para a direita e para a esquerda à medida que os projéteis a atingiam.

Pouco depois, o Marine One ergueu-se no ar. O ensurdecedor thump-thump-thump dos rotores reverberou pelas paredes, sobrepujando todos os outros sons.

Dentro da cabine, Gant cuidava dos controles, enquanto Élvís apertava botões por toda parte.

— Élvís! Dispare os mísseis! — gritou ela. — E, aconteça o que acontecer, não acerte o Futebol, certo?

Élvís apertou um botão de lançamento.

Zuuuum!

Um míssil Hellfire foi disparado de um tubo de lançamento montado numa das laterais do helicóptero presidencial. Um tênue rastro de fumaça pairou no ar, enquanto o míssil seguia ganhando velocidade, dirigindo-se para o prédio localizado no lado leste do hangar.

O míssil atingiu em cheio o centro do pequeno edifício, exatamente acima dos soldados da unidade Bravo que vigiavam o Futebol.

A parte central do edifício explodiu numa chuva de vidro e reboco. Uma parte do segundo andar todo envidraçado desabou com o impacto, atingindo o chão bem atrás dos homens da unidade Bravo.

Os soldados do 7º. Esquadrão tiveram que se jogar ao chão para se proteger dos escombros que caíam do edifício. Mas, instantes depois, tiveram que se desdobrar para evitar uma segunda fonte de perigo: a "barata" guiada por Máquina do Amor estava investindo na direção deles.

Era o caos.

A destruição.

Um pandemônio.

Exatamente como Schofield tinha planejado.

Schofield assistia à confusão do interior do AWACS destruído. Seu relógio mostrava:

8:27:50

8:27:51

Faltavam dois minutos.

— Certo, Book, vamos! — Schofield virou-se para Juliet e para o presidente. — Vocês dois fiquem aqui até que tenhamos verificado o status do Futebol. Caso consigamos apanhá-lo, tentaremos trazê-lo para cá. Caso contrário, vocês vão ter de ir lá fora.

Depois disso, Schofield e Book II saltaram pelo buraco na traseira do AWACS e correram em campo aberto.

Naquele exato momento, uma metralhadora Vulcan portátil, com seis canos, surgiu de um compartimento da parte de baixo do nariz do Marine One e começou a cuspir uma devastadora rajada de projéteis.

Os homens do 7º. Esquadrão, que já estavam espalhados por todos os lados, dispersaram-se ainda mais. Alguns mergulharam para trás da barricada em busca de proteção, outros encontraram abrigo entre as ruínas do AWACS e dispararam contra o helicóptero presidencial.

Gant estava sentada nos controles do Marine One e via as balas inimigas deixarem marcas no pára-brisa Lexan. Por sorte, o imenso helicóptero Sikorsky tinha sido construído para resistir ao impacto de mísseis; logo, as balas de fuzil certamente não eram um problema.

Ao lado dela, Élvís gritava "Yuuu-hu!" enquanto descarregava um inferno de balas em cima dos homens do 7º. Esquadrão com a metralhadora do helicóptero.

Schofield e Book II correram na direção leste, virando depois velozmente na direção dos homens do 7º. esquadrão que vigiavam o Futebol.

Moviam-se em sincronia, com as armas levantadas, estranhamente disparando contra a "barata" dirigida por Máquina do Amor em plena fuga e na direção do Marine One.

Os disparos contra seus próprios companheiros podiam ser explicados pelo fato de ambos estarem vestindo uniformes pretos,

coletes pretos à prova de bala e as máscaras antigás do 7º. Esquadrão, equipamentos levemente danificados que tinham sido surrupiados dos soldados da Força Aérea mortos na sala de descompressão, no Nível 4.

Schofield e Book se moviam lateralmente numa espécie de dança, aproximando-se pelo flanco da barricada que protegia o Futebol. Continuavam a atirar pesadamente contra os próprios companheiros, mas erravam os alvos de forma deliberada.

Alcançaram a barricada, e Schofield imediatamente reconheceu o Futebol sobre a cadeira.

E pouco depois viu o gancho.

— Droga!

A pasta do presidente estava presa a um robusto gancho embutido no pavimento por um grosso cabo metálico que o ligava à alça. Parecia um fio de titânio.

Relógio.

8:28:59

8:29:00

— Merda — exclamou Schofield. Ele apertou o botão de seu microfone de pulso. —Janson! O Futebol está preso ao chão. Não podemos removê-lo. Você vai ter de trazer o presidente para fora.

— Tudo bem — foi a resposta imediata.

— Gata! Máquina do Amor! Preciso de mais trinta segundos de caos! Vocês sabem o que fazer.

Foi a voz de Gata que respondeu:

— Como quiser, Espantalho!

Máquina do Amor interveio:

— Entendido, chefe!

Foi então que Schofield viu Janson e o presidente saltarem para fora da parte traseira do AWACS. Também trajavam uniformes completos do 7º. Esquadrão e brandiam pistolas, que disparavam com determinação contra a "barata" pilotada por Máquina do Amor.

Janson disparava sua SIG-Sauer, segurando-a firmemente com as duas mãos. O presidente não tinha a mesma destreza, mas até que não estava se saindo mal para um sujeito que jamais fizera serviço militar.

O Marine One estava cumprindo uma longa circunferência em torno do gigantesco hangar, atraindo tiros de fuzil vindos de todas as direções. O ruído de seus rotores era ensurdecedor no interior do espaço fechado.

O reboque guiado por Máquina do Amor fez uma curva em torno da barricada que protegia o Futebol. Em seguida, desviou-se à esquerda, dirigindo-se para o norte, onde passou através de alguns pedaços do AWACS espalhados pelo pavimento e desapareceu atrás da fuselagem do avião.

No interior da sala de controle, localizada no primeiro andar do edifício do hangar, César Russel assistia ao caos que se desenrolava abaixo dele.

Viu o helicóptero presidencial realizar manobras suicidas dentro do hangar fechado! Viu a "barata" passar em alta velocidade através dos restos do AWACS que jazia na plataforma do elevador.

Também viu seus próprios homens, espalhados e dispersos, atirando desordenadamente contra aquelas duas ameaças enlouquecidas, como se tivessem sido treinados para deter um ataque normal, mas não para enfrentar aquela insânia.

— Mas que droga! — bramiu ele. — Onde está a unidade Charlie?

— Ainda está subindo pelo elevador social, senhor.

Pouco depois, num momento de total lucidez, César percebeu o que alguns de seus homens estavam fazendo no solo e ficou boquiaberto.

— Não...

César ficou totalmente paralisado.

Um homem que parecia pertencer ao 7º. Esquadrão se aproximou do Futebol — circundado por um punhado de soldados da unidade Bravo, todos empunhando suas armas — e estava tirando velozmente a luva de couro preto de uma das mãos. Sob o olhar atento de outros três impostores vestidos com uniformes de combate pretos, o homem estava prestes a pousar a palma da mão sobre o analisador no interior da pasta de aço.

O relógio de Schofield avançava implacavelmente.

8:29:31

8:29:32

Debaixo do ensurdecedor ruído do helicóptero que manobrava radicalmente e da cacofonia das armas de fogo ao seu redor, o presidente se aproximou do Futebol, protegido por Schofield, Book II e Juliet Janson.

Arrancou a luva e lançou uma última olhada ao redor, para, em seguida, inclinar-se diante da pasta e estender a mão tranqüilamente sobre o leitor de digitais, no exato momento em que o cronômetro regressivo marcava 0h24.

Soou um leve bip no interior da pasta, e o timer passou instantaneamente de 0:24 para 90:00, recomeçando a contagem regressiva.

Quando Schofield viu que a missão tinha sido cumprida, ele e Book II posicionaram-se ao lado de Juliet e do presidente.

— Lembrem-se: armas apontadas e atirando — disse ele. Levou seu microfone de pulso até os lábios. — Gata, Elvis e Máquina do Amor: caiam fora daqui. Vamos nos encontrar lá embaixo. Mãe, a plataforma. Agora.

Mãe permanecia posicionada junto à porta do hangar do Nível 1. Estava olhando para o alto do poço do elevador.

Sessenta metros acima, ela podia ver a parte inferior da imensa plataforma de aeronaves e ouvir os sons da batalha que acontecia no alto.

Apertou o botão de chamada e imediatamente ouviu-se um forte ruído mecânico. Depois de um solavanco, a plataforma do elevador começou a descer lentamente.

Acima, no hangar principal, os destroços do AWACS — e a plataforma sobre a qual se encontravam — começaram a desaparecer no chão. O elevador estava descendo.

Schofield, Book II, Juliet e o presidente correram na direção da plataforma, atirando contra o Marine One à medida que avançavam, como se fossem leais soldados do 7º. Esquadrão.

Na sala de controle que se elevava sobre o hangar, César apanhou um microfone.

— Jibóia! Logan! O presidente está aí! Ele passou por vocês e alcançou o analisador, agora está fugindo para a plataforma do elevador. Pelo amor de Deus, ele está usando um dos nossos malditos uniformes!

No hangar principal, Kurt Logan virou-se para o lado e reconheceu os impostores. Viu quatro homens do 7º. Esquadrão saltando em direção à plataforma do elevador que descia lentamente, ignorando totalmente o Marine One e a "barata".

— A plataforma! — gritou Logan. — Unidade Bravo! Para a plataforma! Alfa, cuide do helicóptero e extermine aquela "barata" de merda!

O Marine One estava voltando para o solo depois de realizar sua missão de dispersão.

Gant aterrissou o grande helicóptero no ponto exato onde o encontrara, sobre a abertura do duto de ventilação no piso, a oeste do poço do elevador. Com o auxílio de Élvís, manobrou de forma que a escotilha no piso da aeronave parasse bem acima do duto de ventilação.

Mal o helicóptero tocou o solo, Gant pulou para fora do assento do piloto e seguiu para a escotilha no piso. Enquanto isso, Élvís correu até a porta traseira do lado esquerdo e abriu-a para que Máquina do Amor também pudesse escapar.

Máquina do Amor estava num mundo de sofrimento.

A "barata" não era à prova de balas como o Marine One, e o fogo enlouquecido dos soldados do 7º. Esquadrão não era de brincadeira.

Os pneus do Volvo derraparam depois de serem atingidos por novas rajadas. Cacos de vidro voavam para todos os lados.

Ele tinha de voltar imediatamente para o Marine One.

Seu maior problema, porém, era outro: tinha acabado de fazer uma nova curva com a "barata" para passar mais uma vez entre os soldados do 7º. Esquadrão, no lado leste da plataforma, quando surgiu o chamado de Schofield no fone de ouvido.

Ele agora estava na parte oposta da plataforma, em relação ao Marine One, e seguia a toda velocidade para o norte, visto que a plataforma tinha desaparecido no poço do elevador e não era mais possível passar através dela com seu veículo.

Teria forçosamente que contorná-la.

Outros projéteis atingiram o reboque. Três soldados do 7º. Esquadrão surgiram do nada diante dele, atacando o veículo com pesadas rajadas.

As balas perfuraram o compartimento do motorista.

Dois projéteis atingiram o ombro esquerdo de Máquina do Amor, espalhando sangue para todos os lados.

Máquina do Amor urrou de dor.

Uma outra rajada atingiu os dois pneus dianteiros, que explodiram quase ' que ao mesmo tempo.

Máquina do Amor perdeu o controle do veículo, que agora derrapava perigosamente em direção à borda do poço. Por muito pouco a "barata" não se precipitou sobre a plataforma, que neste momento estava quatro metros abaixo do nível do hangar. O veículo passou pelo ângulo nordeste da ampla abertura no pavimento, ultrapassou os soldados do 7º. Esquadrão que o tinham crivado de balas e, em seguida, chocou-se violentamente contra a carcaça do Nighthawk 2, que se encontrava próximo à parede norte do hangar, acabando exatamente no mesmo lugar em que Book II o deixara uma hora e meia antes.

De sua posição no interior do Marine One, Elvis viu o veículo conduzido por Máquina do Amor colidir contra a cabine do Nighthawk 2 com um forte estrondo. A "barata" em forma de tijolo ficou enterrada pela metade nas ferragens retorcidas do helicóptero.

Em seguida, ele viu três soldados do 7º. Esquadrão avançando em direção à "barata".

— Ai, não... — sussurrou.

Nesse meio tempo, Schofield, Book II, Juliet e o presidente, ainda vestidos com uniformes pretos, estavam combatendo sua própria batalha.

Descendo pelo interior do poço, a plataforma do elevador de aeronaves tinha se transformado numa espécie de grande arena quadrangular, circundada de paredes de concreto.

Além do presidente e sua escolta, no interior do poço havia sete soldados da unidade Bravo, que vasculhavam o labirinto de aço — criado pelos restos do AWACS ainda espalhados pela plataforma — em busca do inimigo.

Schofield conduzia seu grupo ao longo da parede leste da plataforma, abrindo caminho através dos pedaços danificados da aeronave. Mantinha os olhos atentos ao inimigo, mas também procurava alguma coisa no chão, algo que não devia estar muito longe...

Ali.

Estava exatamente no mesmo lugar em que a deixara: a ponta da asa.

Schofield correu até o grande pedaço de aço. Estava apoiado no chão, no ângulo da plataforma formado pelas paredes norte e leste do poço. Com o auxílio de Book II, conseguiu levantar o pedaço da asa, retirando-a do chão. Embaixo, no piso da plataforma, apareceu uma abertura.

Era um quadrado com pelo menos três metros quadrados. Por motivos de praticidade, os engenheiros tinham inserido na plataforma um mini-elevador autônomo.

Naquele momento, a cabine do mini-elevador estava cerca de cinco metros abaixo deles. Parada, esperando por eles.

Schofield esperava que os soldados do 7º Esquadrão não soubessem da existência dele, ou que pelo menos não se lembrassem da sua localização. Esse era o motivo pelo qual usara o pedaço de asa para escondê-lo.

Era a única rota de fuga deles.

Máquina do Amor! Você ainda está vivo? — gritou Elvis, no microfone da cabine de comando do Marine One.

— Ai, merda... — foi a resposta dolorida.

— Pode se mover?

— Deixa pra lá. Cai fora. Estou perdido, cara. Fui atingido e meu tornozelo deve ter se quebrado na colisão..

— Não deixamos ninguém para trás! — disse uma outra voz, com firmeza, na mesma frequência.

Era a voz de Schofield.

— Elvis. Você e Gata dêem o fora. Estou por perto. Vou cuidar do Máquina do Amor. Máquina do Amor, agüente firme. Estou indo resgatá-lo.

Na plataforma do elevador que descia, Schofield levantou a cabeça e olhou para cima.

— O que está fazendo? — perguntou Book II.

— Indo apanhar Máquina do Amor — disse ele, observando a fuselagem destruída do AWACS acima dele. O avião ainda estava bem inclinado para a frente, com o que restara do nariz para baixo e a cauda apontada para cima, quase que ainda na altura do pavimento do hangar. Mas descia cada vez mais a cada segundo que se passava. Mais alguns momentos e a parte no alto também estaria abaixo do nível do hangar.

— Levem o presidente para baixo — disse ele para Book II e Juliet.

— O que você vai fazer? — perguntou Juliet.

— Estou indo resgatar um de meus homens — disse Schofield.
— Encontro vocês lá embaixo.

Depois de dizer aquilo, partiu em direção à floresta de metal em torno deles.

Book II e Juliet se limitaram a observá-lo partindo. E, pouco depois, começaram a executar a própria tarefa de se transferir para o mini-elevador autônomo abaixo deles.

Schofield corria.

Escalou a asa esquerda do AWACS destruído, que estava extremamente inclinada.

Alcançou o ponto mais alto da asa; sem reduzir a velocidade por um único instante, utilizou algumas cavidades na lateral para escalar a fuselagem da aeronave. Dois soldados da unidade Bravo o viram. Estavam sobre a plataforma, bem próximos ao ponto pelo qual Schofield começara a escalada.

As submetralhadoras P-90 começaram a disparar.

Mas Schofield não se deteve. Continuou a correr com passos rápidos, numa espécie de dança, subindo através do teto inclinado da aeronave em direção à cauda, que estava descendo abaixo do pavimento do hangar.

Alcançou a parte mais alta do teto do avião no exato momento em que este passava pela borda. Jogou-se para a frente. Aterrissou de barriga, deslizando sobre o piso com o rosto voltado para baixo, mas conseguira sair da linha de tiro. A uma dezena de metros dele, encontrava-se a "barata" semi-destruída dirigida por Máquina do Amor.

Naquele exato momento, três soldados do 7o Esquadrão aproximavam-se da porta do veículo.

Máquina do Amor suspirou ao ver o cano de uma submetralhadora P-90 surgir a alguns centímetros de seu rosto.

Os traços do rosto do soldado do 7o Esquadrão que segurava a arma estavam parcialmente encobertos pela máscara antigás, mas os olhos ainda eram bem visíveis. E brilhavam de satisfação.

Máquina do Amor fechou os olhos, esperando pelo fim.

Bang!

Nenhum fim.

Confuso, Máquina do Amor abriu os olhos novamente. Diante dele, estava o mesmo soldado, mas agora faltava boa parte de seu rosto. O homem permaneceu de pé por um instante, depois tombou lentamente para o lado.

Os outros dois combatentes se viraram. Foram instantaneamente abatidos por uma violenta rajada vinda de uma pistola semi-automática. Foram varridos para fora do campo de visão

de Máquina do Amor. Para sua total surpresa, apareceu no lugar deles...

Espantalho.

Vestido com o uniforme preto do 7º. Esquadrão.

— Venha — disse Schofield. — Vamos dar o fora daqui.

Book II aterrissou no piso antiderrapante do mini-elevador, próximo a Juliet e ao presidente. Estavam alguns metros abaixo da plataforma principal, que continuava seu movimento descendente.

Estavam na escuridão, encobertos pela sombra da plataforma principal.

Juliet acionou um botão do pequeno console embutido no piso do mini-elevador, que começou imediatamente a descer.

Diferentemente da plataforma, o mini-elevador corria através de um trilho fixado na parede e movia-se mais rapidamente

Estava se afastando.

Schofield começou a arrastar Máquina do Amor para fora da "barata".

Enquanto fazia isso, conseguiu ver várias armas espalhadas no interior da cabine arrebatada devido à explosão do Nighthawk 2: um par de MP-10, algumas granadas, uma pistola semi-automática calibre 44, "Desert Eagle". Mas o que mais o alegrou foram duas armas parecidas com metralhadoras automáticas que ainda estavam dentro de seus coldres de couro preto. Deviam ter caído do armário de armas do Nighthawk 2 quando este fora atingido.

Com seus canos curtos e dois apoios de mão, pareciam metralhadoras de última geração. Mas, projetando-se para fora dos canos, havia ganchos cromados dispostos em torno de um bulbo magnético.

Era o famoso Maghook Armalite MH-12, um mecanismo que disparava um cabo em cuja extremidade eram fixados ganchos e um potente ímã capaz de fixar-se em superfícies metálicas.

— Ah, que ótimo... — disse Schofield, pegando os dois Maghook e passando um deles para Máquina do Amor. Depois,

pegou também uma das MP-10 e, enfim, enfiou a grande pistola "Desert Eagle" na cintura...

Ping!

Naquele exato momento, as portas do elevador social começaram a se abrir...

... revelando dez soldados do 7º. Esquadrão fortemente armados!

Pítton Willis e os homens da unidade Charlie.

Os olhos de Pítton se arregalaram quando viram Schofield, vestindo um uniforme do 7º. Esquadrão, parado a poucos passos.

Os homens de Pítton levantaram instantaneamente suas P-90.

— Ah, merda — exclamou Schofield, enquanto empurrava Máquina do Amor de volta para o interior da cabine da "barata". Um instante depois, ele se jogou para dentro do veículo, aterrissando no assento do motorista, ao mesmo tempo em que uma rajada de balas atingia a lataria do reboque.

Schofield engrenou a marcha à ré, pedindo a Deus que o veículo ainda conseguisse se mover, e enfiou o pé no acelerador.

A "barata" se movimentou. Com os pneus traseiros guinchando e levantando fumaça, o veículo arrancou de ré para fora do ventre esquartejado do Nighthawk 2 entre as faíscas causadas pelo impacto dos projéteis na carroceria.

O Volvo afastou-se do elevador, evitando por pouco uma queda livre no poço do elevador. Seguiu em disparada na direção da barricada, agora abandonada, a leste do elevador.

Schofield ousou levantar a cabeça e se virou sobre o assento, procurando ver para onde estavam seguindo, mas quando viu a barricada já era tarde demais.

Enfiou desesperadamente o pé no pedal do freio. As três toneladas do veículo perderam aderência e a "barata" girou freneticamente sobre o próprio eixo, chocando-se violentamente contra a barricada. Foi como o golpe de um enorme taco de beisebol. O impacto fez as caixas de madeira e os contêineres de plástico voarem pelos ares em todas as direções.

Alguns metros à frente, a "barata" conseguiu parar com um solavanco.

No compartimento do motorista, Schofield foi jogado para a frente. Quando olhou para fora do veículo, ficou surpreso ao descobrir que a menos de um metro da sua porta se encontrava a pasta do presidente, o Futebol.

Cacete!

A maleta ainda estava presa ao pavimento do hangar. O cabo de titânio parecia ser indestrutível. O Futebol tinha sido abandonado naquele local depois que o presidente conseguira zerar o cronometro com sucesso. Os soldados do 7º. Esquadrão tinham imaginado que o único objetivo do presidente, uma vez zerado o cronometro, seria escapar do hangar o mais rápido que pudesse.

Por isso, o Futebol agora jazia ali sozinho, totalmente desprotegido.

Schofield viu a oportunidade e a agarrou.

Saltou para fora do compartimento do motorista e deslizou pelo chão até alcançar o Futebol.

Os homens da unidade Charlie avançavam correndo pelo hangar, disparando suas armas e arrasando a parte traseira da "barata" com uma chuva de chumbo quente.

Protegido pelo imenso veículo-reboque, Schofield tirou do bolso um dos pequenos artefatos explosivos para abertura de fechaduras que tinha recolhido do cadáver de um soldado do 7º. Esquadrão. Fixou-o no gancho de metal que prendia o Futebol ao chão. Depois de apertar o botão de ativação, jogou-se para o lado para se proteger.

Um, mil...

Dois, mil...

Três...

A explosão foi rápida e potente.

Com um rumor seco, o robusto gancho de metal se soltou do pavimento, e o Futebol — ainda com o cabo de titânio preso na alça — repentinamente estava livre. Schofield recolheu-o e mergulhou de volta para dentro da cabine da "barata", no exato momento em que os primeiros homens do 7º. Esquadrão chegavam ao que restava da barricada.

Dois soldados saltaram sobre a parte traseira da "barata" no momento exato em que Schofield pisou fundo no acelerador, fazendo o veículo decolar. O repentino movimento fez com que um dos soldados caísse de cima do veículo-reboque com as pernas para o ar.

O segundo homem tinha os reflexos mais apurados. Livrou-se de sua P-90, o que lhe deu uma mão extra, e, de algum modo, conseguiu pendurar-se na carroceria do veículo, que seguia acelerando.

Com os pneus guinchando e o motor roncando, Schofield seguia em direção ao lado sul do enorme poço do elevador, levando agora um novo passageiro na traseira.

Viu o Marine One, parado à direita ao lado do poço do elevador, com os rotores ainda girando.

Pretendia parar ao lado do Marine One, entrar correndo no interior da aeronave, em seguida pular através da escotilha de emergência e escapar pelo duto de ventilação abaixo dele.

Mas suas esperanças logo se dissiparam. Três soldados vestidos de preto, membros da unidade Alfa, saíram de trás do helicóptero presidencial, com as armas apontadas.

Estavam prontos para pegá-los.

Mas, por algum motivo, não disparavam.

Por que não estavam dispar...?

Com um ruído seco e totalmente inesperado, a janelinha traseira do compartimento de motorista, bem atrás da cabeça de Schofield, foi quebrada. Schofield e Máquina do Amor receberam uma chuva de cacos de vidro e, ao mesmo tempo, duas mãos enluvadas surgiram pelos lados da cabeça de Schofield. Uma das mãos empunhava uma faca!

O soldado do 7º. Esquadrão que estava na traseira da "barata" mantinha a cabeça acima do teto e tentava degolar Schofield com a faca.

Com um reflexo fulminante, Schofield conseguiu agarrar a mão que segurava a faca. Com a mão que restava livre, o assassino agarrava violentamente o rosto de Schofield.

Eles continuavam avançando em direção ao Marine One. A "barata" — com os dois pneus dianteiros perfurados e seu motorista lutando pela sobrevivência — carambolava radicalmente pelo pavimento do hangar.

Continuando a lutar com o soldado às suas costas, Schofield viu o Marine One diante deles, viu a hélice vertical da cauda girando rapidamente, um borrão em movimento rotatório a cerca de dois metros do chão, poucos centímetros mais alto do que o teto do Volvo.

Não perdeu um único instante.

Deu um cavalo-de-pau com a "barata", fazendo com que a traseira do imenso veículo girasse lateralmente, deslizando por debaixo da hélice da cauda do Marine One, de forma que as lâminas do rotor vertical passassem um pouco acima do teto da "barata" como se fosse uma serra.

Pouco depois, Schofield ouviu o soldado gritar de horror antes que, abruptamente, o grito fosse silenciado pelo rotor da cauda. O soldado foi decapitado, o que fez com que uma terrível cascata de sangue escorresse do teto do compartimento do motorista.

Os três soldados da unidade Alfa posicionados ao lado do Marine One se jogaram no chão para não serem atropelados pelo reboque desgovernado, que estava passando por debaixo da cauda do helicóptero presidencial.

O veículo reapareceu do outro lado do helicóptero e parou com o nariz apontado na direção da ampla abertura do poço do elevador.

Schofield viu a grande abertura dentro da qual a enorme plataforma hidráulica descia, e também o rotodome do AWACS, parecido com um disco voador, cerca de três metros abaixo do hangar.

Aumentou a rotação do motor.

Máquina do Amor percebeu o que Schofield tinha em mente.

— Está fora de si, capitão.

— Quem sabe isso funciona? — disse Schofield. — Segure-se. Soltou a embreagem.

A "barata" avançou velozmente, com os pneus traseiros guinchando, em direção ao poço.

A velocidade é tudo, foi o que Schofield pensou enquanto dirigia. Precisava de toda a velocidade possível para que a "barata" pudesse alcançar o...

A "barata" corria em direção à beirada do poço.

Faíscas dos projéteis explodiam por todos os lados.

Schofield segurava o volante com firmeza.

Foi então que a "barata" passou pela beirada do poço do elevador e se lançou no ar...

A "barata" estava voando com o nariz para cima e as rodas girando no vazio. Quando começou a cair, o pára-choque dianteiro começou a se abaixar velozmente, restaurando a aparência de um veículo com três toneladas de aço que não tinha sido projetado para voar.

A plataforma do elevador já tinha descido cerca de dez metros abaixo do nível do hangar, mas a fuselagem do AWACS e, sobretudo, seu rotodome, ainda intacto, reduziram a queda da "barata" a pouco mais de três metros.

O Volvo aterrissou com um ruído ensurdecido bem em cima do rotodome, que estava inclinado para baixo.

O rotodome, feito de titânio e bastante rígido, resistiu bem ao impacto descendente do veículo em queda livre.

Mas as estruturas que o sustentavam, entretanto, não resistiram.

Cederam instantaneamente, partindo-se como gravetos. O mesmo aconteceu com o corpo da aeronave.

A fuselagem cilíndrica do AWACS foi simplesmente amarrotada pelo peso do rebocador, como se fosse uma latinha de alumínio, servindo efetivamente como uma almofada amortecendo a queda da "barata".

O rotodome afundou para dentro da fuselagem, criando uma espécie de rampa que permitiu a Schofield deslizar para o outro lado do avião, atingindo com força a asa esquerda destruída.

Schofield e Máquina do Amor foram jogados de um lado para o outro como se fossem bonecos de pano, enquanto a "barata" quicava com força na asa e seguia para a frente.

De algum modo, Schofield conseguiu apertar o pedal do freio. A "barata" girou em torno do próprio eixo e foi parar contra a parede mais distante do poço do elevador, a poucos metros da abertura quadrada que normalmente abrigava o mini-elevador.

Schofield já estava em ação quando a "barata" finalmente parou. Ajudava Máquina do Amor a sair da cabine do motorista no exato momento em que os homens do 7º. Esquadrão emergiram dos restos de metal retorcido do AWACS e abriram fogo.

Suas balas eram velozes.

Mas não o suficiente para Schofield.

Na realidade, eles somente puderam observar estupefatos Schofield entregar o Futebol para Máquina do Amor, colocar o companheiro ferido sobre os ombros e, sem nem mesmo piscar os olhos, saltar no interior da abertura na plataforma, desaparecendo na escuridão.

Como uma dupla de pára-quedistas em queda livre, Schofield e Máquina do Amor precipitaram-se através do gigantesco poço do elevador. Pareciam duas formigas quando comparados àquelas imensas dimensões.

Como fora instruído, Máquina do Amor seguia agarrado com todas as suas forças aos ombros de Schofield e ao Futebol. Mas isso não impedia que ele gritasse "*Arrrrrgghh!!!*" durante toda a jornada descendente.

As paredes de concreto cinza passavam velozmente diante deles enquanto seguiam em queda livre através do poço.

Durante a queda, Schofield olhou para baixo e viu um quadrado de luz que vazava para fora do hangar do Nível 1, iluminando a pequena plataforma do mini-elevador, parado cerca de sessenta metros abaixo deles.

Tirou do coldre seu novo Maghook e abriu o gancho em cima do cano.

Não podia dispará-lo para o alto, contra a parte inferior da plataforma principal. O cabo do Maghook tinha somente sessenta metros de extensão. Não seria suficientemente longo.

Não, teria de esperar até que caíssem mais uns quinze metros, e então...

Finalmente a viu: uma pequena trave metálica, fixada lateralmente sobre a parede do poço. Continha uma série de cabos espessos coligados, que corriam ao longo do ângulo do poço do elevador. Era a única possibilidade que lhes restava.

O Maghook ancorou-se na trave. Schofield e Máquina do Amor continuavam a cair no vazio, enquanto o cabo do Maghook se desenrolava rapidamente, oscilando no ar.

Abaixo, a pequena plataforma do mini-elevador estava se aproximando numa velocidade assustadora.

Cada vez mais veloz, veloz, veloz...

Repentinamente, sentiram um tranco.

E pararam menos de um metro acima da plataforma iluminada do mini-elevador. Estavam bem defronte à imensa porta do hangar do Nível 1.

Schofield soltou um botão preto na parte dianteira do Maghook. Era uma espécie de gatilho que acionava o mecanismo de bloqueio que travava o cabo. Acionou-o no momento exato. Desceram os últimos metros.

Quando chegaram à plataforma, descobriram que tinham companhia.

Parados diante deles, bem atrás da porta do hangar, encontravam-se Book II, Juliet e o presidente. Junto deles também estavam Mãe, Brainiac e o cientista Herbie Franklin.

— Se alguém fizer uma piada sobre "dar um pulinho" — disse Mãe — corto-lhe a garganta com as minhas mãos.

Temos que nos manter em movimento — disse Schofield, enquanto recolhia o cabo do Maghook. O gigantesco elevador continuava descendo lentamente através do poço com um carregamento de combatentes do 7º. Esquadrão.

O grupo de Schofield atravessou o enorme hangar subterrâneo, dirigindo-se para a rampa de veículos localizada na outra extremidade. Book II e Mãe carregavam Máquina do Amor, que estava ferido, entre eles.

Juliet Janson seguia ao lado de Schofield.

— Bem, o que vamos fazer agora?

— Temos o presidente — disse ele. — E temos o Futebol. Já que isso era a única coisa que obrigava o presidente a ficar aqui dentro, acho que devemos ir embora da festa. O que significa que temos de achar um terminal conectado à rede da base. Vamos usar o computador para abrir uma saída durante a próxima janela horária. Depois, damos o fora daqui.

Tinham chegado à passagem para veículos, uma rampa circular que descia para o nível inferior.

— Dr. Franklin, onde fica o computador coligado à rede mais próximo? Um terminal que sirva para abrir uma saída durante a próxima janela horária.

— Existem dois neste nível. Um no escritório do hangar, o outro na caixa de disjuntores.

— Não neste nível! — exclamou Schofield. — Os bandidos vão chegar aqui a qualquer momento.

— Nesse caso, o mais próximo fica no Nível 4, na área de descompressão lá embaixo.

— Então é para lá que vamos.

A voz de uma mulher surgiu no fone de ouvido de Schofield. — Espantalho, aqui é a Gata. Estamos no final do duto de ventilação. O que quer que façamos?

— Você consegue cortar caminho atravessando o fundo do poço do elevador de aeronaves?

— Acho que sim.

— Encontre-nos no laboratório do Nível 4 — disse Schofield pelo microfone de pulso.

— Entendido. Ah, Espantalho, nós... bem... recolhemos uma nova dupla de passageiros.

— Ótimo — disse Schofield. — Até breve.

O grupo desceu correndo a rampa de veículos que levava para o Nível 2. Num certo ponto, Schofield viu uma abertura que coligava a rampa com as escadas de emergência. Os oito membros do grupo desceram os degraus rapidamente até chegarem a uma pesada porta antifogo que dava para a área de descompressão do Nível 4.

Brainiac testou a maçaneta da porta.

Abria-se facilmente.

Schofield ficou imediatamente preocupado. Esta era uma das portas que tinham bloqueado mais cedo. Agora estava desbloqueada. Fez um gesto com a mão, sinalizando para que prosseguissem com cautela.

Brainiac concordou com a cabeça.

Ele abriu a porta rápida e silenciosamente. Book II e Mãe irromperam facilmente através da porta, com o M-16 e a P-90 apontados para a frente.

Não foi necessário disparar.

Com exceção dos corpos que jaziam sobre o chão, remanescentes do encontro deles com o 7º. Esquadrão naquele mesmo local, a área de descompressão estava vazia.

Juliet e o presidente entraram em seguida, passando por cima dos cadáveres. Schofield entrou logo depois, carregando Máquina do Amor por sobre o ombro.

Parcialmente escondidos atrás das câmaras de teste, havia dois terminais de computadores embutidos na parede à direita deles.

— Dr. Franklin, pegue um dos terminais — disse Schofield. — Brainiac, acompanhe-o. Descubra o que temos de fazer para sair desta ratoeira. Book, cuide de Máquina do Amor. Mãe, procure um kit de primeiros socorros no laboratório ao lado.

Mãe seguiu em direção ao vão da porta que dava para o outro lado do pavimento.

Book II ajudou Máquina do Amor, que fazia caretas de dor, a deitar sobre o chão e, em seguida, fechou a porta atrás deles.

— Mas que diabos...? — disse ele, olhando para a porta. Schofield foi até onde ele estava.

— O que foi?

— Dê uma olhada na fechadura.

Schofield olhou de perto.

O mecanismo de tranca da porta, a grossa peça retangular da fechadura que se projetava da porta e se encaixava no interior de uma abertura similar no portal, tinha sido serrado.

Cuidadosamente.

Com perfeição.

Na realidade, o corte tinha sido tão perfeito que só podia ter sido feito com alguma espécie de laser...

Schofield franziu o cenho.

Alguém tinha passado por ali depois do confronto.

— Espantalho — chamou uma voz atrás dele.

Era Mãe.

Ela estava parada no vão da porta que dava para o lado oeste do Nível 4. Parada ao lado dela estava Libby Gant, que tinha acabado de chegar ao laboratório.

— Espantalho, é melhor você vir dar uma olhada — disse Mãe.

Schofield atravessou a sala e foi até o vão da porta onde Mãe e Gant o aguardavam.

Verificou a fechadura da porta antes de passar através dela. Sua tranca também tinha sido cortada com algum instrumento cortante a laser.

— O que houve? — disse ele.

Deu uma olhada e ficou surpreso com o que viu. Parados junto a Gant encontravam-se o coronel Hot Rod Hagerty e Nicholas Tate III, o metido assessor do presidente para assuntos internos. Eram os novos passageiros recolhidos por Gant.

Gant fez um gesto com o polegar para trás dela, para a sala com teto alto que abrigava o grande cubo de vidro.

Schofield voltou o olhar naquela direção...

...e imediatamente começou a suar frio.

Parecia que uma bomba tinha atingido o cubo.

Suas quatro paredes de vidro estavam estilhaçadas. Seções inteiras das vidraças tinham caído sobre o quarto de dormir. Brinquedos jaziam espalhados para todos os lados. A mobília colorida tinha sido revirada e jogada violentamente para os lados.

Não havia o menor sinal de Kevin.

— Parece também que pegaram várias coisas no laboratório — disse Gant. — Tudo foi revirado.

Pensativo, Schofield mordeu o lábio, enquanto observava o panorama à sua frente.

Não tinha a menor vontade de dizer aquilo. Não queria nem mesmo pensar na hipótese. Mas não havia como evitar...

— Há mais alguém aqui dentro — disse ele.

O idioma era africâner.

A língua oficial do regime branco que governara a África do Sul até 1994, mas que agora, por motivos óbvios, não era mais o idioma oficial do país.

Depois de consultar dois especialistas em idiomas africanos da DIA, Dave Fairfax agora tinha em mãos a tradução de todas as gravações das conversações telefônicas. Estavam prontas para serem apresentadas ao diretor. Ele sorriu ao olhar novamente para as transcrições:

COMM-SAT INTERCEPTAÇÃO PROTEGIDA E/13A-2
DIA-SPACEDIV-PENT-WASHINGTON-DC
OPERADOR: T16-009
FONTE: FAEUA-SA(R)07

29-MAIO 22:10:56 AFRICÂNER-TRADUÇÃO

VOZ 1: Kan bevestig dat in-enting
plaasvind. *Posso confirmar que a vacina funciona.*

13-JUNHO 18:01:38 AFRICÂNER-TRADUÇÃO

VOZ 1: Toetse op laaste poging word
op die vier-en-twientigste
verwag. *Teste com a última linhagem esperado
para o dia três. Como está a unidade de
extração?*
Wat van die onttrekkings
eenheid?

VOZ 2: Recondo span is alreeds
weggestuur. *A equipe Recondo já foi enviada.*

VOZ 1: Voobereidings onderweg. Vroeg oggend. Beste tyd vir onttrekking.	<i>Preparativos em curso. Nas primeiras horas da manhã. Excelente momento para a extração.</i>	
<u>16-JUNHO</u>	<u>19:56:09</u>	<u>INGLÊS-TRADUÇÃO</u>
VOZ 3: Everything is in place. Confirm that it's the third.	<i>Está tudo acertado. Confirme para o terceiro.</i>	
<u>21-JUNHO</u>	<u>07:22:13</u>	<u>AFRICÂNER-TRADUÇÃO</u>
VOZ 1: Onttrekking kan'n probleem wees. Gestel ons gebruik die Hoeb land hier naby. Verstaan hy is'n lid van Die Organisasie.	<i>A extração é o maior problema. O plano prevê a utilização do terreno próximo ao Loeb. Membro da Die Organisasie.</i>	
VOZ 2: Sal die instruksies oordra.	<i>Passaremos essas instruções.</i>	
<u>22-JUNHO</u>	<u>20:51:59</u>	<u>INGLÊS-TRADUÇÃO</u>
VOZ 3: Missão iniciada.	<i>Missão iniciada.</i>	
<u>23-JUNHO</u>	<u>01:18:22</u>	<u>AFRICÂNER-TRADUÇÃO</u>
VOZ 1: Die Recondos is gereed. Verwagte aankoms by beplande bestemming binne nege dae.	<i>Os Recondos estão posicionados. Tempo estimado de chegada no destino- alvo previsto para nove dias.</i>	

— Isso é realmente uma coisa de maluco, meu amigo — disse um dos especialistas em idiomas africanos, enquanto vestia o paletó para ir embora. Era um homem de estatura baixa, um tipo simpático chamado Lew Alvy. — Refiro-me às unidades Recondo. Die Organisasie. Jesus!

— Do que você está falando? — perguntou Fairfax. — O que é isso? Alvy deu uma rápida olhada em torno, antes de responder.

— Os Recondos — disse ele — são o pior do pior quando se trata de unidades de elite. São os comandos de reconhecimento da África do Sul. Antes de Mandela, eram os esquadrões mais utilizados para eliminar os adversários do regime branco. Especializados em expedições além das fronteiras, ataques e assassinatos dissimulados,

geralmente de líderes da resistência negra. Eram treinados para serem invisíveis... uma espécie de unidade fantasma. Jamais deixavam rastros de sua presença, mas sabia-se que tinham passado pelo local por causa das muitas gargantas cortadas. São uns filhos-da-mãe violentos. Certa vez, no Zimbábue, contaram-me que um esquadrão de Recondos manteve uma emboscada durante 19 dias seguidos, sem se mover, escondido debaixo de uma camuflagem térmica, até que as presas chegassem. Estas passaram pelo local da emboscada achando que tudo estava sob controle e... boom... logo estavam mortas. Dizem que nos anos 1980 eles reforçavam seus quadros incorporando mercenários angolanos, mas tudo perdeu importância em 1994, quando Mandela subiu ao poder. A unidade foi imediatamente dissolvida por causa de suas missões anteriores. Subitamente, todos os seus membros se tornaram mercenários, um esquadrão de exímios assassinos de aluguel.

— Merda — exclamou Fairfax. — E a Die Organisasie? Que diabos é isso?

— Parte lenda, parte realidade. Ninguém realmente tem certeza. Mas o MI6 tem um dossiê sobre ela, assim como a CIA. É uma organização clandestina formada por exilados sul-africanos brancos que trama ativamente a derrubada do governo do Congresso Nacional Africano. Tem esperança de fazer com que a África do Sul volte aos velhos e terríveis tempos. São uns filhos-da-mãe ricos, ricos e racistas. Também conhecidos como Terceira Força, ou Spider Network. No ano passado, ela foi listada pela Interpol como sendo uma organização terrorista ativa.

Fairfax franziu o cenho depois que Alvy deixou a sala.

O que uma organização de extrema direita formada por milionários sul-africanos e uma unidade de elite poderiam querer com uma base remota da Força Aérea dos Estados Unidos?

Obviamente, Hot Rod Hagerty e Nicholas Tate foram se reportar diretamente ao presidente. Elvis, por sua vez, correu para ver seu grande amigo, Máquina do Amor, que estava ferido. Schofield permaneceu parado no centro da área de descompressão do Nível 4, com Gant ao seu lado.

- Gant fez um gesto com a cabeça na direção de Hagerty e Tate.
- Nós os encontramos dentro do Marine One, enfiados na cápsula de fuga do presidente. Escondidos.
 - Hagerty vai assumir o comando — disse Schofield.
 - Ele é o oficial mais graduado — disse Gant.
 - Jamais esteve em combate.
 - Merda.

Alguns metros à esquerda deles, próximo às câmaras de teste, Brainiac e Herbie Franklin estavam sentados diante de um terminal de computador. Schofield aproximou-se por trás deles.

- Então, qual é a história?
- Tudo muito esquisito — disse Herbie. — Dê uma olhada nisto. — Ele apontou para a tela. Estava escrito:

S.A.(R)07-A
LOG DE ACESSO DE SEGURANÇA
7-3-010229027

HORA	AÇÃO	OPERADOR	RESPOSTA DO SISTEMA
06:30:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento
06:58:34	Comando de fechamento	105-02	Fechamento efetuado

(cont.)

HORA	AÇÃO	OPERADOR	RESPOSTA DO SISTEMA
07:00:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento (modo de fechamento)
07:30:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento (modo de fechamento)
07:37:56	ATENÇÃO: Defeito no sistema de energia auxiliar	Sistema	Defeito localizado no terminal 1-A2. Nenhuma resposta dos sistemas: TRACS; AUS SYS-1; RAD COM-SPHERE; MBN; EXT FAN
07:38:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 50%	Sistema	Terminal 1-A2 não responde
08:00:15	Interrupção da corrente principal (terminal 3-A1)	008-72	Corrente principal interrompida
08:00:18	Ativação do sistema de energia auxiliar	Sistema Aux	Sistema elétrico auxiliar ativado
08:00:19	ATENÇÃO: Sistema de energia auxiliar em funcionamento. Protocolo de baixa energia em funcionamento	Sistema Aux	Protocolo de baixa energia em funcionamento: sistemas não-essenciais desativados
08:01:02	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 003-V aberta
08:04:34	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 062-O aberta
08:04:55	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 100-O aberta
08:18:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 35%	Sistema Aux	Terminal 1-A2 não responde

(cont.)

HORA	AÇÃO	OPERADOR	RESPOSTA DO SISTEMA
08:21:30	Comando de desligamento do sistema de câmeras de vigilância (terminal 1-A1)	008-93	ERRO NO SISTEMA: Sistema de câmeras de vigilância previamente desligado pelo protocolo de baixa energia

— Veja — disse Herbie. — Bem, no início está tudo bem correto. Um operador efetuou verificações padrão no sistema. Provavelmente foram feitas por um dos operadores que se encontram lá em cima, no hangar principal do nível térreo. Depois, veio a ordem de fechamento, às 6h58, efetuado pelo operador de número 105-02. Trata-se de alguém do alto escalão. Um prefixo 105 indica um coronel ou alguém mais graduado. Provavelmente o coronel Harper. Mas, então, às 7h37, alguma coisa deve ter acontecido no Nível 1. Naquela hora, quase que metade da energia auxiliar da base simplesmente desapareceu no ar.

— Um míssil atingiu a caixa de disjuntores — interrompeu Schofield, referindo-se ao confronto que tinha envolvido veículos Humvee armados ao lança-mísseis. O tom de sua voz fazia com que isso parecesse uma coisa corriqueira.

— Certo — disse Herbie. — Isso explica tudo. Aquela caixa abrigava os geradores auxiliares de energia. As lamentáveis conseqüências desse míssil, no entanto, podem ser vistas aqui. — Ele apontou para outra linha.

**08:00:15 Interrupção da corrente 008-72 Corrente principal
principal (terminal 3-A1)
interrompida**

— Alguém ordenou a interrupção do sistema elétrico principal — disse Herbie. — Esse é o motivo pelo qual não consegui desativar as câmeras mais cedo. Dê uma olhada nisso, pode-se ver meu

acesso às 8h21. Sou o operador 008-93. O problema é que uma outra pessoa, o operador 008-72, já tinha desligado as câmeras anteriormente, ao interromper o sistema elétrico principal. No momento em que alguém corta o sistema elétrico principal, este passa a operar com a eletricidade auxiliar. Mas, devido ao impacto do míssil, esta base está funcionando somente com metade da energia elétrica auxiliar, que, como você pode ver, está se esgotando rapidamente.

"Mas... quando a eletricidade auxiliar é ativada, o sistema desliga automaticamente tudo aquilo que consome energia e não é essencial. Por exemplo, a iluminação supérflua e o sistema de câmeras de vigilância. É o protocolo de baixa energia que faz com que isso aconteça.

— Então, ao se cortar o sistema elétrico principal, as câmeras são desligadas... — deixou escapar Schofield.

— Exato.

— Não queria ser visto...

— Mais do que isso — disse Herbie. — Veja o que ele fez depois. Inseriu três códigos de abertura extraordinária. Um às 8h01, e os outros dois às 8h04. O que significa que três portas de saída foram abertas.

— Durante a janela horária de cinco minutos — disse Schofield.

— Correto.

— E que portas foram abertas?

— Espere um momento, vou descobrir — Herbie acionou algumas teclas. — Pois bem, a primeira foi a 003-V— um diagrama esquemático da Área 7 surgiu na tela. — Aqui está. Trata-se do túnel da saída de emergência.

— E as outras duas?

— 062-O e 100-O... — disse Herbie, olhando atentamente para a tela. — Porta 062-O quer dizer porta 62, oeste. Mas isso quer dizer que faria parte do...

— Do quê? — perguntou Schofield.

— 62-Oeste é a porta que sela o túnel do trem-X a oeste, lá embaixo, no Nível 6.

— E a outra? A 100-Oeste?

— É onde esse túnel termina, junto ao lago Powell, cerca de sessenta quilômetros daqui. A porta 100-Oeste é a saída de segurança que dá acesso ao lago.

Brainiac intrometeu-se:

— Mas por que ele abriria essas três portas?

— Suponho que tenha aberto a porta do túnel da saída de emergência para deixar seus companheiros entrarem. Para ajudar no butim — disse Schofield.

— E as outras duas portas?

— Foram abertas para servir de rota de fuga.

— Mas por que cortaram a energia elétrica? — perguntou Gant.

— Para desativar as câmeras de segurança — disse Schofield.

— Quem quer que tenha feito isso não queria ser visto em ação pelo pessoal da Força Aérea.

— Ser visto fazendo o quê? — perguntou Brainiac. Schofield trocou um olhar com Gant.

— Pegando o garoto — respondeu Schofield. — Vamos, rápido — disse para Herbie. — Você consegue descobrir quem é o operador número 008-72?

— Sem dúvida. — Herbie começou a digitar freneticamente. Poucos segundos depois, ele disse:

— Achei. — Uma lista surgiu na tela. Schofield examinou a lista até achar o registro que procurava:

008-72 BOTHA, Gunther W.

— Quem é Gunther Botha? — perguntou Schofield.

— Um filho-da-puta — disse uma voz por trás deles.

— Era o presidente. Ele se aproximou por trás dos ombros de Schofield.

— Botha... — bufou ele. — Eu devia ter imaginado.

— É um cientista sul-africano trabalhando aqui no desenvolvimento de uma vacina — disse o presidente. — Você faz um pacto com o diabo e ele depois volta para pegar o seu traseiro.

— Por que ele iria querer pegar o garoto?

— O Sinovírus mata tanto a população branca como a negra, capitão — disse o presidente. — Somente as pessoas de origem asiática estão a salvo. Aquele garoto, entretanto, foi geneticamente projetado para ser uma vacina universal, tanto para negros como para brancos. Mas se a vacina for administrada apenas nos brancos, somente eles sobreviveriam a uma epidemia do Sinovírus. E se Botha estiver trabalhando para quem eu acho que está...

— O que devemos fazer então? — perguntou Herbie.

— Vamos atrás do garoto — disse Schofield, sem nem mesmo pensar duas vezes — le...

— Não, não vamos, capitão — disse Hot Rod Hagerty, aparecendo repentinamente por trás de Schofield. — Você vai ficar aqui e proteger o presidente.

— Mas...

— Caso você não tenha entendido, se o presidente morrer, os Estados Unidos morrem junto. Um garotinho pode esperar. Acho que já está na hora de estabelecer suas prioridades, capitão Schofield.

— Mas não podemos simplesmente deixá-lo...

— Não só podemos como é o que vamos fazer — disse Hagerty, com o rosto enrubescido. — Caso tenha se esquecido, capitão, sou seu oficial superior e agora estou lhe ordenando que me obedeça. O governo dos Estados Unidos me paga para pensar por você. Portanto, você vai pensar nisso: seu país é mais importante que a vida de um garotinho.

Schofield não moveu um músculo.

— Eu não gostaria de viver num país que deixa um garotinho morrer...

Os olhos de Hagerty flamejaram.

— Não. De agora em diante, você vai fazer o que eu quiser, do jeito que eu quiser e na hora que eu quiser...

O próprio presidente parecia estar pronto para intervir, quando Schofield deu um passo à frente, ficando bem diante de Hagerty.

— Não, senhor — disse ele, com firmeza. — Não vou seguir suas ordens. Porque, se você tivesse esperado eu acabar de falar, teria me ouvido dizer: "vamos atrás do garoto, levando o presidente conosco". Porque, caso você não tenha entendido, esse tal de Botha

e quem quer que esteja com ele abriram uma saída! Eles nos forneceram um meio de escapar deste lugar.

Hagerty ficou mudo, rangendo os dentes.

— Agora, caso não se importe — disse Schofield —, e se ninguém tiver uma idéia melhor, o que acham de darmos o fora deste lugar?

Acima, na sala de controle que se elevava sobre o hangar principal, os quatro operadores de rádio que trabalhavam para César Russel estavam bem atarefados.

— O fornecimento de eletricidade foi interrompido, nenhuma câmara está funcionando. Todos os sistemas estão funcionando com o sistema auxiliar de eletricidade...

— Senhor, alguém inseriu os códigos de abertura extraordinária durante o fechamento. A porta oeste do trem-X foi aberta...

— Quem abriu? — perguntou César Russel, secamente.

O operador do console franziu o cenho.

— Parece que foi o professor Botha, senhor.

— Botha — disse César, em voz baixa. — Absolutamente previsível.

— Senhor — disse outro operador. — Detectei uma movimentação na rede de túneis do trem-X. Alguém está seguindo para oeste em direção ao cânion...

— Ah, Gunther. A tentação foi mais forte do que você, não é mesmo? Está tentando seqüestrar o garoto — sorriu César, com tristeza. — Quanto tempo o trem leva da base até o lago?

— São sessenta quilômetros de trilhos a 270 quilômetros por hora. Cerca de 14 minutos, senhor.

— Mande a unidade Bravo descer o mais rápido possível para o Nível 6 a fim de perseguir Botha pelo trem-X. Depois, abra a "porta de cima" e mande a Charlie seguir com os AH-77 para interceptá-lo no lago. Vamos pegá-lo pela frente e pela retaguarda. Vamos, vamos. Embora Gunther não tivesse como saber, nós precisamos daquele garoto. Se não o recuperarmos, isto não vai ter servido de nada.

Schofield, Mãe, Gant e Book II desciam as escadas de incêndio a toda velocidade.

Schofield corria empunhando sua Desert Eagle. O Futebol agora balançava ao lado dele, preso num gancho do uniforme de combate.

Atrás deles vinham o presidente e Juliet, Herbie, Hot Rod Hagerty e Nicholas Tate. Cuidando da retaguarda, seguiam Elvis e Brainiac, carregando Máquina do Amor entre eles.

Ao chegarem à porta do Nível 6, viram o corpo ensangüentado e despedaçado de Frank Cutler, que jazia no chão naquele local.

— Tome cuidado — disse Juliet para Schofield, quando ele pôs a mão na maçaneta. — Foi aqui que nos pegaram antes.

Schofield concordou com a cabeça.

Em seguida, abriu a porta de uma vez só, mas silenciosamente. Protegeu-se dando um passo para o lado. Não houve som algum.

Nenhuma arma foi disparada.

Nenhum projétil zuniu pelo vão de escada.

— Deus do Céu!— disse Mãe, ao olhar para além da porta.

O enorme elevador de aeronaves descia lentamente através do poço de concreto.

Sobre a plataforma, além das ferragens do AWACS destruído, encontravam-se dez homens da unidade Bravo. Desciam através do complexo, dirigindo-se para o Nível 6, em busca de Gunther e do garoto.

Pelos lados da plataforma, as paredes de concreto sujas de graxa passavam diante dos soldados da unidade Bravo.

Ultrapassaram o Nível 3 seguindo em movimento descendente... pouco depois, passaram pelo Nível 4... em seguida...

...a plataforma do elevador mergulhou na água!

Na altura do Nível 5, no pavimento onde ficavam as celas de detenção, a plataforma do elevador bateu na grande massa de água que se acumulara no fundo do poço. Toneladas de água imediatamente jorraram para dentro da plataforma, escorrendo entre os pedaços amassados do AWACS.

— Mas que droga! — exclamou o líder da unidade Bravo, Jibóia McConnell, quando a água chegou na altura da cintura.

Ele usou o microfone de seu rádio.

— A unidade Bravo reporta um alagamento do Nível 5. O poço do elevador está começando a ficar inundado. O único acesso ao Nível 6 é por meio das escadas de incêndio a leste ou através do duto de ventilação a oeste. A unidade Bravo está se dirigindo para o duto de ventilação...

— Senhor, a imagem ampliada da região em torno da saída de emergência, enviada pelo satélite, está chegando neste momento.

Uma imagem em papel fotográfico de primeira qualidade estava saindo de uma impressora próxima. Um operador de rádio apanhou-a e verificou o código do horário impresso no topo. — Esta é uma imagem de dez minutos atrás. Há uma outra vindo..., mas que diabos é isso...?

— O que houve? — perguntou César Russel, pegando a fotografia da mão do operador. Russel se lembrava bem da imagem anterior transmitida pelo satélite mais cedo: os vinte e quatro objetos parecidos com bastões que tinham sido captados pela lente infravermelha do satélite, distribuídos num largo círculo em torno da saída de emergência externa da base.

César contraiu os olhos.

A imagem ampliada do satélite mostrava alguns dos "bastões" muito claramente. Definitivamente, não eram bastões.

Eram botas de combate. Projetavam-se para fora de coberturas defletoras de calor.

A segunda imagem do satélite saiu da impressora. César agarrou-a. Era mais recente do que a primeira. De um minuto antes.

Mostrava a mesma imagem da primeira foto: a saída de emergência externa da base e o solo arenoso do deserto ao redor.

Mas naquela imagem não havia mais traço das botas de combates que cercavam a saída de emergência.

Tinham desaparecido.

— Huum, muito esperto, Gunther — disse César, sussurrando.
— Trouxe os Recondos com você.

Havia corpos por toda a parte.

Meu Deus, pensou Schofield. Parecia que uma guerra tinha sido travada naquele local.

Não estava muito longe da verdade.

O Nível 6 parecia uma estação de metrô. Havia uma plataforma central de concreto elevada, cercada por trilhos dos dois lados. Como numa estação de metrô qualquer, nas extremidades de ambas as linhas, neste caso bastante longas, havia dois túneis que desapareciam na escuridão. Diferentemente de uma estação de metrô normal, porém, três dos quatro túneis estavam selados por pesadas portas de segurança de aço cinza.

Na plataforma central jaziam nove corpos, todos vestindo ternos.

Os nove membros da primeira equipe avançada do Serviço Secreto.

Os corpos estavam espalhados pela plataforma, nas mais diversas posições, banhados de sangue e com as roupas rasgadas em farrapos devido às perfurações de uma quantidade incontável de projéteis.

Atrás deles, entretanto, jazia um outro grupo de cadáveres: uma dezena no total, todos vestindo roupas de combate pretas.

Homens do 7º. Esquadrão.

Todos mortos.

Três deles estavam caídos sobre a plataforma, com enormes buracos irregulares abertos em seus peitos. Ferimentos de saída dos projéteis. Parecia que tinham sido atingidos pelas costas enquanto desciam da plataforma para os trilhos à direita. A súbita expansão gasosa das balas especiais que os atingiram fizera suas caixas torácicas explodirem.

Outros homens do 7º. esquadrão jaziam sobre os trilhos, nos mais variados estados de sangramento. Três deles, como Schofield pôde observar, foram atingidos com precisão na testa.

Quatro soldados do 7º. Esquadrão, no entanto, não apresentavam ferimentos de balas.

Jaziam próximos a uma das portas de aço no final da linha férrea situada no lado direito. Era a entrada do túnel que levava à saída de emergência.

Suas gargantas estavam cortadas de orelha a orelha.

Tinham sido os primeiros a morrer, pensou Schofield, quando os assassinos emergiram por trás deles.

Schofield desceu do vão da escada de incêndio e foi até a plataforma central.

A estação subterrânea estava vazia.

Foi naquele momento que ele as viu.

Elas estavam do outro lado da plataforma central, uma para cada linha férrea: locomotivas do trem-X. — Maravilha — exclamou ele.

Os trens-X, também chamados de railcars, são um modelo de trens subterrâneos de alta velocidade utilizados pelos militares norte-americanos para o transporte de homens e de material. Movem-se numa velocidade tão elevada que necessitam de quatro trilhos para garantir a estabilidade: dois fixados no solo, e outros dois fixados no teto, na parte de cima do railcar.

Para Schofield, que os observava naquele momento, davam a impressão de serem potentes e velozes.

Tinham cerca de vinte metros de extensão, mais ou menos o mesmo tamanho de um vagão de metrô, mas, com curvas arrojadas e os narizes em forma de ponta, foram claramente projetados para um único propósito: cortar o ar em altíssima velocidade.

Seu design tinha sido inspirado no trem de alta velocidade mais conhecido do mundo, o trem-bala japonês: um nariz exageradamente inclinado, sulcos laterais aerodinâmicos e até mesmo um par de aletas parecidas com asas, que se projetavam da traseira. Tudo fazia parte da incessante busca da velocidade.

O trem-X à esquerda de Schofield na realidade era formado por dois vagões engatados por uma espécie de sanfona. Os dois vagões tinham sido posicionados traseira contra traseira, o que deixava os narizes afiados das duas locomotivas apontadas em direções opostas. Ambas as locomotivas eram revestidas com uma tinta

branca brilhante, de modo que pareciam dois ônibus espaciais engatados pela traseira.

Somente quando viu os braços, Schofield entendeu o motivo de o sistema ferroviário ser chamado de trem-X.

Da parte dianteira e traseira de cada locomotiva, curvados para trás como as asas de um pássaro, projetavam-se quatro estruturas alongadas parecidas com braços. Olhando de frente um trem-X, esses quatro braços eram dispostos exatamente na forma de um "X". As estruturas inferiores eram coligadas aos trilhos que corriam pelo solo, e as superiores, aos trilhos fixados no teto. Os braços, tanto os de cima como os de baixo, eram afinados como uma asa de avião, para reduzir ao máximo o atrito com o ar.

Um outro trem-X, de dimensões reduzidas, estava parado próximo à porta de segurança. Tratava-se de uma locomotiva em miniatura, com mais ou menos um terço do tamanho dos outros railcars parados junto à plataforma. Tinha capacidade para somente dois passageiros na sua cabine.

— Um veículo de manutenção — disse Herbie. — É utilizado para a conservação e limpeza do túnel. Mais veloz do que os trens maiores, mas com capacidade para apenas dois passageiros.

— Ora, por que não colocam alguns desses no metrô de Nova York? — perguntou-se Élvís, observando o trem-X com duas locomotivas.

— Ei, olhem ali — disse Brainiac, apontando para o túnel à esquerda deles, numa das extremidades da linha férrea. Era o único túnel que não estava selado por uma porta de segurança.

— Aquela é a porta 62-Oeste — disse Herbie Franklin. Foi por onde eles saíram.

— Então é para lá que nós vamos — disse Schofield.

Saíram em campo aberto e correram em direção ao trem-X com duas locomotivas, que estava na outra metade da plataforma da estação.

Schofield chegou à porta lateral da locomotiva e apertou um botão. Com um ruído sussurrante, todas as portas do trem, duas em cada vagão, abriram-se, deslizando.

Schofield permaneceu junto à porta da primeira locomotiva, com o Futebol pendurado na cintura. Fazia sinal para que os outros entrassem rapidamente no trem. Book II foi o primeiro a entrar, seguindo direto para a cabine do maquinista, com Herbie bem atrás dele.

O presidente e Juliet entraram na locomotiva de trás, com Gant e Mãe, que vinham ao lado. Foram seguidos por Hot Rod Hagerty e Nick Tate, este último sempre preocupado em se manter nas proximidades do presidente.

Por último, vinham Elvis e Brainiac, que avançavam pela plataforma carregando Máquina do Amor apoiado entre eles.

— Elvis! Brainiac! Vamos! Mais rápido!

Schofield voltou-se para observar o interior do trem. Parecia um vagão comum de metrô misturado com um de carga. Na parte de trás, havia algumas fileiras de bancos de passageiros, enquanto que na parte da frente havia um largo espaço vazio, possivelmente utilizado para armazenar material de carga e coisas parecidas.

Schofield viu o presidente, no fundo do trem, perto da porta traseira, jogar-se exausto sobre um dos bancos.

Foi naquele momento que aconteceu.

Sem nenhum aviso.

Num determinado momento, Schofield estava olhando para o interior do trem, observando o presidente se esparramar num dos bancos; no outro, todas as janelas do vagão que davam para a plataforma simplesmente explodiram numa chuva de vidro, sob o peso de violentas rajadas disparadas por armas automáticas.

Novos disparos se seguiram: sonoros, incessantes, explosivos. Os projéteis atingiam com força o flanco direito da locomotiva do trem-X, e com tal violência que as duas locomotivas vibravam sem parar.

Schofield abaixou-se, cobrindo o rosto com as mãos para protegê-lo da chuva de cacos de vidro. Depois, virou-se para olhar através da janela quebrada ao seu lado...

...e viu uma falange de combatentes do 7º. Esquadrão surgir correndo da saída do duto de ventilação situado na longínqua

extremidade oeste da plataforma, armados com as P-90 e duas devastadoras mini-metralhadoras de seis canos.

As mini-metralhadoras zumbiam ao cuspir uma inacreditável quantidade de projéteis, arrasando a lateral do trem.

— Vocês estão bem? — gritou Schofield para Juliet e para o presidente. Sua voz era quase inaudível no estrondo causado pelo tiroteio.

Com o rosto encostado no piso do trem, o presidente fez um débil gesto de positivo com a cabeça.

— Fique abaixado! — gritou Schofield.

Repentinamente, a locomotiva ganhou vida com um ruído surdo.

Schofield virou-se e viu Book II e Herbie na cabine do maquinista. Apertavam interruptores e empurravam alavancas. O sistema de energia do trem começava a produzir um ruído alto à medida que o motor se aquecia.

Vamos, pensou Schofield, ansiosamente. Vamos...

Subitamente uma voz estourou no fone de ouvido dele:

— Ei! Esperem por nós!

Era Elvis.

Elvis, Brainiac e Máquina do Amor ainda estavam na plataforma.

Tinham ficado para trás por causa do peso de Máquina do Amor, não conseguindo chegar aos dois vagões do trem-X antes que os soldados do 7º. Esquadrão irrompessem na outra extremidade da estação subterrânea.

Agora estavam em apuros, abaixados atrás de um pilar de concreto, a poucos metros da porta da locomotiva posterior. Toda a área em torno deles estava sendo devastada pelo terrível poder de fogo das mini-metralhadoras do 7º. Esquadrão.

— Certo! Vamos sair! Preparem-se! — gritou Elvis. — Muito bem, agora!

Saíram correndo da posição atrás do pilar. Os projéteis passaram a acertar os pilares ao redor deles. Pedacos de concreto

voavam em todas as direções. Dois projéteis acertaram em cheio o ombro esquerdo de Élvís.

— Vamos, Máquina do Amor, não desista! — gritou ele. Alcançaram a porta do segundo vagão e começaram a empurrar Máquina do Amor para dentro, quando...

Splack!

A cabeça de Máquina do Amor tombou violentamente para a esquerda, atingindo o ombro de Élvís num ângulo totalmente anormal.

— Ai, mas que droga — disse Brainiac, que tinha visto tudo.

Élvís se virou.

A cabeça de Máquina do Amor pendia para a frente inerte sobre o ombro de Élvís. Uma espessa mistura de sangue e de massa cerebral escorria da parte posterior do crânio.

Máquina do Amor estava morto.

Élvís ficou simplesmente congelado, esquecendo-se dos próprios ferimentos.

Brainiac gritou:

— Élvís, vamos. Empurre-o para dentro. O trem vai partir.

Élvís permaneceu calado, limitando-se a olhar para o corpo sem vida de Máquina do Amor, apoiado sobre seu ombro.

— Élvís...

— Vá em frente — disse Élvís, em voz baixa, enquanto os projéteis atingiam tudo ao redor deles. Em seguida, pousou suavemente o corpo de Máquina do Amor no chão, ao lado do trem-X. Depois, olhou para Brainiac direto nos olhos. — Vá! Agora!

— Que diabos pretende fazer? — perguntou Brainiac.

— Vou permanecer aqui com o meu amigo.

Foi então que Brainiac viu a tristeza nos olhos de Élvís, que, por sua vez, lançava um olhar assassino em direção aos homens do 7º. Esquadrão. Os soldados se aproximavam cada vez mais, vindos da outra extremidade da plataforma.

Brainiac concordou com a cabeça.

— Tome cuidado, Élvís.

— Esqueça — disse Élvís.

Brainiac!— gritou Schofield, empunhando uma arma. Tentava ver o que se passava na parte de trás do trem sem levar uma bala na cabeça. — O que está acontecendo aí atrás?

— Perdemos Máquina do Amor, senhor, e Elvis resolveu... ai, cacete!

Naquele exato instante, dois ruídos surdos ecoaram através da estação subterrânea.

Zuum!

Zuum!

Schofield virou-se...

... a tempo de ver duas granadas, do tamanho de uma bola de beisebol, só que pretas, voando como foguetes através do ar na direção dele e do trem-X.

Dois soldados do 7º. Esquadrão tinham disparado os artefatos com lança-granadas M-203.

As duas granadas entraram voando através das janelas sem vidro, uma perto de Schofield, a outra em direção ao fundo do vagão, perto de onde estavam Gant, Mãe e o presidente.

A granada próxima a Schofield acertou a parede do vagão, ricocheteou e parou no meio do piso, a cerca de três metros dele.

Schofield não desperdiçou um único segundo.

Mergulhou para a frente, em direção à granada, deslizando de peito pelo chão. Com uma das mãos, golpeou o petardo para fora através da porta aberta do vagão.

E não se deteve. Continuou deslizando para a frente, parando atrás da parede do trem. A granada explodiu. Uma grande língua de fogo irrompeu através da porta aberta.

Na outra extremidade do trem, Gant e Mãe não tiveram a mesma sorte. A outra granada tinha aterrissado entre os bancos de passageiro que ocupavam a parte posterior do vagão. Não havia modo de alcançá-la antes que explodisse.

— Todo mundo! Por aqui! — gritou Gant, colocando o presidente de pé e empurrando-o em direção à passagem sanfonada que conectava as duas locomotivas do trem-X.

A porta de vidro do vagão onde estavam se abriu rapidamente. Gant deu um empurrão no presidente, que foi catapultado para a frente. Mãe, Juliet, Hot Rod e Tate seguiram aos trancos atrás deles.

Enquanto a segunda porta de vidro se abria, a primeira começou a se fechar.

Gant e o presidente mergulharam para a frente, para a locomotiva anterior, seguidos pelos outros, e acabaram deitados com os rostos colados no piso no exato momento em que a granada no vagão contíguo explodiu, estilhaçando a primeira porta, mas apenas rachando a segunda.

Schofield foi jogado ao chão com o impacto da segunda explosão. Levantou-se cambaleando e falou no microfone de seu rádio:

— Gata! Mãe! Vocês estão bem?

— Ainda estamos aqui e o presidente ainda está conosco. Agora estamos no segundo vagão — respondeu Gant.

— Brainiac! — disse Schofield. — Você está a bordo?

— Afirmativo, senhor. Estou nos fundos do segundo vagão...

— Book! — gritou Schofield, em direção à parte da frente. — Você já descobriu como dirigir este maldito trem?

— Acho que sim!

— Então faça-o andar!

Um instante depois, o trem-X começou a se movimentar para a frente, avançando na direção dos soldados do 7o Esquadrão, que corriam em sentido contrário.

— Senhor— era a voz de Brainiac. — Tenho que lhe informar uma coisa. Perdemos Máquina do Amor...

— Merda! — exclamou Schofield, visivelmente abalado.

— ... e estamos prestes a perder Elvis.

— O quê? — perguntou Schofield, perplexo e, ao mesmo tempo, horrorizado.

Mas não houve tempo para aprofundar a discussão sobre Elvis, visto que, naquele exato instante, três ruídos reverberaram através da estação subterrânea.

Zuum!

Zuum!

Zuum!

Três granadas voavam em alta velocidade pela estação subterrânea, deixando um tênue rastro de fumaça. Eram direcionadas contra o trem, que tinha começado a se movimentar. Uma depois da outra, em rápida sucessão, entraram através dos vidros quebrados do segundo vagão do trem-X.

O vagão no qual se encontrava o presidente.

Como se fosse uma deixa correta, a voz de Mãe bramiu no fone de ouvido de Schofield:

— Ai, meu Deus!

O comboio do trem-X, composto por duas locomotivas, começou a ganhar velocidade, dirigindo-se para o túnel.

No segundo vagão, Gant não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Três granadas!

Todas no vagão em que ela estava.

Ela avaliou suas opções num nanossegundo: Se ficarmos aqui, com certeza morreremos. Se sairmos, jogamos nossa sorte com o 7º. Esquadrão. Neste caso, a morte é provável, mas não é certa.

— Não podemos ficar aqui — gritou ela, instantaneamente. — Fora! Fora!

Ela e Juliet agarraram o presidente pelo paletó e empurraram-no em direção à porta do trem. Correram sem hesitação para a porta aberta e se lançaram para fora do trem em movimento. Aterrissaram sobre a plataforma de concreto, rolando para o lado.

Hot Rod Hagerty e Nicholas Tate, bastante nervosos, saltaram para fora do trem atrás deles, aterrissando de forma desajeitada.

Uma fração de segundo depois, Mãe, para não perder tempo atrás deles, saiu voando através de uma das janelas junto à porta. Executou um perfeito salto mortal aterrissando sobre a plataforma com uma cambalhota, para acabar de pé com o fuzil apontado

Naquele momento, as três granadas explodiram: três detonações consecutivas, ribombando no interior do segundo vagão.

Três clarões de luz ofuscante saíram das janelas do vagão, quebrando as molduras como se fossem gravetos e abrindo as paredes da locomotiva em vários lugares.

As chamas se expandiram por cima da cabeça de Gant e dos outros, enquanto eles corriam para trás dos pilares de concreto da estação subterrânea em busca de proteção contra os projéteis dos soldados do 7º. Esquadrão, que continuavam a avançar.

O trem-X inteiro foi sacudido pela tríplice explosão das granadas, mas se manteve em movimento, ganhando sempre mais velocidade a cada metro que avançava.

Na locomotiva, Schofield por pouco não foi lançado ao chão pelo impacto das explosões. Quando conseguiu se equilibrar novamente e olhar para trás, sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

Viu o presidente — flanqueado por Gant, Mãe e Juliet — jogando-se para trás da plataforma para escapar da linha de fogo do inimigo.

Droga!

O presidente tinha descido do trem.

O trem-X seguia em aceleração. Agora estava se aproximando da saída oeste da estação, passando ao lado dos homens do 7º. Esquadrão posicionados naquele local. Alguns deles estavam ao lado do trem, mas nenhum se interessou por Schofield e sua locomotiva.

Tinham olhos somente para o presidente.

E Schofield agora tinha que tomar uma decisão. E rapidamente.

Saltar do trem e ficar com o presidente, o homem que carregava o destino do país nas costas.

Ou ir atrás do garoto...

Por um instante fugaz, quando o trem-X estava prestes a desaparecer no túnel, Schofield o viu diante de seus olhos, e repentinamente soube que o presidente conseguiria escapar, pelo menos da estação do Nível 6. Schofield tinha certeza de que Gant e Mãe também perceberiam aquilo.

Depois disso, tomou a decisão de ir atrás de Kevin.

Um segundo mais tarde, a imagem que Schofield tinha da estação do trem-X — dez soldados do 7º. Esquadrão avançando pela plataforma em direção ao presidente dos Estados Unidos e seus últimos guardiões — foi substituída pela impenetrável escuridão da parede do túnel.

Gant abaixou a cabeça para se proteger dos pedaços de concreto que choviam por toda parte ao seu redor.

Estavam ferrados.

O 7º. Esquadrão os tinha nas mãos.

Não havia nenhuma via de fuga ou algum lugar onde pudessem se refugiar. Estavam presos no meio da plataforma, em inferioridade numérica, com menos armas e, sobretudo, sem nenhum pinga da maldita sorte.

Foi então que ela viu Élvís.

Ele andava como um robô: um autômato que avançava em campo aberto na direção dos homens do 7º. Esquadrão, sem tomar conhecimento do violentíssimo tiroteio ao seu redor.

Não tinha arma alguma na mão. Na realidade, mantinha os enormes punhos firmemente colados junto aos lados do corpo enquanto caminhava. Seu rosto estava desprovido de emoções; ele tinha o olhar fixo e a boca fechada.

Élvís agora parecia estar cumprindo uma missão inteiramente pessoal.

— Ai, Jesus — murmurou Gant. — Tome cuidado, Élvís! Depois, ela se virou para os outros.

— Preparem-se, pessoal. Estamos para sair daqui.

— O quê? — gritou Hot Rod Hagerty. — Como assim?

— Élvís vai nos dar algum tempo de presente. Protejam-se e fiquem preparados para correr.

O sargento fuzileiro Wendall "Élvís" Haynes caminhava propositalmente em direção aos soldados do 7º. Esquadrão. Neste momento, encontrava-se entre eles e o grupo do presidente.

Os homens do 7º. Esquadrão diminuíram o passo, ligeiramente estupefatos com o estranho comportamento de Élvís, que continuava

a avançar mesmo estando totalmente desarmado. Ele agora estava a vinte metros dos soldados e a vinte metros do presidente. Parecia extremamente calmo.

Os combatentes do 7º. Esquadrão jamais ouviram o mantra que Élvís recitava em voz baixa enquanto caminhava:

— Vocês mataram o meu amigo, vocês mataram o meu amigo, vocês mataram o meu amigo...

Com um rápido e eficiente movimento, um dos homens do 7º. Esquadrão ergueu sua P-90 e disparou uma rajada curta. As balas rasgaram em tiras o peito de Élvís, que caiu deitado de costas. Pouco depois, os homens do 7º. Esquadrão retomaram o avanço.

Só quando alcançaram Élvís foi que os soldados o ouviram falando, engasgado com o próprio sangue:

— Vocês mataram o meu amigo...

Em seguida, viram sua mão, parecida com a pata de um urso, abrir-se como uma flor...

... para revelar, pousada sobre a palma, uma granada RDX de alto poder de destruição.

— Vocês mataram o meu...

Élvís soltou o último suspiro.

E sua mão relaxou totalmente, soltando o pino da granada. Para completo horror dos homens da unidade Bravo reunidos nas proximidades, a potente granada RDX explodiu com toda a sua terrível força.

O trem-X corria como um foguete através do túnel.

Graças a suas formas afinadas e à ponta aerodinâmica da locomotiva, avançava a quase 330 quilômetros por hora, não obstante faltassem as janelas, e as paredes estivessem danificadas por milhares de balas.

Movia-se quase sem fazer barulho e com uma surpreendente estabilidade. A ausência de vibração se devia ao fato de não ser impulsionado por um motor, mas por um sistema de propulsão magnética de última geração que tinha sido desenvolvido para substituir as envelhecidas catapultas a vapor, utilizadas nos porta-aviões da Marinha. A propulsão magnética requiritava poucas peças

móveis, garantindo ao mesmo tempo uma velocidade fenomenal, coisa que a tornava muito popular entre os engenheiros, adeptos da regra clássica de que, quanto mais peças móveis uma máquina tiver, maior a possibilidade de apresentar defeitos.

Book II estava sentado diante dos controles na cabine do maquinista. Com as mãos sobre os controles, Herbie estava ao seu lado. A cabine era o único compartimento do trem-X que não tinha tido as janelas quebradas.

— Ah, merda!— ouviu-se a voz de Schofield gritando por trás deles. — Merda! Merda! Merda

Schofield entrou na cabine do maquinista.

— O que há de errado? — perguntou Book II.

— É isto que está errado — disse Schofield, batendo com as mãos na maleta Samsonite de metal, presa à sua roupa de combate: o Futebol. — Droga! Tudo aconteceu muito rapidamente. Nem mesmo parei para pensar sobre isso quando o presidente mergulhou para fora do trem. Que horas são?

Eram 8h55.

— Ótimo — disse ele. — Ainda temos uma hora e pouco para levar esta maleta de volta para o presidente.

— Devemos voltar para a estação? — perguntou Book II. Schofield hesitou um pouco, avaliando os milhares de pensamentos que lhe passavam pela cabeça.

Em seguida, disse, com ar resoluto:

— Não. Não vou abandonar aquele garoto. Podemos voltar a tempo.

— Bom, mas e quanto ao país? — perguntou Book II. Schofield respondeu-lhe com um sorriso enviesado.

— Jamais perdi uma contagem regressiva e não pretendo perder essa invencibilidade exatamente hoje. — Ele se virou para Herbie. — Então, Herbie, em 25 palavras ou menos: fale-me sobre essa linha do trem-X. Para onde ela leva?

— Bem, isso não faz exatamente parte do meu campo de conhecimento — disse Herbie —, mas viajei neste trem algumas vezes. Até onde sei, existem na realidade duas linhas. Uma segue

para oeste da Área 7 e vai dar no lago Powell. A outra segue para leste e liga a Área 7 à Área 8.

Pela explicação de Herbie, eles se encontravam na linha que seguia para oeste, com sessenta quilômetros de extensão até o lago Powell.

Schofield tinha ouvido falar no lago Powell antes. Na realidade, não era um lago propriamente dito, mas um vasto labirinto com cerca de trezentos quilômetros formado por cânions alagados.

Situado na fronteira entre o Utah e o Arizona, o lago Powell fora em algum momento muito similar ao Grand Canyon: um enorme sistema de desfiladeiros e cânions escavados no solo pelo potente rio Colorado, o mesmo que dera vida ao Grand Canyon correnteza abaixo.

Mas diferentemente do Grand Canyon, em 1963, o governo dos Estados Unidos represara o lago Powell para a produção de energia hidrelétrica, transformando o que já era um panorama impressionante de formações rochosas numa espetacular rede de cânions alagados.

Agora, gigantescas montanhas de areia amarelada se erguiam majestosamente para fora das águas azuis do lago e entre as gargantas. Onde antes havia poeirentos caminhos pedregosos, corriam agora numerosos canais.

Era um misto de Grand Canyon com Veneza.

Como acontece com todo grande projeto, o represamento do rio Colorado levantara gritos de protesto. Os ambientalistas reclamaram que a represa aumentaria os níveis de assoreamento, agredindo o ecossistema de uma espécie de girino com dois centímetros de dimensão. A ameaça ao ecossistema, porém, não tinha muita importância para o proprietário de um posto de gasolina, que veria seu estabelecimento — construído no mesmo local que abrigara um entreposto comercial do velho oeste — encoberto por uma enorme massa de água. Ele tivera de ser indenizado pelo governo.

De qualquer forma, com seus 93 desfiladeiros batizados, mas só Deus sabe quantos outros, o lago Powell fora um destino turístico popular entre os proprietários de trailers flutuantes durante alguns

anos. Mas os tempos tinham mudado, e o fluxo turístico diminuiria. Agora, o lago era um lugar tranquilo durante a maior parte do tempo, um labirinto de desfiladeiros ventosos e cânions estreitos, cercados de pedras íngremes e água, água em profusão.

— Este túnel do trem-X termina no lago, numa área subterrânea de abastecimento — disse Herbie. — Essa linha foi construída por dois motivos. Primeiro, para que a construção da Área 7 e da 8 pudesse ser mantida em sigilo absoluto. Todos os materiais foram transportados através do lago por meio de barcaças e depois descarregados no local da construção, após viajarem sessenta quilômetros por debaixo da terra. Até hoje a utilizamos como uma espécie de porta dos fundos para receber suprimentos e prisioneiros.

— Certo — disse Schofield. — E o segundo motivo?

— Para servir como rota de fuga no caso de uma emergência — disse Herbie.

Schofield olhou para a frente, para além do pára-brisa.

Os trilhos passavam em rápida seqüência por baixo do trem-X, e por cima dele, numa velocidade incrível. O largo túnel se curvava na escuridão diante deles.

Um ruído repentino na porta da cabine do maquinista fez com que Schofield se virasse, empunhando a pistola, pronto para dispará-la.

Brainiac ficou paralisado na entrada do compartimento, batendo palmas com as mãos.

— Ei-ei-ei! Sou eu!

Schofield baixou a arma.

— Da próxima vez, faça o favor de bater antes de entrar.

— Sem dúvida, chefe — Brainiac sentou-se num assento vazio.

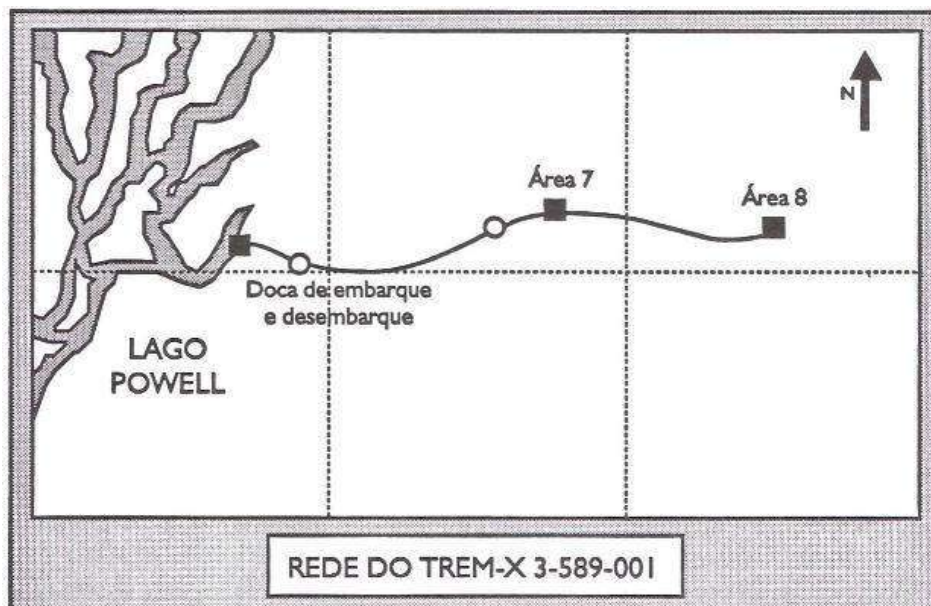
— Onde você estava?

— Nos fundos do segundo vagão. Separei-me dos outros quando aquelas granadas foram lançadas. Mergulhei para dentro de um compartimento de carga no exato momento em que as três granadas explodiram.

— É bom ter você por aqui — disse Schofield. Ele se virou para Herbie. Há algum modo de conseguirmos a telemetria dos outros trens nesta rede?

— Acho que sim — disse Herbie. — Preciso somente de alguns instantes...

Ele apertou alguns botões no console do maquinista. No painel acendeu-se uma tela de computador. Poucos segundos depois, Herbie conseguiu uma imagem da rede do trem-X.



Schofield viu que a linha que ligava a Área 7 ao lago Powell não era reta, mas apresentava algumas ligeiras curvas. No percurso visualizado no monitor havia dois pontos vermelhos acesos, que se moviam através dos trilhos em direção ao lago.

— Os pontos são os trens-X — disse Herbie. — Aquele mais perto da Área 7 somos nós. O outro deve ter saído cerca de dez minutos antes de nós.

Schofield olhava fixamente para o primeiro ponto. Quando chegou à área subterrânea do lago Powell, o ponto no monitor parou de piscar.

— Bem, Herbie — disse Schofield —, já que temos algum tempo, gostaria de saber mais sobre esse tal de Botha. Quem é ele?

Assim que a granada de Elvis explodira, Gant, Mãe e Juliet se levantaram e começaram a disparar suas armas violentamente, para

proteger o presidente. Corriam de volta para a escada de incêndio pela qual tinham entrado na estação subterrânea do Nível 6.

A explosão da granada RDX de Élvís tinha matado instantaneamente cinco homens do 7º. Esquadrão. Seus membros ensangüentados agora jaziam espalhados sobre os trilhos nos dois lados da plataforma central.

Os outros cinco membros da unidade Bravo estavam mais afastados quando a granada explodiu, mas mesmo assim foram derrubados pela onda de choque. Agora se espalhavam em busca de abrigo, atrás de pilares e nos trilhos abaixo, para se protegerem do fogo de retirada sustentado por Gant e pelos outros.

Em direção à escada de incêndio.

Gant conduziu o presidente para cima através das escadas. Com as pernas doendo e os batimentos cardíacos acelerados, ela ofegava, seguida de perto por Mãe, Juliet, Hagerty e Tate.

O grupo chegou à porta antifogo do Nível 5.

Gant estava para abrir a porta, com a mão sobre a maçaneta, quando desistiu repentinamente.

Pequenos jatos de água saíam pelas fendas do portal. A água estava passando através da borracha de vedação da porta. Os jatos eram mais fortes junto ao chão e perdiam intensidade na parte de cima. Pela fenda superior, não havia água vazando.

Do outro lado devia haver uma imensa parede de água pronta para ser liberada.

Foi então que Gant ouviu um rugido aterrorizador vindo por detrás da porta, o som mais assustador que ouvira em toda a sua vida. Eram gritos horríveis: de dor, desespero. Rugidos de animais encurralados...

— Ai, não... os ursos — disse Juliet Janson, quando chegou ao lado de Gant e viu a porta antifogo. — Acho que não vamos querer seguir por esse caminho.

— Concordo plenamente — disse Gant.

Eles correram pelas escadas e alcançaram o Nível 4. Depois de verificar a área de descompressão do outro lado da porta, Gant fez um sinal de que o caminho estava livre.

Todos os seis entraram, espalhando-se logo em seguida.

— Olá, novamente!— ribombou uma voz acima deles.

Todos levantaram a cabeça ao mesmo tempo. Gant se viu apontando sua arma para um televisor fixado na parede.

O sorridente rosto de César surgia na tela.

— Povo dos Estados Unidos, agora são 9h04, hora, portanto, do nosso boletim atualizado.

César continuou a emitir seu comunicado de forma presunçosa.

— ...E seus estúpidos fuzileiros, de forma totalmente absurda, ainda não conseguiram infligir baixa alguma entre os meus homens. Tudo que fazem é fugir. Na realidade, a última vez em que "sua alteza" foi vista, estava tentando desesperadamente alcançar uma das saídas. Encontrava-se no nível mais baixo desta base. Acabei de ser informado que ocorreu uma troca de tiros naquele local, mas ainda estou esperando um relatório detalhado do tiroteio...

No que dizia respeito a Gant, tudo aquilo era bobagem. O que quer que César dissesse, quaisquer que fossem as mentiras que contasse, nada disso mudaria a situação deles. E, seguramente, assisti-lo afetando satisfação não os ajudava em nada.

Assim, enquanto César continuava a falar na televisão e os outros o observavam, Gant foi examinar a porta de correr que conduzia para o pavimento inferior, o Nível 5.

Escutou gritos abafados vindos do outro lado da porta. Logo percebeu que eram gritos humanos.

Ela apertou o botão 'ABRIR PORTA e ergueu sua arma. A porta horizontal se abriu, deslizando lateralmente.

Os gritos dos prisioneiros do Nível 5 tornaram-se ainda mais fortes quando ouviram o ruído da porta sendo aberta.

Gant se inclinou para olhar rampa abaixo.

— Meu bom Deus — murmurou ela.

A primeira coisa que viu foi água. A rampa num certo ponto simplesmente desaparecia debaixo da água.

Enquanto a voz de César continuava a ecoar pela base, Gant desceu pela rampa do corredor inclinado com seus reluzentes sapatos entrando na água até a altura dos tornozelos.

Ela se agachou na rampa e observou o Nível 5.

Ficou impressionada com o que viu.

O nível inteiro estava inundado.

A água devia facilmente bater na altura do peito.

Toda a sala estava imersa na escuridão, o que fazia com que a área das celas de detenção parecesse ainda mais assustadora.

A água, escura como petróleo, estendia-se diante de Gant. Tinha invadido todas as celas, passando através das grades, entre as quais os prisioneiros — o lote de indivíduos mais feios que Gant jamais vira — enfiavam suas cabeças.

Foi então que os prisioneiros a viram.

Uivos, berros, lamentos de súplica. Os prisioneiros se agarravam às grades de suas celas e gritavam o mais alto que podiam. Sabiam perfeitamente que se afogariam caso os níveis da água continuassem a subir.

Assim como Schofield, Gant ainda não tinha visto a área de detenção. Apenas ouvira o presidente mencioná-la quando lhes contara a respeito do Sinovírus e de sua vacina, Kevin.

— É melhor irmos andando — Juliet tinha descido a rampa e parara ao lado de Gant. Pelo visto, a transmissão de César tinha acabado.

— Esses homens vão morrer afogados... — disse Gant, mas Janson botou a mão sobre o ombro dela e a conduziu suavemente rampa acima, em direção ao Nível 4.

— Acredite em mim. O afogamento é uma morte muito boa para tipos como esses — disse a agente do Serviço Secreto. — Vamos embora.

Temos de achar um esconderijo. Não sei quanto a você, mas eu realmente necessito dar uma descansada.

Ela apertou o botão de FECHAR PORTA e a porta horizontal se fechou, deslizando, abafando os gritos desesperados dos prisioneiros.

O presidente, Mãe, Hot Rod e Tate seguiam Gant e Juliet em direção ao lado oeste do pavimento.

Quando foram embora, nenhum deles prestou atenção na câmara de descompressão.

Embora de uma certa distância pudesse parecer normal, bastaria uma maior aproximação e um olhar mais atento para reparar que havia terminado o tempo de fechamento no timer da porta de segurança, destrancando-a.

Agora a fechadura estava aberta.

E a câmara de descompressão estava vazia.

Eram 9h06.

Comandante da unidade Bravo. Reporte... — disse um dos operadores de rádio que falava no microfone.

— Controle, aqui é o comandante da unidade Bravo. Sofremos pesadas baixas na plataforma da estação. Cinco mortos e dois feridos. Um dos inimigos tinha uma granada RDX e agiu como um camicase...

— E quanto ao presidente? — interrompeu o operador de rádio.

— O presidente ainda está na base. Foi visto pela última vez retornando para a escada de incêndio. Alguns dos fuzileiros que servem como guarda-costas, entretanto, seguiram pelo túnel a bordo do segundo trem-X.

— E o Futebol?

— Não está mais com o presidente. Um dos meus homens jura ter visto aquele tal de Schofield entrar no trem carregando-o...

— Obrigado, comandante da unidade Bravo. Traga os feridos para serem medicados no hangar principal. Vamos mandar a unidade Eco se espalhar pelos níveis inferiores para pegar o presidente.

— Gunther Botha foi um coronel do Batalhão Médico da África do Sul — disse Herbie, enquanto o trem-X voava pelo túnel em direção ao lago.

— Os Meds — disse Schofield, com repugnância.

— Você ouviu falar neles?

— Ouvi. Não é um dos melhores grupos com o qual se possa estar envolvido. Era uma unidade biomédica ofensiva, uma

subdivisão especializada dos Recondos. Tropas de elite que usavam armas biológicas no campo de batalha.

— Exatamente — disse Herbie.—Veja bem, antes de Mandela, a África do Sul era o país líder mundial em guerra biológica. E nós os amávamos. Você já se perguntou por que os Estados Unidos não se empenharam em acabar com o apartheid? Sabe quem nos forneceu a bactéria comedora de carne desenvolvida pelos soviéticos, a *fasciistis necrosante*? Os sul-africanos. Mas, por melhor que fossem, havia algo que não conseguiam fazer. Durante anos, tentaram desenvolver um vírus que matasse os negros sem matar os brancos, mas nunca conseguiram. Botha era um dos chefes da pesquisa, e, aparentemente, estava prestes a resolver esse problema quando o regime do apartheid acabou. Como depois se veio a saber — disse Herbie —, as pesquisas de Botha podiam ser adaptadas para um projeto no qual o governo norte-americano estava trabalhando. Uma vacina contra o Sinovírus, um vírus capaz de distinguir raças.

— E dessa forma ele foi trazido para cá — disse Schofield.

— Correto — disse Herbie.

— E agora estamos descobrindo que o professor Botha não é totalmente confiável.

— Parece que sim.

Schofield refletiu durante alguns instantes.

— E ele não está trabalhando sozinho — disse ele.

— Como você sabe?

— Todos aqueles soldados mortos do 7º. Esquadrão que vimos quando chegamos no Nível... Nunca encontrei Gunther Botha antes, mas tenho certeza de que ele não seria capaz de eliminar uma unidade inteira do 7º. Esquadrão sozinho. Lembre-se que Botha abriu três portas: as duas do trem-X e a saída de emergência que dá para o Nível 6. Ele deixou que uma equipe de homens entrasse através daquela saída de emergência. Foram eles que mataram os soldados do 7º Esquadrão que estavam no Nível 6. Julgando pelos ferimentos a bala nas costas e pela quantidade de gargantas cortadas, presumo que os amigos de Botha pegaram os homens do 7º Esquadrão por trás. — Schofield mordeu o lábio. — Mas isso ainda não responde ao que eu gostaria de saber.

— E o que seria?

Schofield levantou o olhar.

— Se Botha está nos traindo, para quem ele está trabalhando?

— Desde o início ele representou um risco à segurança, mas nada teríamos conseguido sem a presença dele — disse o presidente.

O presidente estava sentado com os outros no laboratório de observação que se elevava acima da sala repleta de cacos de vidro quebrado provenientes do cubo, no Nível 4. Estavam recuperando o fôlego.

Ao chegarem, alguns instantes antes, eles viram a grossa escotilha circular do teto caída sobre o chão do laboratório.

Os homens do 7º. Esquadrão tinham passado por ali.

O que, felizmente, podia significar que demorariam a voltar. Seria um bom lugar para se esconder e repousar durante algum tempo.

Libby Gant era a única que permanecia de pé. Observava o cubo destruído com um ar pensativo. A base tinha ficado estranhamente silenciosa desde a última atualização de César, como se o 7º. Esquadrão tivesse desistido de persegui-los, como se tivessem deixado de pensar no presidente, pelo menos naquele momento.

Gant não gostava nada daquilo.

Isso significava que algo estava sendo planejado.

Ela tinha acabado de solicitar ao presidente algumas informações a respeito de Gunther Botha, o homem que raptara Kevin.

— Botha sabia mais sobre os vírus "racialmente orientados" do que todos os cientistas norte-americanos juntos — continuou o presidente. — Mas ele tinha uma história.

— Com o regime do apartheid?

— Exatamente, e mais do que isso. O que mais temíamos eram as ligações dele com um grupo chamado Die Organisasie, ou "A Organização". Trata-se de uma rede clandestina composta por ex-ministros dos governos do apartheid, ricos proprietários rurais sul-

africanos, antigos membros das tropas de elite das forças armadas sul-africanas e comandantes militares que fugiram do país quando o regime caiu. Naturalmente, temiam que o novo governo fosse atrás das suas cabeças pelos crimes do passado. A maioria das agências de inteligência acredita que a Die Organisasie pretende apenas retomar o poder na África do Sul. Mas não estamos tão certos a respeito disso.

— O que isso quer dizer? — perguntou Gant.

O presidente suspirou.

— Vocês têm de entender o que está em jogo neste caso. Na história da humanidade, jamais existiram armas biológicas etnicamente seletivas como o Sinovírus. Elas são o instrumento de barganha definitivo, não só porque têm o poder de sentenciar uma determinada população à morte, como por serem capazes de proteger uma outra. Nossos temores em relação à Die Organisasie não se relacionam somente ao que desejam fazer com a República da África do Sul. O que nos assusta é o que pretendam fazer com o continente africano inteiro.

— Que seria...

— A Die Organisasie é pura e simplesmente uma organização racista. Seus integrantes crêem verdadeiramente que a população branca é geneticamente superior à negra. Eles acreditam que a população negra deva servir de escrava para a branca. Não odeiam apenas os negros sul-africanos, mas todos os negros. Vindo a possuir o Sinovírus e a vacina, poderão espalhá-lo por toda a África e ministrar a cura somente para os grupos de brancos que apoiá-los. A África negra morreria, e o resto do mundo nada poderia fazer a respeito, visto sua impotência sem a vacina contra o Sinovírus. Vocês se lembram quando, em 1999, o general Kadhafi falou em unir a África como jamais fora feito antes, sugerindo a criação "dos Estados Unidos da África", o que foi considerado uma piada. Kadhafi jamais conseguiria fazer com que isso acontecesse. Existem muitas questões tribais a serem resolvidas para que possa haver uma união das nações negras africanas. Mas uma organização que tivesse nas mãos o Sinovírus e a vacina poderia governar a África com mão de

ferro. Poderia transformá-la, com todas as riquezas naturais e uma força de trabalho de um bilhão de negros, no seu império particular.

O trem-X avançava através do túnel subterrâneo.

Já estavam viajando fazia dez minutos, e Schofield começava a ficar ansioso. Logo estariam chegando à doca de carga e descarga junto ao lago, e ele não sabia o que aconteceria.

Uma questão em relação à Área 7 ainda o incomodava.

— Herbie, como foi que a Força Aérea conseguiu uma amostra do Sinovírus?

— Uma boa pergunta — disse Herbie, balançando a cabeça. — Levou algum tempo, mas recentemente conseguimos aliciar dois chineses que trabalhavam num dos laboratórios do complexo de armas biológicas de Changchun. Em troca de uma passagem somente de ida para os Estados Unidos e vinte milhões de dólares por cabeça, eles concordaram em contrabandear para fora da China vários frascos contendo o vírus.

— Os homens na câmara de descompressão — comentou Schofield, lembrando-se dos rostos asiáticos que vira no interior da câmara, no Nível 4.

- Exatamente.

— Mas havia quatro homens dentro da câmara.

— Correto — disse Herbie. — Na China, como você provavelmente sabe, os funcionários de laboratórios governamentais ultra-secretos não podem simplesmente pedir demissão e deixar o país facilmente. Tivemos de retirá-los. Os outros dois homens dentro da câmara de quarentena são os soldados do 7º. Esquadrão que os retiraram da China. São os oficiais de origem chinesa Robert Wu e Chet Li. Wu e Li faziam parte da unidade Eco, uma das cinco equipes do 7º. Esquadrão baseadas na Área 7, o que explica por que foram os escolhidos...

Repentinamente, Schofield levantou a mão e apontou para o pára-brisa dianteiro.

— Desculpe-me, Dr. Franklin — disse ele —, mas acho que vamos ter de deixar nossa conversa para outra ocasião. Tenho o estranho pressentimento de que o tempo vai esquentar.

Schofield apontou com a cabeça para o túnel diante deles.

No final do longo túnel de concreto, além das paredes escuras que passavam rapidamente, havia um pequeno ponto luminoso que ficava cada vez maior à medida que se aproximavam. Era o brilho familiar de luzes fluorescentes artificiais.

Era a doca de carga e descarga.

Tinham chegado ao final do túnel.

Não entre com o trem! — disse Schofield para Book. — Podem estar nos esperando lá dentro. Pare dentro do túnel. Vamos prosseguir a pé pelo resto do caminho.

O trem-X crivado de balas diminuiu a velocidade até finalmente parar em meio à escuridão do túnel, a cerca de trinta metros da plataforma de embarque e desembarque de material.

Schofield saltou do trem com agilidade, empunhando a Desert Eagle numa das mãos, e o Futebol pendurado na cintura, aterrissando sobre o concreto junto aos trilhos. Brainiac, Book II e Herbie seguiram logo atrás dele.

Correram através do túnel em direção à luz com as armas apontadas para a frente.

Schofield foi o primeiro a chegar ao final da galeria. Encostado na parede de concreto, deu uma espiada na estação.

Uma luz brilhante atingiu seus olhos. Encontrava-se diante de uma gigantesca caverna rochosa que tinha sido convertida numa moderna estação de carga. A estrutura era feita de uma curiosa mistura de concreto plano com superfícies rochosas irregulares.

Duas linhas do trem-X corriam pelos dois lados de uma plataforma central. A linha do lado em que Schofield se encontrava estava vazia, enquanto a do outro lado estava ocupada por um trem-X, o que trouxera Botha.

Não havia nenhum ruído, nenhum movimento.

Havia alguns guindastes de aço pretos que corriam sobre trilhos fixados nas paredes, que levavam o trem-X até uma imensa bacia aquática na outra extremidade da caverna rochosa.

As águas tinham um tom esverdeado por causa dos abundantes minerais do lago Powell. A bacia desaparecia no lado

oeste, entrando sinuosamente numa galeria escura. Schofield presumiu que levasse para o exterior, para o lago. Três casas flutuantes e duas espécies de lanchas de aparência estranha, pintadas em tom de areia, estavam atracadas no ancoradouro de concreto da caverna.

Schofield reparou em mais uma coisa no imenso cais subterrâneo.

Estava vazio.

Totalmente vazio.

Deserto.

Schofield saiu com cautela de trás da parede do túnel e subiu para a plataforma central entre os trilhos das duas linhas do trem-X. Ele parecia uma formiga nas gigantescas dimensões da caverna.

Foi então que viu.

No final da plataforma, próximo à bacia que dava para o lago.

À primeira vista, parecia uma daquelas estranhas pilhas de produtos em promoção num supermercado: uma pequena "pirâmide", de pouco mais de um metro e meio de altura, formada por barris amarelos com capacidade para 25 litros. Diante da pirâmide havia uma valise compacta da marca Samsonite: uma valise preta, de aspecto sólido e de última geração. E estava aberta.

Enquanto se aproximava, Schofield viu que havia palavras pintadas nas laterais dos barris.

— Ah, mas que droga — exclamou ele quando conseguiu ler o que estava escrito.

AFX-708: MATERIAL EXPLOSIVO

Tratava-se de uma mistura altamente explosiva feita com epox, a mesma utilizada nas famosas bombas BLU-109 que, durante a Guerra do Golfo, reduziram a escombros os bunkers de Sadam Hussein. A ponta super-reforçada da BLU-109 penetrava no concreto do bunker. Logo em seguida, a ogiva com AFX-708 que estava em seu interior era detonada, fazendo com que o bunker explodisse por dentro.

Com Book II, Brainiac e Herbie logo atrás, Schofield verificou o interior da maleta Samsonite, que estava defronte à pirâmide formada por barris cheios de AFX.

Dentro da valise havia um cronômetro.

00:19

00:18

00:17

— Pelo Amor de Deus... — suspirou Schofield. Ato contínuo, virou-se em direção aos outros: — Cavalheiros! Corram!

Dezessete segundos mais tarde, uma fortíssima explosão foi deflagrada no interior da caverna.

A pirâmide de AFX-708 produziu uma devastadora bola de luz branca incandescente, que crescia em todas as direções.

As paredes de rocha e concreto da estação de abastecimento se romperam com o impacto da explosão, fazendo voar pelos ares um milhão de fragmentos mortais. Numa fração de segundo, uma das paredes laterais se desintegrou, virando pó. O trem-X que trouxera Gunther Botha — estava próximo ao epicentro da explosão — simplesmente desapareceu no ar.

Schofield nem viu aquilo.

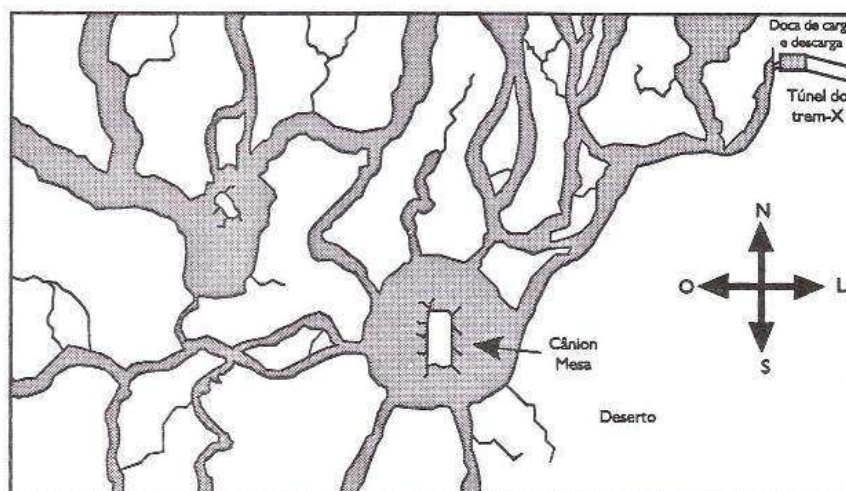
No momento em que os explosivos foram detonados, ele e os outros não estavam mais no interior da doca de carga e descarga.

Estavam no lado de fora.

QUARTO CONFRONTO

3 de julho, 9h12

LAGO POWELL, ZONA NORDESTE
UTAH, EUA



O calor atingiu-os como a baforada de uma fornalha.

O calor escaldante do deserto.

Em todos os lugares. No ar. Nas rochas. Contra a pele. Envoltivo e pegajoso como se estivessem dentro de um forno. Era o exato oposto do frescor da Área 7 e do túnel do trem-X.

No exterior, o sol brilhante do deserto dominava o cenário.

Shane Schofield acelerava numa velocidade desenfreada sobre as águas de um estreito cânion. Avançava através do vento quente, pilotando uma lancha de aparência bastante estranha, mas muito veloz.

A bordo também estava Book II; pouco atrás, numa outra lancha similar, encontravam-se Brainiac e Herbie.

Para os entendidos, o barco de Schofield era conhecido como PCR-2: "Patrol-craft, river, two men", ou seja, um barco-patrolha para rios, com capacidade para dois homens. Mas todos o chamavam simplesmente de bicasco.

Era uma pequena embarcação para navegação fluvial com propulsão a jato, construída pelos Estaleiros Lockheed para a Marinha norte-americana. O bicasco era conhecido pelo seu design incomparável. Basicamente, parecia que alguém tinha juntado duas pequenas lanchas, em forma de bala, com um eixo sutil de dois metros de extensão, criando assim um barco similar a um catamarã. A parte superior dos dois cascos era aberta, e cada uma delas era equipada com potentíssimos motores Yamaha de duzentos cavalos. Tudo isso tornava o barco extremamente veloz, mas ao mesmo tempo bem estável.

O bicasco de Schofield era pintado com as cores de camuflagem para o deserto: manchas marrons sobre um fundo areia. O barco avançava através da água numa velocidade incrível, levantando dois jatos de água de três metros de altura em seu rastro. Schofield estava sentado no posto da esquerda, nos comandos, enquanto Book II estava no posto da direita, sentado atrás de uma metralhadora, calibre 7.62mm montada na popa.

O sol irradiava um calor escaldante.

Já fazia quase quarenta graus à sombra.

— Como estão se saindo? — perguntou Schofield no seu microfone de pulso, enquanto olhava para o outro bicasco atrás dele, com Brainiac nos comandos e Herbie no posto do atirador.

A voz de Brainiac chegou imediatamente:

— Estou bem, mas acho que nosso amigo cientista está ficando verde. Estavam percorrendo a grande velocidade um estreito cânion com seis metros de largura, que serpenteava entre duas paredes rochosas para o sul, em direção à bacia principal do lago Powell.

Como previra, o canal que partia da estação do trem-X levava ao lago através de uma estreita e sinuosa galeria. No ponto em que a galeria encontrava o lago, um grande portão de aço, camuflado para parecer uma parede rochosa, tinha sido deixado aberto pelos ladrões em fuga.

Schofield e seus homens tinham acabado de sair da caverna no exato momento em que a parede de pedra foi inteiramente destruída pela monstruosa explosão do AFX.

Os dois bicascos percorriam uma longa curva no interior do cânion alagado.

Visto de cima, o cânion parecia o circuito de um autódromo, com uma série infinita de voltas, desvios e curvas de 180°.

Mas não era tão problemático quanto podia parecer.

O verdadeiro problema surgiu quando começaram a encontrar os outros cânions estreitos do lago Powell. A ramificação dos cânions parecia um labirinto de paredes altas formado pela interconexão de canais naturais.

Alcançaram um cruzamento de três canais, vindos do nordeste.

Inicialmente, Schofield não sabia o que fazer.

Dois canais com paredes rochosas se estendiam diante dele: uma bifurcação na estrada aquática. Era difícil adivinhar para onde Botha estava indo. Provavelmente o cientista sul-africano tinha um plano, mas qual?

Foi então que Schofield reparou nas ondas. Viu uma série de marolas batendo contra as paredes rochosas do cânion que seguia para a esquerda. As ondas eram quase imperceptíveis, mas serviam para indicar que um barco a motor tinha passado por ali.

Schofield pisou no acelerador, tomando o rumo sul, depois de virar à esquerda.

Enquanto seguia fazendo as curvas dos cânions, aproveitava para olhar para o alto de vez em quando. As paredes íngremes dos cânions erguiam-se mais de setenta metros acima do nível da água. Acima das bordas, Schofield conseguia ver as nuvens de areia que se elevavam soprando com inclemência e ofereciam um alívio esporádico para o sol forte.

Era uma tempestade de areia.

A tempestade de areia que tinha sido prevista para aquela manhã, e que os membros do HMX-1 pretendiam evitar.

Schofield podia ver que a tempestade estava violentíssima acima. Mas abaixo, com a proteção dos cânions, tudo estava relativamente calmo. De fato, eles se encontravam numa espécie de porto seguro meteorológico.

Mas era uma calma relativa, como Schofield sabia bem.

Porque naquele momento, saindo de uma curva estreita, irrompeu inesperadamente num grande espaço aberto, numa enorme formação parecida com uma cratera. No centro do lago se erguia uma mesa, uma montanha íngreme com o topo plano.

Embora circundada por paredões rochosos magníficos, a cratera era muito ampla para oferecer proteção total contra a violenta tempestade de areia que se desenvolvia mais acima. Rajadas de areia castigavam o vasto lago aberto, girando loucamente em todas as direções.

Schofield conseguiu vê-los através do véu formado pelos redemoinhos de areia.

Estavam contornando a base da montanha em alta velocidade pelo lado direito.

Cinco barcos.

Uma grande embarcação branca parecida com um aerobarco e quatro bicascos, também camuflados em tom de areia.

Schofield notou horrorizado que do lago circular se projetavam seis ou sete cânions estreitos, como se fossem os marcadores de um relógio, oferecendo múltiplas rotas de fuga.

Ele acelerou ao máximo, fazendo o bicasco balançar ainda mais através da tempestade. Seguiu para o lado esquerdo da montanha no centro da cratera, na esperança de surpreender os sul-africanos no outro lado.

Seu bicasco saltava sobre a água numa velocidade inacreditável, impulsionado pelos potentes motores turbinados. O de Brainiac e Herbie seguia ao lado se debatendo na água, levantando um jato d'água à medida que balançava violentamente sob uma cortina de areia.

Contornaram a extremidade esquerda da montanha e conseguiram ver os cinco barcos sul-africanos entrando num largo cânion vertical, que desaparecia atrás da parede ocidental da cratera.

Foram atrás deles, iniciando a perseguição.

Os sul-africanos deviam ter percebido sua presença, pois se afastaram do aerobarco, fazendo um arco de 180°, e passaram a

avançar perigosamente em direção ao barco de Schofield. Suas metralhadoras calibre 7.62mm começaram a rugir.

Foi então que, repentinamente e de forma surpreendente, o bicasco sul-africano da esquerda explodiu.

A embarcação simplesmente explodiu sobre a água, consumindo-se numa espécie de gêiser. Num instante ela estava ali, no instante seguinte tinha sido substituída por um anel de espuma e uma chuva de fibra de vidro que se precipitava sobre o local.

O outro bicasco mudou repentinamente seu trajeto, retomando a rota precedente, e abandonou o confronto, retornando em direção às outras embarcações sul-africanas.

Schofield virou-se.

— Mas que diabos...?

SHOOOOOM!!

Com um ruído ensurdecedor, três helicópteros pretos surgiram do nada, vindos do meio da tempestade de areia. As aeronaves começaram a perseguir as embarcações sul-africanas pela rede de cânions!

Como os antigos bombardeiros da Segunda Guerra Mundial, os três helicópteros se lançaram na relativa calma da cratera, mergulhando de forma arrojada, mas sem perder velocidade. Troavam acima de Schofield e seus homens, enquanto seguiam atrás dos sul-africanos, que tinham desaparecido no interior de um cânion estreito a oeste.

Os helicópteros entraram no cânion estreito atrás deles.

Schofield ficou boquiaberto.

Os três helicópteros eram realmente impressionantes: ágeis, mal-encarados e velozes. Schofield jamais vira algo parecido antes.

Tinham uma pintura metálica preta e pareciam um misto de helicóptero de ataque com avião de caça. As aeronaves tinham um rotor comum de helicóptero e o nariz pontiagudo, mas eram providas ao mesmo tempo de um par de asas ligeiramente anguladas para baixo.

Eram do tipo AH-77 Penetrator, helicópteros de ataque de tamanho médio. Tratava-se de um novo modelo: um híbrido de caça com helicóptero, que combinava a capacidade de flutuação de um

helicóptero com a grande velocidade de um caça. Com sua pintura preta capaz de absorver as ondas de radar, asas voltadas para baixo e uma cabine de aspecto severo, os helicópteros pareciam um cardume de ferozes tubarões voadores.

Os três Penetrator tinham desaparecido a toda velocidade dentro do cânion estreito, seguindo os quatro barcos sul-africanos e ignorando totalmente Schofield e seus homens.

Schofield teve um estranho pensamento durante um momento fugaz. Que diabos o pessoal da Força Aérea está fazendo aqui? Por que não estão atrás do presidente? Por que se importam tanto com Kevin?

Neste momento, todavia, tratava-se de uma tríplice perseguição.

— Senhor — era a voz de Brainiac. — O que devemos fazer? Schofield refletiu por um momento. Era a hora de tomar uma decisão.

Um turbilhão de pensamentos passou pela sua cabeça: Kevin, Botha, a Força Aérea, o presidente e a inexorável contagem regressiva do Futebol que, cedo ou tarde, o obrigaria a desistir da perseguição e retornar... Ele tomou uma decisão.

— Vamos atrás deles! — disse.

O bicasco de Schofield entrou com um estrondo no cânion pelo qual os sul-africanos e os Penetrator tinham entrado. Brainiac e Herbie seguiam logo atrás.

Era um cânion especialmente sinuoso: uma curva para a esquerda seguida de uma para a direita, com voltas e reviravoltas. Mas felizmente era bem protegido da tempestade de areia.

Depois de uma centena de metros, o cânion se dividia em dois estreitos braços: um seguia para a esquerda, o outro para a direita. Nenhum deles podia saber que no lago Powell os cânions freqüentemente se bifurcavam para se reencontrarem depois, como peças de um fio entretecido, formando múltiplas interseções...

Schofield observou os três helicópteros da Força Aérea se separarem na bifurcação: um virou para a esquerda, os outros para

a direita. Os quatro barcos sul-africanos que seguiam à frente também deviam ter feito o mesmo.

— Brainiac! — gritou ele. — Vá pela esquerda! Nós seguiremos pela direita! Lembre-se que tudo que queremos é o garoto! Vamos pegá-lo e depois cair fora daqui o mais rápido possível!

— Entendido, Espantalho.

Os dois bicascos se separaram, cada um seguindo por um cânion diferente. Schofield cortando à direita, Brainiac entrando à esquerda.

Para Schofield, foi como entrar num espetáculo pirotécnico: um espetacular festival de balas traçantes e mísseis que explodiam contra as paredes rochosas.

Os dois helicópteros pretos estavam cerca de oitenta metros adiante dele. Perseguiam o aerobarco e um dos bicascos sul-africanos. Os velozes helicópteros mantinham-se voando abaixo das bordas do cânion, visto que a violenta tempestade de areia os impedia de voar numa altitude mais elevada. Voavam em ziguezague, seguindo as repentinas mudanças de direção do cânion, enquanto as hélices espalhavam a areia soprada pela tempestade.

Os canhões Vulcan despejavam uma rajada de balas. Mísseis ar-terra eram lançados das asas dos helicópteros e explodiam nos paredões rochosos ao redor dos barcos sul-africanos.

No que dizia respeito aos sul-africanos, eles não estavam exatamente intimidados.

Os homens a bordo do bicasco tinham vindo preparados para defender o aerobarco. Dispunham de um lançador portátil de mísseis Stinger. Enquanto um dos homens pilotava o bicasco, o atirador colocava o lançador de mísseis sobre o ombro e disparava contra os helicópteros.

Provavelmente os Penetrator eram equipados com as mesmas contramedidas eletrônicas semelhantes aos AWACS da Área 7, pois os Stinger realizavam as mais loucas trajetórias antes de explodir nos paredões rochosos, lançando chuvas de pedras do tamanho de um carro. Schofield tinha que desviar o barco para não colidir com as rochas.

Repentinamente, Schofield viu um longo objeto branco soltar-se de um suporte na parte inferior de um dos helicópteros pretos. Um pequeno pára-quedas controlou a queda do objeto até o impacto na água.

Um segundo mais tarde, a água por baixo do helicóptero começou a formar espuma; em seguida, uma trilha de pequenas bolhas partiu pela água, seguindo diretamente para o bicasco sul-africano.

Era um torpedo!

Passados apenas cinco segundos, o bicasco explodiu violentamente.

O impacto da explosão foi tão forte que o arrancou da água. A embarcação ficou totalmente descontrolada e passou a girar no ar em altíssima velocidade e a quicar sobre a superfície da água para depois se chocar no paredão rochoso do cânion, explodindo numa bola de fogo.

Schofield estava acelerando ao máximo e conseguia ganhar terreno lentamente. Agora estava a cerca de cinquenta metros dos fugitivos. Tentava alcançá-los, mas a vantagem inicial dos sul-africanos tinha sido muito grande.

E depois, abruptamente, o cânion virava à esquerda...

... e reencontrava-se com o cânion gêmeo pelo qual Brainiac e Herbie tinham entrado para perseguir os outros dois bicascos: naquele ponto, os dois vales se encontravam, formando um imenso cruzamento.

Foi então que aconteceu.

O aerobarco branco dos sul-africanos entrou no cruzamento no exato momento em que um outro bicasco chegava pelo outro lado.

Os barcos vinham a toda velocidade, seguindo em rota de colisão.

O aerobarco e o bicasco viraram bruscamente para evitar o choque. As duas embarcações frearam, saindo violentamente de traseira e levantando dois imensos jatos de água para o alto. Ambas perderam todo o impulso num único instante.

O segundo bicasco sul-africano, proveniente do cânion de Brainiac, não teve nenhuma possibilidade de reduzir a velocidade.

Entrou no cruzamento com a velocidade de um projétil, passando milagrosamente entre os dois barcos que tinham acabados de parar, e desapareceu um instante depois pelo cânion do lado oposto, seguindo para oeste.

Os três Penetrator da Força Aérea, os dois provenientes do cânion de Schofield e o que vinha pelo outro lado, também acabaram no meio desse caos. Um conseguiu frear a tempo com uma manobra arrojada, enquanto os outros dois prosseguiram em trajetórias cruzadas e evitaram a colisão por uma questão de centímetros, ao mesmo tempo em que disparavam contra os barcos momentaneamente imobilizados abaixo.

Era tudo de que Schofield precisava.

Agora ele podia alcançá-los.

O bicasco de Brainiac ainda estava a cerca de oitenta metros de distância do cruzamento.

Na confusão que se desenvolvia à sua frente, Schofield viu o aerobarco recomeçando a andar, enquanto o bicasco sul-africano ainda estava parado no meio do cruzamento.

Brainiac concentrou-se no aerobarco, que agora girava lateralmente na água, preparando-se para retomar sua fuga através do cânion no lado sul. Seguiu imediatamente em direção à embarcação.

Schofield chegou ao cruzamento no exato momento em que o aerobarco disparava em direção ao lado sul e o bicasco de Brainiac se precipitava velozmente pelo estreito cânion para segui-lo.

— Estou indo atrás do aerobarco, senhor!

— Estou vendo — gritou Schofield.

Também estava se preparando para seguir as duas embarcações, quando viu de soslaio uma movimentação à direita. Virou-se para poder observar um cânion de paredes rochosas altíssimas que se estendia a oeste.

Viu um dos bicascos sul-africanos desaparecendo através do extenso cânion.

Era o bicasco que tinha passado direto pelo cruzamento sem nem mesmo reduzir a velocidade. Curiosamente, a embarcação não estava nem mesmo tentando fazer a volta para ir ajudar o aerobarco.

Depois, num piscar de olhos, o bicasco desapareceu por uma saída lateral assim que chegou no final do cânion maior.

Foi então que Schofield se deu conta.

O garoto não estava a bordo do aerobarco.

Estava no bicasco.

Naquele bicasco.

— Ai, não — sussurrou Schofield, enquanto manobrava rapidamente, ao mesmo tempo em que via o bicasco de Brainiac desaparecer velozmente numa curva do cânion no lado sul, continuando a perseguir o aerobarco. — Brainiac...

O bicasco cor de areia de Brainiac seguia a toda velocidade.

Tinha se aproximado em pouco tempo do aerobarco sul-africano e finalmente estava emparelhando. As duas embarcações seguiam avançando, uma ao lado da outra, através do cânion estreito como se fossem dois velozes carros de corrida, seguidos pelos dois Penetrator da Força Aérea, que continuavam a disparar do alto.

— Brainiac, vo... pod... m... esc...?— ecoou a voz de Schofield no fone de ouvido de Brainiac de forma truncada, e, com o estrondo das balas, dos motores e dos helicópteros, o jovem fuzileiro não conseguiu entender as palavras do capitão.

Brainiac fez um sinal para que Herbie assumisse os controles do bicasco. As duas embarcações seguiam emparelhadas. Brainiac levantou-se no assento.

O aerobarco estava bem ao lado de Brainiac, que podia ver os dois motores fixados na popa trinchando as águas. Mas ele não conseguia enxergar através dos vidros espelhados das grandes janelas da embarcação.

Em seguida, depois de respirar fundo, ele saltou, superando o pequeno espaço que separava os dois barcos em alta velocidade. Aterrissou de pé na estreita passarela lateral do aerobarco.

— Ainiac... saia... daí!...

A voz de Schofield vinha fragmentada.

Brainiac agarrou um corrimão que contornava a cabine do aerobarco. Não sabia ao certo o que aconteceria em seguida. Talvez encontrasse alguma resistência, talvez alguém fosse abrir uma das portas laterais e disparar contra ele. Mas não surgiu resistência alguma.

Brainiac não deu importância. Mergulhou para a frente e rolou sobre o tombadilho de proa ao mesmo tempo em que empunhava sua pistola. Com um tiro, estourou o pára-brisa do barco. Cacos de vidro voaram em todas as direções. Depois, assim que a fumaça baixou, ele pôde ver o interior da cabine.

E franziu o cenho.

A cabine estava vazia.

Brainiac entrou nela com um pulo...

...e viu que os controles de pilotagem estavam se movendo sozinhos, acionados por alguma espécie de sistema de navegação computadorizada, um sistema que impedia a embarcação de se aproximar tanto de paredes rochosas quanto de outros barcos.

Repentinamente, no silêncio da cabine, a voz de Schofield surgiu alta e clara no ouvido de Brainiac.

— Pelo amor de Deus, Brainiac! Dê o fora daí! O aerobarco é um chamariz! O aerobarco é um chamariz!

Mas naquele exato momento, com um horror absoluto, Brainiac ouviu o bip estridente que sinalizaria o fim de sua vida.

Um segundo mais tarde, o aerobarco inteiro voou pelos ares. Suas janelas foram projetadas para o exterior, numa violentíssima explosão.

O impacto da detonação da explosão também desestabilizou o bicasco de Herbie, fazendo com que a pequena lancha emborcasse e deslizasse pela superfície do canal de cabeça para baixo, antes de se chocar na parede do cânion e finalmente parar.

O bicasco destruído permaneceu imóvel ali, sob a chuva de pedras provocada pela explosão.

Mais atrás, no cruzamento dos dois cânions, Schofield estava pronto para perseguir o bicasco sul-africano que fugira pouco antes, quando, do nada, uma longa linha de gêiseres se levantou na água em volta de seu barco.

Era o quarto e último bicasco sul-africano. Estavam disparando na direção deles. Seu motor tinha sido novamente ligado, e o barco agora seguia para o lado leste, retornando para o cânion pelo qual tinha vindo.

Antes mesmo que Schofield pudesse pensar em responder ao fogo, duas linhas paralelas de projéteis fizeram a água dançar em torno dele. Eram muito maiores do que os do bicasco sul-africano e estavam tão próximos de Schofield que os respingos molharam seu rosto.

O fogo de barragem desta vez provinha do terceiro helicóptero Penetrator, que ainda sobrevoava o cruzamento dos dois cânions — inclinado lateralmente em pleno ar —, procurando por Kevin. O canhão Vulcan de seis canos do helicóptero preto rugia alto, mostrando uma imensa língua de chamas amarelas na direção do barco de Schofield.

Schofield acelerou rapidamente o motor de seu bicasco, desviando-se para a esquerda, para longe dos disparos do Penetrator, mas também para longe do bicasco no qual Kevin estava sendo levado. Agora, estava indo atrás do outro bicasco sul-africano, o que se dirigia de volta para leste, em direção ao lago com a mesa no centro.

Com o nariz abaixado e as turbinas com toda a potência, o Penetrator começou a perseguir Schofield como se fosse um tiranossauro Rex em plena caçada.

O barco de Schofield quase voava através do sinuoso cânion de paredes rochosas, seus cascos mal tocavam a superfície da água. Ele continuava a perseguir o bicasco sul-africano que avançava à sua frente. No encalço deles, vinha o Penetrator, cada vez mais parecido com um tubarão, aproximando-se rapidamente.

— Alguma idéia? — gritou Book II, de seu posto junto à metralhadora.

— Claro! — gritou Schofield. — Permaneça vivo!

O Penetrator abriu fogo, e outras duas linhas paralelas de geiseres levantaram água em torno do bicasco em alta velocidade.

Schofield virou violentamente para a esquerda, tão violentamente que o casco esquerdo saiu da superfície, no exato momento em que uma rajada acertava a água bem embaixo dele.

Um instante depois, dois torpedos foram lançados da parte inferior do Penetrator.

Schofield arregalou os olhos assim que os viu.

— Merda!

Um depois do outro, os dois torpedos mergulharam na água, e, um segundo mais tarde, dois idênticos rastros de bolhas avançaram em direção aos bicascos, que seguiam através do cânion.

Um dos torpedos começou imediatamente a seguir o barco de Schofield, que guinou à direita, indo direto para uma grande pedra de formato esquisito que se projetava do paredão direito do cânion. A pedra grande e arredondada era muito parecida com uma rampa...

O torpedo se aproximava rapidamente.

O bicasco de Schofield seguia em velocidade máxima. Book II viu o que Schofield tinha em mente: a pedra grande e arredondada...

No exato momento em que o torpedo estava para alcançar uma das duas turbinas, o bicasco tocou na rampa de pedra e saiu da água, enquanto os dois cascos arredondados arranhavam a rocha. Com um ruído agudo de metal, a embarcação decolou da rampa improvisada, voando no ar como um imenso peixe. Simultaneamente, o torpedo atingiu a base da pedra, pulverizando-a numa nuvem de poeira e fogo.

O bicasco pousou na água com uma pancada e seguiu avançando sem perder velocidade. Schofield se voltou a tempo de ver o bicasco sul-africano desviar-se para a esquerda em direção a um túnel semicircular escavado no paredão esquerdo do cânion.

Seguiu naquela direção, enquanto o torpedo remanescente continuava no seu encaixe como se fosse um crocodilo faminto.

O bicasco sul-africano desapareceu no túnel.

Um instante mais tarde, o barco de casco duplo de Schofield também entrou na escuridão do túnel.

O torpedo deu uma guinada, seguindo na mesma direção.

Com os faróis acesos, os dois bicascos zuniam através do túnel estreito a quase 160 quilômetros por hora. As paredes escuras e molhadas da passa-gem fechada se sucediam numa grande velocidade, dando a impressão de que estavam viajando numa montanha-russa.

Schofield permanecia totalmente concentrado na pilotagem.

O barco era realmente veloz!

O interior do túnel tinha seis metros de largura e um formato rudemente cilíndrico, com paredes que se curvavam levemente na altura da água. A cerca de sessenta metros de distância, Schofield viu um pontinho de luz: a saída do túnel.

Subitamente, Book II gritou:

— Está se aproximando!

— O quê?

— O outro torpedo!

Schofield se virou para olhar.

Com efeito, o torpedo aproximava-se rapidamente.

Schofield voltou-se para ver o rastro dos motores do bicasco sul-africano, que estava cinco metros à frente. Droga! Os bicascos tinham quatro metros de largura, logo não havia espaço suficiente para fazer uma ultrapassagem no interior do túnel.

Schofield forçou pela esquerda, mas o bicasco sul-africano cortou a passagem. Tentou pela direita e obteve o mesmo resultado.

— O que vamos fazer? — gritou Book II.

— Não tenho a men... — Schofield interrompeu o que estava dizendo. — Segure-se firme!

— O quê?

— Segure-se firme só isso!

O torpedo deslizava por debaixo da água como se fosse uma serpente rastejante e se aproximava perigosamente da popa do barco de Schofield.

Schofield acelerou ainda mais, ficando cada vez mais perto do bicasco sul-africano adiante. Naquele momento, as duas velozes embarcações de casco duplo estavam avançando a 160 quilômetros por hora num espaço minúsculo, separadas somente por algumas dezenas de centímetros.

Schofield viu o piloto sul-africano se virar com um movimento rápido para poder vê-los.

— Olá! — Schofield acenou para o sujeito. — E adeus!

No exato momento em que o torpedo começou a desaparecer por debaixo da popa de seu barco, Schofield apertou o acelerador ao máximo e virou o leme bruscamente à direita.

O bicasco virou no mesmo instante para a direita. O casco da direita perdeu a aderência e saiu da água, tocando na parede de rocha. O bicasco inteiro se ergueu no alto, correndo pela parede durante alguns instantes num ângulo reto em relação à superfície da água.

Isso não fez diferença alguma para o torpedo. Superado seu alvo original — tendo ultrapassado o barco de Schofield, que agora viajava pela parede —, partiu então direto para o único outro objeto em movimento nas vizinhanças: o bicasco sul-africano.

A explosão no exíguo espaço do túnel foi impressionante.

O bicasco sul-africano foi desintegrado em mil pedaços, que saíram voando em todas as direções, suspensos numa gigantesca bola de fogo que preencheu totalmente a estreita passagem de forma cilíndrica.

Prosseguindo ainda a grande velocidade, Schofield conseguiu fazer com que o barco de casco duplo descesse escorregando pela parede inclinada, caindo sobre os restos carbonizados do bicasco sul-africano e atravessando a parede de fogo que agora preenchia o túnel, antes de alcançar inesperadamente o fim do túnel. Irromperam numa área aberta, encontrando-se nas águas calmas de um cânion banhado pela luz do sol.

Schofield soltou o acelerador e deixou que o bicasco parasse no meio do novo cânion.

Seu rosto e o resto do corpo estavam totalmente encharcados. Book II estava no mesmo estado.

Schofield olhou para o novo cânion de paredes altas que se erguiam ao redor deles, tentando buscar um ponto de referência para descobrir onde estavam. Rapidamente percebeu que não se tratava de um novo cânion: era o mesmo subcânion pelo qual tinham passado antes, quando se separaram de Brainiac. Schofield se deu conta de que não estavam longe da bifurcação onde tinham visto Brainiac pela última vez.

Schofield acelerou novamente e começou a manobrar o barco para voltar a perseguir o bicasco sul-africano com Kevin a bordo, quando ouviu um estranho barulho surdo vindo da direita.

Virou-se instantaneamente.

E viu outro helicóptero, um quarto helicóptero, meio encoberto pela parede vertical do cânion. Sobrevoava a bifurcação dos dois subcânions a vinte metros de altitude.

Mas esse helicóptero imediatamente chamou a atenção de Schofield.

Não era um Penetrator. Era bastante maciço, e a fuselagem não tinha linhas arrojadas.

Ao observá-lo pairando em pleno ar, Schofield viu que se tratava de um Super Stallion CH-53E, um potente helicóptero para o transporte de carga, muito similar aos dois modelos que habitualmente acompanhavam o Marine One. O Super Stallion era reconhecido por sua robustez e potência; com a rampa posterior móvel, a aeronave podia acomodar 55 homens totalmente equipados e transportá-los numa viagem de ida e volta ao inferno.

Os homens da Força Aérea deviam ter trazido o Super Stallion para levar o garoto de volta quando a missão tivesse sido cumprida. Os Penetrator tinham espaço para apenas três tripulantes, quando configurados para atacar.

A julgar pelo modo como pairava sobre a bifurcação dos dois subcânions, levemente inclinado para o lado, Schofield intuiu que ele não seria utilizado somente para transportar prisioneiros: provavelmente estava provendo alguma espécie de apoio logístico à missão.

Schofield manobrou a lancha e seguiu lenta e cautelosamente na direção do Super Stallion.

— O que está fazendo? — perguntou Book II. — O garoto foi naquela direção.

— Eu sei — respondeu Schofield. — Mas, do jeito que estou vendo as coisas, não vamos pegar aquele garoto se continuarmos na água. É hora de seguirmos pelo ar.

Na cabine do Super Stallion, os três combatentes do 7o Esquadrão usavam fones de ouvido. Um estava nos comandos do helicóptero, enquanto os outros dois falavam animadamente nos microfones, gritando para se fazerem ouvir por cima do barulho do rotor.

Eles também estavam procurando o bicasco sul-africano que fugira depois de quase colidir no cruzamento dos cânions.

— ...Penetrator Um, aqui é Looking Glass — disse um dos soldados. — Há um cânion à direita, sigam através dele. Podem ter ido por ali...

— Penetrator Dois. Retroceda para o norte e verifique o cânion à sua esquerda — disse o outro operador.

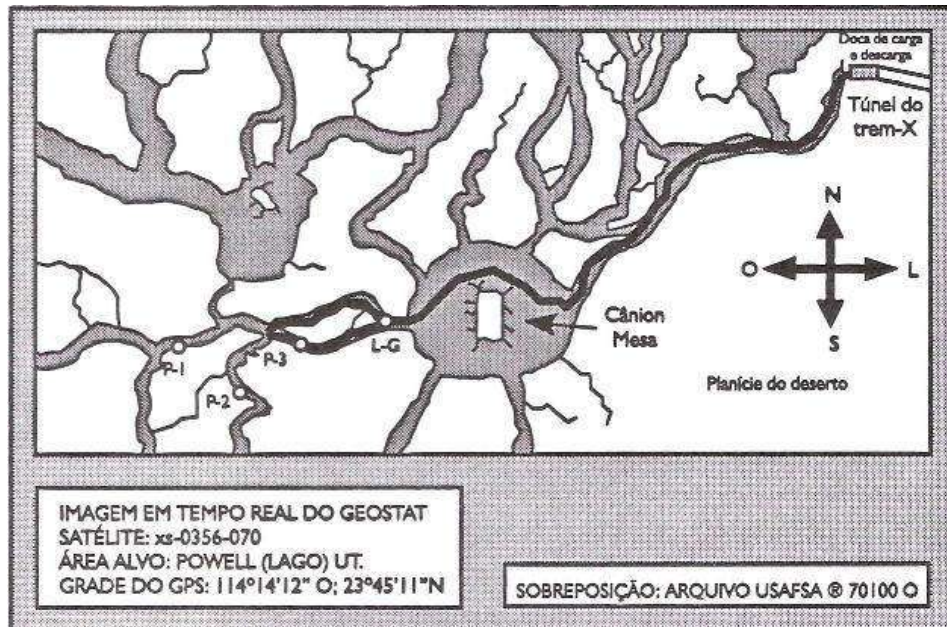
Nas telas esverdeadas à frente dos dois homens, um mapa reproduzia o sistema de cânions do lago Powell.

Os três pontos luminosos à esquerda, P-1, P-2, e P-3, indicavam a posição dos três Penetrator que espreitavam os cânions em busca do bicasco sul-africano. O ponto estacionário perto da cratera central, L-G, representava o helicóptero Super Stallion, cujo codinome era Looking Glass. A linha preta indicava o trajeto percorrido até aquele momento da caçada.

Enquanto os dois operadores de rádio continuavam a dar instruções, o piloto olhava para o cânion diante deles através do pára-brisa em forma de bolha da aeronave. Em meio ao ruído das hélices e de suas próprias vozes nos microfones, nenhum dos membros da tripulação ouviu o ruído surdo do Maghook batendo contra a parte inferior do potente helicóptero.

Depois de se aproximar do helicóptero vindo por trás, o bicasco de Schofield encontrava-se exatamente debaixo do Super Stallion e sacolejava na água agitada pelos rotores do helicóptero.

Um cabo fino — parecido com um fio — ligava o bicasco à parte inferior do Super Stallion, a vinte metros de altitude. Era a corda preta feita com fibras de Kevlar do Maghook de Schofield.



Em seguida, repentinamente, um homem deslizou pelo ar em direção ao helicóptero, impulsionado para o alto pelo carretel interno do Maghook.

Era Schofield.

Em poucos segundos, ele já estava pendurado na parte inferior da cabine do Super Stallion, vinte metros acima da superfície do lago e bem próximo a uma escotilha de emergência embutida no piso do helicóptero

O barulho dos rotores era ensurdecedor. As correntes de vento vindas das hélices eram fortíssimas, fazendo com que o uniforme do 7º. Esquadrão que ele vestia ficasse colado contra o corpo, e o Futebol, pendurado na cintura, balançasse violentamente.

Os Super Stallion possuem um mecanismo retrátil para as rodas de aterrissagem; assim, Schofield se agarrou a um dos

ganchos para suporte dos cabos. Depois, apertou um botão no Maghook, fazendo-o descer até Book.

Poucos segundos se passaram, e Book II estava ao lado dele, pendurado pelo Maghook na parte inferior do Super Stallion.

Schofield esticou o braço em direção à maçaneta de pressão que soltava a escotilha.

— Está preparado? — gritou ele.

Book II fez que sim com a cabeça.

Então, com um gesto firme, Schofield girou a maçaneta, e a escotilha de emergência acima deles se abriu.

A primeira coisa que os homens no interior do Super Stallion sentiram foram as rajadas de vento.

Uma verdadeira ventania irrompeu na parte posterior da cabine do Super Stallion antes que Schofield passasse da escotilha para o piso da aeronave, seguido de perto por Book II.

Através da escotilha, entrava-se no compartimento posterior para o transporte de tropas, um amplo espaço separado da cabine de pilotagem por uma pequena porta de aço.

Os dois operadores de rádio na cabine se viraram simultaneamente e, olhando para a porta, tentaram pegar suas armas.

Mas Schofield e Book II agiram rapidamente e sacaram suas armas numa perfeita sincronia de movimentos. Com um disparo de Schofield, o primeiro operador tombou morto. Com um disparo de Book, o segundo homem foi eliminado.

O piloto do helicóptero percebeu o que estava acontecendo às suas costas. Mas se deu conta de que pegar sua arma não era a melhor maneira de resolver aquela situação.

Empurrou a alavanca de comando do Super Stallion para a frente, fazendo com que o helicóptero sofresse um fortíssimo solavanco.

Book II imediatamente perdeu o equilíbrio e caiu. Schofield, que já estava correndo para a cabine, deslizou rapidamente para a frente, em direção à porta aberta da cabine.

O piloto tentou fechar a porta com um chute para isolar a cabine de comando, mas Schofield foi suficientemente rápido.

Passou deslizando pela porta — girando o corpo enquanto fazia isso —, parando exatamente na entrada. Mantinha a porta aberta com uma mão enquanto segurava sua Desert Eagle 44 com a outra, apontada diretamente para o nariz; do piloto.

— Não me obrigue a fazer isso — disse Schofield. Ele permanecia deitado sobre o piso e observava o piloto por trás do cano da sua pistola, mantendo o dedo no gatilho.

O piloto estava estupefato, literalmente com o queixo caído. Limitava-se a olhar enfurecido para Schofield, que permanecia deitado no chão, com a arma apontada e pronta para ser disparada.

— Não me obrigue a fazer isso! — repetiu Schofield.

O piloto tentou pegar sua Glock no coldre.

Bang!

Schofield meteu-lhe uma bala no cérebro.

— Maldição! — exclamou ele, empurrando o piloto morto para fora do assento e assumindo os controles. — Eu avisei, seu babaca.

Acompanhado do ruído dos motores potentes, o Super Stallion, com Schofield e Book a bordo, sobrevoava o estreito cânion, inclinando-se a cada nova curva. Seguiam em direção ao cruzamento dos dois cânions, onde os barcos sul-africanos quase colidiram mais cedo.

Schofield ainda tinha em mente o bicasco sul-africano que entrara no cânion do lado oeste, para depois desaparecer à direita, num estreito subcânion no final daquela passagem.

Com o auxílio do mapa do lago Powell no computador de bordo do Super Stallion, Schofield agora sabia que aquele subcânion, depois de uma longa série de curvas e de estreitos, desembocava num lago similar a uma cratera, com uma pequena mesa no centro.

Era para lá que o bicasco devia estar se dirigindo. Mas o que os aguardava naquela cratera? perguntou-se Schofield. Por que os sul-africanos estavam se dirigindo para lá? O Super Stallion avançava entre as estreitas paredes rochosas, dirigindo-se para o cruzamento dos cânions. Estava saindo de uma longa curva, quando... ...ficou

frente a frente com um dos Penetrator da Força Aérea. Schofield puxou a alavanca de controle, fazendo com que o Super Stallion parasse em pleno ar.

O Penetrator pairava bem no meio do cruzamento dos dois cânions, inclinado lateralmente no ar, verificando cada uma das quatro passagens que se encontravam naquele ponto. Parecia um gigantesco tubarão voador procurando por sua presa. O Penetrator os avistou.

— Looking Glass, aqui é o Penetrator Três — disse uma voz aguda amplificada pelo rádio da cabina. — Já recebeu alguma imagem em tempo real do satélite?

Schofield ficou paralisado.

Merda.

— Rápido, Book. Verifique as armas!

O Penetrator girava lentamente no ar para ficar diante do Super Stallion.

— Looking Glass? Está ouvindo?

Temos uma metralhadora Gatling instalada no nariz. É tudo que temos — disse Book II.

— Nada mais?

Os dois helicópteros ficaram frente a frente, pairando sobre o cruzamento como se fossem duas águias medindo forças. Estavam separados por menos de cem metros de distância.

— Nada.

— Looking Glass — a voz no rádio assumiu um tom cauteloso —, por favor, responda imediatamente com o seu código de autenticação.

Schofield podia ver os mísseis sob as asas inclinadas do Penetrator.

Pareciam Sidewinders.

Sidewinders... pensou Schofield.

Pouco depois, ele apertou repentinamente o botão "FALAR" no console.

— Helicóptero Penetrator, aqui quem fala é o capitão Shane Schofield, do destacamento presidencial do Corpo de Fuzileiros

Navais dos Estados Unidos. Este helicóptero agora está sob o meu comando. Tenho somente uma coisa para lhe dizer.

— E o que seria?

— Abata-me — disse Schofield, categoricamente.

Silêncio.

Em seguida:

— Certo...

— Que diabos está fazendo? — perguntou Book II.

Schofield não respondeu. Mantinha os olhos grudados nas asas do Penetrator.

Um instante depois, acompanhado de um clarão, um míssil AIM-9M Sidewinder foi disparado da asa esquerda do Penetrator.

— Ai, merda — sussurrou Book II.

Schofield encontrava-se exatamente de frente para o míssil disparado, e, daquela posição, pôde observar a ponta arredondada e a forma estrelada dos estabilizadores do foguete; viu também o rastro de fumaça enquanto o míssil avançava através do ar, vindo na direção deles!

— O que está fazendo? — exclamou Book II. — Vai simplesmente ficar parado, enquanto...?

Foi então que Schofield fez algo estranhíssimo.

Apertou o gatilho da metralhadora que ficava embutido na alavanca de controle.

Com o Sidewinder que voava na direção deles, agora a menos de dois segundos do impacto, a Gatling instalada no nariz do Super Stallion ganhou vida, começando a disparar uma rajada de balas traçantes que brilhavam num tom alaranjado.

Schofield dirigiu a linha de balas, que pareciam um raio laser, na direção do míssil, que estava a uma dezena de metros do helicóptero. Eles atingiram exatamente a ponta arredondada, que explodiu em pleno ar, a menos de cinco metros do pára-brisa do Super Stallion.

— O que é...? — disse Book II.

Mas Schofield tinha apenas começado.

Agora que o Sidewinder estava fora do caminho, ele desviou a rajada de balas traçantes na direção do Penetrator.

À curta distância, conseguiu ver os dois pilotos do Penetrator tentando disparar outro míssil, mas era tarde demais.

As balas traçantes de Schofield crivaram a fuselagem do Penetrator, uma seguida de outra e de mais outra, perfurando-a.

A rajada incessante de Schofield deve ter atravessado a cabine, porque, alguns segundos mais tarde, um dos tanques de combustível do helicóptero se incendiou. A aeronave inteira explodiu numa bola de fogo, que simplesmente precipitou-se do céu contra as águas do lago.

Com o Penetrator fora do caminho, Schofield acelerou o Super Stallion através do cânion a oeste, dirigindo-se para o estreito cânion pelo qual o bicasco tinha desaparecido.

— Com os diabos, o que é que você fez ali atrás? — perguntou Book II.

— O quê?

— Eu não sabia que era possível abater um míssil com balas traçantes.

— Não todos, somente os Sidewinders — disse Schofield. — Os Side-winders procuram o calor. Usam um sistema infravermelho para fixar o alvo. Mas, para terem êxito, o mecanismo de busca do míssil deve permitir que a radiação infravermelha passe através dele. Isso quer dizer que o mecanismo deve ser feito de qualquer material que não seja aço. Na realidade, o mecanismo de busca de um Sidewinder é feito de um plástico transparente bastante frágil. É o ponto fraco desse míssil.

— Você atirou no ponto fraco dele?

— Atirei.

— Uma estratégia bem arriscada, não lhe parece?

— Pude vê-lo vindo de frente. Poucas pessoas conseguem ver um Sidewinder de frente. Valeu a pena correr o risco.

— Você sempre corre esse tipo de risco? — perguntou Book II, com frieza.

Schofield ficou surpreso com a pergunta.

Hesitou um pouco antes de responder, avaliando o jovem sargento ao seu lado.

— Tonto não correr — disse ele. — Mas às vezes... é inevitável. Naquele momento, tinham chegado ao estreito cânion pelo qual o bicasco sul-africano fugira.

O pequeno cânion estava encoberto pela sombra e era bem mais estreito do que Schofield pensara. As hélices do Super Stallion mal cabiam no espaço entre as elevadas paredes rochosas.

O gigantesco helicóptero continuava a estrondar através do cânion estreito, encoberto pelas sombras, até que irrompeu repentinamente numa área iluminada pelo sol, sobre um lago em forma de cratera circundado por paredões rochosos com mais de cem metros de altura. Na extremidade norte do lago havia uma pequena mesa.

Como já tinha ocorrido na outra cratera, a tempestade de areia acima do conjunto de cânions do lago Powell conseguia invadir a faixa aberta de água. A areia impulsionada pelo vento precipitava-se no lago como se fosse uma estranha chuva seca e tamborilava no pára-brisa diante de Schofield.

— Consegue ver alguma coisa? — gritou Schofield.

— Por ali! — Book II apontou para a esquerda, para o lado externo da parede da mesa. Um cânion particularmente largo se abria para leste, afastando-se do pequeno lago circular.

Naquele ponto, Schofield viu uma pequena embarcação oscilando nas ondas criadas pela tempestade de areia. Era o bicasco sul-africano. E estava sozinho.

O Super Stallion de Schofield sobrevoava rapidamente a superfície do lago. Seguia voando a baixa altitude e em alta velocidade, acompanhado do ensurdecido ruído dos rotores.

Schofield observava o bicasco atentamente à medida que se aproximava.

Parecia estar parado, como se estivesse preso a uma âncora, a cerca de vinte metros do ponto no qual a parede de pedra submergia na água.

Schofield reduziu a velocidade do helicóptero, manobrando-o para ficar parado a trinta metros de distância do bicasco. A aeronave

pairava dez metros acima da água. Grãos de areia levados pelo vento se chocavam contra o pára-brisa.

Schofield pôde então observar o bicasco mais atentamente, e viu uma espécie de corda que se estendia em direção à água. O bicasco estava preso a uma âncora...

Subitamente, Schofield avistou uma movimentação no bicasco.

Através do véu de areia, ele viu um gorducho careca, usando uma camisa de mangas curtas, levantar-se no posto à esquerda, aquele reservado para o piloto.

Era Gunther Botha.

Botha estava abaixado próximo a seu assento, fazendo alguma coisa, quando o helicóptero de Schofield se aproximou sorrateiramente, aproveitando-se da barulhenta tempestade de areia.

Na lancha do lado direito, no entanto, Schofield viu outra pessoa. Era o pequeno vulto de Kevin, parecendo minúsculo e totalmente fora de lugar, sentado atrás da metralhadora da embarcação. Schofield soltou um suspiro de alívio. Tinha encontrado o garoto.

A voz de Schofield ecoou através dos alto-falantes externos do Super Stallion:

— Dr. Gunther Botha, somos fuzileiros navais dos Estados Unidos da América! Você agora está preso! Entregue o garoto e renda-se imediatamente!

Botha parecia não se importar. Limitou-se a jogar, com pressa, alguma coisa de formato quadrado e de aspecto metálico para fora da embarcação. O objeto bateu na água e afundou, desaparecendo de vista.

Que diabos ele está fazendo? Pensou Schofield.

Pouco depois, no interior da cabine do Super Stallion, Schofield virou-se para Book.

— Abra a rampa de carga. Em seguida, faça um giro de 180°, de modo que a traseira do helicóptero fique de frente para o barco.

O Super Stallion manobrou lateralmente, girando em pleno ar, enquanto a rampa de carga se abria lentamente.

A parte posterior do gigantesco helicóptero estava agora voltada para o bicasco. Voava a apenas três metros da superfície da água. Schofield estava de pé sobre a rampa aberta, com a Desert Eagle numa mão e um microfone na outra. Milhões de grãos de areia giravam em torno dele, fustigados pela ventania.

Ele levantou o microfone até a altura dos lábios.

— O garoto, Botha — estrondou a voz amplificada. Entretanto, Botha parecia não se importar.

Kevin, no entanto, tinha se voltado no seu assento e conseguira ver Schofield em pé sobre a rampa aberta do Super Stallion. Um sorriso largo surgiu no rosto do garotinho. Ele acenou, o aceno de uma criança, balançando o braço freneticamente de um lado para o outro.

Schofield retribuiu com um rápido aceno.

Naquele momento, ele estava mais preocupado com o que Botha pretendia fazer, visto que agora conseguia ver o gordo virologista sul-africano mais nitidamente.

Botha portava um tanque de mergulho amarrado às costas, por cima de sua camisa branca de mangas. Jogou uma máscara de mergulho para Kevin e gesticulou para que o garotinho a colocasse.

Schofield franziu o cenho. Equipamento de mergulho?

Não importava o que Botha tinha em mente, era chegado o momento de detê-lo.

Schofield ergueu sua arma. Estava prestes a disparar um tiro para advertir Botha, quando, repentinamente, sem nenhuma espécie de aviso, ouviu um ruído mecânico alto e surdo. Vinha de algum lugar próximo, acima dele. Schofield viu o rotor traseiro do Super Stallion explodir em um milhão de pedaços, separando-se totalmente do restante do helicóptero!

Como um galho de árvore sendo partido, a cauda do Super Stallion se soltou da fuselagem da aeronave e despencou na água. Instantaneamente, o helicóptero começou a girar sobre o próprio eixo, afastando-se do bicasco.

Com a perda do rotor traseiro, o Super Stallion girava fora de controle, rodopiando para baixo, em direção à superfície da água.

Na cabine, Book II brigava com a alavanca de controle do helicóptero, mas não havia mais salvação para o Super Stallion. A aeronave girava em total descontrole, com o nariz embicado em direção à água.

No compartimento de trás, Schofield foi arremessado contra uma parede lateral, mas de algum modo conseguiu se agarrar num dos assentos de lona.

O Super Stallion bateu no lago.

Um enorme esguicho de água se ergueu no ar, voando para todos os lados. O imenso nariz do helicóptero avançou para o fundo do lago, desaparecendo sob a água durante longos dez segundos antes que a capacidade de flutuar da aeronave a fizesse emergir novamente.

Book II instintivamente apertou um botão, fazendo com que os motores do helicóptero fossem imediatamente desligados. A rotação das hélices logo começou a diminuir.

A água começou a invadir o compartimento de carga.

Contudo, ela ainda não entrava pela rampa posterior, visto que o helicóptero tinha sido projetado para permanecer acima da superfície da água no caso de um pouso no mar. Entrava, isto sim, através da pequena escotilha que Schofield e Book II tinham utilizado para entrar na aeronave mais cedo.

O Super Stallion fora concebido para flutuar durante um curto período de tempo depois de um pouso de emergência na água, mas, sem a escotilha do piso, retirada por Schofield e Book II, este helicóptero não seria nem mesmo capaz disso.

Estava afundando. Rapidamente.

Schofield entrou na cabine correndo.

— Que diabos foi aquilo? Alguma coisa nos atingiu!

— Eu sei — disse Book II, fazendo um gesto com a cabeça em direção ao pára-brisa. — Acho que foram eles.

Schofield olhou através do pára-brisa dianteiro.

Pairando no ar em frente ao helicóptero que afundava, mas parcialmente escondidos pelo véu de areia levantado pelo vento, encontravam-se os dois Penetrator da Força Aérea remanescentes, poucos metros acima do bisco sul-africano.

O Super Stallion afundava numa velocidade assustadora.

A água entrava borbulhando através da escotilha, alagando rapidamente o compartimento de carga ao puxar a cauda do helicóptero para o fundo do lago.

A cada mililitro de água que entrava no compartimento de carga, mais o helicóptero afundava. Passado um minuto, a rampa de carga ficou abaixo do nível do lago. Iniciou-se uma verdadeira inundação através daquela larga abertura traseira.

Na cabine à frente, Schofield e Book II estavam com água na altura do tornozelo, quando o helicóptero repentinamente se inclinou violentamente em direção ao céu.

— E agora, será que tem alguma outra idéia arriscada? — gritou Book II, agarrando-se num apoio de mão.

— Nenhuma.

O Super Stallion continuava a afundar lentamente, com o nariz apontado para cima e a cauda dentro da água.

Schofield, ainda com o Futebol pendurado na cintura, olhava através do pára-brisa dianteiro da cabine.

Viu um dos Penetrator se aproximar do bicasco de Gunther. Pairava no ar bem diante da pequena embarcação, como um gigantesco abutre ameaçador.

Schofield viu Botha se levantar no assento e encarar o helicóptero preto da Força Aérea. Ele começou a acenar, sacudindo os braços. Parecia um sujeito pequenino e patético tentando acalmar um pássaro divino pronto para devorá-lo.

Sem nenhum aviso, um míssil Stinger foi disparado da asa direita do Penetrator, deixando um leve rastro de fumaça branca no ar.

O míssil atingiu o assento de Botha, que explodiu, erguendo-se no ar.

Num instante, Botha estava ali gesticulando, no instante seguinte tinha desaparecido. No lugar dele restavam somente pequenas ondulações de espuma.

O compartimento de Kevin, no entanto, permanecia intacto, agora totalmente separado do compartimento de Botha pelo impacto

do míssil.

Continuava balançando na água, sob o olhar metálico do Penetrator que pairava no ar.

No interior da cabine do Super Stallion, que seguia afundando, Schofield ficou lívido.

Tinham simplesmente matado Botha!

Putá merda.

Três quartos do Super Stallion agora tinham afundado. Toda a parte posterior desaparecera. Somente o abaulado pára-brisa dianteiro e a ponta de uma das pás da hélice projetavam-se para fora da água.

A água começava a bater no lado externo do pára-brisa.

Todo o compartimento de carga estava agora preenchido por um líquido verde escuro que tentava entrar na cabine para acabar de devorar o helicóptero por inteiro.

O helicóptero afundou um pouco mais.

Através das ondas esverdeadas que batiam contra o pára-brisa, Schofield viu o Penetrator avançar sobre o bicasco partido ao meio e baixar uma cesta de resgate em direção a Kevin.

— Maldição! — exclamou Schofield, quase gritando.

Mas o Super Stallion continuava a afundar — cada vez mais —, e a última coisa que Schofield viu, antes de o pára-brisa ser totalmente encoberto pela água esverdeada, foi a imagem de Kevin sendo içado em direção ao Penetrator, onde alguém o auxiliou a entrar na traseira do helicóptero com capacidade para três tripulantes.

Pouco depois, o pára-brisa foi totalmente encoberto, e Schofield não conseguia ver nada além das águas esverdeadas do lago Powell.

Os tripulantes dos dois Penetrator sabiam muito bem quem estava a bordo do Super Stallion.

Nos últimos minutos, as comunicações enviadas para o Looking Glass, numa frequência reservada predeterminada, tinham permanecido sem resposta. Na realidade, fora graças a um sinal de

freqüência do Super Stallion que as aeronaves de ataque tinham chegado até aquela cratera, onde encontraram Botha e o garoto.

Os dois Penetrator continuavam a pairar acima do Super Stallion, observando a aeronave afundar, esperando pelo afogamento.

No interior do Penetrator que liderava a missão, encontrava-se Píton Willis, o comandante da unidade Charlie. Ele observava atentamente o naufrágio do Super Stallion, certificando-se de seu desaparecimento no fundo do lago.

A cabine do Super Stallion submergiu, seguida pela ponta de uma das pás da hélice, a última parte do helicóptero que ainda estava acima da linha da água.

Uma miríade de bolhas subia à superfície, enquanto os últimos mililitros de ar dentro do helicóptero eram substituídos por água.

Os dois Penetrator permaneciam esperando.

Píton Willis esperava que as bolhas parassem de emergir. Queria ter certeza de que não havia mais oxigênio no interior do helicóptero afundado.

O Super Stallion desaparecia nas profundezas das águas esverdeadas do lago Powell, deixando diversos rastros de bolhas.

Alguns minutos mais tarde, a superfície da água se acalmou. Ainda assim, os dois Penetrator esperaram.

Permaneceram durante mais dez minutos, somente para se certificar de que ninguém viria à tona. Caso alguém reaparecesse, seria exterminado pela metralhadora.

Ninguém veio à tona.

Finalmente Píton tomou uma decisão, e os dois Penetrator giraram no ar, dirigindo-se de volta para a Área 7.

Ninguém agüentaria ficar tanto tempo submerso, nem mesmo num bolsão de ar. O oxigênio do bolsão a essa altura já se teria esgotado.

Não.

Não havia mais dúvidas de que Shane Schofield — e quem mais estivesse com ele naquele Super Stallion — estava morto.

Gant, Mãe, Juliet e o presidente ainda estavam no Nível 4, no laboratório de observação parcialmente escurecido. Com eles também se encontravam Hot Rod Hagerty e Nicholas Tate.

— Temos que continuar andando — disse Gant.

— O que tem em mente? — perguntou Mãe.

— Não. O que está fazendo, sargento Gant? — perguntou Hot Rod, em tom de desafio.

— Não devemos ficar aqui — disse Gant.

— Mas este é um esconderijo perfeito.

— Devemos continuar em movimento. Se estiverem nos procurando e permanecermos no mesmo lugar, vão acabar nos encontrando. Devemos trocar de lugar pelo menos a cada vinte minutos.

— E onde você aprendeu isso? — perguntou Hagerty.

— No manual de treinamento dos candidatos à escola de oficiais — disse Gant. — É uma técnica padrão de despistamento. Você certamente leu sobre isso em algum momento da sua carreira. Além disso, há mais uma coisa que preciso verificar...

Hagerty enrubesceu.

— Não vou admitir que um sargento fale comigo desse modo...

— Vai. Vai mesmo — Mãe avançou em direção a Hagerty. Com 1,90m de altura, ela era maior do que ele. Mãe fez um gesto com a cabeça na direção de Gant —, porque essa gatinha é mais esperta e segura numa situação de combate do que você jamais será. E fique sabendo que ela logo vai deixar de ser sargento. Dentro de pouco tempo vai virar oficial. E vou lhe dizer uma coisa, coloco a minha vida nas mãos dela antes de colocá-la nas suas.

Hagerty mordeu os lábios.

— Certo. Isso...

— Coronel Hagerty — disse o presidente, dando um passo à frente. — A sargento Gant salvou minha vida por duas vezes esta manhã: no trem lá embaixo e depois naquela plataforma. Nas duas ocasiões, ela agiu de forma decisiva e manteve a cabeça fria numa situação que poderia ter deixado muitos outros paralisados. Fico feliz em confiar minha segurança às decisões dela.

— É isso aí, o poder feminino — exclamou Mãe.

— Sargento Gant — disse o presidente. — O que tem em mente?

Gant soltou um sorriso, e seus olhos azuis brilhavam.

— Acho que temos de fazer algo a respeito daquele transmissor fixado no seu coração, senhor.

Na sua sala despojada e sem janelas, no segundo andar interno do Pentágono, Dave Fairfax permanecia trabalhando duro na de codificação das conversações telefônicas que tinham sido dadas para o exterior da Área Especial N° 7 (Restrita) da Força Aérea dos Estados Unidos.

Tendo decodificado as chamadas recebidas e realizadas em africâner, Fairfax estava muito contente consigo mesmo.

Uma coisa, porém, ainda o incomodava. As duas mensagens em inglês que tinha encontrado no meio das mensagens em africâner.

Escutou as duas mensagens novamente, ouvindo atentamente.

<u>16-JUNHO</u>	<u>19:56:09</u>	<u>TRADUÇÃO-TRADUÇÃO</u>
VOZ 3: Está tudo acertado. Confirme para o dia três.	Está tudo acertado. Confirme para o dia três.	
<u>22-JUNHO</u>	<u>20:51:59</u>	<u>TRADUÇÃO-TRADUÇÃO</u>
VOZ 3: Missão iniciada.	<i>Missão iniciada.</i>	

Uma coisa era certa. A voz era a mesma em ambas as mensagens.

Uma voz masculina. Americana. Com sotaque sulista. Falava lentamente, de forma refletida.

Fairfax ajustou os óculos no nariz e começou a digitar no teclado de seu computador.

Abriu um programa capaz de analisar vozes.

Queria confrontar a assinatura digital daquela voz gravada — ou impressão vocal — com as assinaturas de todas as vozes

armazenadas no arquivo da DIA, vezes que a agência sempre gravara secretamente.

Uma série velocíssima de diagramas começou a passar pela tela do monitor, enquanto o programa acessava o gigantesco banco de dados de impressões vocais da agência.

Pouco depois, o computador começou a apitar:

6 OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS MOSTRAR TODAS AS OCORRÊNCIAS?

— Sim, por favor — disse Fairfax enquanto apertava a tecla "S".

Seis arquivos surgiram na tela:

Nº	DATA	DIVISÃO	FONTE DO
ARQUIVO			
1.	29-Maio	DIVESPAC-01	SAT-SURV (ARQUIVO 034-77A)
2.	07-Jun	DIVESPAC-01	SAT-SURV (ARQUIVO 034-77A)
3.	16-Jun	DIVESPAC-02	USAF-SA(R)07 (ARQUIVO 009-21 D)
4.	22-Jun	DIVESPAC-02	USAF-SA(R)07 (ARQUIVO 009-21 D)
5.	02-Jul	DIVESPAC-01	SAT-SURV (ARQUIVO 034-77A)
6.	03-Jul	DIVESPAC-01	SAT-SURV (ARQUIVO 034-77A)

Certo, pensou Fairfax.

Ele desconsiderou a terceira e a quarta ocorrências. Eram as duas mensagens que acabara de ouvir. O indicador de divisão,

DIVESPAC-02, designava a própria seção na qual Fairfax trabalhava, a Seção 2.

As outras quatro mensagens, porém, eram provenientes da Seção 1, a principal unidade da Divisão Espacial, localizada no outro lado do hall.

A fonte do arquivo para as mensagens da Seção 1, SAT-SURV, designava "vigilância de satélites". A Seção 1, pelo menos era o que parecia, ultimamente andava interceptando transmissões de satélites estrangeiros.

Fairfax clicou na primeira ocorrência.

**29-MAIO 13:12:00 SATÉLITE INTERCEPTADO
(TRADUÇÃO)**

VOZ 1: Realizaram o teste esta manhã. A vacina funciona contra todas as linhagens precedentes. Tudo de que precisam agora é de uma amostra da última versão.

Fairfax franziu o cenho. As mensagens em africâner também tinham mencionado uma vacina. E um teste com êxito. Ele acessou a ocorrência seguinte:

**7-JUN 23:47:33 SATÉLITE INTERCEPTADO
(TRADUÇÃO)**

VOZ 1: A equipe de recolhimento do vírus está a caminho de Changchun. Seus membros são: CAPITÃO ROBERT WU e TENENTE CHET LI. Ambos são homens de inteira confiança. Como foi acordado, o preço da entrega da vacina será de 120 milhões de dólares, dez milhões para cada um dos 12 homens envolvidos.

Changchun, pensou Fairfax. A unidade chinesa de produção de armas biológicas.

E 120 milhões de dólares para serem divididos entre 12 homens.

Isso estava ficando interessante.

A próxima:

2-JUL 02:21:57 SATÉLITE INTERCEPTADO (CHINÊS-TRADUÇÃO)

VOZ 1: Entendido, Yellow Star. Estaremos lá.

O que é isso...? Pensou Fairfax.

Yellow Star?

Mas isso era o...

Clicou na última ocorrência:

3-JUL 04:04:42 SATÉLITE INTERCEPTADO (TRADUÇÃO)

VOZ 1: WU e LI voltaram para a Área 7 trazendo o vírus. Seus homens estão com eles. Todo o dinheiro foi depositado. Os nomes dos homens que devem ser retirados: BENNETT, CALVERT, COLEMAN, DAYTON, FROMMER, GRAYSON, LITTLETON, MESSICK, OLIVER e eu.

Fairfax estava lendo os nomes da última mensagem, quando a porta do seu escritório subterrâneo foi repentinamente aberta e o seu chefe, um burocrata alto e careca chamado Eugene Wisher, irrompeu na sala, seguido por três policiais militares fortemente armados. Wisher era o encarregado da operação que estava sendo desenvolvida no outro lado do hall: o rastreamento do ônibus espacial chinês recém-lançado.

— Fairfax!— berrou ele. — Que diabos está tramando!

Fairfax engoliu em seco, olhando assustado para as armas dos PMs.

— Como, bem... do que está falando?

— Por que está acessando transmissões interceptadas no âmbito da nossa operação?

— Nossa operação? — perguntou Fairfax.

— Exatamente. Nossa operação. Por que está baixando do servidor interno informações de máximo sigilo que dizem respeito às operações da Seção 1?

Fairfax permaneceu em silêncio, absorto nos próprios pensamentos, enquanto seu chefe continuava a gritar com ele. E, repentinamente, tudo ficou claro, muito claro.

— Ai, Jesus — sussurrou ele.

Foram necessárias algumas explicações — sob a mira de armas —, mas, depois de cinco minutos, Dave Fairfax subitamente se viu diante de dois diretores assistentes da DIA, na sala de operações situada no outro lado do corredor.

Monitores brilhavam por toda a sala. Diversos técnicos trabalhavam em mais de uma dúzia de consoles; tudo era relacionado com o rastreamento do ônibus espacial chinês recém-lançado, o Yellow Star.

— Preciso de uma lista com os nomes do pessoal posicionado na Área 7 — disse Fairfax, do alto de seus 25 anos, para os dois graduados chefes da DIA à sua frente.

Uma lista foi providenciada.

Fairfax deu uma olhada. Estava escrito:

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL 7 (RESTRITA)
EFETIVO
CLASSIFICAÇÃO: SIGILOSO

NOME	UNIDADE	NOME
-------------	----------------	-------------

COMANDANTE DA UNIDADE
Harper, J.T. (CO)

7º ESQUADRÃO

Alvarez, M.J.	A	Golding, D.K.
Arthurs, R.T.	C	Goldman, W.E.
Atlock, F.D.	B	Grayson, S.R.
Baines, A.W.	A	Hughes, R.
Bennet, B.	E	Ingliss, W.A.
Biggs, N.M.	C	Johnson, S.W.

NOME	UNIDADE	NOME	(cont.) UNIDADE
Boland, C.S.	B	Jones, M.	D
Boyce, L.W.	D	Kincaid, R.	B
Calvert, E.T.	E	Littleton, S.O.	E
Carney, L.E.	E	Logan, K.W. (MAJ)	A
Christian, F.C.	A	McConnell, B.A.	B
Coleman, G.K.	E	Messick, K.	E
Coles, M.	B	Milbourn, S.K.	D
Crick, D.T.	D	Morton, I.N.	C
Criece, T.W.	A	Nance, G.F.	D
Davis, L.R.	C	Nystrom, J.J.	D
Dayton, A.M.	E	Oliver, P.K.	E
Dillan, S.T.	D	Price, A.L.	C
Doheny, F.G.	A	Rawson, M.J.	C
Egan, R.R.	B	Sayles, M.T.	B
Fraser, M.S.	C	Sommers, S.R.	C
Fredericks, G.H.	A	Stone, J.K.	C
Frommer, S.N.	E	Taylor, A.S.	B
Gale, A.	D	Willis, L.S.	C
Giggs, R.E.	B	Wolfson, H.T.	A

PESSOAL TÉCNICO

Botha, G.W.	MED
Franklin, H.S.	MED
Shaw, D.E.	MED

Fairfax pegou uma cópia da última mensagem que tinha baixado mais cedo.

**3-JUL 04:04:42 SATÉLITE INTERCEPTADO
(TRADUÇÃO)**

VOZ 1: WU e LI voltaram para a Área 7 trazendo o vírus. Seus homens estão com eles. Todo o dinheiro foi depositado. Os nomes dos homens que devem ser retirados: BENNETT, CALVERT, COLEMAN, DAYTON, FROMMER, GRAYSON, LITTLETON, MESSICK, OLIVER e eu.

— Certo — Fairfax tirou uma caneta fluorescente do colarinho de sua camiseta Mooks. — Bennett, Calvert, Coleman...

Começou a destacar alguns nomes na lista de pessoal. Quando acabou, tinha ficado assim:

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL 7 (RESTRITA)
EFETIVO
CLASSIFICAÇÃO: SIGILOSO

<u>NOME</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>NOME</u>	<u>UNIDADE</u>
-------------	----------------	-------------	----------------

COMANDANTE DA UNIDADE
Harper, J.T. (CO)

7º ESQUADRÃO

Alvarez, M.J.	A	Golding, D.K.	D
Arthurs, R.T.	C	Goldman, W.E.	A
Atlock, F.D.	B	Grayson, S.R.	E
Baines, A.W.	A	Hughes, R.	A
Bennet, B.	E	Ingliss, W.A.	B
Biggs, N.M.	C	Johnson, S.W.	D
Boland, C.S.	B	Jones, M.	D
Boyce, L.W.	D	Kincaid, R.	B
Calvert, E.T.	E	Littleton, S.O.	E
Carney, L.E.	E	Logan, K.W. (MAJ)	A
Christian, F.C.	A	McConnell, B.A.	B
Coleman, G.K.	E	Messick, K.	E
Coles, M.	B	Milbourn, S.K.	D
Crick, D.T.	D	Morton, I.N.	C
Criece, T.W.	A	Nance, G.F.	D
Davis, L.R.	C	Nystrom, J.J.	D
Dayton, A.M.	E	Oliver, P.K.	E
Dillan, S.T.	D	Price, A.L.	C
Doheny, F.G.	A	Rawson, M.J.	C
Egan, R.R.	B	Sayles, M.T.	B
Fraser, M.S.	C	Sommers, S.R.	C
Fredericks, G.H.	A	Stone, J.K.	C
Frommer, S.N.	E	Taylor, A.S.	B
Gale, A.	D	Willis, L.S.	C
Giggs, R.E.	B	Wolfson, H.T.	A

PESSOAL TÉCNICO

Botha, G.W.	MED
Franklin, H.S.	MED
Shaw, D.E.	MED

— Alguém consegue ver um padrão nisso? — perguntou Fairfax.

Todos os homens cujos nomes tinham sido mencionados na transmissão interceptada pertenciam à unidade designada pela letra "E" ou, no jargão militar, "Eco".

— O único homem da "E" que não é mencionado — disse Fairfax — é este: Carney, L.E.. Só me resta supor que se trata do homem que está falando na gravação.

Fairfax se virou para um dos chefes da DIA que estava ao seu lado:

— Existe uma unidade traidora naquela base. Uma unidade que esteve se comunicando com o governo chinês e com o novo ônibus espacial deles. Todos os membros da unidade Eco estão envolvidos.

Unidade Eco. Reporte-se... — Aqui fala o comandante da unidade Eco — respondeu a voz do capitão Lee "Serpente" Carney. Serpente falava com um sotaque sulista arrastado: comedido, frio e perigoso.

— Estamos nos alojamentos do Nível 3. Acabamos de fazer uma varredura nos dois hangares subterrâneos. Não há ninguém lá. Agora vamos descer para o nível abaixo, controlando as escadas enquanto prosseguimos.

— Entendido, comandante da unidade Eco...

— Senhor — um outro operador de rádio voltou-se na direção de César Russel —, a unidade Charlie acaba de voltar do lago. Estão lá fora, e trouxeram o garoto.

— Ótimo. Baixas?

— Cinco.

— Aceitável. E quanto a Botha? — perguntou César.

— Morto.

— Melhor ainda. Faça com que entrem pela "porta de cima".

Gant e os outros se dirigiram para a escada de incêndio, na extremidade leste do Nível 4.

— Sei que isso não é exatamente relevante neste momento — disse Mãe, enquanto caminhava ao lado de Gant —, mas estava querendo saber como foi o encontro com Espantalho no sábado passado. Você não comentou nada a respeito.

Gant esboçou um sorriso maroto.

— Você não está atrás de fofocas, está, Mãe?

— Mas que droga, é claro que estou. É exatamente disso que estou atrás.

Megeras casadas como eu se excitam ao ouvir sobre as ginásticas sexuais de gatinhas como você. Era só mesmo para saber...

Gant sorriu desanimada.

— Não foi tão bom como eu gostaria que tivesse sido.

— O que está querendo dizer?

Gant deu de ombros e continuou a andar, com a arma na mão.

— Ele nem mesmo me beijou. Tivemos um jantar fantástico num pequeno restaurante tranqüilo, depois passeamos pelas margens do rio Potomac, mas ficamos apenas conversando. Meu Deus, falamos durante a noite toda. Mais tarde, quando ele me deixou em casa, tinha esperança de que fosse me beijar. Mas... não fez... nada. Foi uma situação meio constrangedora... depois ele disse que nos reveríamos em breve, e o encontro simplesmente... terminou.

Mãe contraiu os olhos.

— Meu Deus, Espantalho. Vou lhe dar um senhor esporro.

— Por favor, não faça isso — interrompeu Gant quando chegaram à porta da escada. — E não comente nada com ele a respeito do que nós duas conversamos.

Mãe rangeu os dentes.

— Huum, tudo bem...

— Em todo caso, prefiro não pensar sobre isso agora — disse Gant. — Temos um trabalho a fazer.

Abriu uma fresta na porta antifogo e olhou através dela, mantendo a arma levantada na altura do rosto.

A escada de incêndio estava escura e silenciosa.

Vazia.

— A escada está livre — sussurrou ela.

Escancarou a porta e subiu alguns degraus.

Mãe se posicionou atrás dela. Ambas mantinham os olhos fixos nos canos de suas armas.

Chegaram à soleira do Nível 3 e logo viram a porta que dava para os alojamentos da base.

Não havia ninguém ali.

Isso é estranho, pensou Gant.

Não havia soldados posicionados na soleira, nem mesmo uma sentinela para impedir que eles se movimentassem através do complexo.

Muito estranho, pensou ela. Caso estivesse no comando das forças inimigas, estaria vasculhando todos os pavimentos atrás do presidente e teria tomado medidas para se certificar de que a escada estaria bloqueada enquanto fizesse isso.

Obviamente, o 7º. Esquadrão operava de forma diferente.

Com a escada desguarnecida, Gant e sua equipe poderiam progredir rapidamente para cima, para o hangar do Nível 2.

Aquele hangar, até então poupado da destruição ocorrida naquele dia, era praticamente idêntico ao que ficava no Nível 1. A única diferença era que a coleção de aeronaves no hangar do Nível 2 era menos variada. Acima havia bombardeiros Stealth e o SR-71 Blackbird, abaixo havia somente dois AWACS para vigilância aérea.

Dois minutos mais tarde, ela se encontrava no interior do compartimento de carga inferior de um dos AWACS. Estava desaparafusando uma pesada placa de chumbo fixada no piso.

A placa se soltou, revelando um compartimento repleto de equipamentos eletrônicos. No centro, firmemente fixada, havia uma unidade laranja fluorescente de aspecto muito esquisito, mais ou menos do tamanho de uma pequena caixa de sapatos. A caixa laranja parecia ser feita de algum material extremamente resistente.

— O que é isso? — perguntou Juliet Janson, por trás dos ombros de Gant.

O presidente respondeu por ela.

— É o gravador de dados da aeronave. A caixa-preta.

— Não parece ser muito preta — disse Ramrod Hagerty, em tom sarcástico.

— Jamais são — disse Gant. Ela estava retirando a pequena unidade laranja de seu nicho. — São apenas conhecidas por esse nome. As caixas-pretas quase sempre são pintadas num tom laranja brilhante, para serem encontradas mais facilmente no meio dos destroços. Apesar disso, normal mente são encontradas de outra forma...

— Ah, isso mesmo... — disse o presidente.

— O quê? — perguntou Hagerty. — O quê?

— Já se perguntaram como é que fazem para encontrar a caixa-preta tão rapidamente depois de um desastre aéreo? — perguntou Gant. — Quando um avião cai, os destroços ficam espalhados por uma área extensa, mas o gravador de dados do vôo sempre é encontrado rapidamente. Normalmente depois de algumas horas.

— É verdade...

Gant disse:

— Isso acontece porque todas as caixas-pretas têm um transmissor dotado de uma bateria no seu interior. Esse transmissor emite um sinal de microondas ultrapotente, indicando aos investigadores do acidente sua localização exata.

— E o que vamos fazer com uma caixa-preta? — perguntou Hagerty.

Gant levantou a cabeça e gritou, através da escotilha aberta.

— Mãe!

— O que foi? — a voz de Mãe ecoou de volta.

— Você já conseguiu achar o sinal?

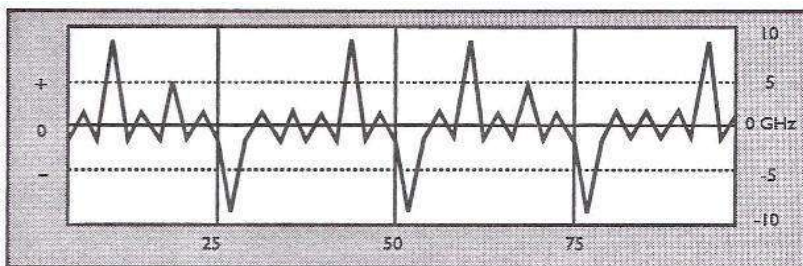
— Vou precisar de mais dois segundos!

Gant olhou para Hagerty.

— Vou tentar falsificar o sinal que está sendo emitido pelo coração do presidente.

Na cabine principal do AWACS, Mãe estava sentada diante de um terminal de computador.

Na tela, havia um diagrama do sinal de microondas que entrava na Área 7, vindo de um satélite geoestacionário localizado a baixa altitude. Era a mesma imagem computadorizada que Brainiac consultara no interior do AWACS mais cedo: os traços regulares que se repetiam em intervalos de 25 segundos.



Gant subiu até a cabine e apoiou a caixa-preta de cor laranja sobre o console ao lado de Mãe. Ligou um fio numa tomada na lateral da caixa, conectando-a ao terminal de Mãe. Numa pequena tela de cristal líquido na parte de cima da caixa-preta, apareceu imediatamente o diagrama.

— Certo — disse Gant para Mãe —, está vendo aquela crista no alto? Quero que você a programe como sendo o sinal da frequência de busca da caixa-preta.

Quando investigadores de acidentes aéreos procuram uma caixa-preta, utilizam um radiotransmissor para emitir um sinal de microondas preestabelecido chamado frequência de busca. Quando o transmissor da caixa-preta capta esse sinal, ele envia um sinal de retorno revelando sua localização.

— Certo... — disse Mãe. — Pronto.

— Ótimo — disse Gant. — Agora reproduza na caixa-preta o sinal de resposta, a curva de baixo, como sinal de retorno.

— Tudo bem, dê-me um minuto.

— O sinal da caixa-preta vai ser potente o suficiente para alcançar o satélite lá em cima? — perguntou o presidente.

— Acho que vai funcionar. Foram usados sinais de microondas para falar com Armstrong na lua, e a SETI os utiliza para enviar mensagens para o espaço cósmico — Gant sorriu. — Não é o tamanho que importa, mas a qualidade do sinal.

— Tudo certo, acabei — disse Mãe. Ela se virou na direção de Gant. — Então, minha corajosa líder, explique-me o que exatamente eu acabei de fazer.

— Mãe, caso tenha feito isso direito, quando ativarmos o transmissor no interior da caixa-preta, estaremos falsificando o sinal que está sendo enviado pelo transmissor colocado no coração do presidente.

— É o que vamos fazer agora? — perguntou o presidente.

— Sim — disse Hagerty, com frieza. — Basta ativá-lo?

— É claro que não. Se o ativarmos, o satélite vai captar dois sinais idênticos e isso faria com que as bombas fossem detonadas. Não podemos correr esse risco. Nada disso. Por ora, fizemos apenas o trabalho preparatório. Agora é que começa a parte difícil. Temos de substituir o sinal emitido pelo presidente por aquele da caixa-preta.

— E como faremos isso? — perguntou Hagerty. — Não venha me dizer que vai operar o coração do presidente dos Estados Unidos usando um canivete?

— Você me acha parecida com o McGyver? — perguntou Gant. — Não. Minha teoria é a seguinte: de alguma forma, César Russel colocou o transmissor no coração do presidente...

— Correto. Fez isso durante uma operação a que fui submetido alguns anos atrás — comentou o presidente.

— Mas presumo que o transmissor tenha sido ativado pela primeira vez no dia de hoje — disse Gant. — Os scanners da Casa Branca teriam captado um sinal clandestino assim que fosse ativado.

— Sim, mas... — disse Hagerty.

— Mas — disse Gant —, em algum lugar deste complexo, César Russel mantém uma unidade capaz de ligar e desligar o transmissor fixado no coração do presidente. Presumo que essa unidade, provavelmente uma simples unidade portátil com um botão para ativá-la e outro para desativá-la, esteja na mesma sala onde César se encontra.

— Tem razão — disse o presidente, lembrando-se da pequena unidade que César Russel tinha ativado no momento em que o desafio começara. — Ele a segurava quando apareceu nos aparelhos

de televisão mais cedo, no princípio de tudo. É vermelha, portátil e tem uma pequena antena preta.

— Ótimo — disse Gant. — Tudo o que temos de fazer agora é encontrar o centro de comando. — Ela se virou para Juliet. — Seu pessoal revistou esta base. Tem alguma idéia?

Juliet disse:

— No hangar principal. No edifício de dois andares que se eleva sobre o pavimento do hangar, há um centro de controle e de comando inteiro lá em cima.

— Então é para lá que vamos — disse Gant. — O que vamos fazer agora é simples. Primeiramente, vamos nos apossar do centro de comando de César Russel. Depois, no intervalo dos sinais de busca enviados pelo satélite, usaremos a unidade para desativar o transmissor fixado no coração do presidente e, no instante seguinte, ativaremos a caixa-preta.

Ela deixou escapar um sorriso sem graça na direção do presidente.

— Como eu disse: simples.

Os cinco membros sobreviventes da unidade Charlie avançavam rapidamente através de um túnel baixo de concreto. Todos tinham que correr meio agachados.

Kevin corria junto com eles, e era o único que não precisava abaixar a cabeça.

A unidade Charlie acabara de retornar do lago Powell, depois de ter matado Botha, recuperado Kevin e assistido ao afundamento do helicóptero de Schofield.

Tinham deixado os dois Penetrator no lado de fora e agora entravam novamente na base através de um acesso que ligava a parte principal do complexo a um dos hangares exteriores, uma entrada conhecida como a "porta de cima".

O túnel que levava à porta de cima desembocava na seção posterior do elevador social, no nível térreo, numa porta de titânio com trinta centímetros de espessura.

A unidade Charlie chegou à pesada e reluzente porta de emergência.

Pítton Willis digitou o código para a abertura de emergência. A porta de cima era uma entrada especial da Área 7: os oficiais altamente graduados possuíam o código de abertura e podiam abri-la a qualquer momento, mesmo durante um fechamento total da base.

A espessa porta de titânio foi aberta... e Pítton ficou paralisado.

Viu o teto do elevador social parado bem abaixo de seus pés, exatamente à sua frente.

E de pé, em cima do teto e bem diante dele, estavam Serpente Carney e quatro soldados da unidade Eco.

A outra metade da unidade Eco — como Pítton podia ver através da escotilha do teto — encontrava-se no interior do elevador.

— Meu Deus, Serpente! — disse Pítton. — Vocês realmente me assustaram. Não esperava vê-los aqui.

— César deu ordens para que os recebêssemos aqui — disse Serpente, com a fala arrastada. — Para certificar-se de que vocês estavam bem.

Pítton empurrou Kevin para a frente, para o teto do elevador parado.

— Perdemos cinco homens, mas conseguimos pegá-lo.

- Ótimo — disse Serpente. — Muito bom.

Naquele momento, Pítton viu mais quatro homens dentro do elevador através da escotilha do teto. Eles estavam junto com os soldados da unidade Eco.

Quatro homens asiáticos.

Pítton franziu o cenho.

Eram os quatro homens que estavam na câmara de descompressão mais cedo: o capitão Robert Wu e o tenente Chet Li, do 7º. Esquadrão, e os dois funcionários chineses do laboratório. Os homens que tinham trazido a última linhagem do Sinovírus para a Área 7.

— Serpente, o que está acontecendo? — perguntou Pítton, depois de levantar a cabeça bruscamente.

— Sinto muito, Pítton — disse Serpente.

Depois de dizer aquilo, fez um rápido movimento com a cabeça para seus homens.

Numa fração de segundos, os quatro soldados da unidade Eco que estavam no teto do elevador levantaram suas P-90 e dispararam uma violenta rajada na direção da unidade Charlie.

Pítón Willis foi atingido por uma infinidade de tiros. Seu rosto e o tórax instantaneamente viraram uma massa disforme. Os quatro homens da unidade Charlie que estavam atrás dele também caíram como se fossem simples marionetes, um depois do outro, até que a única figura a permanecer de pé junto ao teto do elevador era Kevin, que estava aterrorizado e com os olhos arregalados.

Serpente Carney avançou um pouco e segurou o braço do garotinho com rispidez.

— Sorria, garoto, você agora vem comigo.

A sala de controle do hangar principal estava silenciosa.

Jibóia McConnell e os outros quatro sobreviventes da unidade Bravo estavam prostrados num canto, sujos e ensangüentados. Dois dos homens de Jibóia estavam gravemente feridos. O coronel Jerome T. Harper — o espalhafatoso oficial comandante da Área 7, mas que na realidade não passava de um laçao de César — cuidava dos ferimentos deles.

Havia uma outra figura sentada no fundo da sala, encoberta pela penumbra. Tinha passado a manhã toda sentada na sala de controle sem dizer uma palavra. Limitava-se a observar tudo em silêncio.

O major Kurt Logan e o restante da unidade Alfa também se encontravam na sala de controle. Logan agora estava ao lado de César, sussurrando bem baixinho. A unidade Alfa tinha se saído um pouco melhor do que a unidade Bravo: de sua equipe original de dez homens, incluindo ele, restavam apenas quatro.

César, no entanto, parecia totalmente indiferente às baixas sofridas.

— Alguma novidade sobre a unidade Eco?

— Serpente informou que eles agora estão no Nível 4. Nenhum sinal do presidente ainda...

— Droga, mas que merda!

Era um dos operadores de rádio. A tela de seu computador tinha acabado de se apagar.

Sem nenhum aviso. Sem nenhum estalo elétrico.

— O que foi isso? — perguntou o operador chefe.

— Porra!— gritou um outro operador no momento em que o seu monitor também ficou escuro.

Era como se um vírus estivesse se espalhando pela sala de controle. Todos os monitores da sala de comando, um depois do outro, apagaram-se.

— O sistema de ar condicionado entrou em colapso...

— O sistema de refrigeração da água foi desligado...

— O que está acontecendo? — perguntou César Russel, calmamente.

— A energia do hangar está baixando rapidamente...

— O fornecimento de energia do complexo está entrando em colapso — disse o operador chefe para Russel. — Mas não sei o motivo...

No monitor surgiu uma tela que exibia o status do sistema.

S. A. (R) 07-A
HISTÓRICO DA FONTE DE ENERGIA (3-JUL)
LOG DE ACESSO DE SEGURANÇA
7-3-010229027

HORA	AÇÃO	OPERADOR	RESPOSTA DO SISTEMA
06:30:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento
06:58:34	Comando de fechamento	105-02	Fechamento efetuado
07:00:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento (modo de fechamento)
07:30:00	Verificação de <i>status</i> do sistema	070-67	Todos os sistemas em funcionamento (modo de fechamento)
07:37:56	ATENÇÃO: Defeito no sistema de energia auxiliar	Sistema	Defeito localizado no terminal 1-A2. Nenhuma resposta dos sistemas: TRACS; AUS SYS-1; RAD COM-SPHERE; MBN; EXT FAN
07:38:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 50%	Sistema	Terminal 1-A2 não responde
08:00:15	Interrupção da corrente principal (terminal 3-A1)	008-72	Corrente principal interrompida
08:00:18	Ativação do sistema de energia auxiliar	Sistema Aux	Sistema de energia auxiliar ativado
08:00:19	ATENÇÃO: Sistema de energia auxiliar em funcionamento. Protocolo de baixa energia em funcionamento	Sistema Aux	Protocolo de baixa energia em funcionamento: sistemas não-essenciais desativados

(cont.)

HORA	AÇÃO	OPERADOR	RESPOSTA DO SISTEMA
08:01:02	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 003-V aberta
08:04:34	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 062-O aberta
08:04:55	Comando de abertura extraordinária durante o fechamento efetuado (terminal 3-A1)	008-72	Porta 100-O aberta
08:18:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 35%	Sistema Aux	Terminal 1-A2 não responde
08:21:30	Comando de desligamento do sistema de câmeras de vigilância (terminal 1-A1)	008-93	ERRO NO SISTEMA: Sistema de câmeras de vigilância previamente desligado pelo protocolo de baixa energia
08:38:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 25%	Sistema Aux	Terminal 1-A2 não responde
08:58:00	Capacidade do sistema de energia auxiliar: 15%	Sistema Aux	Terminal 1-A2 não responde
09:04:43	Ordem especial para abertura durante fechamento efetuada (terminal 3-A2)	077-01E	Porta 62-E aberta
09:08:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 10%	Sistema Aux	Iniciar reativação do sistema?
09:18:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 5%	Sistema Aux	Iniciar reativação do sistema?
09:28:00	ATENÇÃO: Capacidade do sistema de energia auxiliar: 0%	Sistema Aux	Início do desligamento do sistema

— Jesus, estamos trabalhando com a energia auxiliar desde às oito da manhã! — disse o operador chefe.

O coronel Harper deu um passo à frente.

— Mas ela seria suficiente para que funcionássemos por pelo menos três horas, tempo bastante para religar o sistema de fornecimento principal.

Enquanto conversavam, César observava a tela do computador. Tinha sido atraído pelo registro:

**09:04:43 Ordem especial para 077-01E Porta 62-E
aberta**

**abertura durante
fechamento efetuada
(terminal 3-A2)**

O prefixo 077 indicava um membro do 7º. esquadrão. O "E" significava unidade Eco; e 01, o seu líder, Serpente Carney.

César fechou os olhos. Parecia que, durante a última janela horária, Serpente Carney abrira a porta 62-E: a porta de segurança do trem-X localizada a leste do Nível 6.

Jerome Harper e os operadores de rádio ainda estavam discutindo a situação da energia.

— Sim, seria... — disse o operador de rádio. — Mas parece que o sistema já estava trabalhando somente com a metade da energia quando foi acionado; por isso é que agüentou apenas uma hora e meia.

O monitor do operador chefe se apagou. Era o último que estava funcionando.

Pouco depois, as lâmpadas do teto da sala de controle se apagaram todas de uma vez.

Ficaram imersos na escuridão.

César se voltou para poder observar o hangar através de uma das janelas. Viu as fileiras de potentes lâmpadas de halogênio se apagarem em seqüência, uma depois da outra.

O hangar e tudo que estava contido nele — o Marine One, as "baratas" destruídas, os restos do Nighthawk 2 explodido, o sistema de guindastes do teto — tinham sido absorvidos pela mais completa escuridão.

— Todos os sistemas foram desligados — disse alguém, na escuridão. — O complexo inteiro está sem energia elétrica.

Abaixo, no Nível 2, no interior do AWACS, Libby Gant e os outros estavam se preparando para subir para o hangar principal. Seu objetivo era localizar e dominar a sala de controle de César Russel, quando todas as luzes do hangar subterrâneo se apagaram sem dar o menor aviso.

O gigantesco hangar desapareceu na escuridão.

Um verdadeiro breu.

Gant acendeu a lanterna fixada no cano de sua MP-10. Por um momento, o tênue raio de luz iluminou seu rosto.

— A energia — sussurrou Mãe. — Por que cortariam a energia elétrica?

— É verdade — disse Juliet —, isso só tornaria as coisas mais difíceis para que nos encontrassem.

— Talvez não tenha sido uma escolha — disse Gant.

— E como isso pode nos afetar? — perguntou o presidente, aproximando-se delas.

— Isso não muda o nosso plano — disse Gant. — Nosso objetivo ainda é a sala de comando. O que temos de descobrir, entretanto, é como isso afeta as nossas circunstâncias.

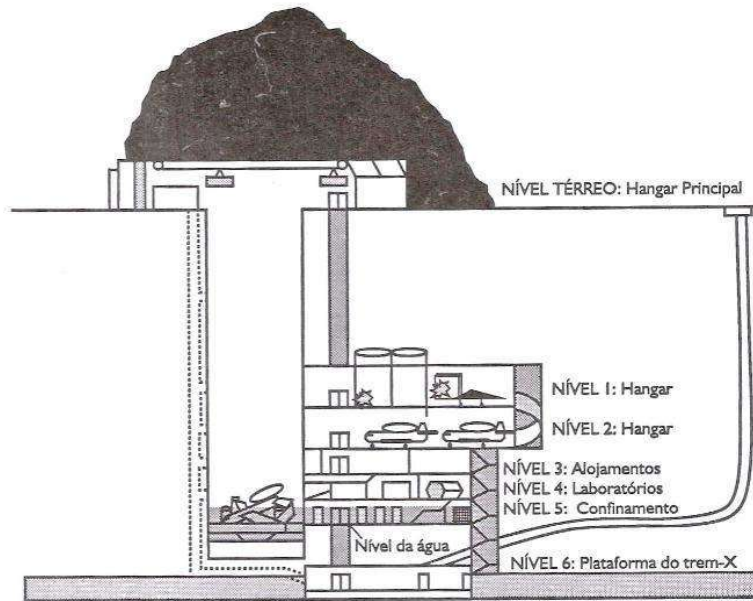
Naquele momento, vindo de algum lugar nas profundezas do complexo, ouviram um grito: um grito selvagem; humano, mas ao mesmo tempo animalesco, de alguma forma; o uivo aterrorizador de um indivíduo seriamente desequilibrado.

— Ai, Jesus — sussurrou Gant. — Os prisioneiros escaparam.

QUINTO CONFRONTO

3 de julho, 9h30

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) Nº 7
9h30



Cerca de dez minutos antes que a energia acabasse na Área 7, o pesado helicóptero de transporte Super Stallion CH-53E afundava lentamente nas águas esverdeadas do lago Powell. Era um espetáculo imperdível.

O helicóptero começara a afundar pela cauda, ficando numa posição quase vertical, já que toneladas de água entravam pela rampa de carga destruída. Visto do fundo das águas esverdeadas, o Super Stallion parecia estar numa silenciosa queda livre em câmera lenta.

Miríades de bolhinhas subiam em direção à superfície sob o olhar dos tripulantes dos dois Penetrator da Força Aérea que pairavam sobre o lago.

Shane Schofield e Buck Riley Jr. observavam o exterior através do pára-brisa Lexan da aeronave que afundava lentamente.

Eles viram a superfície da água, agora a 15 metros acima deles, ficar cada vez mais distante.

Além da lente distorcida pela água, eles conseguiam ver a silhueta escura dos dois helicópteros Penetrator que pairavam sobre o lago, esperando que algum deles emergisse, caso tivesse coragem.

A paisagem bizarra e extraordinária do fundo do lago revelava-se em torno deles: paredes de rocha, imensos pedregulhos que se depositavam no leito do lago, trilhas desérticas que outrora tinham sido terra seca dando voltas e mais voltas. Havia até mesmo um gigantesco penhasco submerso que se erguia em direção ao céu, desaparecendo acima da superfície da água. O universo do deserto submerso tinha uma coloração verde-clara.

Book II se virou para Schofield.

— Caso você ainda tenha algum plano de fuga mágico, este seria o momento de utilizá-lo.

— Sinto muito — disse Schofield. — Não consigo pensar em nada.

Atrás deles — ou melhor, por baixo de seus pés —, a água penetrava através da rampa e estava inundando o compartimento de carga. O nível subia rapidamente através da rampa de carga, a água entrando por qualquer abertura que encontrava na fuselagem.

Por sorte, a cabine era hermeticamente fechada; assim, a 25 metros de profundidade, o helicóptero conseguia manter-se equilibrado. No interior da cabine de comando, formou-se um bolsão, do mesmo modo que um copo imerso com a borda para baixo numa banheira forma uma bolha de ar.

O helicóptero continuava afundando, até tocar o fundo do lago, a trinta metros de profundidade.

Uma nuvem de lodo se ergueu ao redor do Super Stallion quando sua traseira destruída atingiu o fundo do lago e finalmente parou de afundar.

— Não temos muito tempo — disse Schofield. — Esse ar não vai durar muito.

— O que vamos fazer? — perguntou Book II. — Se ficarmos aqui dentro, morreremos. Se nadarmos para a superfície, também.

— Tem de haver algum jeito... — sussurrou Schofield, quase como se falasse consigo mesmo.

— O que você está querendo dizer?

— Tem de haver um motivo...

— Do que está falando? — perguntou Book II, irritado. — Um motivo para quê?

Schofield voltou o rosto na direção dele.

— Um motivo para Botha ter parado aqui. Exatamente neste lugar. Ele não parou aqui porque gostou da vista. Tinha um motivo para lançar âncora aqui...

Foi então que Schofield viu.

— Aquele filho-da-mãe era realmente esperto... — exclamou.

Estava olhando para alguma coisa por cima do ombro de Book, para a úmida neblina do mundo submarino.

Book II virou-se e também conseguiu ver.

— Deus meu... — sussurrou ele.

Diante dele, parcialmente obscurecido pela areia levantada pelo impacto do helicóptero, surgia uma construção — não uma pedra ou uma formação rochosa, mas uma estrutura nitidamente construída pelo homem — que parecia totalmente fora de lugar no mundo submarino de águas esverdeadas do lago Powell.

Schofield e Book viram uma grande cobertura metálica, um pequeno escritório com janelas de vidro e um grande portão de garagem. E, debaixo da cobertura metálica, duas antigas bombas de gasolina.

Era um posto de gasolina.

Um posto de gasolina submerso.

O posto de gasolina se localizava na base da parede rochosa, no ponto onde a enorme cratera circular que encerrava a pequena mesa encontrava um amplo cânion que se estendia para leste. Foi então que Schofield se lembrou da história daquele posto de gasolina. Era o posto com um restaurante anexo que havia sido inundado quando o lago Powell fora criado em 1963, com o represamento do rio Colorado. Um velho posto de gasolina dos anos 1950 que tinha sido construído no lugar de um velho armazém comercial.

— Vamos — disse ele. — Antes que o oxigênio da cabina se esgote.

— Vamos... para onde? — perguntou Book II, incrédulo. — Para o posto de gasolina?

— Exatamente — disse Schofield, olhando para o relógio. Eram 9h26.

Trinta e quatro minutos para levar o Futebol de volta para o presidente.

— Todos os postos de gasolinas têm bombas de ar para encher pneus — disse ele. — Ar que poderemos respirar até que aqueles Penetrator tenham ido embora. É provável que o proprietário deste posto tenha deixado tudo para trás assim que foi indenizado pelo governo.

— Esse é o seu plano mágico de fuga? Qualquer ar que tenha sido deixado nessas bombas tem no mínimo quarenta anos. Pode estar estragado ou contaminado sabe lá Deus com quê.

— Caso os reservatórios tenham sido lacrados — disse Schofield —, uma parte do ar ainda pode estar boa. Além disso, não temos outra opção. Vou na frente. Caso ache uma mangueira com ar, dou um sinal para você vir.

— E se não achar?

Schofield soltou o gancho que ligava o Futebol à sua cintura, e entregou a pasta para Book II.

— Nesse caso, você terá de inventar o seu próprio plano mágico.

O Super Stallion jazia no fundo do lago, imerso no silencioso mundo submerso.

Repentinamente, um rastro de bolhas surgiu da parte de trás da aeronave, enquanto Shane Schofield, ainda trajando o uniforme preto do 7º Esquadrão, saía do helicóptero naufragado e começava a nadar.

Schofield flutuou no vácuo por alguns momentos, olhando ao seu redor. Observava o posto de gasolina, até que subitamente viu algo.

Algo pousado sobre o leito do lago, bem embaixo dele, a pouco menos de um metro de distância.

Era um pequeno contêiner prateado da marca Samsonite. Tinha um aspecto sólido, obviamente concebido para proteger o conteúdo contra impactos violentos; seu tamanho era o mesmo de dois aparelhos de videocassete colocados lado a lado. Encontrava-se sobre o terreno lodoso do fundo do lago, totalmente imóvel, preso por uma pequena âncora.

Era o objeto que Gunther Botha jogara no lago quando Schofield e Book o surpreenderam no bicasco.

Com duas braçadas, Schofield alcançou o contêiner. Cortou o cabo da âncora com uma faca e, em seguida, prendeu a alça no gancho de sua cintura.

Deixaria para verificar o conteúdo mais tarde.

Agora, tinha mais o que fazer.

Seguiu em direção ao posto de gasolina, nadando com braçadas longas e enérgicas. Percorreu rapidamente a distância entre o Super Stallion e o posto de gasolina, e logo se encontrou flutuando diante de uma fantasmagórica construção submersa.

Os pulmões começaram a doer. Ele tinha de encontrar uma mangueira de ar o mais rápido possível...

Ali!

Ao lado da porta do escritório do posto de gasolina.

Uma mangueira preta conectada a uma grande bomba de ar comprimido. Schofield nadou em direção a ela.

Chegando à mangueira, segurou-a e soltou a válvula de abertura. O esguicho da mangueira ganhou vida, lançando um patético jato de duas ou três pequenas bolhas.

Era um mau sinal, pensou Schofield.

Mas pouco depois, como uma onda súbita, um forte jato de bolhas grandes começou a ser cuspidas pela mangueira.

Schofield rapidamente colocou a boca na abertura da mangueira, sem pensar duas vezes, e respirou o ar de quarenta anos de idade.

No princípio, engasgou e tossiu terrivelmente. Tinha um sabor amargo e rançoso de ar viciado. Mais depois foi se tornando mais limpo, e Schofield começou a respirar normalmente. O ar estava bom, era respirável.

Acenou para Book no helicóptero, levantando o polegar em sinal de positivo.

Enquanto Book II nadava para alcançá-lo, levando o Futebol consigo, Schofield desenrolou com cuidado a mangueira para que ela pudesse entrar no pequeno escritório atrás dele. Dessa forma, as bolhas de ar que saíam de sua boca a cada nova respirada ficariam presas debaixo do teto, em vez de subirem para a superfície. Era melhor não alertar os Penetrator sobre a nova fonte de oxigênio deles.

Enquanto fazia isso, Schofield aproveitava para dar uma olhada no posto de gasolina submerso ao redor.

Ainda estava pensando em Botha.

O plano de fuga do cientista sul-africano não podia se resumir a uma parada neste posto de gasolina submerso. Tinha de haver alguma coisa a mais...

Schofield observou a garagem ao lado do escritório, que se aninhava na base da montanha, bem atrás do posto de gasolina.

Foi até a janela dos fundos e olhou para o exterior: viu um amplo portão feito de tábuas.

O portão fechava uma entrada escavada na parede de rocha. Grossas placas de madeira pareciam entrar pelo penhasco adentro. Duas linhas de trilhos para carris de mineração desapareciam por debaixo das tábuas que bloqueavam uma entrada.

Uma mina.

O plano de Botha estava começando a fazer algum sentido.

Trinta segundos depois, Book II entrou nadando no escritório, agarrando imediatamente a mangueira de ar.

Passado um minuto — os dois homens se alternavam na mangueira de ar —, Schofield, posicionado na entrada do escritório para poder olhar para a superfície, viu a silhueta distorcida dos Penetrator girando no ar e partindo em direção à Área 7.

Fez um sinal para Book, indicando a entrada da mina atrás do posto de gasolina. Gesticulou para dizer: estou indo para lá. Espere aqui.

Book concordou com a cabeça.

Em seguida, Schofield acendeu a pequena lanterna fixada no cano de sua pistola Desert Eagle e nadou através da janela dos fundos do escritório, dirigindo-se para a entrada da mina na base da montanha.

Antes mesmo de chegar ao portão da mina bloqueado com tábuas, Schofield reparou que algumas pranchas apodrecidas tinham sido removidas, e, pelo visto, recentemente.

Ele passou pela entrada nadando.

Foi recebido pela escuridão. Uma escuridão impenetrável.

O estreito raio de luz de sua lanterna iluminava ásperas paredes rochosas e traves de suporte submersas. Sobre o chão corriam as duas linhas de trilhos que desapareciam nas trevas.

Schofield nadou rapidamente através do túnel da mina, guiado pela luz de sua lanterna.

Não podia perder de vista a distância percorrida. Logo teria de tomar uma decisão: retornar para o ponto onde Book estava e tomar mais ar ou prosseguir, na esperança de alcançar uma parte da mina que não estivesse cheia de água.

A única coisa que o encorajava a prosseguir era Botha. O cientista sul-africano não teria ido até ali caso não pudesse...

Repentinamente, Schofield chegou a uma bifurcação: um estreito túnel vertical seguia para cima, enquanto o túnel principal da mina seguia em linha reta.

Ele alcançou a entrada do túnel vertical. De um lado, havia uma série de degraus de metal. Era uma escada de corda que subia através do túnel, desaparecendo na escuridão. Provavelmente era um poço de acesso, construído para permitir um rápido e ágil movimento entre todos os andares da mina.

Schofield estava ficando sem ar.

Fez um cálculo.

O lago devia ter cerca de trinta metros de profundidade naquele local. Logo, trinta metros acima daquela escada de corda ficava a superfície da água.

Foda-se.

Era a única opção.

Voltou para apanhar Book.

Dois minutos mais tarde, estava de volta no túnel da mina, desta vez com Book II e o Futebol ao seu lado, além de uma nova reserva de ar nos pulmões.

Dirigiram-se diretamente para o poço vertical, utilizando-se da escada de corda para tomar impulso durante a subida.

O poço era estreito e tinha formato cilíndrico, com aberturas escavadas na rocha a mais ou menos cada três metros. Escalá-lo era como escalar um cano de esgoto bem estreito.

Schofield seguia na frente, movendo-se rapidamente e contando os degraus enquanto subia, atribuindo trinta centímetros de distância entre os degraus.

Na altura do quinquagésimo degrau, seus pulmões começaram a arder.

No septuagésimo, sentiu a bílis subir para a garganta.

No nonagésimo, como ainda não conseguia ver sinal da superfície, começou a achar que errara os cálculos, que cometera um erro fatal, que seria seu fim e que estava prestes a desmaiar...

...então, repentinamente, sua cabeça se projetou gloriosamente para fora da água, encontrando um maravilhoso ar fresco.

Imediatamente ele jogou o corpo para o lado, a fim de permitir que Book II pudesse emergir ao seu lado. Book logo irrompeu para fora da água, e os dois permaneceram agarrados no degrau da escada que saía do estreito poço vertical, resfolegando no ar fresco.

O poço continuava a subir acima deles, mas agora não estava mais cheio de água.

Assim que retomou o fôlego, Schofield saiu da água e entrou através da passagem escavada mais próxima.

Saiu no interior de uma ampla caverna de piso plano, um antigo compartimento de administração da mina. O que viu no interior do compartimento, entretanto, paralisou-o.

Caixas cheias de provisões: comida, água, fogões a gás, leite em pó... Centenas de caixas.

Centenas e centenas de caixas.

Ao longo das paredes, alguém havia disposto uma dúzia de camas de campanha dobráveis. Havia uma mesa coberta com passaportes e carteiras de motoristas falsos num dos cantos.

Era um acampamento, pensou Schofield. Um acampamento de campanha.

Com comida suficiente para agüentar várias semanas, talvez meses. Por todo o período de tempo que o governo dos Estados Unidos levaria para encerrar as buscas no lago Powell atrás dos homens que roubaram o Sinovírus e sua valiosa fonte de vacina: Kevin.

Depois, quando tudo se acalmasse, Botha e seus homens deixariam o lago e voltariam tranqüilamente para a sua pátria.

Schofield olhou para as pilhas de caixas. Quem quer que houvesse organizado aquilo passara um longo tempo transportando aquele material para a caverna.

— Puxa! — exclamou Book II, juntando-se a Schofield no compartimento. — Alguém cuidou de todos os detalhes.

Schofield consultou seu relógio.

— Eram 9h31 da manhã.

— Vamos. Temos 29 minutos para levar essa maleta de volta ao presidente — disse Schofield. — Acho melhor seguirmos até a superfície e ver se há algum modo de retornarmos para a Área 7.

Schofield e Book II subiam o mais rápido que podiam.

Seguiam através do túnel vertical. Schofield levava o pequeno container Samsonite de Botha. Book II, o Futebol. Um minuto depois, alcançaram o topo da escada e saíram numa espécie de estrutura de alumínio que mais parecia um abrigo de grandes dimensões.

Duas linhas de trilhos para carris de mineração partiam de uma das extremidades do abrigo e desapareciam por debaixo da terra. Ao lado dos trilhos havia alguns velhos vagões enferrujados e antigos equipamentos de mineração. Tudo estava coberto de poeira e teias de aranha.

Schofield e Book correram para a porta que dava para o exterior e a abriram com um chute.

A ofuscante luz do sol e a areia carregada pelas fortes rajadas de vento atingiram seus rostos.

As pequenas silhuetas de Schofield e Book II saíram correndo para fora da estrutura que protegia a mina...

...e se encontraram diante de uma gigantesca península desértica plana, que se estendia pelo lago Powell. Pareciam duas formigas na magnífica paisagem do Utah. A imensidão do panorama ao redor transformava a enorme estrutura de alumínio da qual tinham saído numa autêntica miniatura.

Estranhamente, todavia, havia uma outra estrutura naquela ampla península plana. Ficava a cerca de cinquenta metros da mina: uma pequena casa de fazenda, com um celeiro ao lado.

Schofield e Book correram para lá, atravessando a cortina de areia levantada pela tempestade.

Na caixa de correio estava escrito um nome: HOEG.

Schofield passou rapidamente pela caixa de correio e entrou no jardim da frente.

Alcançou um dos lados da casa e se agachou debaixo de uma janela. Estava para dar uma olhada no interior da casa, quando a parede ao seu lado explodiu com o impacto de um projétil de arma automática. Ele se virou imediatamente e viu que um homem vestindo um macacão de brim vinha de um dos ângulos da casa correndo na sua direção e segurando um fuzil AK-47.

Bang!

Outro tiro ecoou através da tempestade de areia, e o fazendeiro tombou morto no solo arenoso.

Book II surgiu ao lado de Schofield, com o cano de sua pistola M9 fumegando.

— Que diabos está acontecendo aqui? — gritou ele.

— Presumo — disse Schofield — que, se sobrevivermos a isso tudo, vamos descobrir que o Sr. Hoeg era amigo de Botha. Vamos em frente.

Schofield correu até o celeiro e abriu as portas na vã esperança de encontrar algum meio de transporte no seu interior...

— Bem, já estava na hora de termos um pouco de sorte — disse ele. — Graças a Deus! Merecíamos uma folga.

Diante dos seus olhos, brilhando como um carro zero numa concessionária, havia um veículo muito comum nas fazendas daquela região: um belíssimo monomotor verde-claro, um avião usado na pulverização de plantações.

Três minutos depois, Schofield e Book estavam avançando pelo céu, sobrevoando os sinuosos cânions do lago Powell.

Eram 9h38 da manhã.

Desta vez vai ser raspando, pensou Schofield.

O avião era um Tiger Moth, um velho monomotor remanescente da Segunda Guerra Mundial, ainda muito utilizado para pulverizar plantações no sudoeste árido. Possuía duas asas paralelas, uma acima da fuselagem e a outra abaixo, unidas por estruturas verticais e cabos entrelaçados. Duas rodas de pouso se projetavam para fora de sua parte dianteira, como se fossem as longas pernas de um mosquito. Havia também um borrifador de inseticida fixado na cauda.

Como na maioria dos monomotores com duas asas, a aeronave possuía dois lugares: o assento do piloto na parte de trás, e o do copiloto na frente.

A aeronave estava em ótimo estado, devia ser muito bem cuidada. Obviamente, parecia que o Sr. Hoeg, além de ter sido um maldito espião, era um entusiasta da aviação.

— Quais são os planos? — perguntou Book pelo microfone de seu capacete. — Vamos voltar para pegar o trem-X?

— Não vai ser possível — respondeu Schofield. — Não há tempo suficiente. Vamos direto para a Área 7. Para o túnel da saída de emergência.

Os batimentos do coração de Dave Fairfax estavam acelerados.

Aquele tinha se transformado num dia memorável.

Depois de ouvir a avaliação de Dave sobre a Área 7 e sobre a unidade espiã operando dentro da base, o diretor assistente da DIA, o mesmo homem encarregado da vigilância do ônibus espacial

chinês, dera ordens para que fosse criada uma área de controle de sinais num diâmetro de 160 quilômetros em torno das Áreas 7 e 8. Agora, qualquer sinal saindo daquela zona seria captado pelos satélites de vigilância da DIA.

Impressionado com o trabalho de Fairfax no caso, o diretor assistente também dera carta branca para o jovem analista criptográfico seguir adiante nas investigações.

— Faça tudo que achar necessário, meu jovem — disse ele. — A partir deste momento, você se reporta diretamente a mim. Fairfax, entretanto, ainda estava intrigado.

Talvez estivesse apenas excitado, mas algo ainda o incomodava. As peças ainda não se encaixavam.

Os chineses tinham um ônibus espacial em órbita se comunicando com uma unidade espiã dentro de uma base da Força Aérea norte-americana.

Até aí tudo estava claro.

Logo, devia haver algo então naquela base que interessava aos chineses. Fairfax presumiu que fosse a vacina para o vírus, mencionada em todas as mensagens decodificadas.

Isso...

E o ônibus espacial era a melhor forma de se comunicar com os homens em terra diretamente.

Não.

Aquilo não era verdade. Os chineses poderiam usar qualquer satélite para se comunicar com os homens em terra... e eles tinham uma dúzia deles em órbita.

E se o ônibus espacial servisse para um outro objetivo... Fairfax virou-se para um dos oficiais de ligação da Força Aérea que tinha sido chamado pelo pessoal da DIA.

— De que meios a Força Aérea dispõe na Área 7?

O sujeito da Força Aérea deu de ombros.

— Um par de bombardeiros Stealth, um Blackbird SR-71 e alguns AWACS. Fora isso, a base é utilizada principalmente para a pesquisa e produção de armas biológicas.

— E quanto ao outro complexo? A Área 8?

O sujeito arregalou os olhos.

— Isso é uma história totalmente diferente.

— Ouça, isso é realmente importante. Creia em mim, preciso realmente saber.

O oficial da Força Aérea hesitou por um instante. Em seguida, disse:

— A Área 8 guarda os dois protótipos do ônibus espacial X-38, no qual estamos trabalhando. É uma nave concebida para destruir satélites... trata-se de uma versão menor e mais ágil do ônibus espacial tradicional e que pode ser lançada a grande altitude do costado de um Boeing.

— Um destruidor de satélites?

— Exatamente. O ônibus X-38 é dotado de mísseis de gravidade zero AMRAAM, fixados debaixo das asas. Foi projetado para ser lançado com rapidez em missões de alvo próximo. Alcança uma órbita terrestre baixa, abate satélites espiões inimigos e estações espaciais e depois volta para casa.

— Quantas pessoas podem ser transportadas a bordo? — perguntou Fairfax.

O homem da Força Aérea franziu o cenho.

— Três na cabine de comando. Talvez dez ou doze no compartimento de armas, no máximo. Por quê?

Agora Fairfax estava pensando rapidamente.

— Não, não é possível... — sussurrou ele. — Não é possível!

Correu para pegar uma cópia com o conteúdo dos telefonemas interceptados na base.

Era uma cópia da última mensagem que tinha decodificado, a mesma que lhe permitira saber que os homens da unidade Eco eram os traidores. Estava escrito:

**3-JUL 04:04:42
(TRADUÇÃO)**

SATÉLITE INTERCEPTADO

VOZ 1: WU e LI voltaram para a Área 7 trazendo o vírus. Seus homens estão com eles. Todo o dinheiro foi depositado. Os nomes dos homens que devem ser retirados:

**BENNETT, CALVERT. COLEMAN. DAYTON, FROMMER.
GRAYSON, ITTLETON, MESSICK, OLIVER e eu.**

Fairfax releu o seguinte trecho: "Os nomes dos homens que devem ser retirados..."

— Retirados... — repetiu ele, em voz alta.

— O que você tem em mente? — perguntou o oficial de ligação da Força Aérea.

Mas Fairfax agora estava imerso nos próprios pensamentos. Tudo tinha ficado muito claro.

— Caso quisesse tirar uma vacina ultra-secreta de uma base secreta da força Aérea localizada no meio de um deserto nos Estados Unidos, o que faria? Não poderia tirá-la de lá usando um avião, porque as distâncias são muito grandes. Seria abatido antes de chegar à Califórnia. O mesmo vale para uma fuga por terra: não conseguiria nem mesmo chegar à fronteira antes de ser pego. Pelo mar? Teria o mesmo problema. Mas esses filhos-da-mãe chineses acharam uma forma.

— Do que você está falando?

— Não se consegue retirar nada dos Estados Unidos fugindo para o norte ou para o sul, nem para leste ou oeste — disse Fairfax.

— Para cima é a única direção possível. Pelo espaço.

Schofield consultou seu relógio.

9h47 da manhã.

Restavam treze minutos para levar o Futebol até o presidente.

Naquele momento, ele e Book II já tinham alguns minutos de vôo: estavam sobrevoando a paisagem deserta no vistoso monomotor verde-claro, a 300 quilômetros por hora.

Ao longe, diante deles — elevando-se acima da planície desértica —, podiam avistar a montanha baixa, a pista de aterrissagem e o conjunto de edifícios que formavam a Área 7.

Logo depois da decolagem, Schofield tivera a oportunidade de abrir o contêiner Samsonite que tinha encontrado no fundo do lago.

No interior havia doze brilhantes ampolas de vidro, acondicionadas em nichos de espuma. Cada pequeno recipiente de

vidro continha um estranho líquido azul. Nas etiquetas brancas coladas nas ampolas estava escrito:

AMPOLAS DE VACINAÇÃO ENDOVENOSA
conteúdo da dose: 55ml
testada contra a cepa SV — v.9.1
certificada: 3/7, 05:84:33

Schofield arregalou os olhos.

Era um kit portátil de vacinação. Doses únicas da vacina fornecidas pelo sangue geneticamente modificado de Kevin, doses que podiam ser ministradas através de seringas. Produzidas naquela mesma manhã.

Era a obra-prima de Gunther Botha.

O antídoto para a última cepa do Sinovírus.

Schofield enfiou seis das pequenas ampolas de vidro no bolso de seu uniforme do 7º. Esquadrão. Poderiam ser úteis mais tarde.

Deu um tapinha no ombro de Book II e entregou-lhe as outras seis.

— Caso você pegue um resfriado — brincou ele.

Sentado imóvel no assento dianteiro do monomotor durante toda a viagem, Book II limitava-se a olhar para a frente em silêncio.

Pegou as ampolas que Schofield lhe dera e guardou-as no bolso de seu uniforme roubado do 7º. Esquadrão. Depois, voltou a olhar para a frente, pensativo.

— Por que você não gosta de mim? — perguntou Schofield, repentinamente, falando através do microfone do capacete.

Book II virou a cabeça para o lado.

Instantes depois, a voz do jovem sargento surgiu no capacete de Schofield.

— Há uma coisa que quero lhe perguntar faz muito tempo, capitão — a voz era baixa, e o tom era frio.

— O quê?

— Meu pai estava naquela missão com você na Antártida. Mas jamais retornou. Como ele morreu?

Schofield permaneceu em silêncio.

O pai de Book II — Buck Riley Pai, o "Book" Riley original — tinha morrido de forma horrível durante a malfadada missão na estação polar Wilkes. Um comandante sanguinário pertencente à SAS britânica, chamado Trevor Barnaby, jogara-o vivo num tanque repleto de orcas assassinas para alimentá-las.

— Ele foi capturado pelo inimigo. E o mataram.

— Como?

— Não creio que queira saber os detalhes.

— Como?

Schofield fechou os olhos.

— Ele foi pendurado de cabeça para baixo sobre um tanque cheio de orcas... depois desceram o cabo.

— O corpo de fuzileiros jamais conta como foi que aconteceu — disse Book II, com a voz quase inaudível no rádio. — Mandam apenas uma carta dizendo quão patriota era o seu pai, apenas informando que ele morreu em combate. Por acaso você sabe o que aconteceu com a minha família depois da morte do meu pai, capitão?

Schofield mordeu o lábio.

— Não. Eu não sei.

— Minha mãe morava na base de Camp Lejeune, na Carolina do Norte. Eu estava fazendo o treinamento básico em Parris Island. Sabe o que acontece com a esposa de um fuzileiro quando ele é morto em combate, capitão?

Schofield sabia. Mas não disse nada.

— Ela é afastada da base. Parece que as esposas dos soldados vivos não gostam da presença de mulheres recém-enviuvadas. Viúvas que podem sair roubando os maridos delas. Assim, depois de perder o marido, minha mãe teve de sair da sua casa. Ela tentou um recomeço, tentou ser forte, mas não deu certo. Três meses depois de ser afastada da base, foi encontrada no banheiro de seu novo apartamento, com as dimensões de uma caixa de sapato. Tinha tomado um vidro inteiro de pílulas para dormir.

Book II virou-se no assento e encarou Schofield diretamente nos olhos.

— Esse é o motivo pelo qual lhe perguntei mais cedo sobre as suas estratégias arriscadas. Isto não é um jogo, e você sabe bem disso. Quando alguém morre, existem conseqüências. Meu pai está morto, e minha mãe se matou porque não conseguia viver sem ele. Só queria me certificar de que meu pai não morreu numa de suas brilhantes e extremamente arriscadas manobras táticas.

Schofield permanecia em silêncio.

Ele jamais conhecera realmente a mãe de Book II.

Book pai nunca mantivera uma vida social com seus companheiros do Corpo de Fuzileiros, pois preferia passar o tempo livre com a família. Schofield certamente encontrara Paula Riley num almoço ou jantar qualquer, mas nunca a conhecera realmente. Quando ouvira falar da sua morte, lamentara-se por não ter feito nada para ajudá-la.

— Seu pai foi o homem mais corajoso que conheci em toda a minha vida — disse Schofield. — Ele morreu para salvar a vida de outra pessoa. Uma garotinha tinha caído de um hovercraft e ele mergulhou atrás para salvá-la, protegendo-a da queda. Foi assim que acabou capturado. Depois, levaram-no de volta para a estação polar e o mataram. Tentei voltar a tempo, mas... não consegui.

— Pensei que você nunca tivesse perdido uma contagem regressiva.

Schofield não disse nada.

— Ele me falou sobre você, sabia? — disse Book II. — Disse que você era um dos melhores comandantes para quem tinha servido. Disse que o amava como se fosse a um filho, da mesma forma que me amava. Não vou me desculpar por ter sido um pouco frio no trato com você, capitão. Tinha apenas que fazer uma idéia sobre você e decidir por minha conta.

— E qual foi a sua decisão?

— Ainda estou refletindo.

O avião começou a descer em direção ao solo do deserto.

Eram 9h51 quando o monomotor Tiger Moth tocou a planície do deserto, levantando uma nuvem de poeira atrás de si. Assim que o monomotor parou, Schofield e Book II pularam para fora da

aeronave — Schofield segurando o Futebol e a pistola Desert Eagle, Book com as duas M9 cromadas — e avançaram em direção à trincheira escavada no solo, que escondia a entrada do túnel de emergência.

Havia cadáveres espalhados por todos os lados, semi-encobertos pela areia acumulada pela tempestade.

Nove homens do Serviço Secreto, todos trajando ternos. Todos mortos. Os membros da Equipe Avançada 2.

Quatro fuzileiros também jaziam no chão. Todos vestiam uniforme de gala. Colt Hendricks e os homens do Nighthawk 3, que tinham vindo verificar a saída de emergência da base.

Cristo! Pensou Schofield, enquanto passava pelos corpos ao lado de Book II, dirigindo-se para a entrada do túnel.

Todas essas mortes... e todas as conseqüências que trariam.
9h52 da manhã.

Schofield e Book chegaram correndo à entrada do túnel. A porta tinha ficado aberta desde a passagem dos Recondos mais cedo. Eles entraram num estreito túnel de concreto, onde foram recebidos pela escuridão e pelo frescor da Área 7.

Chegaram a um túnel vertical que desaparecia pela escuridão abaixo. Numa das laterais do túnel havia uma escada metálica com corda pendurada ao lado. Schofield segurou-a e deslizou através dela por mais de 150 metros. Book seguiu logo atrás. Não havia luzes naquele local, portanto tiveram que se orientar pela pequena lanterna fixada no cano da pistola de Schofield. Armado com suas duas pistolas ornamentais, Book II não tinha uma lanterna.

9h53 da manhã.

Chegaram no fundo do túnel. Diante dele, um outro túnel, suficientemente largo para a passagem de um homem, descia num declive suave, desaparecendo na escuridão.

Começaram a correr a toda velocidade através do túnel.

Schofield falava no microfone de pulso, que pegara de um agente do Serviço Secreto, enquanto corria:

— Gata! Gata! Pode me ouvir? Estamos de volta! Estamos novamente dentro do complexo!

Seu fone de ouvido chiava e dava estalos de estática. Nenhuma resposta.

Talvez os rádios do Serviço Secreto não tivessem sido projetados para resistir a longas nadadas debaixo d'água.

9h54

Depois de correrem centenas de metros através da passagem estreita, desembocaram na porta de emergência do Nível 6, no lado norte dos trilhos da estação do trem-X.

A estação subterrânea estava imersa na escuridão.

Nas trevas.

Era assustador.

Com o raio de sua lanterna, Schofield conseguia enxergar alguns cadáveres, alguns deles carbonizados, e a cratera causada pela explosão no meio da plataforma central. O lugar onde a granada RDX de Elvis tinha sido acionada mais cedo.

— As escadas! — disse ele, apontando o raio de luz para a esquerda, na direção da porta que levava à escada de incêndio. Saltaram para cima da plataforma e correram em direção à porta.

— Gata! Gata! Você consegue me ouvir?

Chiado. Estalos.

Chegaram à porta da escada. Schofield abriu-a...

...e instantaneamente ouviu o ruído — clang-clang-clang— de uma dúzia de pares de botas de combate que ecoavam pelas escadas... ficava mais alto a cada segundo que se passava.

— Rápido, por aqui — sussurrou ele, descendo para os trilhos do lado sul da plataforma. Mergulharam para trás de um pequeno veículo de manutenção da linha-X que se encontrava parado ali.

Schofield apagou a lanterna no exato momento em que Book II aterrissou ao seu lado e meio segundo antes de a porta antifogo ser aberta. Serpente Carney e os homens da unidade Eco passaram através dela, iluminando a escuridão ao redor com os raios de luz de suas lanternas.

Schofield imediatamente viu Kevin no meio deles, cercado por quatro homens de origem asiática.

— Que diabos está acontecendo aqui? — sussurrou Book II.

Schofield observava os quatro homens que circundavam Kevin.

Eram os mesmos que ele tinha visto no interior da câmara de descompressão mais cedo, os mesmos que tinham trazido o Sinovírus da China.

Schofield começou a pensar de forma frenética.

O que estava acontecendo?

Kevin tinha acabado de retornar para a Área 7 a bordo de um dos Penetrator. E agora estava sendo transferido novamente. Por que César teria mandado essa equipe de combatentes levá-lo para outro lugar? Seria para um lugar mais seguro?

E outra pergunta voltou a incomodar Schofield: Por que César se importava com Kevin? Ele não estava atrás do presidente?

Serpente e seus homens pularam para os trilhos do outro lado da plataforma. Pareciam saber exatamente o que estavam fazendo.

Somente graças às luzes das lanternas da unidade Eco foi que Schofield pôde ver que as portas de segurança do túnel do trem-X, do outro lado da plataforma, estavam abertas. Eram as portas dos túneis que levavam à Área 8.

Serpente e seus homens, com Kevin e os quatro asiáticos, desapareceram no interior do túnel no lado leste, olhando para trás enquanto prosseguiam. Porque estariam olhando para trás deles mesmos? Perguntou-se Schofield Ao ver Serpente dar uma última olhada ansiosa por sobre o próprio ombro antes de entrar no túnel, Schofield subitamente compreendeu o que estava se passando.

Aqueles homens estavam roubando Kevin... de César.

Acima, no hangar do Nível 2, imerso na escuridão, Gant consultava nervosamente seu relógio.

9h55 da manhã.

Cinco minutos para o presidente ter que colocar a palma da mão sobre o analisador do Futebol.

E nenhuma notícia de Espantalho.

Merda.

Caso ele não volte logo, o show vai terminar.

Gant e Mãe, com Juliet, o presidente, Hagerty e Tate, tinham deixado o AWACS no Nível 2 e atravessado o hangar subterrâneo

orientando-se com as lanternas de suas armas. Agora estavam diante do enorme poço do elevador de aeronaves.

Gant ainda carregava a caixa-preta que surrupiara do AWACS. Seu plano era alcançar o centro de comando de César Russel, localizado no nível térreo.

Mas se Schofield não voltasse logo com o Futebol, qualquer plano que tivesse em mente se tornaria um mero exercício acadêmico.

O complexo estava estranhamente silencioso.

Uma atmosfera realmente assustadora envolvia as instalações da Área 7- Por um instante, Gant teve a impressão de ter ouvido um ruído no seu fone de ouvido:

— *Ox?...piar?*

Juliet também tinha ouvido.

— Você ouviu aquilo?

Pouco depois, de modo tão repentino que fez todos se sobressaltarem, um tiro ecoou pelo poço do elevador.

Um estrondo altíssimo.

O barulho de uma escopeta sendo disparada.

O que se seguiu ao disparo, entretanto, foi infinitamente mais aterrorizador.

Uma risada.

Uma risada insana que subiu pelo poço do elevador, cortando o ar como uma foice.

— *Ohaaa-aaá-haaaaaaaah! Alooooô todo mundo! Estamos indo pegá-los!*

Logo em seguida ouviram a voz de um homem uivando como um lobo.

— *Auuuuuuuuuuuuuuuu!*

Até mesmo Mãe engoliu em seco.

— Os prisioneiros...

— Devem ter encontrado o armário de armas lá embaixo, na área de detenção — disse Juliet.

Subitamente, o som alto de um ruído mecânico reverberou pelo poço do elevador.

Gant olhou para baixo.

A gigantesca plataforma do elevador estava na altura do Nível 5, transportando os restos do AWACS destruído, parcialmente submersos num grande volume de água.

Gant avistou tochas acesas em vários pontos da plataforma do elevador, pelo menos vinte delas, que se moviam por todos os lados, brilhando na escuridão. Tochas que eram mantidas no alto por homens.

Os prisioneiros fugitivos.

— Quantos homens você consegue ver? — perguntou Juliet.

— Não sei — disse Gant. — Trinta e cinco, quarenta. Por quê, quantos são?

— Quarenta e dois.

— Ah, fantástico!

Foi então que, com um grande solavanco, a plataforma do elevador começou a subir, elevando-se do lago que se formara na base do poço, pingando água.

— Pensei que estivesse sem energia... — começou Mãe.

Juliet balançou a cabeça:

— Há um motor hidráulico autônomo, para situações de blackout como esta.

O elevador se arrastava lentamente através do poço, movendo-se de forma estável na escuridão.

— Rápido. Afastem-se da beirada — Gant empurrou o presidente para trás de um dos trens de pouso do AWACS nas proximidades. Ela, Mãe e Juliet desligaram as lanternas fixadas nos canos de suas armas.

A gigantesca plataforma do elevador passou pela entrada do Nível 2, continuando a subir lentamente. Enquanto isso, Gant observava tudo escondida atrás do trem de pouso do AWACS.

Parecia uma cena de filme de terror.

Os homens mantinham as tochas acesas acima de suas cabeças, pistolas e escopetas nas mãos livres, e uivavam como animais, cada vez mais alto. Na escuridão silenciosa da base, os gritos agudos pareciam giz arranhando um quadro-negro.

Os prisioneiros das celas do Nível 5.

Boa parte deles estava sem camisa. A pele de seus peitorais nus brilhava sob a luz das tochas. Alguns usavam bandanas amarradas em torno das cabeças e nos bíceps.

Todos tinham as calças encharcadas devido à água que estava alagando o Nível 5.

Pouco depois, o elevador saiu do campo de visão de Gant. Ela saiu do esconderijo e foi ver a parte inferior do elevador, que prosseguia subindo e subindo até chegar ao hangar principal com um estrondo agourento.

César Russel atravessou com passos firmes a sala de controle que se elevava sobre o hangar principal.

Acabara de ver a plataforma do elevador de aeronaves — com seu carregamento de prisioneiros histéricos e armados — chegando no nível térreo. Os homens saltaram da plataforma para correr através do hangar antes mesmo que o elevador parasse.

— Peguem os equipamentos portáteis — ordenou César, mantendo a calma. — Mande a Charlie esperar na "porta de cima" e preparar a evacuação para o posto de comando secundário. Vamos encontrá-los lá. Onde está a unidade Eco?

- Não consigo encontrá-los, senhor — disse o operador mais próximo.

- Não importa. Faremos contato mais tarde. Vamos.

Todos começaram a se movimentar. Logan e seus três homens da unidade Alfa. Jibóia McConnell e seus quatro homens pertencentes à unidade Bravo.

César usou um cartão para destrancar uma pequena porta a pressão situada na parede norte da sala de controle.

Um corredor de concreto se estendia diante dele. Era o túnel que desembocava na "porta de cima".

Os três homens da unidade Alfa seguiam na frente. Avançavam pela passagem com as armas apontadas. César seguia logo atrás, acompanhado por Logan.

O coronel Jerome Harper seria o próximo da fila, mas jamais teve a oportunidade de entrar no túnel.

No exato instante que Logan desapareceu no interior da passagem, a porta principal da sala de controle foi repentinamente aberta, revelando cinco prisioneiros armados.

Bang!

O primeiro tiro fez um terminal inteiro voar em pedaços.

Na passagem usada para a fuga, Logan virou-se e viu os invasores. Logo percebeu que os outros não conseguiriam escapar pelo túnel e, com uma rápida olhada na direção de Harper, tomou uma decisão: fechou a porta a pressão diante dele, bloqueando a única via de fuga para Harper e os homens da Força Aérea que tinham permanecido dentro da sala de controle.

Onze homens no total foram deixados para trás: Harper, Jibóia McConnell, os quatro homens da unidade de Jibóia, os quatro operadores de rádio e o homem invisível que observara das sombras todos os eventos daquela manhã.

Foram todos deixados na sala de controle, à mercê dos assassinos.

No Nível 6, na estação do trem-X, Schofield e Book II saíram correndo do esconderijo onde se encontravam, atrás do veículo de manutenção, pularam sobre a plataforma e voaram em direção à escada de incêndio.

9:56

Schofield mal tinha aberto a porta, quando ouviu o disparo de uma arma de fogo ecoando pelas escadas, seguido de um alto "Auuuuuuuuuuuuuuuu!"

Fechou a porta rapidamente.

— Bem, agora é mesmo oficial — comentou ele. — Acabamos de chegar ao inferno.

— Temos quatro minutos para encontrar o presidente — disse Book II.

— Eu sei. Eu sei — Schofield olhou ao seu redor. — Mas de algum modo temos que subir pelo complexo.

Ele olhou através da escuridão da estação subterrânea.

— Rápido, por aqui. — Ele começou a correr pela plataforma.

— O quê? — disse Book II, que saiu correndo atrás dele.

— Há uma outra forma de subir pelo complexo. Aqueles caras do 7º. Esquadrão já a utilizaram antes: o duto de ventilação do outro lado da plataforma!

9:57

Eles alcançaram o duto de ventilação.

Schofield tentou o microfone novamente, na esperança que este não tivesse sido danificado durante o mergulho no lago Powell.

— Gata! Gata! Você consegue me ouvir?

Estática. Ruídos. Nada.

Entraram no duto de ventilação e começaram a correr. O ruído de seus coturnos reverberava a cada passo que davam.

— Chegaram à base do duto vertical, que subia por 150 metros.

— Cristo! — exclamou Book II, olhando para cima. O duto desaparecia na escuridão infinita.

9:58

Schofield disse:

— Rápido, pelo duto de ventilação. Depois usaremos os dutos laterais para alcançar o poço do elevador e cortar caminho pela plataforma. Quando chegarmos lá, daremos um jeito de encontrá-los.

Schofield levantou seu Maghook e apertou o gatilho sem ativar o ímã. A ponta voou zunindo para o alto. Somente alguns segundos depois, ativou a descarga magnética, e, com um ruído metálico, o ímã prendeu-se na parede vertical.

9:58:20

Schofield foi o primeiro a subir, zunindo poço acima preso ao cabo do Maghook. Book II foi logo atrás dele.

9:58:40

Assim que chegaram no último duto horizontal, pararam e entraram nele, desativando o ímã do Maghook. Correram pelo interior do duto, o Futebol balançando freneticamente na mão de Schofield.

9:58:50

Chegaram ao imenso poço do elevador de aeronaves que se abria diante deles, encoberto pela escuridão. Via-se somente a luz

de alguma tocha na parte de cima do poço. A plataforma principal parecia estar na última parada, no hangar do nível térreo.

Schofield e Book II ficaram parados na saída do duto. Estavam no Nível 3.

Schofield levou o microfone até os lábios.

— Gata! Gata! Onde está você?

— Ei!— uma voz feminina muito familiar ecoou através do poço.

Schofield levantou a cabeça para olhar para cima, apontando o raio de sua lanterna para o alto.

E viu um pequeno ponto branco: o raio de outra lanterna fixada sobre o cano de uma arma. Estava piscando na direção dele, do outro lado do poço, um nível acima, na gigantesca entrada do hangar do Nível 2.

E acima do pontinho de luz, no reflexo criado pela luminosidade, Schofield viu o rosto extremamente ansioso de Libby Gant.

9:59:00

— Gata!

— Espantalho!

A voz de Gant surgiu no fone de ouvido de Schofield, alta e clara. O dano causado pela água devia ter afetado somente o alcance do transmissor.

— Droga! — disse Schofield. — Achei que a plataforma do elevador fosse estar aqui!

— Os prisioneiros a levaram para o hangar principal— disse Gant.

9:59:05

9:59:06

— Jesus, Espantalho. O que vamos fazer? Só nos resta um minuto...

Schofield estava pensando na mesma coisa.

Sessenta segundos.

Não havia tempo suficiente para descer até o fundo do poço, atravessá-lo a nado e subir novamente. E também não havia tempo

suficiente para se arrastar pelas paredes, mão ante mão, ao redor do poço. Tampouco podiam se lançar com o Maghook, pois o poço era muito largo.

Droga, pensou ele.

Droga-droga-droga-droga-droga-droga-droga-droga.

— O que você acha de tentarmos uma "ponte Harbour"?— a voz de Mãe surgiu no fone de ouvido de Schofield.

"Ponte Harbour" era um lendário truque que circulava entre os soldados. Duas pessoas disparavam seus Maghook em direções opostas, de modo que os dois ímãs se enganchassem em pleno ar. Tinha sido batizado assim por causa da ponte Harbour de Sydney, um famoso marco turístico australiano. Uma ponte formada por dois arcos que se encontram no meio do caminho, construída para ligar os dois lados do porto de Sydney. Schofield vira alguns fuzileiros tentarem realizar o truque algumas vezes. Nenhuma tentativa tivera êxito.

— Não — disse ele —, a "ponte Harbour" é impossível. Jamais vi alguém conseguir enganchar dois Maghook em pleno vôo. Mas talvez...

9:59:09

9:59:10

Ele lançou um olhar na direção do presidente e de Gant, que permaneciam parados na entrada do Nível 2, calculando a distância.

Mais no alto, na parte de cima do poço, na escuridão quase total, entrevia-se a parte inferior da plataforma do elevador de aeronaves.

A sugestão de Mãe, no entanto, dera-lhe uma idéia.

Talvez com dois Maghook...

— Gata! Rápido! — disse ele. — Onde está o mini-elevador?

— Onde nós o deixamos, lá em cima, no Nível 1 — disse Gant.

— Suba até lá. Pegue o mini-elevador e suba com ele pelo poço. Pare quando estiver uns trinta metros abaixo da plataforma do elevador principal. Vá! Agora!

Gant sabia que não era para discutir. Não havia tempo. Ela agarrou o presidente e sumiu da vista de Schofield.

9:59:14

9:59:15

Schofield passou correndo por Book II, dirigindo-se de volta para o duto de ventilação principal.

Chegou ao túnel vertical e, sem nem mesmo piscar, disparou seu Maghook para cima novamente.

Dessa vez, esperou até que o Maghook esgotasse seus 45 metros de cabo antes de ativar o campo magnético.

Quando o ativou, a potente descarga magnética do Maghook empurrou o gancho para o lado em pleno vôo, prendendo-o firmemente na parede metálica do duto.

9:59:22

9:59:23

Schofield zuniu poço acima novamente.

Dessa vez, Book II não foi atrás dele. Schofield não teve tempo de mandar-lhe o Maghook de volta. Tinha de fazer tudo sozinho, e, além disso, precisava do Maghook...

Schofield avançava pelo poço apoiado no cabo do Maghook. As quatro paredes de metal que encerravam o duto passavam rapidamente ao seu lado. Deteve o mecanismo do carretel somente quando alcançou um outro duto horizontal. Faltavam ainda cerca de trinta metros para alcançar o hangar principal. Ele correu através do duto horizontal.

9:59:29

9:59:30

Chegou novamente no poço do elevador de aeronaves. Agora, o lado inferior da gigantesca plataforma estava mais próximo, a cerca de trinta metros de distância do ponto onde ele estava. Podia ouvir os disparos de armas de fogo e assovios dos prisioneiros vindos do hangar principal. Tentou imaginar, por alguns segundos, o que estava ocorrendo lá em cima.

9:59:34

9:59:35

Graças ao raio de luz da lanterna montada no cano de sua arma, Schofield viu o mini-elevador passar zunindo próximo à parede de concreto do outro lado do poço do elevador. Conseguiu ver as pequenas figuras de Gant, Juliet, Mãe e do presidente a bordo.

9:59:37

9:59:38

Quando o mini-elevador alcançou a mesma altura em que ele estava, Schofield gritou:

— Ótimo! Pare aí!

O mini-elevador parou com um solavanco no outro lado do poço, separado de Schofield por um abismo de concreto com mais de sessenta metros de extensão.

Estavam frente a frente em lados opostos do enorme poço.

9:59:40

— Certo, Gata — disse Schofield pelo rádio. — Quero que dispare seu Maghook em direção à parte inferior da plataforma do elevador.

— Mas o cabo não é longo o suficiente para balançá-lo em direção ao outro...

— Eu sei. Mas dois Maghook vão ser — disse Schofield.—Tente acertar a plataforma num ponto a cerca de um quarto da distância entre mim e você. Vou fazer o mesmo deste lado.

9:59:42

Schofield disparou seu Maghook. Com um sonoro ruído surdo, o gancho viajou através do ar, voando diagonalmente para cima do poço.

Logo em seguida ouviu-se um *clang!* A cabeça magnética do gancho tinha se fixado na parte inferior da plataforma.

9:59:43

Clang! Um ruído similar veio do outro lado do poço. Gant fizera o mesmo com o seu Maghook.

9:59:45

9:59:46

Schofield segurou seu Maghook somente com uma mão. Em seguida, abriu o Futebol, descobrindo o timer da contagem regressiva em seu interior, que assinalava: 00:00:14... 00:00:13... Continuou segurando-o pela alça, mas o mantinha aberto.

— Certo, Gata — disse ele no microfone. — Agora passe o Maghook para o presidente. Temos 12 segundos, isso significa que é uma tentativa única.

— Você só pode estar brincando... — exclamou Mãe.

Do outro lado do poço do elevador, Gant tinha passado o Maghook para o presidente. Schofield e o presidente encontravam-se em lados opostos do grande poço de concreto, segurando os cabos diagonalmente esticados de seus respectivos Maghook. Pareciam uma dupla de trapezistas prontos para iniciarem um número.

9:59:49

9:59:50

— Agora! — gritou Schofield.

E eles saltaram.

Projetando-se sobre o poço.

Dois pequenos vultos presos por cabos similares, quase invisíveis.

À medida que avançavam em arcos pendulares idênticos, realmente pareciam trapezistas. Um balançando de encontro ao outro e fazendo pontaria para se encontrarem no meio. Schofield segurando a pasta aberta, e o presidente inclinado para o lado, esticando o braço.

9:59:52

9:59:53

Schofield alcançou o ponto mais baixo de sua parábola e começou a subir.

Na penumbra, ele viu o presidente vindo na sua direção com uma expressão de terror estampada no rosto. Mas o chefe do executivo projetava-se no vazio com perícia, segurando o cabo com firmeza e estendendo a mão direita.

9:59:54

9:59:55

Durante o movimento pendular de ascensão, eles se aproximaram: tinham alcançado o limite de seus respectivos arcos...

9:59:56

9:59:57

...e, mais de cem metros acima do fundo do poço, voando na semi-escuridão, os dois se encontraram. A mão estendida do

presidente encostou no analisador de impressão da palma que estava sendo seguro por Schofield.

Biiiiip!

O timer do Futebol foi instantaneamente zerado.

00:00:02 tornaram-se 00:90:00, e o relógio imediatamente começou uma nova contagem regressiva.

Schofield e o presidente, depois de dividirem momentaneamente o mesmo espaço aéreo mais de cem metros acima do mundo, oscilavam de volta na direção de onde tinham vindo.

O presidente chegou de volta na plataforma do mini-elevador, onde foi recolhido por Gant, Mãe e Juliet.

No outro lado do poço do elevador, Schofield conseguiu alcançar a abertura do duto de ventilação horizontal.

Aterrissou suavemente na beirada do duto e soltou um suspiro de alívio, mantendo na mão a pasta de aço inoxidável do Futebol.

Tinham conseguido. Pelo menos por mais noventa minutos. Agora tudo o que ele e Book tinham a fazer era achar um meio de chegar ao outro lado e se juntar ao presidente.

Depois de enrolar o carretel automático de seu Maghook, Schofield se virou para voltar até o ponto em que deixara Book...

Shuck-schuck.

Três homens bloqueavam a passagem. Vestiam calças jeans, mas estavam sem camisa: exibiam uma variação de peitorais tatuados, bíceps trabalhados ou dentes frontais ausentes. Mas, sobretudo, brandiam escopetas Remington.

— Mãos para o alto, cara — disse um dos presidiários armados.

César Russel corria através do túnel baixo da saída de emergência.

Os três homens sobreviventes da unidade Alfa corriam à sua frente. Kurt Logan seguia apressado atrás.

Tinham acabado de deixar Harper e os outros na sala de controle, à mercê dos prisioneiros fugitivos. Se dirigiam para o ponto da saída de emergência onde se encontrava a "porta de cima".

Depois de uma curva, chegaram a uma pesada porta de aço parcialmente embutida no concreto. Depois que o código foi digitado, a porta se abriu.

O túnel que levava à "porta de cima" surgiu diante deles, estendendo-se para a direita e para a esquerda.

Para a direita: era a liberdade, a saída para um dos hangares exteriores da Área 7.

Para a esquerda, depois de uma curva, o poço do elevador social, e...

...uma outra coisa.

César ficou paralisado.

Viu uma bota de combate projetando-se para fora da curva que levava ao poço do elevador social.

A bota de combate de um soldado morto.

César aproximou-se.

E viu que a bota pertencia ao corpo horrivelmente ensangüentado de Pítton Willis, o oficial comandante da unidade Charlie, a unidade do 7º. Esquadrão que estava trazendo Kevin de volta para a Área 7.

O rosto de César tornou-se sombrio.

Os membros da unidade Charlie jaziam mortos diante dele. E não havia o menor sinal de Kevin.

Foi então que César reparou numa marca na parede próxima aos dedos inertes de Pítton Willis, um símbolo rabiscado com sangue, um último gesto do comandante da unidade Charlie, feito pouco antes de morrer.

Uma letra "E" maiúscula.

César limitou-se a observá-la, franzindo os lábios.

Logan chegou ao lado dele.

— O que significa isso?

— Vamos para o posto de comando secundário — disse César, friamente. — Quando chegarmos lá, quero que descubra o que aconteceu com a unidade Eco.

Shane Schofield emergiu do duto de ventilação debaixo do Marine One. Estava cercado por quatro prisioneiros fortemente armados. O Futebol não estava mais com ele. Agora, um dos prisioneiros carregava a pasta como se fosse seu mais novo brinquedinho.

Enquanto deslizava para sair de baixo do helicóptero presidencial, Schofield teve a impressão de ouvir aplausos e gritos...

... e repentinamente — *bang!*— o disparo de uma arma o assustou. O tiro foi logo seguido de gritos de aprovação.

Pouco depois, um novo tiro estrondoso e mais gritos e aplausos.

Schofield começou a suar frio.

Que diabos estava acontecendo ali?

Mal tinha saído do Marine One, logo avistou cerca de trinta prisioneiros, com as costas voltadas para ele, reunidos em torno da plataforma do elevador de aeronaves.

Desde que tinha sido capturado no duto de ventilação abaixo, a imensa plataforma, ainda com os destroços do que fora o avião AWACS, havia sido abaixada cerca de três metros em relação ao nível do solo do hangar principal, formando uma espécie de arena quadrada.

A turba de prisioneiros estava reunida em torno da arena improvisada, olhando para baixo atentamente como se fossem apostadores numa rinha de galos. Brandiam os punhos, gritavam e assoviavam. Um sujeito cabeludo berrava: "Corre, baixinho! Corre! Corre! Ha-haaaa!"

Eles formavam o grupo mais barra-pesada que Schofield vira em toda a sua vida.

Seus rostos eram cobertos de cicatrizes e tatuagens. Todos tinham adaptado os uniformes de acordo com o gosto pessoal: uns tinham arrancado as mangas das camisas, transformando-as em bandanas; alguns usavam as camisas abertas, enquanto outros estavam simplesmente sem camisa.

Depois de ser forçado a se aproximar da borda da arena, Schofield olhou para baixo.

No meio do labirinto formado pelos destroços do AWACS que atulhavam o buraco quadrado de concreto, ele viu dois jovens membros da Força Aérea trajando uniformes azuis: a julgar pelos uniformes impecáveis, deviam ser burocratas que puxavam o saco de oficiais, provavelmente operadores de rádio. Corriam como animais assustados.

Junto com eles no interior da arena havia cinco presidiários corpulentos armados. Esgueiravam-se através do labirinto caçando os desafortunados operadores de rádio.

Schofield viu os corpos de outros dois operadores de rádio estendidos sobre poças de sangue no lado oposto da arena: seguramente tinham sido os responsáveis pela animação que ouvira momentos antes.

Foi então que, para horror de Schofield, um novo grupo de prisioneiros surgiu escoltado do outro lado do hangar.

No meio desse novo grupo de prisioneiros, Schofield reconheceu Gant, Mãe, Juliet... e o presidente dos Estados Unidos.

— Não acredito que isso esteja realmente acontecendo — sussurrou Schofield.

Abaixo, na escuridão do hangar do Nível 1, Nicholas Tate III, assessor do presidente para política interna, olhava nervosamente para o poço do elevador.

O presidente e suas três protetoras não tinham retornado de sua viagem a bordo do mini-elevador. Tate agora estava bastante preocupado.

— Você acha que eles foram capturados pelos prisioneiros? — perguntou a Hot Rod Hagerty.

Podiam ouvir os gritos e os disparos vindos do hangar principal acima. Parecia que estavam do lado de fora de um estádio durante uma partida de futebol.

— Espero que não — sussurrou Hagerty.

Tate continuava a olhar para o alto do poço enquanto milhares de pensamentos passavam por sua cabeça, na maior parte relacionados com a própria sobrevivência. Permaneceu em silêncio durante um minuto.

— O que você acha que devemos fazer então? — Perguntou enfim Tate, sem se virar na direção de seu interlocutor.

Não houve resposta.

Tate franziu o cenho e virou-se para o lado.

— Eu disse... — ele ficou paralisado.

Hagerty tinha desaparecido.

O hangar do Nível 1 estendia-se diante dele imerso na escuridão. No seu interior, as únicas presenças perceptíveis eram as sombras dos gigantescos aviões.

O rosto de Tate ficou lívido.

Hagerty tinha sumido.

Desaparecido — silenciosamente, instantaneamente— no intervalo de um único minuto.

Era como se sua existência tivesse sido apagada.

Uma descarga de medo percorreu o corpo de Nicholas Tate. Agora ele estava sozinho lá embaixo, numa base fechada e repleta de soldados traidores da Força Aérea. E com a pior coleção de assassinos já vista pela humanidade.

Foi então que ele viu.

Alguma coisa brilhando no chão a alguns metros dele, no lugar em que vira Hagerty pela última vez. Foi até lá e pegou-a.

Era um anel.

O anel de ouro de um oficial.

O anel de formatura de Hagerty em Annapolis.

Os últimos dois operadores de rádio não duraram muito tempo.

No instante em que os últimos tiros ecoaram no interior da arena, Schofield e Gant foram empurrados para a frente. O restante do grupo também foi empurrado logo atrás.

— Olá — disse Gant.

— Oi — respondeu Schofield.

Depois do arriscado número de trapézio efetuado por Schofield e pelo presidente, Gant e sua equipe não se saíram tão bem.

O presidente mal tinha chegado de volta no mini-elevador, quando a pequena plataforma começou a subir velozmente, depois

de um repentino solavanco. Alguém tinha chamado o mini-elevador no hangar principal acima.

Uma vez que surgiram no hangar, viram-se no meio de um novo e terrível pesadelo.

Os prisioneiros, ex-cobaias para os testes da vacina de Gunther, agora controlavam a Área 7.

Ainda que não tivesse sido possível esconder as armas durante a curta subida em direção à plataforma, Gant pelo menos conseguira se desfazer do Maghook: ele agora estava pendurado magneticamente na parte inferior do mini-elevador.

Desafortunadamente, Gant ainda segurava a caixa-preta do AWACS quando a pequena plataforma chegou no nível térreo. Mas, para não chamar a atenção dos prisioneiros para a importância da caixa-preta, largou-a sobre o piso do mini-elevador. Assim que a plataforma nivelou-se com o piso do hangar principal, ela a chutou "acidentalmente", empurrando-a pelo chão do hangar, a poucos passos do poço do elevador.

Com o término da caçada no interior da arena, os prisioneiros reunidos em torno do poço do elevador voltaram a atenção para o presidente e os seus protetores.

Um prisioneiro mais velho se destacou do grupo. Ele segurava uma escopeta despreocupadamente numa das mãos.

Era um indivíduo de aspecto muito característico.

Aparentava ter cerca de 50 anos e, a julgar pela desenvoltura com que andava, parecia ter conquistado o respeito do grupo. Embora fosse careca no topo da cabeça, longos cabelos grisalhos saíam das têmporas e escorriam por cima dos ombros. O nariz longo e encurvado, a pele muito pálida e as bochechas encovadas completavam seu aspecto gótico.

— Venha até os meus aposentos, a aranha falou para a mosca — disse o sujeito de cabelos longos para o presidente. Tinha uma voz suave, mas que se tornava ameaçadora devido à lentidão com que articulava as palavras. — Bom dia, senhor presidente — disse ele, com satisfação. — É ótimo tê-lo aqui entre nós. Você se lembra de mim?

O presidente permaneceu calado.

— Mas é claro que sim — disse o sujeito. — Sou um 18-84. De uma forma ou de outra, você acabou encontrando todas as nove pessoas que durante a sua presidência foram condenadas pelo Título 18, Parte I, Capítulo 84 do Código Penal dos Estados Unidos. É aquela parte do código que proíbe os cidadãos norte-americanos de atentarem contra a vida do presidente. Grimshaw, Seth Grimshaw — disse o sujeito de cabelos longos, estendendo a mão. — Conhecemo-nos em fevereiro, poucas semanas depois de você tomar posse, em Los Angeles, quando estava deixando o hotel Bonaventure pela cozinha subterrânea. Fui eu que tentei meter uma bala na sua cabeça.

O presidente permaneceu calado.

E não apertou a mão estendida de Grimshaw.

— Você conseguiu abafar o incidente completamente — disse Grimshaw. — Muito impressionante. Ainda mais se levarmos em conta que tudo aquilo que uma pessoa como eu realmente deseja é publicidade. Mas por que assustar a nação? É melhor manter as massas ignorantes desinformadas, sem saber dos pequenos inconvenientes causados pelos atentados contra a sua vida. Como dizem, a ignorância é uma dádiva.

O presidente permaneceu calado.

Grimshaw observou-o de cima a baixo, olhando com um ar divertido para o uniforme de combate preto que o chefe do executivo trajava naquele momento. O presidente, Juliet e Schofield ainda estavam vestidos com os uniformes de combate do 7º. Esquadrão. Gant e Mãe, por outro lado, ainda vestiam seus uniformes de gala — agora imundos — do corpo de fuzileiros.

Grimshaw sorriu, um leve sorriso de satisfação.

Em seguida, foi até o prisioneiro que segurava o Futebol e pegou a pasta prateada das suas mãos. Abriu-a e olhou para a contagem regressiva que prosseguia na tela.

— Parece que eu e os meus companheiros recém-libertados nos intrometemos numa coisa muito interessante. Num jogo de gato e rato, a julgar por seus trajes e pela forma nada cerimoniosa com que estava fugindo através das celas da detenção mais cedo — ele estalou a língua em sinal de reprovação. — Realmente, senhor

presidente, devo lhe dizer que aquilo não foi nada presidencial. Não mesmo.

Grimshaw fechou os olhos.

— Mas quem sou eu para interromper um espetáculo tão imaginativo? O presidente e seus leais guarda-costas contra os militares traidores — Grimshaw virou-se. — Golias, traga os outros prisioneiros capturados para cá.

Naquele exato momento, um prisioneiro extraordinariamente corpulento — Golias, presumiu Schofield — surgiu por trás de Grimshaw e seguiu na direção do edifício interno do hangar. Era um verdadeiro gigante, com bíceps maciços parecidos com troncos de árvores e uma cabeça quadrada que lembrava a de Frankenstein. Tinha até mesmo uma protuberância quadrada na testa, sinal característico, e Schofield sabia disso, de alguém que tivera uma placa de aço enxertada no crânio. Golias portava uma P-90 numa das imensas mãos e o Maghook de Schofield na outra.

Ele retornou instantes depois.

Atrás dele vinham sete homens da Força Aérea, que — junto com os quatro desafortunados operadores de rádio — tinham sido capturados na sala de controle mais cedo:

O coronel Jerome T. Harper.

Jibóia McConnell e os quatro homens da unidade Bravo, dois deles gravemente feridos.

E o indivíduo solitário que estivera assistindo aos eventos daquela manhã nas sombras da sala de controle de César Russel.

Schofield reconheceu-o imediatamente.

Assim como o presidente.

— Webster... — disse ele, em voz baixa.

O subtenente Carl Webster, o homem encarregado de vigiar o Futebol, estava junto com o pessoal da Força Aérea, parecendo muito desconfortável.

Abaixo de suas sobrancelhas grossas, os olhos se moviam freneticamente para a direita e para a esquerda, como se estivessem procurando uma forma de escapar.

— Seu grande filho-da-puta — disse Mãe. — Você entregou o Futebol para Russel. Você traiu o presidente.

Webster ficou calado.

Schofield observou-o. Perguntara-se durante toda a manhã se Webster teria sido seqüestrado pelos homens do 7º. Esquadrão. Russel precisava do Futebol, mais do que qualquer outra coisa, para cumprir seu desafio presidencial, e Schofield especulava durante um bom tempo sobre como tinham tirado a maleta de Webster.

Agora tinha ficado claro que não fora necessário o uso de força: o sangue nas algemas do Futebol certamente tinha sido um ardil. Webster devia ter sido comprado muito antes de o presidente chegar à Área 7.

— Ora, ora, crianças — disse Seth Grimshaw, balançando o Futebol numa das mãos. — Poupem suas energias. Vocês vão ter a oportunidade de acertar todas as suas diferenças dentro de um instante. Mas primeiro — ele se virou para o coronel Harper — tenho uma pergunta que precisa de resposta. A saída deste complexo. Onde fica?

— Não há saída — mentiu Harper. — O complexo está fechado. Não há como sair de seu interior.

Grimshaw levantou sua escopeta e apontou diretamente para o rosto de Harper. Engatilhou-a.

— Talvez eu não esteja sendo claro o bastante.

Sem pestanejar, Grimshaw desviou a mira da escopeta e disparou dois tiros estrondosos nos dois homens feridos da unidade Bravo, que estavam próximos a Harper. Eles foram arrancados do chão com o impacto das balas.

Grimshaw se virou novamente na direção de Harper e ergueu as sobrancelhas em sinal de espera.

O rosto de Harper tinha ficado lívido. Ele indicou com a cabeça o elevador social.

— Há uma porta no poço do elevador social. Nós a chamamos de "porta de cima". Ela conduz para fora da base. O código de abertura é 5564771.

Obrigado, coronel, você é realmente muito gentil — disse Grimshaw. — Bem, agora vamos deixar que as crianças acabem aquilo que começaram. Estou certo de que já compreenderam que nenhum de vocês vai sair vivo daqui de dentro. Mas, como gesto

final de boa vontade, vou conceder-lhes um último favor, embora seja mais para o meu entretenimento do que para o de vocês. Vou dar-lhes uma última oportunidade de se matarem uns aos outros. Cinco contra cinco. Na arena das mortes. Assim, o vencedor pelo menos vai morrer sabendo que ganhou a guerra civil improvisada — ele se virou para Golias. — Ponha o pessoal da Força Aérea aqui. A pequena comitiva presidencial vai partir do outro lado.

Sob a mira de armas, Schofield e os outros foram levados até a extremidades leste da plataforma.

Os cinco remanescentes da Força Aérea — Jerome Harper, Jibóia McConnell, os últimos dois homens da unidade Bravo e o traidor, o subtenente Webster— encontravam-se no lado oposto, separados pelos sessenta metros de largura da plataforma do elevador de aeronaves.

— Que a batalha tenha início — disse Seth Grimshaw, mostrando os dentes num largo sorriso. — Até a morte.

Schofield desceu para a arena e imediatamente se encontrou diante de um labirinto de metal retorcido: os enormes pedaços quebrados do AWACS danificado.

Os restos do agora molhado Boeing 707 estavam espalhados nos mais diversos ângulos. A água pingava das ferragens. As gigantescas turbinas tinham ido parar nas extremidades da plataforma. No centro da arena, encontrava-se o maior pedaço da aeronave destruída: a fuselagem cilíndrica do AWACS, que jazia posicionada diagonalmente sobre a plataforma como um imenso pássaro morto.

E a escuridão do hangar principal não ajudava em nada.

A única luz que iluminava a macabra arena vinha das tochas que os prisioneiros tinham acendido e criavam longas sombras no labirinto formado pela escura floresta de metal. Não se conseguia enxergar nada além de alguns poucos metros à frente.

Que diabos fizemos para chegar a este ponto? Pensou Schofield.

Ele e os outros se encontravam no lado leste da arena, junto à sólida parede de concreto. Não sabiam ao certo o que fazer.

Repentinamente, um tiro de escopeta atingiu a parede acima da cabeça de Schofield.

Seth Grimshaw gritou:

— Os dois times devem começar a lutar imediatamente! Caso um não comece a tentar eliminar o outro imediatamente, vamos começar a matá-los daqui de cima!

— Cristo... — exclamou Juliet Janson.

Schofield virou-se para ver o seu grupo.

— Certo, não temos muito tempo, portanto escutem bem. Nós não só temos de sobreviver a isso, como temos de achar um meio de sair daqui depois.

— O mini-elevador — Gant apontou com a cabeça para a direita, para o canto a nordeste da arena onde o mini-elevador, agora nivelado com a enorme plataforma do elevador de aeronaves, estava sendo vigiada por cinco prisioneiros armados.

— Vamos precisar de um despiste — disse Schofield. — Alguma coisa para...

Um pedaço de metal voador quase lhe arrancou a cabeça.

Schofield o viu chegar no último segundo e se abaixou por puro reflexo. A peça de aço irregular chocou-se contra a parede atrás dele como se fosse um machado.

Ele se virou para ver de onde o projétil tinha partido e viu os vultos de dois soldados da unidade Bravo avançando através dos pedaços danificados da aeronave. Cada um deles segurava um pedaço de metal parecido com uma lança e vinham ambos velozmente na direção do grupo de Schofield!

— Espalhem-se! — gritou Schofield. O primeiro soldado corria na direção dele, brandindo freneticamente uma "espada".

Schofield bloqueou o golpe agarrando o pulso do homem. Gant enfrentava o outro soldado a poucos metros de distância.

— Vamos! — gritou Schofield para Juliet, Mãe e o presidente. — Caiam fora daqui!

Juliet e o presidente correram em direção à escuridão. Mas Mãe hesitou.

Schofield a viu.

— Vá! Fique com o presidente!

Os prisioneiros gritavam entusiasmados enquanto no lado leste da arena Schofield lutava com um soldado do 7º. Esquadrão, e Gant enfrentava o segundo homem da unidade Bravo, bem atrás deles.

O presidente e Juliet, seguidos por Mãe a uma curta distância, corriam para o lado norte através do labirinto escuro, em direção ao mini-elevador que ficava naquela extremidade.

Do alto, entretanto, os ruidosos prisioneiros viam aquilo que Juliet, Mãe e o presidente não conseguiam ver: três vultos aproximando-se pela esquerda, correndo rapidamente junto à parede norte da plataforma. Eram Jerome Harper, Carl Webster e o capitão Jibóia McConnell, que coordenava o ataque.

Schofield e Gant estavam de costas um para o outro, cada um lutando sua batalha particular.

Gant tinha apanhado um pedaço de cano no chão e agora o utilizava para se defender dos golpes do soldado da unidade Bravo.

O soldado manejava seu pedaço de aço ferozmente, mas Gant se defendia com destreza, mantendo o seu pedaço de cano posicionado lateralmente, de forma a bloquear os golpes inimigos.

— Como você está se saindo? — perguntou Schofield, em meio aos golpes de seu próprio inimigo.

— Uma... verdadeira... beleza — disse Gant, rangendo os dentes.

— Temos que alcançar o presidente.

— Eu sei — disse Gant. — Mas antes... tenho que... salvar o seu traseiro. Lançou uma olhada rapidíssima por sobre o ombro e sorriu para Schofield, mas naquele exato instante viu que o homem da Força Aérea estava prestes a desferir um novo golpe. Gritou:

— Espantalho! Abaixese!

Schofield abaixou a cabeça por puro reflexo.

A espada do inimigo zuniu sobre a sua cabeça, e o homem perdeu o equilíbrio, tropeçando para a frente na direção de Gant.

Gant estava esperando.

Desviando por um instante a atenção de seu próprio atacante, ela desferiu um violento golpe com seu pedaço de cano, no melhor estilo rebatida com taco de beisebol.

Shwack!

O barulho do pedaço de metal atingindo a cabeça do soldado da unidade Bravo foi verdadeiramente terrível. O homem desabou no chão enquanto Gant dava uma pirueta como se fosse uma bailarina, voltando a tempo de bloquear um golpe de seu próprio oponente.

— Vá, Espantalho! Vá em frente! — gritou ela. — Alcance o presidente!

E, com uma última olhada na direção dela, Schofield disparou no escuro em direção aos destroços do avião.

Cerca de vinte metros mais ao norte, Juliet Janson e o presidente corriam a toda velocidade, desviando-se dos detritos que formavam o labirinto de metal. Seguiam para o ângulo nordeste, mas não sabiam que os três homens se aproximavam pela esquerda.

A primeira a ser agredida foi Juliet.

Duas sombras surgiram da escuridão, irrompendo repentinamente de trás da cauda do AWACS. Eram Jibóia McConnell e o subtenente Carl Webster. Atingiram Juliet com violência, derrubando-a no chão.

O presidente parou instantaneamente, voltando-se a tempo de ver Juliet cair. O coronel Jerome Harper, parado em meio aos destroços do AWACS, observava tudo a certa distância.

O presidente correu de volta para ajudar Juliet, quando um vulto grande e indistinto surgiu dos destroços e passou raspando ao lado dele.

Era Mãe.

Ela tinha saído da escuridão voando baixo, no melhor estilo rasante.

Crunchhhh!

Usando o ombro, Mãe atingiu Jibóia McConnell com tanta força que quase lhe quebrou o pescoço. O comandante do 7º. Esquadrão foi jogado para longe de Juliet, caindo no chão visivelmente desnordeado.

Carl Webster ficou momentaneamente surpreso com o súbito desaparecimento de seu companheiro de ataque. Quando se virou para ver o que tinha acontecido...

...recebeu um fortíssimo soco de Mãe.

Mesmo sendo um homem corpulento, Webster perdeu o equilíbrio, foi retirado de cima de Juliet com o impacto do golpe e chocou-se numa pilha de destroços da aeronave. Mas se levantou numa fração de segundos e, ato contínuo, apanhou um pedaço de metal com um metro de extensão, de aspecto ameaçador, brandindo-o na direção de Mãe.

Mãe rosnou.

Webster partiu para o ataque.

A luta foi brutal, bem ao estilo deles.

O combate não podia ser mais parelho: ambos tinham experiência em luta corpo a corpo, ambos tinham mais de 1,80m de altura e pesavam mais de cem quilos.

Webster rugia, tentando atingir Mãe com sua espada improvisada. Ela se abaixou e pegou o primeiro pedaço de metal que conseguiu encontrar: um pedaço do flap da asa do AWACS. Os golpes de Webster atingiam ruidosamente o escudo improvisado de Mãe e a forçavam a recuar em direção à asa quebrada da aeronave.

À medida que recuava, numa espécie de dança, evitando as fustigadas de Webster, Mãe se abaixou e recolheu uma "espada" para si.

Tentava contra-atacar, mas Webster mantinha a iniciativa de ataque. Com uma finta, ele conseguiu atingi-la, enfiando-lhe a "espada" profundamente no ombro. O braço de Mãe cobriu-se de sangue no mesmo instante.

— Arrgh! — gritou Mãe, soltando o "escudo", mas conseguindo desviar três golpes seguidos somente com a "espada".

Droga, tudo de que ela precisava era uma oportunidade...

— Por que você traiu o presidente? — gritou ela, enquanto recuava aos trancos e barrancos, tentando distraí-lo.

— Chega um momento na vida de um homem em que ele precisa tomar uma decisão, Mãe! — latiu de volta o subtenente, gritando em meio aos golpes. — Quando é obrigado a escolher um

lado! Lutei por este país! Tenho amigos que morreram pela pátria, somente para serem fodidos mais tarde por políticos como ele! Quando surgiu a oportunidade, decidi que não ficaria mais parado vendo um filho-da-puta-sem-vergonha, um fugitivo do serviço militar, levar o país para o buraco!

Webster desferiu um novo golpe lateral.

Mãe pulou para trás, evitando o golpe. Seus pés acabaram sobre a ponta da asa do AWACS. Agora ela estava quase um metro acima do chão.

Mas, sob o seu peso, a asa se moveu, e Mãe perdeu momentaneamente o equilíbrio: tempo suficiente para Webster se aproveitar. Golpeou-a lateralmente, e, desta vez, mirou nos seus tornozelos, que agora estavam diante dele. O golpe foi tão veloz que Mãe não conseguiu bloqueá-lo a tempo.

E o violento golpe acertou em cheio...

Clang!!!

O braço de Webster começou a vibrar assim que sua espada atingiu a perna de Mãe, encoberta pela calça do uniforme, bem abaixo do joelho. Webster ficou estupefato, com o rosto lívido. O quê...?

Mãe sorriu.

Ele tinha atingido a prótese feita de uma liga de titânio que substituía a parte inferior da sua perna!

Aproveitando-se do estado de confusão de seu adversário, Mãe agarrou a primeira e única oportunidade surgida: desferiu um golpe com sua espada improvisada imprimindo-lhe todas as suas forças.

Slash!

Uma fonte de sangue esguichava da garganta de Webster à medida que a lâmina de Mãe deslizava pelo seu pescoço, seccionando a artéria carótida.

Webster deixou a espada cair de sua mão e desabou sobre os joelhos, segurando a garganta que sangrava. Observava incrédulo o sangue que escorria pela mão. Pouco depois, com uma última olhada horrorizada na direção de Mãe, caiu morto sobre uma poça de seu próprio sangue.

A massa de prisioneiros gritava de satisfação.

Naquele meio tempo, Seth Grimshaw e sua turba tinham se deslocado para o lado norte da arena, buscando um lugar melhor para assistir ao espetáculo.

Alguns tinham começado a torcer pelo presidente, com um alegre cântico enlouquecido, na tradição dos torcedores americanos presentes em competições olímpicas: "U-S-A! U-S-A!"

No lado leste da arena, Gant ainda estava empenhada na luta pela própria vida.

O soldado da unidade Bravo brandia seu longo e cortante fragmento de aço, enquanto Gant se defendia com um cano, bloqueando os golpes do adversário.

Lutavam em meio aos restos do avião destruído, trocando golpes violentos, mas agora o soldado da unidade Bravo ganhava terreno, obrigando-a a recuar. À medida que isso acontecia, ele começou a sorrir a cada nova pancada. Obviamente, achava que estava levando vantagem.

Ele batia cada vez com mais força, mas, como Gant podia perceber, o único resultado era cansá-lo cada vez mais.

Gant fingia cansaço cambaleando para trás, bloqueando "desesperadamente" os golpes de seu oponente.

Quando seu adversário, nitidamente exausto, desferiu um novo golpe com um esforço extremo, Gant, rápida como um raio, abaixou-se para evitá-lo e inclinou-se para cima logo em seguida, enfiando a ponta sólida do cano na garganta de seu perplexo adversário, esmagando-lhe o pomo-de-adão. Com as vias respiratórias obstruídas devido à fratura da traquéia, o homem ficou paralisado.

Seus olhos se arregalaram de incredulidade. Ele permaneceu de pé por alguns instantes: ofegante, sufocando. Encarando Gant com um ar estúpido, desabou morto no chão.

O grupo de prisioneiros ficou estranhamente em silêncio. Davam a impressão de estarem assombrados com a rapidez do golpe mortal de Gant.

Pouco depois, rugiram de satisfação. Choveram assovios na direção de Gant. Aplausos e vivas.

- Dá-lhe, gatinha!
- Isso é o que eu chamo de mulher.

Na extremidade norte da arena, o presidente se ajoelhou junto a Juliet Janson e ajudou-a a se levantar. Quando os dois estavam novamente de pé, ficaram paralisados.

A poucos metros deles, junto a uma das turbinas do AWACS, tinha surgido o coronel Jerome T. Harper.

À sua esquerda, ainda estendido no chão, encontrava-se Jibóia McConnell. Ele gemia de dor, ainda sob os efeitos da pancada lateral que recebera de Mãe.

Os prisioneiros começaram a vaiar e apupar.

— Vamos, senhor manda-chuva! Suje um pouco as mãos de sangue! Mate o filho-da-puta!

— Vá à merda, Harper!

— U-S-A! U-S-A!

Harper sabia perfeitamente bem qual era a realidade da situação. Agora, todos os seus homens estavam mortos ou fora de combate. Mas ele ainda parecia estranhamente confiante... Foi então que tirou alguma coisa do bolso.

Parecia uma espécie de granada high-tech: uma latinha cilíndrica pressurizada com um bico no topo e uma abertura vertical de vidro na lateral.

O presidente conseguia ver perfeitamente o conteúdo da granada através da abertura de vidro.

Estava cheia de um líquido mostarda.

— Ai, Jesus... — sussurrou ele.

Era uma granada biológica.

Uma granada biológica chinesa.

Uma carga explosiva repleta de Sinovírus.

Um sorriso maligno surgiu no rosto de Harper.

— Esperava não ter que chegar a esse ponto — disse ele. — Mas, para minha sorte, já fui imunizado contra o Sinovírus, assim como todos os membros da Força Aérea posicionados nesta base.

Infelizmente, isso não vale para você, presidente, nem para os seus bravos guardiões fuzileiros.

Em seguida, sem nem mesmo pestanejar, puxou o pino da granada de Sinovírus.

Quando Harper o viu, já era tarde demais. Enquanto puxava o pino da granada, tudo o que conseguia ver era um vulto se movendo nos destroços à sua esquerda. Um instante depois, Shane Schofield estava parado ao seu lado, depois de sair como um raio da escuridão. Brandia um pedaço de tubo para cima como se fosse um bastão de beisebol.

O cano atingiu a parte de baixo do pulso de Harper, fazendo com que a granada biológica voasse da sua mão em direção ao teto.

A granada biológica voava pelos ares.

Voava numa espécie de movimento em câmera lenta, girando sobre o próprio eixo, por cima do lado norte da arena.

Schofield assistia ao vôo de olhos bem abertos.

Os prisioneiros observavam boquiabertos.

O presidente olhava atônito.

Um sorriso maligno formava-se no rosto de Harper.

Um, mil...

Dois, mil...

Três...

Naquele momento, na extremidade norte, no ponto mais alto de sua parábola, cerca de dez metros acima do chão, a granada de Sinovírus foi detonada.

Sob a luz das tochas dos prisioneiros, a detonação da granada foi quase um espetáculo.

Parecia a explosão de um foguete de artifício, só que, em vez de se expandir no ar desenhando riscos cintilantes, a granada liberou uma série de jatos de pequenas partículas amarelas que se expandiam para os lados, formando um gigantesco guarda-chuva transparente. Todas as partículas refletiam o brilho alaranjado das tochas.

Depois, com um movimento lentíssimo, a névoa começou a cair sobre a arena: inicialmente, pelas extremidades, em seguida, pelo centro.

As partículas do Sinovírus caíam como se fossem flocos de neve em suspensão. Visto que a explosão tinha ocorrido acima do pavimento do hangar, a névoa amarela atingiu primeiramente os prisioneiros que estavam na beirada. Sua reação foi tão repentina quanto violenta.

Quase todos se agacharam no mesmo lugar em que se encontravam e começaram a tossir e a vomitar. Alguns caíram de joelhos, soltando as tochas, enquanto outros desabaram no chão com convulsões.

Um minuto mais tarde, quase todos os prisioneiros se contorciam em agonia, berrando à medida que suas vísceras começavam a se liquefazer. Somente dois deles permaneciam de pé.

Seth Grimshaw era um deles.

Assim como Golias, ele não tinha sido afetado pela queda da névoa amarela.

Embora somente eles próprios e o recém-falecido Gunther Botha soubessem, Grimshaw e Golias tinham servido como cobaias para os testes da vacina contra o Sinovírus na tarde do dia anterior.

Diferentemente dos outros, eles tinham a vacina fornecida por Kevin correndo em suas veias.

Eram imunes.

A névoa amarela continuava a se precipitar na escuridão.

Tinha chegado a cinco metros do nível da plataforma e a um metro e meio do piso do hangar: nada podia deter sua queda lenta e constante.

Na parte oriental da arena, Libby Gant vira tudo: a granada sendo detonada e a espetacular explosão acima da plataforma. Ela não precisava ser um gênio para saber do que se tratava.

Um agente biológico.

O Sinovírus.

Fuja!

Gant virou-se. Estava bem próxima à parede leste da arena, mais de três metros abaixo do nível do piso do hangar. A beirada da arena naquele momento estava deserta, todos os prisioneiros tinham seguido para a extremidade norte um pouco antes.

Gant não desperdiçou um único segundo.

Ela ainda trajava o uniforme de gala, o que significava que não tinha uma máscara antigás: por causa disso, seguramente não queria estar naquele local quando o Sinovírus caísse sobre a arena.

As partículas estavam quatro metros acima dela.

E caindo...

Gant empurrou um dos enormes pneus pretos do AWACS contra a parede de concreto e saltou sobre ele, voando para fora da arena em direção ao piso do hangar.

Caiu rolando sobre o piso do hangar, tomando o cuidado de se manter bem abaixada para não ter contato com as partículas descendentes de Sinovírus.

A menos de vinte metros de distância, ela viu o edifício de dois andares do hangar. Viu as panorâmicas janelas inclinadas do andar mais alto.

A sala de controle, pensou ela. O centro de comando de César.

Mantendo-se abaixada, Gant correu em direção à entrada localizada na base do edifício.

A névoa amarela continuava a cair.

Tendo derrubado os prisioneiros posicionados na extremidade norte do poço, as partículas agora penetravam no interior da arena.

Schofield olhava angustiada ao seu redor.

No pandemônio causado pela explosão da granada e pelos gemidos dos prisioneiros moribundos — que soltavam as tochas à medida que caíam —, a arena ficou imersa numa escuridão ainda mais intensa. Schofield tinha perdido Jerome Harper de vista.

Depois da explosão, Harper desaparecera correndo em direção à floresta escura formada pelos destroços do AWACS. Schofield não gostava da idéia de Harper poder estar espreitando de algum lugar nas imediações.

Mas, naquele exato momento, ele tinha outras coisas com as quais se preocupar.

A névoa agora estava a menos de três metros do piso da arena e continuava a cair.

Ele olhou na direção do presidente e de Juliet.

Assim como Schofield, eles ainda estavam usando os uniformes roubados do 7º. Esquadrão, dotados de máscaras antigás ERG-6.

— Capitão! Sua máscara antigás! Coloque-a! — gritou o presidente, enquanto vestia sua própria máscara. — Se inalar esse vírus diretamente, vai morrer em questão de segundos. Vestindo a máscara, o processo é bem mais lento.

Schofield colocou a máscara sobre o rosto.

Juliet, no entanto, arrancou sua máscara do pescoço e jogou-a para Mãe, que acabara de chegar do combate com Webster. Ao contrário dos outros três, Mãe estava trajando seu uniforme original, sem máscara.

— Mas... e quanto a você...? — perguntou ela.

Juliet apontou o dedo para o próprio rosto.

— Sangue asiático, lembra? Não vou ser afetada. Mas você vai morrer caso não a coloque!

— Obrigada! — disse Mãe, enquanto passava a máscara sobre a boca e o nariz.

— Rápido! — disse Schofield. — Por ali!

Ele correu através do labirinto escuro formado pelos destroços do AWACS, dirigindo-se para o canto no lado nordeste, onde a plataforma do mini-elevador estava parada.

Os outros seguiam atrás dele, correndo através da escuridão.

Alguns segundos mais tarde, Schofield alcançou o mini-elevador, que estava parado no mesmo nível da plataforma grande, junto à parede de concreto.

Num dos cantos havia uma tocha acesa. Devia ter caído das mãos de um dos prisioneiros quando o vírus o atingira, alguns metros acima da arena.

Schofield a recolheu e virou-se a tempo de ver o presidente e Mãe alcançá-lo.

Foi somente então que perceberam.

Juliet não estava com eles.

Juliet Janson estava estendida sobre a plataforma, perto da fuselagem do AWACS.

No momento em que se preparava para adentrar o labirinto, seguindo Schofield e os outros, uma mão surgira do nada e a agarrara pelo tornozelo, fazendo-a tropeçar e cair.

A mão pertencia a Jibóia McConnell, que também estava estendido no chão. Ele ainda se achava atordoado devido à pancada que recebera de Mãe pouco antes, mas lúcido o suficiente para reconhecer um de seus inimigos.

Agora ele segurava o tornozelo de Juliet, recusando-se a soltá-lo. Juliet lutava desesperadamente para se soltar.

Jibóia tinha retirado uma longa faca K-Bar de dentro da bota de combate e a empunhava. Juliet arregalou os olhos quando viu que a faca estava prestes a ser enfiada no seu tornozelo...

Bang! A cabeça de McConnell explodiu como se fosse um balão de gás. Tinha recebido um tiro vindo de algum lugar acima deles. Rolou morto sobre a plataforma.

Juliet arrastou-se para longe do cadáver de McConnell. Olhava para o alto, procurando o lugar de onde o tiro tinha partido na escuridão.

Alguém, no lado sul da arena, agitava uma tocha acesa, da esquerda para a direita, acompanhada de uma voz que gritava:

— Janson! Agente Janson!

Juliet forçou a vista para ver quem segurava a tocha.

No brilho vacilante criado pelas chamas da tocha, ela conseguiu ver quem a segurava: um homem que trajava um uniforme do 7º. Esquadrão e brandia uma pistola cromada na outra mão.

Era Book II.

— Janson! Onde está você? — perguntou Schofield no microfone do rádio, enquanto esperava impacientemente no minielevador.

A voz de Book II respondeu;

— Espantalho, aqui é Book. Estou com Janson. Caiam fora daqui.

— Obrigado, Book. Gata, você ainda está viva?

Não houve resposta.

Schofield ficou congelado.

Mas logo em seguida:

— Estou aqui, Espantalho.

Ele retomou o fôlego novamente.

— Onde está você?

— Estou no interior do edifício que fica na extremidade leste do hangar. Tire o presidente daqui. Não se preocupe comigo.

— Tudo bem... — disse Schofield. — Tenho que ir para a Área 8. Os filhos-da-mãe levaram Kevin para lá. O presidente vai comigo. Encontre-se conosco lá quando você... ai, merda!

— O que foi?

— O Futebol. Ainda está no hangar em algum lugar. Estava nas mãos de Grimshaw.

— Deixa comigo — disse Gant. — Mas tire o presidente daqui. Vou encontrá-los na Área 8 assim que for possível.

— Obrigado — disse Schofield. — E... Gata...

— O quê?

— Tome cuidado.

Do outro lado fez-se um breve silêncio.

— Você também, Espantalho.

E, com isso, Schofield apertou um botão e o mini-elevador desceu rapidamente através do poço, carregando ele, Mãe e o presidente.

Enquanto desciam velozmente, Mãe deu um tapinha no ombro de Schofield e falou, através da máscara.

— Área 8?

Schofield virou-se para poder vê-la.

— Exato.

Ele não conseguia pensar em mais nada além de uma imagem que não saía de sua cabeça: os homens da unidade do 7º.

Esquadrão chegando à plataforma do Nível 6, lá embaixo, levando Kevin pelo túnel do trem-X, na direção da Área 8. Kevin...

O garotinho estava no centro daquilo tudo.

Schofield disse:

— Quero descobrir o que está por trás dessa história toda.

Mas, para isso, preciso de duas coisas.

— O quê?

Ele apontou para o presidente.

— A primeira é ele.

— E a segunda?

— Kevin — disse Schofield, com firmeza. — É por isso que temos de chegar à Área 8 o mais rápido possível.

Sob a intensa luminosidade do sol do deserto, César Russel, Kurt Logan e os três soldados sobreviventes da unidade Alfa atravessaram correndo a pista de aterrissagem da Área 7, na direção da torre de controle, de quatro andares, que ficava a cerca de cem metros do complexo principal.

Depois de passarem através da "porta de cima" e desembocar num pequeno hangar lateral, dirigiram-se para a torre, que tinha sido preparada para servir como sala de controle secundária.

Entraram apressados na sala de comando da torre, que era uma réplica da sala situada no interior da Área 7, e começaram a apertar botões. Um grupo de monitores de televisão foi ligado, enquanto as luzes dos terminais de computadores se acendiam.

César deu uma ordem:

— Descubra a posição exata dos homens da unidade Eco.

Não levou muito tempo para descobrirem onde estavam os homens da unidade Eco. Todos os membros do 7o Esquadrão tinham um transmissor eletrônico cirurgicamente implantado sob a pele do pulso.

— Eles estão nos trilhos do trem-X. Chegando à Área 8 neste exato momento.

— Prepare os Penetrator — disse César. — Estamos indo para a Área 8.

No Nível 1 da base, Nicholas Tate vagava confuso e aterrorizado.

Depois do repentino e misterioso desaparecimento de Hot Rod Hagerty, ele não sabia o que fazer.

Com uma lanterna na mão, aproximou-se da porta posterior do hangar, procurando por Hagerty. Mas a cerca de vinte metros de distância, parou ao ver uma movimentação. A confusão mental que o afligia tornou-se uma vertigem devido à cena que se descortinou diante dele.

Era surreal.

Uma família de ursos — sim, ursos— estava saindo da rampa e entrando no pavimento do Nível 1.

Um enorme macho e uma fêmea menor — seguidos por três filhotes de aspecto esquisito — caminhavam pelo hangar. Estavam todos curvados para a frente, caminhando sobre as quatro patas, farejando o ar embebido de combustível ao seu redor.

Tate cambaleou, desequilibrado.

Pouco depois, começou a correr de volta, na direção do poço do elevador de aeronaves.

O mini-elevador que transportava Schofield, Mãe e o presidente descia rapidamente através do poço do elevador de aeronaves numa escuridão quase total. A única luz vinha das chamas alaranjadas da tocha de Schofield.

Enquanto desciam, Schofield tirou do bolso do uniforme duas das ampolas de vidro de Gunther Botha: os vidrinhos que continham o antídoto para o Sinovírus.

Falando através da máscara antigás, ele se virou para o presidente:

— Quanto tempo nos resta?

— Depois de meia-hora, os primeiros sintomas aparecem — disse o presidente. — No nosso caso, o vírus entrou no corpo através da pele, e a infecção dermatológica é muito mais lenta do que pela inalação. Esse antídoto, no entanto, vai neutralizar o vírus antes que ele entre em ação.

Schofield passou um vidrinho para Mãe, e outro para o presidente. Depois, retirou outro para si mesmo.

— Temos de achar algumas seringas hipodérmicas antes de seguir para a Área 8 — disse ele.

O mini-elevador chegou ao Nível 1.

Foram imediatamente recebidos por Nicholas Tate, que irrompeu da escuridão muito assustado, com os olhos arregalados. Ele foi direto para o interior do mini-elevador.

— Eu... quer... não acho uma boa idéia seguirmos por ali — disse ele.

— Por que não? — perguntou Schofield.

— Por causa dos ursos — respondeu Tate, em tom dramático. Schofield franziu o cenho e olhou para o presidente. Obviamente, Tate tinha perdido a razão.

— Onde está Ramrod? — perguntou Mãe.

— Sumiu — disse Tate. — Simplesmente, puuuf, desapareceu. Num instante estava parado atrás de mim, no outro, simplesmente tinha desaparecido. Tudo que encontrei foi isto.

Tate mostrou o anel de graduação de Hagerty em Annapolis. Schofield não entendeu o significado daquilo. Mas o presidente entendeu.

— Ai, Jesus! — exclamou ele. — Ele está solto.

— Quem está solto?

— Há somente uma pessoa neste complexo que se notabilizou por deixar uma jóia da vítima no local do seqüestro — disse o presidente. — O serial killer Lúcifer Leary.

— O cirurgião de Fênix... — sussurrou Schofield, lembrando-se do nome e dos horrores a ele associados.

— Ah, que ótimo — bufou Mãe. — Era tudo de que precisávamos. Outro maluco de merda à solta neste lugar.

O presidente virou-se para Schofield.

— Capitão, não temos tempo para cuidar disso. Se César Russel pegar aquele garoto...

Schofield mordeu o lábio. Ele não gostava de deixar ninguém para trás, nem mesmo Ramrod Hagerty.

— Capitão — disse o presidente, com o rosto tenso —, como eu disse mais cedo nesta manhã, às vezes o meu trabalho me obriga a tomar decisões difíceis. E vou tomar uma neste momento. Caso ainda esteja vivo, o coronel Hagerty vai ter que se virar sozinho. Não podemos passar a próxima hora vasculhando este complexo atrás dele. Há uma coisa maior em jogo. Muito maior. Temos que recuperar aquele garoto.

Prosseguiram a descida até o Nível 2, onde ficava o segundo hangar subterrâneo. Atravessaram-no correndo, agora acompanhados pelo confuso Nicholas Tate.

Por sorte, não havia ursos naquele hangar.

Alcançaram a escada de incêndio e desceram correndo através dela, guiados pela luz da tocha que Schofield carregava. Como tinham saído diretamente dos combates na arena, estavam sem armas e sem lanternas. Não tinham nada.

Chegaram ao fundo da escada, na porta de acesso para o Nível 6.

Schofield abriu-a com cuidado.

A plataforma do trem-X, no Nível 6, estava imersa na escuridão.

Nenhum som. Nenhum sinal de vida.

Schofield foi o primeiro a sair sobre a plataforma. Uma série de vultos escuros estava espalhada no local, os cadáveres das vítimas dos combates que tinham ocorrido naquele local em três diferentes momentos daquela manhã. Na plataforma, jaziam os restos carbonizados dos homens que tinham morrido na explosão da granada RDX de Elvis.

Schofield e Mãe correram em direção aos corpos de alguns dos homens da unidade Bravo. Recolheram duas P-90 e algumas pistolas SIG-Sauer. Schofield também achou um kit de primeiros socorros que continha quatro agulhas hipodérmicas embaladas num plástico.

Perfeito.

Ele jogou uma SIG-Sauer para o presidente, mas não ofereceu nenhuma arma para Tate, que estava visivelmente perturbado. — Por ali — disse ele.

Correram ao longo da plataforma, dirigindo-se para a locomotiva do trem-X, que estava parada nos trilhos do lado da estação ferroviária, embicada na direção do túnel que levava à Área 8.

Acima, no hangar principal da Área 7, Book II estava ajudando Juliet Janson a sair da arena formada pela plataforma do elevador de aeronaves, que tinha sido parada a três metros de profundidade.

No ar em torno deles ainda havia uma névoa fina formada pelas minúsculas partículas do vírus.

Com a ajuda de Book, Juliet saiu da arena improvisada e viu Seth Grimshaw e o gigantesco Golias entrando no elevador social. Grimshaw ainda estava segurando o Futebol.

— Por ali! — apontou ela. — Estão tentando alcançar a saída da "porta de cima". Aquele sujeito da Força Aérea, Harper, deu-lhes o código de acesso.

— Você sabe o código? — perguntou Book II.

— Sei — Juliet levantou-se. — Eu estava lá quando Harper disse. Vamos.

Libby Gant estava sozinha.

Encontrava-se num corredor escuro no interior do edifício na extremidade leste do hangar, na base de uma escada. Estava desarmada, mas muito alerta.

Lá fora, no hangar, o Sinovírus contaminava o ar, e ela não tinha uma máscara antigás.

Tudo bem, pensou ela, mas numa base como esta, certamente existem...

Com efeito, encontrou-as num armário debaixo da escada: trajes de proteção contra agentes biológicos. Macacões largos amarelo-canário, com grandes capacetes de plástico, e recipientes de ar inclusos.

No mesmo armário, Gant achou também uma grande lanterna Maglite. Uma surpresa que vinha bem a calhar.

Ela entrou num dos macacões amarelos o mais rápido que pôde, fechando os zíperes Ziploc e acionando o suprimento de

oxigênio. O traje inflou-se instantaneamente e ela começou a ouvir a própria respiração, arfando como se fosse Darth Vader.

Agora que se sentia segura em relação ao Sinovírus, havia uma outra coisa que queria fazer.

Recordava-se de seu plano de ação anterior: entrar no centro de comando de César Russel e encontrar a unidade portátil que ele usara para ligar o transmissor fixado no coração do presidente. Depois, usaria a caixa-preta que tinha retirado do AWACS para copiar o mesmo sinal do transmissor fixado no presidente.

A caixa-preta.

Até onde sabia, ela permanecia sobre o chão do hangar principal, no mesmo lugar em que tinha ido parar depois de ser chutada para fora do mini-elevador.

Decidiu procurar inicialmente a unidade portátil no interior do centro de comando. Depois, sairia para pegar a caixa-preta.

Guiada pela luz de sua lanterna, ela subiu as escadas, chegando ao vão de entrada da sala de comando.

A porta estava entreaberta.

Gant abriu-a lentamente, e viu uma sala bastante danificada.

Parecia que uma guerra tinha sido deflagrada ali dentro.

O reboco das paredes estava rasgado por buracos de balas. As janelas inclinadas que davam para o hangar principal estavam estilhaçadas. Vários terminais de computadores apresentavam grandes buracos de bala nos monitores. Mas outros estavam apenas apagados devido à falta de energia.

Vestida com o macacão de proteção amarelo, Gant entrou na sala, passando por cima dos corpos de dois soldados do 7º. Esquadrão, que jaziam estendidos no chão. Suas armas tinham desaparecido, provavelmente levadas pelos prisioneiros que irromperam na sala.

Através do visor do macacão pressurizado, Gant olhava ao redor da sala de controle, procurando pela...

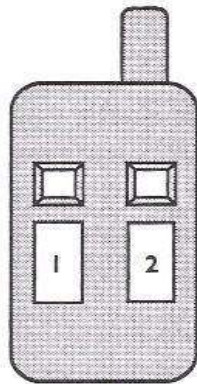
Ali..

Estava apoiada no tampo do monitor de um computador e era exatamente como tinha sido descrita pelo presidente: uma pequena

unidade portátil vermelha, com uma antena preta espessa projetando-se do topo.

A unidade portátil.

Gant a apanhou, examinando-a. Parecia a miniatura de um telefone celular.



Havia dois interruptores frontais. Embaixo de cada um deles, um pedaço de fita durex no qual estavam escritos à mão os números "1" e "2".

Gant franziu o cenho.

— Por que César precisaria...?

Ela não aprofundou o pensamento, limitando-se a guardar a unidade portátil no bolso do peito de seu traje.

Enquanto estava ao lado do monitor, deu uma olhada pela janela. Via o hangar imerso na escuridão, tentando avistar a caixa-preta próxima ao poço.

O vasto pavimento do hangar estendia-se diante dela com resquícios da névoa com o Sinovírus suspenso.

Salvo as luzes bruxuleantes das tochas largadas pelos prisioneiros, nada se movia.

O hangar estava repleto de objetos irregulares: os cadáveres dos homens mortos, o Marine One, a "barata" acidentada, um helicóptero danificado e os restos da barricada que tinha sido erigida pelos soldados da unidade Bravo.

A lanterna de Gant era bem potente, e, depois de alguns segundos procurando em meio aos cadáveres e detritos, conseguiu

iluminar os contornos alaranjados da caixa-preta do AWACS.

Excelente...

Gant estava prestes a sair, quando o brilho de uma luz azulada repentinamente chamou sua atenção.

Ela hesitou. Parecia que nem todos os monitores da sala de controle tinham sido destruídos ou desligados devido à falta de energia.

Escondido debaixo de um pedaço de reboco, um solitário monitor ainda brilhava.

Gant franziu o cenho.

A energia da Área 7 inteira tinha sido interrompida. Aquele monitor devia ser alimentado por uma corrente autônoma. Devia ser muito importante...

Ela levantou o pedaço de reboco que cobria a tela. Leu rapidamente o que estava escrito nela:

PROTOCOLO DE FECHAMENTO S.A.(R) 7-A
HISTÓRICO DO SISTEMA DE SEGURANÇA
7-3-468201103

HORA	AÇÃO	RESPOSTA DO SISTEMA
06:58	FECHAMENTO AUTORIZADO. INSERIDO CÓDIGO PARA INICIAR	PROTOCOLO DE FECHAMENTO ATIVADO
08:01	FECHAMENTO AUTORIZADO. INSERIDO CÓDIGO DE PROLONGAMENTO	PROTOCOLO DE FECHAMENTO CONTINUADO
09:00	FECHAMENTO AUTORIZADO. INSERIDO CÓDIGO DE PROLONGAMENTO	PROTOCOLO DE FECHAMENTO CONTINUADO
10:05	NENHUM CÓDIGO AUTORIZADO INSERIDO	MECANISMO DE AUTODESTRUIÇÃO DA BASE ARMADO

10:05 ***** ATENÇÃO *****
PROTOCOLO DE EMERGÊNCIA ATIVADO.
CASO NÃO SEJA INSERIDO UM CÓDIGO DE PROLONGAMENTO DE
FECHAMENTO OU UM CÓDIGO DE ANULAÇÃO ATÉ AS 11:05, A
SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO DA BASE SERÁ ATIVADA.
DURAÇÃO DA SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO: 10 MINUTOS.
***** ATENÇÃO *****

Gant arregalou os olhos.

Seqüência de autodestruição da base...

Não era de admirar que aquele monitor funcionasse com um sistema autônomo.

Mas por algum motivo, provavelmente a repentina intromissão dos prisioneiros, os homens de César Russel não tinham conseguido inserir o código apropriado de prolongamento do fechamento durante a janela horária das 10h.

Portanto, caso ninguém inserisse um código de prolongamento ou de anulação antes das 11h05, a seqüência de autodestruição da Área 7 teria início. Um procedimento de apenas dez minutos de duração, que culminaria com a detonação da ogiva termonuclear de cem megatons enterrada debaixo do complexo.

— Santa Mãe do Céu... — sussurrou Gant. Ela consultou seu relógio.

Eram 10h15.

Ela se virou para partir...

...no exato momento em que um tubo de aço a atingiu na nuca, por cima do capacete.

Gant desabou no chão, desmaiada.

Ela não viu seu agressor.

Não o viu segurá-la pelos ombros.

Não o viu arrastá-la para fora da sala de controle.

O trem-X estrondava no interior do túnel, seguindo como um foguete pelos trilhos na direção da Área 8.

Não seria uma viagem longa. A 320 quilômetros por hora, eles percorreriam os 32 quilômetros em cerca de seis minutos.

Schofield não sabia exatamente para onde a unidade Eco estava levando Kevin, mas pelo menos sabia que estavam seguindo por aquele caminho.

Era melhor do que nada.

Depois de ter acionado o piloto automático do trem, Schofield voltou para a cabine e se sentou com Mãe e o presidente. Nick Tate estava mais afastado, sentado na outra extremidade do vagão, alheio a tudo. Olhava com grande concentração para as teclas de seu celular.

Schofield sentou-se. Depois disso, pegou a seringa e o antídoto para o Sinovírus. Em seguida, injetou a vacina. Mãe e o presidente fizeram o mesmo.

Enquanto inseria a agulha no braço, Schofield levantou o olhar na direção do presidente.

— Agora que temos algum tempo, senhor, caso não se importe, poderia fazer o favor de explicar que diabos está acontecendo nesta base?

O presidente mordeu o lábio.

— Poderia começar — exortou Schofield — explicando o motivo pelo qual um oficial da Força Aérea quer matá-lo diante dos olhos da nação. Depois, por que esse mesmo homem também deseja ter a posse de um garoto geneticamente modificado, que é a fonte da vacina para um vírus étnico.

O presidente abaixou a cabeça e balançou-a.

Em seguida, disse:

— Tecnicamente, César Russel não é mais um oficial da Força Aérea. Tecnicamente, está morto. No dia vinte de janeiro deste ano, no mesmo dia da minha posse, Charles Samson Russel foi executado com uma injeção letal na penitenciária federal de Terre Haute, depois de ter sido condenado à morte por crime de alta traição. O que Russel deseja é a mesma coisa que desejava antes de ser executado: mudar radicalmente o nosso país. Para sempre. E precisa de duas coisas para conseguir seu objetivo: a primeira é me matar publicamente e de forma humilhante. A segunda é deter o controle da vacina contra o Sinovírus. Para compreender o motivo pelo qual ele está fazendo isso, no entanto, é necessário conhecer a história de Russel, em particular suas ligações com uma sociedade clandestina da Força Aérea conhecida como Brotherhood, ou a Irmandade.

— Estou escutando... — disse Schofield, com cautela.

O presidente inclinou-se para a frente.

— Nos últimos trinta anos, diversas comissões do Congresso para as forças armadas investigaram a existência de certas

sociedades indesejáveis atuando no interior de nossas corporações armadas. Organizações clandestinas informais, com interesses comuns inaceitáveis. Sociedades movidas pelo ódio.

— Por exemplo?

— Nos anos 1980, foi descoberta nos quadros do Exército uma sociedade secreta conhecida como Bitch Killers. Seus membros eram contrários ao ingresso de mulheres no Exército; por isso, efetuavam ações com o intuito de afastá-las da corporação. Mais de 18 crimes sexuais no Exército foram atribuídos a membros desse grupo, apesar da dificuldade de levantar provas. A extensão do número de envolvidos nunca foi inteiramente descoberta, mas esse é exatamente o problema com esse tipo de sociedade: nunca há provas físicas da sua existência. São como fantasmas que vivem de modo espectral. Seus membros se reconhecem entre si por meio de sinais particulares: um certo tipo de olhar durante uma saudação, um cumprimento com a cabeça num corredor, promoções excluindo os não-membros.

Schofield permanecia em silêncio.

Em toda a sua carreira, jamais tinha sido abordado por algum membro de qualquer dessas sociedades, mas tinha ouvido falar nelas. Eram como as fraternidades fechadas das faculdades: pequenos grupos com seus apertos de mão secretos, seus "códigos" próprios e suas desagradáveis cerimônias de iniciação. Os oficiais eram cooptados em lugares como West Point e Annapolis; os alistados, nos campos de treinamento espalhados pelo país. O presidente continuou:

— Elas são organizadas pelos mais diversos motivos: algumas têm inclinação religiosa, por exemplo, os grupos anti-semitas como a antiga Jewboy League, da Marinha. Outras são sexistas, como os Bitch Killer. A formação de sociedades secretas em unidades de alto risco profissional é bem documentada. Mesmo as forças policiais, como o departamento de polícia de Los Angeles, são conhecidas pela existência de sociedades secretas movidas pelo ódio nos seus quadros. Mas, pelo nível de violência, as piores sociedades são as racistas. Costumava haver uma em cada corporação. Na Marinha, a Ordem da América Branca. No Exército, a Morte Negra. Na Força

Aérea, um grupo conhecido apenas como Irmandade. Todas elas eram particularmente hostis aos afro-americanos que serviam nos seus quadros. Com efeito, achávamos que todas tinham sido extintas durante os expurgos realizados pelo Departamento de Defesa, no final dos anos 1980. Desde então não ouvimos mais falar na retomada de atividades racistas no Exército ou na Marinha, mas recentemente foi descoberto que a Irmandade ainda está viva e ativa. E que uma de suas figuras principais não era ninguém menos do que Charles "César" Russel.

Schofield permanecia em silêncio.

O presidente se acomodou no seu assento.

— Charles Russel foi processado e condenado por ter ordenado o assassinato de dois almirantes da Marinha, que eram conselheiros do Estado-Maior das Forças Armadas. Foi descoberto que Russel os procurara pouco depois de eu ter anunciado que concorreria à presidência. Foram convidados para tomar parte numa conspiração que mudaria os Estados Unidos para sempre. Não revelara os detalhes, mas dissera que eu seria deposto e que o plano liberaria o país de todo o "lixo humano". Os dois almirantes recusaram a oferta, e César mandou eliminá-los. O que ele não sabia é que um dos almirantes tinha gravado secretamente a conversa realizada no seu gabinete e o denunciara para o FBI e para o Serviço Secreto. Russel foi preso e julgado por assassinato e traição. Tratando-se de um processo militar, o julgamento teve rito sumário e foi realizado numa corte fechada. Durante os debates, foi discutido em profundidade o que na realidade seria o "lixo humano" dos Estados Unidos. Foram apresentadas provas dúbias de que Russel pertencesse à Irmandade: uma organização secreta formada por oficiais de alta patente, em sua maior parte provenientes dos Estados do Sul, que impediam intencionalmente a ascensão de afro-americanos nos quadros da Força Aérea. O fato de o promotor militar ser afro descendente não ajudou muito a causa de Russel, mas a questão jamais foi inteiramente esclarecida. Com base nas provas gravadas, Russel foi considerado culpado e sentenciado à morte. Como ele resolveu não interpor nenhuma espécie de recurso, a data da execução foi marcada em pouquíssimo tempo. E ele foi "executado"

em janeiro deste ano. E tudo acabou aí. Pelo menos, era o que achávamos. Schofield disse:

— Tenho a sensação de que o senhor conhecia os planos de César mesmo antes de a questão acabar no tribunal.

O presidente concordou com a cabeça.

— Nos últimos dez anos, César Russel esteve no comando de todas as bases mais importantes da Força Aérea dos Estados Unidos, da Flórida a Nevada. Esteve na 20ª de Warren, no Wyoming, no centro de mísseis balísticos inter-continentais. Na base aérea de Guerra Espacial, em Falcon, no Colorado, que controla os satélites de defesa e as missões espaciais. A Área 7, é claro. Diabos, ele chegou até mesmo a passar um ano no Centro de Operações Especiais, em Hurlbult Field, na Flórida, supervisionando as tropas de elite da Força Aérea, o que inclui o 7º. Esquadrão. Tinha seguidores fiéis em todas essas bases, altos oficiais que deviam seus postos a ele, uma pequena, mas poderosa panelinha de comandantes de bases que, devemos agora suspeitar, também são membros da Irmandade. Russel também sabe de tudo o que existe no interior de nossas bases mais secretas. Sabia do desenvolvimento do Sinovírus desde os estágios iniciais do projeto, conhecia seus usos potenciais e a nossa resposta ao desafio: um ser humano geneticamente modificado, resistente ao vírus. O fato é que Charles Russel é esperto, muito esperto. Pensou em outras possibilidades para a única pessoa no mundo que possuísse a arma étnica definitiva e sua vacina. A julgar pelo transmissor fixado no meu coração, parece que ele já vinha planejando uma revolução desde algum tempo, mas foi somente com o advento do Sinovírus que surgiu a oportunidade perfeita.

— Por quê?

— Porque César Russel pretende levar os Estados Unidos de volta a um estágio anterior ao da Guerra Civil — disse o presidente.

Houve um instante de silêncio.

— Você ouviu os nomes das cidades nas quais as bombas de plasma foram plantadas? Quatorze artefatos distribuídos pelo país? Não é verdade. As bombas não foram distribuídas por todo o país. Foram colocadas somente nas cidades do Norte. Nova York,

Washington, Chicago, Los Angeles, São Francisco e Seattle. O mais ao sul que essas bombas alcançam é St. Louis. Nenhuma bomba em Atlanta, nem em Houston, e nem mesmo em Miami. Nada abaixo da linha de fronteira do Tennessee com o Kentucky.

— Por que escolheu essas cidades? — perguntou Schofield, vagarosamente.

— Porque representam o Norte, os liberais, os almofadinhas dos Estados Unidos, que adoram falar, não produzem nada e ainda por cima consomem tudo. César quer um país sem o Norte. Estando de posse do Sinovírus e de sua cura, tudo o que restar da nação vai estar à sua mercê. Todo homem, mulher e criança, branca ou negra, vai dever a vida a César e à sua preciosa vacina.

O presidente sobressaltou-se.

— Imagino que a população afro-americana será a primeira a ser eliminada. Bastará ministrar a vacina somente para os americanos brancos. Considerando as tendências racistas de César, presumo que esteja se referindo à população negra quando fala em "lixo humano". Mas lembre-se daquilo que eu disse antes: para conseguir o que deseja, ele precisa de duas coisas: ter Kevin em seu poder e me matar. Nenhuma revolução, nenhuma revolução verdadeira, pode ter sucesso sem a destruição e humilhação do regime anterior. A execução de Luís XVI e Maria Antonieta, na França; o aprisionamento do czar, na Rússia, em 1918; o processo de "nazificação" da Alemanha conduzido por Hider nos anos 1930. Qualquer um pode matar um presidente; para isso, basta estar suficientemente determinado. Um revolucionário, entretanto, tem de fazer isso diante dos olhos do povo que deseja governar, para demonstrar que o antigo sistema de governo não merece mais ser respeitado. Não se deixem enganar, César Russel não está fazendo isso diante dos Estados Unidos. Está fazendo isso diante dos elementos mais extremistas dos Estados Unidos, dos Timothy McVeighs do país. Dos pobres, dos revoltados, dos ilegais, dos brancos supremacistas, da ralé branca, das milícias antifederalistas, em suma, daqueles membros da sociedade, em sua maior parte habitantes do Sul, que não dariam a mínima se os liberais bebedores de cappuccino desaparecessem da face do planeta.

— Mas o país seria dizimado... — comentou Schofield. — Por que ele iria querer governar um país destruído?

— Do seu ponto de vista, isso é verdade, mas você tem de entender que César não vê as coisas dessa forma — disse o presidente. — Na sua cabeça, o país não seria destruído. Seria apenas purificado, renovado, submetido a uma limpeza. Seria um novo começo. As principais cidades do Sul estariam intactas. A maior parte do Meio-Oeste ainda estaria intacta e capaz de produzir riquezas.

Schofield perguntou:

— E quanto ao restante das forças armadas? O que ele faria a respeito?

— Capitão, como você sabe muito bem, a Força Aérea recebe mais verbas que todas as outras armas juntas. É verdade que seu efetivo é de somente 385 mil homens, mas eles possuem mais mísseis e potencial de ataque do que o Exército e a Marinha juntos. Se, com a ajuda da Irmandade e graças aos vários postos de comando que ocupou, César tiver o apoio de um quinto que seja da Força Aérea, poderá utilizar os bombardeiros e tomar todas as instalações-chaves da Marinha e do Exército e bases aéreas que não estiverem alinhadas com ele, tudo isso antes que as forças leais ao presidente possam sequer esboçar um contra-ataque. O que também vale para as nações estrangeiras. Com seus bombardeiros Stealth e um arsenal de mísseis nucleares maior do que o de qualquer outro país do mundo, a nova Força Aérea de César, atuando sozinha, conseguirá repelir qualquer incursão estrangeira hostil. Capitão, não se iluda, para uma mente distorcida como a de César, o cenário seria perfeito: os Estados Unidos voltariam ao isolacionismo, seriam totalmente auto-suficientes e teriam um regime branco como o leite. Exatamente como antes da Guerra Civil.

— Filho-da-puta... — sussurrou Mãe.

Schofield franziu o cenho.

— Bem... e se ele não tiver sucesso? E se falhar? Obviamente, ele não vai admitir a derrota e retirar-se. Não consigo vê-lo simplesmente desarmando as bombas e dizendo: "tudo bem, eu estava errado e vocês venceram" — disse Schofield.

— Não — disse o presidente, num tom grave. — Isso também me preocupa. Porque, caso haja um milagre e sobrevivamos a isso tudo, a pergunta passa a ser: que outra surpresa César está reservando?

Depois de arrombarem as portas do elevador social, Book II e Juliet Janson chegaram à saída de emergência conhecida como “porta de cima”.

Juliet inseriu o código que Harper revelara mais cedo: 5564771.

Com um apito agudo, a pesada porta de titânio se abriu.

Eles correram através do corredor de concreto que se estendia diante deles, cada um carregando uma das pistolas de Book. Depois de cerca de quarenta metros, chegaram a uma outra porta, que dava para o interior de um hangar normal. Raios de sol entravam através das portas escancaradas. O hangar estava totalmente vazio: não havia aviões, nem carros, nem...

Golias devia estar aguardando atrás da porta.

Mal tinha dado um passo para a frente, Juliet sentiu o cano de uma P-90 ser encostado contra a sua cabeça.

— Bang-bang, você está morta — disse Golias, com a voz de um estúpido.

Ele apertou o gatilho no exato momento em que Book II, que tinha permanecido um passo atrás, jogou-se para a frente com a velocidade de um raio e deu uma pancada no carregador manual da P-90, ejetando o projétil que estava na câmara.

Clique!

A arma que estava encostada na cabeça de Juliet não disparou.

— Que... — Golias virou-se para poder ver Book II.

Depois, tudo aconteceu muito rapidamente.

Com um único movimento, Juliet agarrou o cano da P-90 enquanto sacava a própria arma, mas no mesmo momento em que a outra mão de Golias, fechada em torno do Maghook de Schofield, vinha voando na direção do seu rosto. O Maghook acertou lateralmente a cabeça de Juliet, fazendo com que ela e a P-90

fossem direto para o solo. Juliet bateu com força no chão, e a submetralhadora deslizou para longe.

Book ergueu sua Beretta, mas não foi veloz o suficiente. Golias conseguiu agarrar a mão que segurava a pistola... e resmungou na sua direção.

Agora os dois homens estavam segurando a mesma arma.

Sem esforço, Golias puxou Book para perto de si, quase tocando-lhe o rosto com seu queixo de Frankenstein, e aumentou a pressão sobre o dedo de seu oponente que estava no gatilho.

Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang!

Enquanto a pistola era disparada, Golias torcia a mão de Book para trás, tentando fazer com que a arma ficasse apontada para a cabeça do jovem fuzileiro.

Parecia uma queda-de-braço.

Book II tentava com todas as suas forças deter o movimento da arma, mas Golias era muito mais forte.

Bang! Bang! Bang!

A arma agora estava apontada para o braço esquerdo de Book...

Bang!

O bíceps esquerdo de Book explodiu.

Ato contínuo, antes mesmo que Book pudesse ver, o cano da arma estava apontado diretamente para o seu rosto e...

Clique.

A pistola estava sem munição.

— Assim é melhor — disse Golias, com um risinho. — Agora podemos ter uma luta limpa.

Ele se livrou da arma e, com uma das mãos somente, agarrou Book pela garganta, empurrando-o contra a parede.

Os pés de Book ficaram suspensos a vinte centímetros do chão.

Ele lutava em vão contra o aperto no pescoço, sentindo fortíssimas dores no braço. Tentou desvencilhar-se com um soco fraco que atingiu Golias na testa.

O gigante não pareceu nem mesmo sentir o golpe. Na realidade, o punho de Book deu a impressão de quicar na cabeça de seu adversário.

Golias riu de modo estúpido.

— Placa de aço. Pode não me deixar inteligente, mas pelo menos fico duro na queda.

Golias levantou o Maghook que mantinha em sua outra mão, apontando-o diretamente para os olhos de Book.

— E quanto a você, soldadinho? Seu crânio é resistente? Será que essa arminha de gancho pode quebrá-lo? O que acha de descobrirmos...

Encostou o gelado bulbo magnético do Maghook no nariz de Book II.

Book, ainda suspenso pelo pescoço, agarrou o Maghook com as duas mãos e, apesar das dores lancinantes, empurrou-o de volta na direção de Golias. O Maghook acabou apontado para o alto, mas, para horror de Book, logo começou a voltar na direção do seu rosto. Golias também estava prestes a vencer aquela queda-de-braço.

Foi então que Book teve uma iluminação.

— Ah, mas que diabos... — disse ele.

Esticou o braço e apertou o botão marcado com a letra "M": a potente descarga magnética do bulbo entrou logo em ação. A resposta foi instantânea.

As luzes do Maghook se acenderam, indicando que ele estava carregado, e o cabeçote começou a procurar uma superfície metálica nas proximidades.

Encontrou-a num raio de poucos centímetros, na placa de aço implantada na testa de Golias.

Com um fortíssimo ruído metálico, o Maghook se prendeu na testa do gigante. Fixou-se firmemente, com se estivesse sendo sugada através da pele do prisioneiro.

Golias rugiu de raiva e tentou arrancar o Maghook da testa, largando imediatamente o pescoço de Book

Book II caiu no chão tossindo e resfolegando, mas se levantou logo em seguida, colocando uma das mãos sobre a perfuração no bíceps, que sangrava bastante.

Golias girava freneticamente sem sair do lugar, lutando feito um idiota contra o Maghook colado sobre o rosto.

Book II manteve-se à distância, observando. Esperou até que o cambaleante Golias encostasse as costas numa parede. Neste momento, Book foi para a frente, segurou o cabo do Maghook com a mão direita e, sem nenhum perdão, apertou o gatilho.

O Maghook liberou sua descarga a alta pressão, empurrando com brutalidade a cabeça de Golias para trás, torcendo-lhe o pescoço em noventa graus. O crânio chocou-se contra a parede com tal força que criou uma cratera do tamanho de uma bola de basquete no concreto. Graças à terceira Lei de Newton, Book II foi jogado para longe por causa do contragolpe do Maghook.

Mesmo assim, seu destino foi muito melhor que o de Golias. O gigantesco prisioneiro deslizou lentamente em direção ao chão, com os olhos esbugalhados e a cabeça rachada como se fosse um ovo, de onde vazava uma nojenta mistura de sangue e massa encefálica.

Enquanto Book II estava brigando com Golias, Juliet se arrastava pelo chão, ainda bem atordoada, tentando encontrar a pistola.

Quando finalmente a encontrou e conseguiu pôr-se de pé, ficou paralisada.

Seth Grimshaw estava parado diante dela. A vinte metros de distância, ainda dentro do hangar.

— Estou me recordando de você — disse Grimshaw, avançando.

Janson permaneceu calada, limitando-se a observá-lo. Podia ver que ele ainda estava com o Futebol... e com uma P-90, que segurava com o cano apontado na sua direção.

— Você estava no Bonaventure quando eu tentei matar Sua Majestade — disse Grimshaw. — Você é um deles. Um daqueles merdinhas que acham que se jogar na frente de um presidente corrupto é honroso de alguma forma.

Janson permanecia em silêncio.

Mantinha a Beretta cromada na mão, mas estava com o braço estendido para baixo, com o cano apontado para o chão.

Grimshaw mantinha a arma apontada em sua direção. Estava sorrindo.

— Tente parar uma dessas! — disse ele, começando a apertar o gatilho da P-90.

Janson manteve a frieza. Tinha uma única chance, e sabia bem disso. Como todos os membros do Serviço Secreto, era uma exímia atiradora. Grimshaw, por outro lado — assim como quase todos os criminosos — estava segurando a arma na altura da cintura. O Serviço Secreto fizera uma pesquisa aprofundada das estatísticas para esse tipo de situação: era provável que Grimshaw errasse seus três primeiros disparos.

Calculando o tempo que levaria para levantar a própria arma, Janson tinha que atingi-lo logo com o primeiro tiro.

Leve em conta as probabilidades, disse para si mesma. Leve em conta as probabilidades.

E quando Grimshaw apertou o gatilho, ela levantou a pistola. Sacou-a rapidamente e atirou... no exato momento em que Grimshaw disparava três tiros.

Mas as probabilidades pareciam estar erradas.

Ambos os atiradores caíram por terra simultaneamente, como imagens num espelho, e acabaram estendidos em lados opostos do hangar, por cima de poças de sangue idênticas.

Janson estava estendida com as costas sobre o assoalho polido do hangar. Respirava com dificuldade, muito ofegante, e olhava para o teto. No seu ombro esquerdo, o buraco feito pela bala se enchia de sangue.

Grimshaw, por outro lado, não se mexia.

Nenhuma espécie de movimento.

Estava completamente imóvel, deitado sobre as costas.

Janson não podia saber, mas a única bala que disparara tinha perfurado o septo nasal de Grimshaw, abrindo-lhe um buraco no rosto. O buraco de saída na nuca, entretanto, tinha o dobro do tamanho.

Seth Grimshaw estava morto.

Ao seu lado, ainda intacto, encontrava-se o Futebol.

O trem-X avançava feito um projétil através do túnel.

Depois da conversa com o presidente, Schofield tinha ido para a cabine do maquinista. Chegariam à Área 8 dentro de alguns minutos, e ele queria alguns instantes de paz.

Com um leve ruído pneumático, a porta do compartimento foi aberta, e Mãe entrou.

— Como está se sentindo? — disse ela, sentando-se ao seu lado.

— Para dizer a verdade — disse ele —, quando me levantei esta manhã não achava que o dia fosse acabar assim.

— Espantalho, por que não a beijou? — perguntou Mother, repentinamente.

— O quê...? Beije... quem?

— A Gata. Quando a levou para jantar e depois a deixou em casa. Por que não a beijou?

Schofield suspirou.

— Você nunca irá mesmo entrar para o corpo diplomático, Mãe.

— Não enche. Como vou mesmo morrer hoje, quero ficar sabendo. Por que não a beijou? Era o que ela queria que você fizesse.

— Ela queria? Ah, mas que droga.

— Então por que não o fez?

— Porque eu... — hesitou ele. — Acho que fiquei assustado.

— Espantalho. De que porra está falando? Ficou assustado com o quê? A garota é louca por você.

— E eu também sou louco por ela. Há muito tempo. Lembra quando ela se juntou à unidade, quando o comitê de seleção organizou aquele churrasco no Havaí? Descobri isso lá, no momento em que a vi. Mas naquela época eu achava que ela nunca iria se interessar por mim, não com essas... coisas.

Ele tocou nas duas cicatrizes que saíam das pálpebras e corriam verticalmente através de seu rosto.

Ele deu uma risada forçada.

— Não falei muito durante aquele almoço. Acho até mesmo que ela me pegou olhando para o vazio num determinado momento. Às vezes, acho que ela sabia que eu estava pensando nela.

— Espantalho — disse Mãe. — Nós dois sabemos que a Gata pode enxergar através dos seus olhos.

— Veja bem, esse é o problema — disse Schofield. — Sei muito bem disso. Só não consigo entender o que aconteceu comigo no último final de semana. Finalmente estávamos saindo para um encontro. Passamos uma noite ótima juntos. Tudo estava correndo maravilhosamente. Depois, chegamos à porta da casa dela, e eu, subitamente, não quis estragar as coisas dando um passo em falso... e, bem, não sei... presumo... presumo que tenha perdido a iniciativa.

Mãe, que até aquele momento escutara com um ar sério, repentinamente começou a rir.

— Ainda bem que você acha isso engraçado — disse Schofield.

Mãe continuou a rir, dando tapinhas no ombro dele com uma das mãos.

— Scarecrow, fique sabendo que de vez em quando é ótimo ver que você é um ser humano. Você pode saltar sobre geleiras e ficar pendurado em gigantescos poços de elevador, mas ainda fica paralisado quando se trata de beijar uma garota. Você é realmente incrível!

— Obrigado — disse Schofield. Mãe levantou-se.

— Apenas me prometa uma coisa — disse ela, com doçura. — Quando encontrar a Gata da próxima vez, beije a porra da garota! Certo?

Enquanto Schofield, Mãe e o presidente percorriam o túnel do trem-X, por debaixo do solo do deserto em direção à Área 8, César Russel e os quatro homens remanescentes do 7º. Esquadrão avançavam através do ar por cima do deserto, a bordo de dois Penetrator. Seguiam na mesma direção, com alguns minutos de vantagem em relação ao trem-X.

Diante dos dois helicópteros se erguia o pequeno conjunto de prédios que formava a Área 8.

A Área 8 era uma espécie de versão reduzida da Área 7, com dois hangares em forma de caixa e uma torre de controle com três andares construídos ao longo de uma pista de pouso de asfalto,

cujos prolongamentos eram cobertos por uma camada de areia. As mesmas que Schofield tinha observado mais cedo naquela manhã.

Enquanto os dois Penetrator se aproximavam, César viu as gigantescas portas de um dos hangares sendo abertas.

Levou algum tempo para que as portas se abrissem inteiramente, mas aquilo que César viu quando terminaram deixou-o de queixo caído.

Uma das mais extraordinárias aeronaves já vistas pelo homem se deslocava lentamente para fora do hangar.

Verdade seja dita, César na realidade viu duas aeronaves. A primeira era um imenso e reluzente Boeing 747 prateado. Um Jumbo, com o nariz aristocrático e as asas extensas como as de um cisne, saía do hangar escurecido.

Mas foi, sobretudo, a aeronave menor — pousada sobre o costado do 747 — que chamou a atenção de César. Tinha um aspecto extraordinário.

O padrão de sua pintura era igual ao dos ônibus espaciais da Nasa: a maior parte da fuselagem era branca, com uma bandeira americana e as palavras "ESTADOS UNIDOS" pintadas com letras grandes na lateral, além dos característicos nariz e barriga pintados de preto.

Mas esse não era um ônibus espacial comum.

Era o X-38.

Um dos dois microônibus espaciais que os Estados Unidos construíram para abater satélites e, em caso de necessidade, dominar ou destruir estações espaciais estrangeiras.

Seu formato era similar ao dos outros ônibus espaciais padrão, em forma de delta, com asas triangulares planas, uma cauda alta extremamente aerodinâmica e três turbinas cônicas na traseira; mas aquele modelo era menor e muito mais compacto. Enquanto o Atlantis e os outros ônibus eram veículos pesados, projetados para transportar satélites volumosos para o espaço, aquele era uma versão esporte, projetado para fins ofensivos.

Quatro mísseis AMRAAM de gravidade zero ficavam enganchados em suas asas, ao lado dos dois enormes foguetes

propulsores Pegasus II, colocados sob a fuselagem do ônibus e repletos até as bordas de oxigênio líquido.

Muitos não se dão conta de que a maioria dos vôos espaciais contemporâneos é realizada com tecnologia do final dos anos 1960. Os foguetes propulsores Saturn V e Titán II foram originalmente utilizados durante a corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética.

O X-38, no entanto, lançado em pleno vôo de um 747 com seus impressionantes foguetes propulsores Pegasus, era a primeira nave a levar a aviação espacial realmente para o século XXI.

O Boeing 747 foi especialmente configurado para servir de plataforma de lançamento: adaptado com dois novos motores Pratt & Whitney, com sistemas de pressurização reforçados e com proteção extra contra a radiação para os pilotos, pode voar a uma altitude de vinte mil metros, sete mil a mais do que um Jumbo comum, e lançar dali o X-38, fazendo com que o ônibus economize um terço de combustível no primeiro estágio.

Nesse ponto, os propulsores Pegasus II entram em ação.

Extremamente mais potentes do que o Titan III, esses foguetes propulsores proporcionam à espaçonave o impulso suficiente para colocá-la em órbita terrestre logo após o lançamento, em altitude elevada. Depois de utilizados, os foguetes são ejetados do ônibus. O X-38, agora em órbita estacionária cerca de 300 quilômetros acima da Terra, pode então manobrar livremente pelo espaço, destruindo satélites e voltando com autonomia.

César Russel observava o micro-ônibus espacial.

Era absolutamente magnífico.

Virou-se para Kurt Logan.

— Não podemos permitir que aquele ônibus espacial decole...

Ele não chegou a completar a sentença, pois, naquele momento, cinco mísseis Stinger cortaram o ar, vindos do hangar escuro. Desenharam um longo arco em torno das asas do Boeing prateado antes de se virarem bruscamente no ar e apontarem diretamente para os dois Penetrator de César.

Eles tinham sido avistados pela unidade Eco.

A estação subterrânea do trem-X da Área 8 era idêntica àquela da Área 7, ou seja, dois trilhos em cada um dos lados de uma longa plataforma central e um elevador embutido na parede norte.

Depois de pouco mais de seis minutos de viagem, o trem-X de Schofield entrou na estação da Área 8 iluminada por luzes fluorescentes. A locomotiva de linhas aerodinâmicas desacelerou rapidamente e logo parou.

As portas foram abertas, e Schofield, Mãe e o presidente dos Estados Unidos correram para fora do trem em direção ao elevador localizado na parede norte. Seguindo atrás deles, parecendo cada vez mais perdido e com o telefone celular junto ao ouvido, vinha Nicholas Tate III.

Schofield apertou o botão para chamar o elevador.

Enquanto esperava pelo elevador, observou Tate pela primeira vez. O burocrata da Casa Branca estava visivelmente transtornado, totalmente abalado pelos eventos daquela manhã. Mas parecia estar realmente falando ao telefone celular com alguém.

— Não — disse Tate, irritado. — Quero saber quem é você! Você interrompeu minha conversação com o meu corretor de ações. Identifique-se!

— Que diabos você está fazendo? — perguntou Schofield.

Com uma expressão de insanidade, Tate franziu o cenho e falou muito seriamente.

— Bem, eu estava ligando para o meu corretor de ações. Pelo jeito que as coisas estão indo hoje, imaginei que seria melhor vender meus dólares. Assim que saímos daquele túnel, eu liguei para ele, mas quando consegui completar a ligação, surgiu um babaca na linha interrompendo a minha chamada.

Schofield arrancou o telefone da mão de Tate.

— Ei! — protestou Tate.

Schofield disse pelo telefone.

— Aqui é o capitão Shane M. Schofield, do destacamento presidencial do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, matrícula número 358-6279. Com quem estou falando?

Uma voz surgiu no telefone:

— Aqui é David Fairfax, da Defense Intelligence Agency. Estou falando de uma estação de monitoramento em Washington, D.C. Estivemos examinando todas as transmissões que saíram de duas bases da Força Aérea no deserto do Utah. Estamos achando que pode haver uma unidade rebelde em uma dessas bases e que a vida do presidente possa estar correndo perigo. Acabei de operar uma interferência de emergência na chamada feita do telefone de seu amigo.

— Acredite em mim, você não sabe metade do que se passa, Sr. Fairfax — disse Schofield.

— O presidente está em segurança?

— Ele está bem aqui comigo. — Schofield estendeu o telefone na direção do presidente.

O presidente pegou o celular e disse:

— Aqui é o presidente dos Estados Unidos, o capitão Schofield está comigo.

Schofield pegou o telefone e acrescentou.

— E neste momento estamos indo atrás da unidade rebelde que você acabou de mencionar. Conte-me tudo o que sabe sobre isso...

Naquele momento, o elevador chegou, anunciado por uma campainha.

— Espere um pouco. — Schofield ergueu a P-90 na direção do elevador. As portas se abriram...

...revelando paredes horrivelmente manchadas de sangue e um cenário especialmente macabro no interior da cabine.

Eram os cadáveres crivados de balas de três soldados da Força Aérea, possivelmente sentinelas posicionadas na Área 8.

— Parece que encontramos um rastro recente — disse Mãe. Entraram rapidamente no elevador.

Tate ficou para trás, determinado a não se expor a mais nada que lhe parecesse arriscado. O presidente, entretanto, insistiu em acompanhar Schofield e Mãe.

— Mas, senhor... — começou Schofield.

— Capitão. Se vou morrer hoje como representante deste país, não pretendo fazê-lo encolhido num canto, esperando para ser

resgatado. É hora de me apresentar e de participar. Além disso, parece-me que você vai precisar de gente.

Schofield concordou com a cabeça.

— Como desejar, senhor. Mas permaneça nas proximidades e atire para acertar.

As portas do elevador se fecharam, e Schofield apertou o botão do andar térreo.

Em seguida, levou o celular de Tate novamente ao ouvido.

— Certo, Sr. Fairfax. Em 25 palavras ou menos: conte-me tudo que sabe sobre a unidade rebelde da Força Aérea que está atuando nesta base.

No escritório subterrâneo em Washington, Dave Fairfax estava sentado com a coluna bem ereta sobre o encosto da cadeira.

Os eventos estavam tomando um aspecto decididamente claro e concreto.

Primeiramente, tinha conseguido interceptar aquele telefonema. Depois, interrompera a ligação de algum idiota, mas tinha se saído bem: agora estava falando com um sujeito chamado Schofield, um fuzileiro lotado no helicóptero presidencial. Assim que ouviu o nome dele, inseriu o número de matrícula de Schofield no computador. Agora, ele tinha toda o histórico militar de Schofield — o que incluía o atual posto a bordo do Marine 1 — diante de seus olhos.

— Certo — disse Fairfax no microfone de seu fone de ouvido.

— Como disse antes, trabalho para a DIA e recentemente decodifiquei uma série de transmissões não autorizadas que saíram dessas bases. Bem, para começo de conversa, achamos que uma equipe de Recondos sul-africanos está se dirigindo para a Área...

— Não se preocupe com eles. Já estão mortos — disse Schofield. — A unidade rebelde. Fale sobre a unidade rebelde.

— Ah... tudo bem... entendo — disse Fairfax. Pelos nossos cálculos, a unidade rebelde é uma das unidades do 7º. Esquadrão posicionadas na Área 7, a unidade cujo código é "Eco"...

Na Área 8, o elevador subia velozmente.

A voz de Fairfax alcançava Schofield através do telefone celular:

— ...Acreditamos que essa unidade esteja ajudando alguns agentes chineses na tentativa de roubar uma vacina biológica que está sendo desenvolvida na Área 7.

Schofield disse:

— Você tem alguma idéia de como eles pretendem retirar a vacina dos Estados Unidos?

— Bem, sim... sim, tenho — disse Fairfax. — Mas você pode não acreditar...

— Depois de hoje, posso acreditar em qualquer coisa, Sr. Fairfax. Pode tentar...

— Tudo bem... acredito que estejam para embarcar a vacina num ônibus espacial projetado para destruir satélites, que fica guardado na Área 8. Vão levá-lo para uma órbita de baixa altitude, onde encontrarão o ônibus espacial chinês que foi lançado na semana passada. Em seguida, os homens devem se transferir para a espaçonave chinesa levando a vacina. Voltarão para a Terra, aterrissando em algum ponto da China, onde não poderemos pegá-los, ou..

— Filhos-da-puta! — deixou escapar Schofield.

— Sei que isso parece loucura, mas...

— Mas é o único meio de tirar alguma coisa dos Estados Unidos — disse Schofield. — Podemos bloquear qualquer outra forma de retirada: carro, avião, barco. Mas se forem para o espaço, jamais conseguiremos segui-los. Já estarão em casa no momento em que tivermos acabado de preparar um ônibus espacial para interceptá-los.

— Exato.

— Obrigado, Sr. Fairfax. Chame os fuzileiros e o Exército. Faça com que mobilizem todas as unidades aéreas de que dispõem: Harries, helicópteros, qualquer coisa... E mande enviá-los diretamente para a Área 8. Não use a Força Aérea. Repito: Não use a Força Aérea. Até segunda ordem, considere todos os homens da Força Aérea como suspeitos.

Enquanto falava, Schofield observava os números iluminados no painel do elevador à medida que subiam: "SL-3... SL-2..."

— Agora devo deixá-lo — disse Schofield —, temos algumas coisas a fazer.

— O que pretende fazer? E quanto ao presidente?

No mostrador, "SL-1" tornou-se "G". E Schofield subitamente ouviu o ruído abafado de tiros atrás das portas do elevador.

Ping!

O elevador chegara ao térreo.

— Vamos atrás da vacina — disse ele. — Ligo para você mais tarde.

E desligou.

Um segundo mais tarde, as portas do elevador se abriram...

SEXTO CONFRONTO

3 de julho, 10h23

E Schofield e os outros repentinamente entraram num jogo completamente novo.

No hangar principal da Área 8, uma renhida batalha estava em andamento.

O pavimento tremia com o estrondo de explosões e o rugido de estampidos.

Pelas gigantescas portas escancaradas do hangar entrava a luz ofuscante do sol. A cerca de cinquenta metros do elevador, um Boeing 747, emibcado em direção ao deserto, obstruía quase que completamente o vão da porta aberta.

— Filhos-da-puta! — exclamou Schofield, quando avistou o aerodinâmico ônibus espacial montado sobre o 747.

Armas eram disparadas nas proximidades das portas do hangar.

Cinco soldados do 7º. Esquadrão trajando uniformes pretos — os traidores da Unidade Eco, supunha Schofield — protegiam-se atrás das portas e disparavam suas P-90 em direção a alguma coisa que se encontrava do lado de fora do hangar.

— Por aqui! — disse Schofield. Saíram correndo do elevador. Os três contornaram um Humvee e passaram entre dois veículos de reboque, modelo "barata"; finalmente conseguiram ver o que havia além das portas do hangar: dois helicópteros Penetrator pretos sobrevoavam o asfalto a baixa altitude, bloqueando a passagem do Boeing 747.

As metralhadoras Vulcan de seis bocas fixadas no nariz dos dois Penetrator disparavam rajadas de projéteis sobre os homens da unidade Eco que estavam no interior do hangar, o que os mantinha pregados no chão. Não havia modo de atravessarem os vinte metros em campo aberto que os separavam da escada de embarque do 747.

Inúmeros mísseis foram lançados das asas dos Penetrator em direção ao 747. Mas o Jumbo devia possuir as mais novas tecnologias de contramedidas eletromagnéticas, porque os mísseis

não atingiam o alvo. Simplesmente enlouqueciam ao se aproximar da imensa aeronave, voando em trajetórias descontroladas, antes de se chocarem com o solo e explodirem, formando uma chuva de concreto e areia.

Até mesmo as balas traçantes dos helicópteros simplesmente se desviavam da fuselagem do gigantesco avião, como se algum escudo magnético invisível o protegesse.

De sua posição atrás da "barata", Schofield reconheceu dois dos homens sentados no interior de um dos helicópteros: César Russel e Kurt Logan.

Aposto que César não está nada satisfeito com a unidade Eco, pensou ele.

César e Logan deviam ter chegado ao local alguns instantes mais cedo, no exato momento em que os homens da unidade Eco embarcavam na aeronave de fuga. Os helicópteros de César, ao que parecia, deviam ter aberto fogo antes que todos os homens da unidade Eco conseguissem entrar no Boeing 747, antes que fossem capazes de fugir com Kevin.

Kevin...

Schofield observou o campo de batalha atentamente. Não conseguia ver o garotinho em lugar algum.

Já devia estar a bordo do avião...

Foi naquele momento que o 747 aumentou a potência dos motores, e suas quatro turbinas começaram a deslocar ar em todas as direções, fazendo voar tudo que estava solto no interior do hangar.

A aeronave começou a avançar, saindo do hangar e entrando na pista, em direção aos dois Penetrator pretos. A escada de embarque caiu no solo, fazendo estardalhaço.

Era uma boa tática.

Os Penetrator sabiam bem que não teriam a menor possibilidade contra o peso de um 747 em movimento. Logo se separaram como se fosse um casal de pombos assustados, liberando o caminho para o imenso Jumbo.

Schofield avistou um homem da unidade Eco em pé próximo à porta lateral, ainda aberta, do 747. Viu-o acenar para os homens que

ainda estavam no hangar e, em seguida, jogar uma pequena escada de corda para fora da aeronave. A escada de corda ficou balançando na porta do Boeing em movimento.

Naquele mesmo instante, uma movimentação junto à entrada do hangar chamou a atenção de Schofield, que se virou e viu cinco homens da unidade Eco correrem em direção a um Humvee estacionado próximo à "barata" atrás da qual ele estava escondido.

Eles iam tentar embarcar no 747...

...em movimento!

Mas, no momento em que os homens começaram a correr, uma devastadora rajada partiu dos dois Penetrator parados no ar no lado externo do hangar, rasgando o concreto perto dos pés deles.

Dois soldados caíram numa massa de sangue, crivados por uma grande quantidade de balas. Os outros três conseguiram alcançar o Humvee. Depois de entrarem com dificuldade no veículo, deram a partida. O enorme carro arrancou cantando os pneus, percorrendo um longo círculo...

Zooooooooom!

Um míssil passou zunindo através das portas abertas do hangar, seguindo na direção do veículo.

A vida do Humvee foi curta.

O míssil atingiu-o em cheio na parte da frente, com tanta violência, que o jipe de chassi largo foi empurrado para trás através do chão escorregadio do hangar antes de se chocar contra uma parede e explodir numa chuva de metal.

— Santo Humvee explosivo, Batman! — disse Mãe.

— Rápido! Sigam-me! — disse Schofield. — Por aqui!

— O que vamos fazer? — perguntou o presidente.

Schofield apontou para o Jumbo em movimento do lado de fora.

— Vamos embarcar naquele avião.

Como em quase todas as bases no deserto, a pista de decolagem da Área 8 tinha a forma de um "L", a perna menor da letra representando o trecho que terminava diante do hangar principal.

As aeronaves decolavam e aterrissavam na perna maior do "L", mas, para alcançá-la, todos os aviões precisavam taxiar no trecho mais curto.

Enquanto a pista principal tinha mais de cinco mil metros de comprimento, a menor não ia além de 400 metros.

O 747 prateado, com o reluzente X-38 branco no seu costado, começou a taxiar na pista lateral, flanqueado pelos dois Penetrator pretos da Força Aérea.

O imenso Jumbo tinha chegado na metade da pista, quando um veículo em alta velocidade irrompeu do hangar seguindo atrás dele.

Era uma "barata".

Estava perseguindo o enorme Boeing.

Na cabine apertada, Schofield e o presidente dividiam o assento de passageiro.

— Vamos, Mãe — incentivava Schofield. — Temos de alcançá-los antes que cheguem à pista principal! Uma vez que tenham chegado lá e começado a aceleração para a decolagem, não poderemos fazer mais nada!

Mãe engrenou a "barata" em terceira, a marcha mais alta do veículo. O motor V-8 do reboque roncou mais alto com a mudança de marcha, continuando a correr através do calor escaldante do deserto.

A "barata" avançava pela pista lateral, aproximando-se do 747.

Os Penetrator abriram fogo contra o veículo, mas Schofield abriu a porta do passageiro com um chute e descarregou rajadas com duas P-90 — a sua e a de Mãe —, atingindo um dos canhões Vulcan fixados no nariz de um dos helicópteros, fazendo com que a aeronave se afastasse. Mas o outro Penetrator continuava a disparar impiedosamente, espalhando faíscas por toda a "barata".

— Mãe, vá para debaixo do avião! Precisamos das contramedidas dele!

Mãe pisou fundo no acelerador, e a "barata" passou a correr ainda mais, alcançando a velocidade máxima. Foram se aproximando do pesado 747, centímetro por centímetro, até que o reboque finalmente ficou debaixo da cauda do Jumbo prateado.

Era como entrar numa bolha de ar.

As balas vindas do segundo Penetrator não atingiam mais o solo em torno deles. O espetáculo de fogos de artifícios criado pelas faíscas dos impactos de bala tinha cessado abruptamente.

A "barata" avançou por debaixo da fuselagem do 747, ultrapassando lateralmente um dos trens de aterrissagem traseiros, mas se mantendo sob a proteção da imensa aeronave.

Depois, enfiou-se debaixo da asa esquerda do Boeing com o motor na potência máxima. O asfalto negro parecia voar debaixo das rodas à medida que se aproximavam cada vez mais da escada de corda pendurada na porta do lado esquerdo da aeronave.

A "barata" alcançou a escada de corda...

...no exato momento em que o 747 virou repentinamente para a direita.

— Maldição! — gritou Mãe, enquanto a "barata" saía da sombra do Jumbo e entrava no sol brilhante.

— Estão entrando na pista de decolagem principal! — berrou Schofield.

Como um gigantesco pássaro movendo-se em câmera lenta, o 747 prateado — com o ônibus espacial X-38 sobre o costado — entrou na pista prolongada da Área 8.

— Tente alcançar aquela escada, Mãe! — gritou Schofield.

Mãe acelerou e virou o volante para a direita com toda a força para aproximar o veículo da escada que oscilava no lado esquerdo do 747. Mas um dos Penetrator ultrapassou a aeronave pelo lado oposto e abriu fogo contra a "barata", aproveitando-se da momentânea falta de proteção eletrônica proporcionada pelo Boeing.

A metralhadora disparou uma devastadora linha de balas traçantes diante da "barata", levantando faíscas que ricocheteavam em todas as direções.

Diversos projéteis atingiram o pára-brisa, estilhaçando-o. Mas a maior parte deles, no entanto, entrava ricocheteando por debaixo do pára-choque dianteiro do veículo reboque, atingindo a parte inferior do chassi. Três deles acabaram acertando a coluna de direção.

O resultado foi instantâneo.

O volante ficou totalmente descontrolado.

A "barata" começou a sair violentamente de traseira, para a esquerda e para a direita, perdendo a aderência das rodas dianteiras.

Mãe precisou usar toda a sua força para continuar segurando o volante e manter a "barata" sob algum controle.

Neste meio tempo, o 747 tinha terminado de fazer a manobra e embicado na pista de decolagem.

Ao longe, a longa faixa negra da pista desaparecia no trêmulo horizonte do deserto.

— Mãe... — gritou Schofield.

— Eu sei! — gritou Mãe. — Vai você! Suba no teto do carro! Vou me aproximar da escada! E leve o presidente com você!

— E quanto a você...?

— Espantalho! Dentro de 12 segundos aquele Jumbo vai decolar, e caso você não esteja a bordo, vamos perder o garoto! Tenho de permanecer na direção desta merda, caso contrário vamos derrapar!

— Mas aqueles Penetrator vão matá-la assim que o avião decolar...

— É por isso que você tem de levá-lo junto! — disse Mãe, apontando com a cabeça para o presidente. — Não se preocupe comigo, Espantalho. Você sabe que é necessário bem mais do que um bando de babacas da Força Aérea para acabar comigo.

Schofield não estava totalmente convencido.

Mas via a determinação nos olhos de Mãe e sabia que ela continuaria a guiar a "barata" até a morte, até quando ele e o presidente estivessem a bordo daquele avião.

Ele se virou para o presidente.

— Vamos, senhor. Venha comigo.

A "barata" corria ao lado do 747 e mais uma vez se encontrava protegida pelas defesas eletrônicas. Aproximou-se da porta dianteira esquerda, onde a escada de corda estava pendurada.

Os dois minúsculos vultos de Schofield e do presidente, com os uniformes de combate pretos, subiram no teto do veículo de reboque. Os óculos de proteção que integravam os uniformes do 7º.

Esquadrão se revelaram úteis para proteger os olhos da areia levantada pelos rotores dos helicópteros e pelas rodas dianteiras da aeronave.

Na cabine de direção, Mãe continuava a lutar com o volante da "barata", tentando com todas as suas forças manter o agitado veículo em linha reta

No teto da "barata", enfrentando as rajadas de vento, Schofield tentava alcançar a oscilante escada de corda. Ela balançava violentamente, o que dificultava muito o alcance...

Repentinamente, um estrondo ensurdecedor atingiu seus ouvidos.

As quatro turbinas do 747 estavam sendo aceleradas.

Schofield começou a suar frio.

O avião estava começando a sua corrida ao longo da pista de decolagem. A qualquer momento, aceleraria consideravelmente, deixando a "barata" para trás.

A escada de corda continuava a balançar no vento. O ar estava cheio de impurezas aspiradas pelas turbinas da aeronave. Colunas de areia erguiam-se por todos os lados.

Schofield se virou para o presidente e gritou:

— Senhor! Eu agarro a escada! O senhor se agarra em mim!

— O quê?!

— Logo vai entender!

E, com essas palavras, Schofield deu uma corridinha pelo teto plano da "barata" e saltou para fora dela...

...voando através do ar com os braços estendidos...

...e conseguiu agarrar o último degrau da escada de corda pendurada para fora do avião.

Acenou para que o presidente o seguisse.

— Agora o senhor se agarra em mim!

Balançando a cabeça, como se estivesse em dúvida, o presidente disse:

— Tudo Bem... Ele correu e saltou...

...no exato momento em que as turbinas do 747 prateado alcançaram a potência máxima.

O presidente voou através do curto espaço que separava o reboque do avião antes de se chocar no corpo de Schofield. Agarrou-se desesperadamente na cintura do jovem capitão, segurando-se com firmeza. Schofield mantinha-se resolutamente preso ao último degrau da escada de corda, segurando-a com ambas as mãos!

A "barata" guiada por Mãe perdia terreno rapidamente, ficando para trás. Os dois Penetrator também desistiram da perseguição e manobram de forma a ficar pairando sobre a pista.

Em poucos segundos, o avião tinha alcançado uma velocidade de quase 160 quilômetros por hora, mas Schofield e o presidente ainda estavam agarrados à escada. Schofield, fustigado pelo vento, mantinha a cabeça voltada para trás.

Viu horrorizado que um dos Penetrator lançava um míssil na direção da "barata", que agora não contava mais com a proteção do Boeing.

O míssil atingiu a traseira do veículo e explodiu com tal violência que fez levantar a parte de trás do reboque cerca de dois metros do chão.

Com o impacto do míssil, a "barata" derrapou violentamente e saiu do asfalto em direção à areia, levantando uma enorme nuvem de poeira. Pouco depois, o veículo capotou — virou uma, duas, três vezes — antes de acabar totalmente destruído, virado de ponta-cabeça e coberto de areia.

Pendurado no vão de entrada do 747, Schofield podia somente observar os destroços cobertos de areia e rezar para que Mãe tivesse morrido instantaneamente.

Mas, naquele momento, havia outras coisas a fazer.

O 747 continuava a acelerar pela pista de decolagem com duas minúsculas figuras presas à escada que balançava na porta dianteira esquerda.

A velocidade do Boeing aumentava, mas o peso extra do X-38 em seu costado o tornava mais lento do que os aviões do mesmo modelo. Não era à toa que precisava de uma pista longa.

Vindo de todas as direções, o vento fustigava Schofield e o presidente.

— O senhor vai primeiro! — gritou Schofield. — Passe por cima do meu corpo e suba pela escada!

O presidente obedeceu.

Com o asfalto passando rapidamente por baixo deles, ele primeiramente subiu pelo corpo de Schofield, agarrando-se ao uniforme de combate para apoiar os pés e as mãos.

Tão logo o presidente chegou à escada, Schofield começou a suspender-se, utilizando somente a força dos braços.

Schofield seguia o presidente, lutando contra o vento que castigava seu corpo.

Quando chegaram à porta, no topo da escada, a pista debaixo deles repentinamente desapareceu totalmente do campo de visão deles.

Schofield engoliu em seco.

Estavam agora no ar.

O helicóptero de César Russel aterrissou suavemente na pista. Ao longe, o gigantesco 747 subia no céu. A "barata" destruída encontrava-se a cerca de vinte metros da pista de decolagem.

César saiu do helicóptero e ficou observando o avião que seguia em manobra de subida.

Kurt Logan, por sua vez, caminhou até a "barata", que jazia capotada na areia, cercada por pedaços de aço retorcido, pneus e ferragens.

Da cabine do motorista não havia sobrado nada. A violência do impacto esmagara-a totalmente, fazendo com que desaparecesse para dentro da carroceria. O veículo parecia uma lata de alumínio que tinha sido pisoteada.

Demorou um pouco para que Logan conseguisse ver o corpo de Mãe. Ela estava estendida de bruços na areia alguns metros à frente da cabine. Logan só conseguiu ver o tórax e os membros; a cabeça devia ter sido arrancada no impacto e estar em algum lugar embaixo do veículo. Pelo que se podia ver no local, a parte inferior

da perna esquerda também devia ter sido arrancada pela força do impacto.

Logan retornou para o lado de Russel, que não tinha tirado os olhos do avião prateado.

— A unidade Eco está com o garoto — disse Logan. — E os fuzileiros estão com o presidente.

— É verdade — disse César, olhando para o Jumbo que desaparecia. — Agora, infelizmente, temos de passar para o plano alternativo. Vamos voltar para a Área 7.

O presidente entrou com um pesado baque no interior do 747. Estava totalmente sem fôlego.

Poucos segundos depois, Schofield também entrou resfolegando. Conseguiu se manter ereto a tempo de fechar a porta atrás dele, mas logo depois desabou no chão. Estavam tão exaustos que permaneceram sentados sem tirar os óculos de proteção, um dos dois pilotos do 747, um soldado da unidade Eco, desceu rapidamente a escada em espiral que levava ao pavimento superior do Jumbo. Trajava um largo macacão cor de laranja, um novo modelo de macacão pressurizado que Schofield já tinha visto antes. Os macacões pressurizados eram obrigatórios em todos os vôos que alcançavam grandes altitudes ou vôos orbitais. Embora volumosos no lado externo, eram apertados no interior, com bainhas elásticas que aderiam aos membros para evitar desequilíbrios na pressão sangüínea e regular o fluxo de sangue vindo da cabeça.

Em torno do pescoço do macacão havia um aro de metal sobre o qual era enganchado um capacete espacial, enquanto que no lado se encontrava um orifício pelo qual passava um cabo de alimentação da unidade de oxigênio.

— Ah, vocês conseguiram — disse o piloto da unidade Eco, enquanto se aproximava deles.

Obviamente não conseguia ver nada além dos uniformes do 7º. Esquadrão e dos óculos de proteção sujos de areia. — Desculpem-nos, mas não podíamos esperar mais por vocês. A ordem foi dada pelo Serpente. Vamos, rapazes, só restam o Coleman e eu aqui embaixo. Todos os outros já estão no ônib...

Paf!

Schofield se levantara rapidamente e o atingira no rosto com força, derrubando-o com um único golpe.

— As desculpas não foram aceitas! — disse Schofield. Logo em seguida, virou-se para o presidente. — Espere aqui.

— Certo — disse o chefe de governo.

O 747 continuava a subir num ângulo de quase 45°.

Schofield subiu correndo a escada que levava ao pavimento superior. Tinha de chegar à cabine de comando do Boeing. Ele mantinha a P-90 apontada para a frente enquanto procurava pelo segundo piloto, o sujeito chamado Coleman.

Encontrou o homem quando ele estava saindo da cabine. Golpeou-o com o cabo de sua arma — e Coleman também estava fora de ação.

Correu para a cabine vazia e olhou atentamente ao redor.

Tinha esperança de assumir os controles e levar a aeronave de volta para o solo...

Não havia nada a fazer.

Uma tela num dos painéis revelou que a aeronave estava voando no piloto automático, dirigindo-se para uma altitude de 26 metros. A altitude máxima que o 747 podia alcançar para lançar um ônibus espacial.

Na parte de baixo da tela, entretanto, estavam escritas as seguintes palavras:

**PILOTO AUTOMÁTICO ATIVADO
PARA DESATIVAR O PILOTO AUTOMÁTICO OU ALTERAR A
ROTA DETERMINADA
DIGITAR O CÓDIGO DE AUTORIZAÇÃO.**

Código de autorização? Pensou Schofield.

Merda!

Não conseguiria desligar o piloto automático. O que significava que não conseguiria descer com o avião...

O que poderia fazer então?

Olhou à sua volta: viu as nuvens no lado de fora, viu o corpo do piloto... Coleman... caído no chão bem diante da entrada da cabine.

E quando seus olhos bateram sobre o corpo do piloto, teve uma idéia.

Desceu para encontrar o presidente, levando Coleman desmaiado por cima dos ombros.

Fez um gesto com a cabeça em direção ao outro piloto, que estava nocauteado aos pés do presidente.

— Ponha o macacão dele — disse Schofield, ao despejar o corpo de Coleman no chão e começar a despi-lo.

Poucos minutos depois, Schofield e o presidente estavam vestindo os macacões pressurizados cor de laranja dos dois pilotos. Tinham escondido as pistolas SIG-Sauer nos bolsos laterais.

— Aonde vamos agora? — perguntou o presidente.

Schofield deu-lhe um olhar sério.

— Onde nenhum de nós dois esteve antes.

O ônibus espacial X-38 estava conectado ao Jumbo por meio de meia dúzia de estruturas de titânio. A única passagem entre as duas aeronaves era um túnel colocado no meio do 747, que servia como uma espécie de cordão umbilical. Schofield e o presidente deviam entrar no ônibus espacial por ali. No alto, no fim do túnel, havia uma abertura na parte inferior da espaçonave.

Tinham permanecido na cabine de comando durante o tempo necessário para recolher alguns objetos que deviam servir aos pilotos da unidade Eco, dois pequenos recipientes de oxigênio parecidos com maletas de aço — iguais àqueles usadas pelos astronautas em missões espaciais — e dois capacetes esféricos, cobertos por uma película dourada de proteção. Os capacetes se encaixaram com facilidade nos ganchos dos macacões pressurizados, na altura do pescoço.

As viseiras refletivas douradas — desenhada para proteger contra a enorme quantidade de radiação ultravioleta — escondiam completamente os seus rostos

Tinham parado sob a entrada do túnel, uma passagem vertical estreita que desaparecia além do teto do avião, Uma escada de aço estava armada no meio do Boeing.

Schofield olhou para o alto através do túnel.

No topo da passagem, quase trinta metros acima de sua cabeça, Schofield conseguia ver o interior iluminado do ônibus espacial X-38.

Virou-se para o presidente e fez um sinal com o dedo: para cima.

Subiram a escada lentamente. O peso dos trajes espaciais e das unidades de oxigênio atrapalhava bastante a escalada.

Levou algum tempo para chegarem lá em cima. Quando o capacete de Schofield emergiu através da escotilha circular aberta no piso do ônibus espacial, ele ficou estarecido.

Schofield estava paralisado.

O compartimento traseiro do ônibus espacial parecia o interior de um ônibus com tecnologia de última geração.

Era um espaço bastante compacto, projetado para carregar de tudo: homens, armas, pequenos satélites. Ao longo das impecáveis paredes brancas havia cabos de oxigênio, terminais de computadores e alguns mecanismos de ancoragem. Naquele momento, entretanto, o compartimento estava configurado para o transporte de tripulantes: doze assentos maciços de vôo, voltados para a frente e alinhados em duas fileiras.

Sentados nos assentos, com os cintos amarrados, Schofield viu os homens da unidade Eco e os espiões chineses.

Havia cinco deles. Vestiam trajes espaciais idênticos: capacetes dourados e macacões pressurizados cor de laranja, com bandeirinhas dos Estados Unidos costuradas nos ombros.

Quanta ironia, pensou Schofield.

Estavam firmemente amarrados nos assentos, preparados para partir rumo à órbita terrestre.

Através da porta aberta na frente do compartimento, Schofield deu uma olhada na cabine de comando do ônibus espacial, onde

estavam sentados os três membros da tripulação. Diante deles, podia-se ver um pedaço do céu aberto.

Schofield tinha permanecido imóvel, com metade do corpo dentro e a outra metade para fora da escotilha. Sentia a adrenalina correr pelas veias.

Sabia que as viseiras douradas de seus capacetes impediriam que ele e o presidente fossem reconhecidos. Mesmo assim estava intimidado, sentindo-se um impostor que entrava no coração do território inimigo.

Havia alguns assentos desocupados na parte da frente do compartimento, provavelmente reservados para os dois pilotos do 747 e para os cinco soldados da unidade Eco que tinham sido abatidos no hangar.

Schofield saiu da escotilha com extrema lentidão. Era melhor não dar na vista.

Ninguém prestou atenção nele.

Olhou ao redor procurando por Kevin, mas não conseguiu localizá-lo. Logo ficou assustado.

Não...

Pouco depois, percebeu que um dos cinco astronautas sentados no compartimento parecia estar usando um macacão que não era do seu tamanho: as mangas e as pernas sobravam no ar. Pareciam vazias: dentro do macacão devia estar alguém bem pequeno para vesti-lo.

Tinha de ser.

Em vez de enrolarem as mangas e as pernas do macacão para permitir que o garoto enfiasse as mãos nas luvas e os pés na parte de baixo do macacão, os homens do 7º. Esquadrão tinham preferido que as bainhas aderissem aos membros de Kevin para que ele não tivesse problemas de pressão sanguínea na ausência de gravidade, mesmo que isso o fizesse parecer Charles Chaplin vestindo uma roupa várias vezes maior.

Certo, pensou Schofield, enquanto saía inteiramente da escotilha. Como é que vou fazer isso?

Por que não simplesmente agarrar Kevin e, antes que algum deles tenha tempo de desamarrar os cintos, descer correndo através

do túnel, voltando para o 747 e...

Foi então que uma mão segurou o braço de Schofield, e uma voz explodiu no seu ouvido.

— E aí, Coleman?

Era um dos pilotos do ônibus espacial, com o rosto encoberto pelo visor dourado do capacete. Tinha saído da cabine de comando e segurava o braço de Schofield. Sua voz metálica chegava no capacete de Schofield pelo interfone.

— Só sobraram vocês dois? O que aconteceu com os outros? Schofield limitou-se a balançar a cabeça em sinal de tristeza.

— Ah, bem — disse o astronauta sem rosto. E apontou com dois dedos para um par de assentos próximos à porta da cabine de comando. Pegue um assento e aperte os cintos.

Em seguida, com uma eficiência inesperada, o astronauta se agachou e ajudou o presidente a sair do túnel, fechando a escotilha logo atrás dele! Pouco depois, retornou à cabine de comando, falando pelo interfone:

— Todos os tripulantes, preparar para a separação do veículo lançador dentro de trinta segundos.

A maciça porta da cabine foi fechada e trancada atrás do piloto, e Schofield permanecia parado no meio do compartimento, olhando para a escotilha fechada no piso.

Mas que merda...

Estavam prestes a entrar em órbita.

Schofield, seguido pelo presidente, alcançou um dos dois assentos desocupados próximos à porta da cabine de comando.

Enquanto fazia isso, observou como os homens da unidade Eco tinham se ligado ao sistema centralizado de oxigênio do ônibus espacial e prendido os cintos de segurança.

Junto ao seu assento, Schofield fixou um tubo secundário de seu respirador portátil numa tomada embutida no braço da poltrona. Em seguida, sentou-se e começou a apertar o cinto de segurança.

O presidente fez o mesmo, imitando os movimentos de Schofield. Eles estavam sentados um ao lado do outro, separados pelo corredor central.

Assim que acabou de fechar o cinto corretamente, Schofield virou-se para observar o ambiente ao seu redor.

Do outro lado do corredor, atrás do assento do presidente, Schofield podia ver a assimétrica imagem de Kevin, que parecia se sentir muito pouco à vontade dentro de seu imenso traje espacial.

Foi então que uma coisa estranha aconteceu.

Kevin acenou na sua direção.

Acenou para ele.

Foi um movimento rápido com a mão, que fez com que a manga do traje do garotinho flutuasse pateticamente no vazio.

Schofield franziu o cenho e pensou sobre a situação.

Estava usando um capacete espacial com vidro opaco em tom dourado. Não havia como Kevin ter visto seu rosto.

Será que Kevin sabia que era ele?

Schofield decidiu não se preocupar. Talvez Kevin estivesse simplesmente acenando para todos os astronautas.

Ele se virou para observar o presidente, que tinha acabado de apertar o cinto com firmeza em torno do peito. Ele parecia estar respirando pausadamente. Schofield conseguia imaginar como o presidente estava se sentindo.

Repentinamente, uma voz surgiu nos interfone de seus capacetes.

— Ignição dos foguetes preparada...

— Aproximando-se da altitude de lançamento...

— Soltar o túnel em três... dois... um... fogo.

Ouviu-se um alto ruído mecânico vindo da parte de baixo, e imediatamente o ônibus espacial se ergueu com leveza no ar, como se tivesse sido liberado.

— Túnel desconectado... estamos liberados do veículo lançador...

Ouviu-se então uma risadinha. Em seguida, a voz de Serpente Carney:

— Ignição.

— Certo, senhor. Preparar para ativar os foguetes Pegasus...

Ignição em três...

O ônibus espacial começou a fazer um estrondo assustador.

— Dois...

Ele esperava numa antecipação tensa.

— Um... fogo.

Foi como se alguém tivesse acendido um lança-chamas.

Quando os foguetes Pegasus do X-38 entraram em funcionamento, o ônibus espacial estava posicionado pouco acima do veículo lançador, o 747 desocupado. Os gigantes foguetes estavam apontados diretamente para o Jumbo prateado.

Dos dois foguetes gêmeos saíram duas longuíssimas línguas cintilantes de fogo, como se fossem dois maçaricos, que atingiram o 747 na altura do túnel, partindo-o ao meio.

O impacto do fogo proveniente dos dois foguetes foi tremendo. Num instante o Boeing se partiu em dois pedaços. Pouco depois, o combustível armazenado no interior das asas inflamou-se e a gigantesca aeronave explodiu no ar numa enorme nuvem de fogo, que espalhou milhares de fragmentos de metal em todas as direções.

Schofield não viu a explosão do 747. Estava agora em um mundo inteiramente novo.

O ruído dos foguetes sendo ligados não se parecia em nada com o que Schofield já tinha ouvido em toda a sua vida.

Tinha sido alto. Ruidoso. Envolvevente.

Tinha sido como o som da turbina de um jato sendo ligada, só que multiplicado por mil.

O ônibus espacial se inclinou apontado para o alto e começava a acelerar.

Schofield se viu esmagado contra o encosto de seu assento devido à força G. A cabine inteira balançava e tremia. Ele sentia as bochechas serem pressionadas contra o rosto. Cerrou os dentes.

Salvo a porta que dava para a cabine de comando, que estava fechada, a única ligação entre os assentos da tripulação e o compartimento traseiro era um pequeno vidro com treze centímetros de espessura inserido na parede divisória.

Era através desse vidro que Schofield podia ver além da cabine de pilotagem da espaçonave e observar o céu se tingir de púrpura à medida que subiam pela atmosfera.

Por alguns minutos, o ônibus espacial manteve-se em ascensão, impulsionado para o alto pela potência de seus gigantescos foguetes. Pouco depois, as vozes dos membros da tripulação voltaram a ser ouvidas por cima do ruído dos foguetes:

— Preparar para ejetar foguetes e passar a operar com força própria...

— Entendido.

— Preparar para soltar os foguetes. Em três... dois... um... fogo.

Clang!

O ônibus vibrou violentamente enquanto os dois foguetes se soltavam da fuselagem.

Schofield lançou um olhar para o presidente. O chefe do executivo estava agarrado aos braços de sua poltrona. No que se referia às preocupações de Schofield, aquilo na realidade era um bom sinal. Significava que o presidente não tinha desmaiado.

O X-38 continuava a subir. As vibrações agora tinham cessado, e o vôo estava mais silencioso, como se a espaçonave estivesse flutuando no ar.

Schofield aproveitou a tranqüilidade para dar uma nova olhada à sua volta.

A primeira coisa que viu foi um teclado próximo à porta da cabine de comando. Um mecanismo de bloqueio, provavelmente para casos de emergência, como numa situação em que a cabine é despressurizada e precisa ser trancada.

Schofield já tinha observado seu traje espacial. Havia uma pequena unidade costurada na manga esquerda, na altura do antebraço, que parecia ser o controle do interfone embutido no capacete. Naquele momento, o mostrador indicava que o interfone estava sintonizado no canal 05.

Ele olhou para o presidente e sub-repticiamente bateu na unidade da manga, em seguida esticou três dedos: Mude para o canal 3.

O presidente entendeu e concordou com a cabeça. Alguns segundos mais tarde, Schofield disse:

— Você pode me ouvir?

— Sim. Qual é o plano?

Por ora permaneceremos sentados. Vamos esperar uma oportunidade para assumir o controle da espaçonave.

O ônibus continuava a subir cada vez mais alto.

À medida que avançava, o panorama observado através do pára-brisas dianteiro se transformava gradualmente. O céu, inicialmente encoberto por nuvens púrpuras, estava ficando preto, num tom ameaçador.

Depois, repentinamente, como se um véu tivesse sido levantado, Schofield se viu olhando para galáxias inteiras e, mais abaixo no campo estelar, brilhando como uma opala contra o céu negro, para a curvatura da Terra. O panorama era de uma imensa esfera luminescente, tão imensa a ponto de ser quase incompreensível.

Era de tirar o fôlego.

Ainda não estavam a grande altitude, permaneciam próximos à linha divisória entre o espaço e a atmosfera terrestre, a cerca de 320 quilômetros de altitude.

A Terra — com sua curvatura e dimensões impressionantes — ocupava quase três quartos do campo de visão de Schofield, que olhava embevecido para o brilhante planeta turquesa pairando defronte do universo. Em seguida, ele levantou o olhar para as estrelas. Tudo era muito límpido, e o céu estrelado parecia infinito.

Foi então que uma das estrelas começou se mover.

Schofield piscou os olhos e olhou novamente.

Uma das estrelas estava realmente se movendo.

— Meu Deus... — sussurrou ele.

Não era mesmo uma estrela.

Era um ônibus espacial, um ônibus espacial normal, quase idêntico em tamanho e forma às espaçonaves norte-americanas daquele modelo.

Deslocava-se suavemente na gravidade zero, vindo em linha reta na direção deles. A bandeira vermelha e amarela na cauda era inconfundível.

Era o ônibus espacial chinês.

Schofield voltou a sintonizar o canal 05 a tempo de ouvir a voz de Serpente dizendo:

— Yellow Star, aqui é Fleeing Eagle, temos contato visual neste momento. Estamos reduzindo a força dos reatores para começar a gravitar. A aproximação pode ser iniciada em trinta segundos.

A porta da cabine de comando foi aberta. Em seguida, surgiram os dois pilotos do X-38.

Schofield levantou a cabeça para observar.

Agora que estavam em órbita baixa, podiam se mover pelo interior do ônibus espacial. Estavam em total ausência de gravidade, logo podiam andar com leveza, utilizando-se dos apoios de mão fixados no teto.

Os dois pilotos ainda usavam os capacetes dourados e carregavam suas unidades portáteis de oxigênio junto ao corpo. Passaram por Schofield e pelo presidente, seguindo para o fundo do compartimento a fim de preparar o acoplamento com o ônibus espacial chinês.

Outros dois soldados sentados nas proximidades também começaram a desafivelar os cintos de segurança para ir ajudar na manobra. Schofield vislumbrou a oportunidade e sintonizou o canal 03.

— Bem — disse para o presidente. — É o momento. Siga-me.

Tentando parecer o mais relaxado possível, Schofield conectou o cabo de oxigênio à sua unidade portátil e começou a desafivelar o cinto de segurança.

O presidente fez o mesmo.

Uma vez livre do cinto, Schofield sentiu o efeito da ausência de gravidade sobre o corpo. Logo agarrou um apoio de mão no teto, e, antes que alguém pudesse detê-lo, ou mesmo perguntar-lhe o que estava fazendo, dirigiu-se com desembaraço até Kevin e começou a

ligar o cabo da unidade portátil de oxigênio ao traje dele e soltar o cinto de segurança.

Dois dos homens da unidade Eco, com os rostos invisíveis atrás das viseiras, ficaram curiosos e passaram a prestar atenção na movimentação.

Schofield fez um gesto para Kevin em direção à cabine de comando.

— Quer dar uma olhada?

Kevin concordou com a cabeça.

Os homens da unidade Eco voltaram a seus afazeres.

Com o presidente seguindo atrás deles, Schofield conduzia Kevin para a frente, utilizando-se dos apoios de mão fixados no teto, em direção à cabine de comando do ônibus espacial.

A vista da cabine era ainda mais impressionante.

Através do vidro panorâmico, a Terra parecia assombrosa, estendendo-se diante deles como se fosse uma enorme lente convexa em tom água-marinha.

O piloto que tinha permanecido na cabine virou-se assim que eles entraram.

Através do canal 05, Schofield disse:

— Achei que seria uma boa idéia darmos um pulo até aqui para ver a vista — ele tossia para disfarçar a voz.

— Legal. Mas mantenham os visores fechados. A radiação é mortal, e o sol pode realmente cegar.

Schofield colocou Kevin no assento desocupado do co-piloto. Em seguida, sintonizando novamente o canal 03, virou-se para o presidente.

— Você solta o cinto dele e depois o utiliza para prender seus braços. Vou cuidar do cabo de oxigênio.

— Ahn... como? Quando?

— Depois que eu fizer isto...

De improviso, Schofield inclinou-se para a frente e agarrou o visor do capacete do piloto, abrindo-o.

— Aiiiiii! — gritou o piloto, ao ser atingido nos olhos pelos raios solares. Embaixo da viseira dourada havia um vidro transparente que não oferecia proteção alguma contra a luz solar.

Em seguida, Schofield arrancou o tubo de oxigênio da parede, enquanto o presidente soltava o cinto de segurança do piloto e o utilizava para amarrar-lhe os braços e o tórax no encosto da poltrona, imobilizando-o.

Sem oxigênio — e agora amarrado no próprio assento —, o piloto começou a arfar desesperadamente em busca de ar.

Schofield se lançou em direção à porta da cabine e enfiou o punho num interruptor ao lado da entrada. A porta deslizou rapidamente, isolando os três no interior da cabine.

O presidente virou-se.

— E agora...?

Mas Schofield ainda estava em ação.

Sabia que só tinha três segundos antes de alguém reabrir a porta usando o interruptor do outro compartimento.

Junto à porta havia um interruptor idêntico ao que Schofield vira no outro lado.

Schofield alcançou-o rapidamente.

Além das teclas alfanuméricas normais e dos comandos de abrir e fechar, havia um grande botão vermelho retangular, protegido por um estojo de plástico rígido, no painel. Estava escrito:

USAR SOMENTE EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA TRAVA DE SEGURANÇA DA CABINE

Schofield abriu o estojo e apertou o grande botão vermelho.

Imediatamente, com um ruído alto, as cinco travas de emergência se encaixaram nas fechaduras, isolando a cabine como se fosse uma caixa-forte.

Uma fração de segundo mais tarde, Schofield ouviu o barulho abafado das pancadas que vinham do outro lado: os homens da unidade Eco estavam esmurrando a porta violentamente.

Atrás do espesso vidro da janelinha inserida na parede divisória surgiram capacetes dourados e punhos furiosos sendo balançados.

Mas Schofield não deu a mínima.

Agora era ele quem controlava o ônibus espacial.

Inclinou-se na direção de Kevin, que estava sentado no assento do co-piloto. Diante deles, a Terra e as estrelas brilhavam no espaço.

Mas era um outro panorama intimidador que chamava sua atenção: o painel de controle do X-38. Uma coleção de milhares de pequenos interruptores, luzes, botões e monitores. Parecia o painel de um Jumbo 747... só que bem mais complexo.

O presidente estava sentado no posto do navegador, bem atrás do assento do piloto. Colocou Kevin no colo.

— E agora, capitão? — perguntou ele. — Não me diga que você também sabe pilotar um ônibus espacial!

— Infelizmente não — disse Schofield. Virou a cabeça e lançou um olhar na direção do piloto, que estava amarrado e ainda tossia. — Mas ele sabe.

Schofield tirou a SIG-Sauer do bolso lateral e apontou na direção da viseira do piloto. O presidente religou o tubo de oxigênio do sujeito. O piloto parou de arfar, enquanto Schofield sintonizava o interfone dele no canal 03.

— Preciso que você me ajude a levar isto de volta para a Terra — disse Schofield.

— Vá se foder... — disse o piloto.

— Huum — disse Schofield, fazendo um gesto com a cabeça para o presidente, que arrancou novamente o cabo de oxigênio da parede. O piloto da unidade Eco ficou outra vez sem ar.

Schofield tentou mais uma vez.

— Vou dizer com outras palavras. Ou você me explica como pilotar esta coisa para aterrissarmos com segurança no Utah, ou vou ter de fazer isso sem a sua ajuda. Mas, do jeito que eu vou pilotar isto, vamos acabar queimando na reentrada ou batendo numa montanha gelada. Em ambos os casos, morreremos. Em resumo, do jeito que vejo as coisas, ou você me explica como fazer isso, ou vai morrer assistindo à minha tentativa.

O presidente conectou o tubo de oxigênio novamente. O rosto do piloto estava ficando roxo.

— Certo — disse ele, resfolegando. — Tudo bem...

— Ótimo — disse Schofield. — Agora, a primeira coisa de que precisamos é...

Ele interrompeu o que estava dizendo. Várias palavras em verde começaram a passar rapidamente pelo "heads-up-display", ou HUD, no pára-brisa transparente da cabine de comando:

**FLEEING EAGLE, AQUI É YELLOW STAR.
VOCÊ ALTEROU A POSIÇÃO
FAVOR REALINHAR PARA AS COORDENADAS TRÊS-
ZERO-ZERO.**

Schofield leu as palavras no HUD. Elas pareciam pairar no ar em frente ao campo estelar.

Depois, para além da tela transparente, ele viu o ônibus espacial chinês. Estava bem próximo.

A espaçonave deslizava lentamente, sem aparentar o menor esforço, através do vácuo, vindo na direção deles. Estava a cerca de 300 metros de distância e aproximando-se rapidamente.

FLEEING EAGLE, FAVOR CONFIRMAR

— Favor confirmar... — resmungou Schofield, enquanto observava atentamente a grande coleção de botões, procurando pela seção de armamentos. — Confirmar isso.

Ele encontrou um pequeno estojo e o abriu. No interior havia dois botões vermelhos marcados com as palavras "DISPARAR MÍSSIL".

— Isso é pela Mãe — disse ele, enquanto cravava os dedos em ambos os botões.

Os dois ônibus espaciais — o pequeno X-38 e o grande ônibus espacial chinês — estavam frente a frente no espaço, pairando sobre a atmosfera terrestre. As duas espaçonaves tinham as partes inferiores iluminadas pela luz refletida pela Terra.

Pouco depois, dois dardos brancos saíram das asas do X-38: dois mísseis AMRAAM. Tinham sido disparados dos suportes nas asas e voavam como foguetes através do vácuo entre as duas espaçonaves.

Os mísseis deslocavam-se numa rapidez incrível, seguindo na direção do ônibus espacial chinês como se fossem duas agulhas aladas.

Não deixavam nenhum rastro de fumaça. Nenhuma chama ou fogo, pois nada sobrevive no vácuo. Um brilho alaranjado que contrastava com o negrume do céu estrelado era tudo que saía de suas turbinas.

Não havia nada que o ônibus espacial chinês pudesse fazer. Simplesmente não havia medidas defensivas que pudessem ser utilizadas.

Os dois AMRAAM atingiram a espaçonave simultaneamente. Um acertou o ônibus espacial no meio, o outro no nariz.

O ônibus espacial rachou ao meio.

Um clarão instantâneo de luz branca envolveu o ônibus espacial chinês, que logo depois explodiu em milhões de pedaços, numa espécie de movimento retardado.

O Yellow Star não voltaria para a Terra.

Os homens da unidade Eco ainda estavam esmurrando a porta da cabine de comando, enquanto Schofield preparava os procedimentos automáticos de reentrada na atmosfera, seguindo as instruções do piloto.

Não havia nada que os homens da unidade Eco pudessem fazer.

A porta da cabine de comando era feita de titânio e tinha oito centímetros de espessura. E disparar uma arma contra um vidro com 13 centímetros de espessura não parecia uma opção muito inteligente.

Com efeito, enquanto o X-38 iniciava as manobras de saída da órbita estacionária e se preparava para a reentrada ativando os escudos de proteção térmica para enfrentar as altíssimas temperaturas do lado externo, tudo que podiam fazer era prender os cintos de segurança e esperar pacientemente.

O ônibus espacial descia velozmente. Durante a reentrada, Schofield observava as estrelas desaparecerem lentamente,

substituídas por uma aura violeta que repentinamente se transformou num céu azul brilhante.

Enquanto estava em órbita, o X-38 deslocara-se para leste. Mas como tinha ficado pouco tempo no espaço, ainda estava atravessando o Colorado. Olhando para baixo, para oeste, Schofield viu as montanhas cinzentas e os exuberantes vales esverdeados. Mais além, na curvatura do horizonte, conseguia ver o arenoso deserto amarelo do Utah.

Consultou o relógio.

10h36

Não tinham ficado em órbita por muito tempo. Por cerca de 12 minutos, na verdade. Agora, descendo em velocidade supersônica, estariam de volta ao Utah dentro de poucos minutos.

Repentinamente, a tela HUD se acendeu:

**SINAL ORIGINÁRIO DETECTADO
PISTA DE ATERRISSAGEM IDENTIFICADA: FORÇA AÉREA
DOS ESTADOS UNIDOS
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) 08
DIRIGINDO-SE PARA A PISTA DE POUSO**

Área 8, pensou Schofield.

Não.

Não queria voltar para lá.

Até onde Schofield podia ver as coisas, a única forma de acabar com o desafio de César de uma vez por todas seria afastar-se daquelas bases, levando o presidente e o Futebol.

Mas para isso precisavam do Futebol.

E o Futebol, cuja implacável contagem regressiva devia ser interrompida às 11h30, tinha sido visto pela última vez na Área 7, nas mãos de Seth Grimshaw.

Schofield se voltou para o piloto capturado: — Temos de ir para a Área 7.

O X-38 descia rapidamente, avançando para oeste pelo deserto árido do Utah.

Quando se aproximaram da Área 8, Schofield desativou o piloto automático. Manobrando o ônibus espacial como se fosse um avião qualquer, passou direto pela base da Força Aérea.

Percorreram a distância de 35 quilômetros até a Área 7 em menos de um minuto. Schofield logo viu a montanha baixa, o conjunto de hangares e edifícios e a pista de pouso prolongada sobre a areia. Ao longe, no horizonte, pôde ver a extensa área do lago Powell, com sua rede sinuosa de cânions e vales.

Dirigiu-se para a pista de aterrissagem, voando baixo sobre os edifícios da Área 7. A pista se estendia no eixo leste-oeste, logo estava perfeitamente alinhada com a aproximação do ônibus espacial.

O X-38 sobrevoou o complexo da Área 7, fazendo balançar as paredes dos edifícios, antes de tocar suavemente no asfalto negro da pista de pouso.

Mas aterrissou velozmente... muito velozmente.

Foi por isso que Schofield não viu os dois helicópteros pretos Penetrator parados silenciosamente junto ao hangar da Área 7.

Tampouco viu que um deles ligou os motores e estava levantando vôo no exato momento em que os pneus da espaçonave tocaram no asfalto.

O X-38 corria como um foguete pela pista do deserto, com fumaça saindo de seus pneus.

Schofield soltou o pára-quedas de frenagem, que se enfunou na parte de trás. O ônibus espacial começou a perder velocidade.

Quando a espaçonave finalmente perdeu o impulso, Schofield apertou alguns interruptores, preparando-se para levá-la até o hangar.

Mas não teve tempo de completar a manobra do ônibus espacial. Pois, no exato momento em que o X-38 parou, Schofield viu o Penetrator pairando no ar de forma ameaçadora, como se fosse uma maligna ave de rapina à sua frente.

O ônibus espacial e o helicóptero defrontavam-se como uma dupla de pistoleiros numa rua do velho oeste: a espaçonave na

pista, e o Penetrator flutuando no ar na frente dele.

No interior da cabine de comando do ônibus espacial, Schofield tirou o capacete. O presidente fez o mesmo.

— Merda! O que vamos...? — perguntou o presidente.

A porta da cabine voltou a vibrar.

Os homens da unidade Eco tinham se levantado de seus assentos e recomeçado a esmurrá-la.

A voz do piloto do Penetrator surgiu inesperadamente no rádio. Era de um dos homens de César Russel, pertencente ao 7º. Esquadrão.

— X-38, aqui é o Penetrator da Força Aérea. Fiquem avisados, temos um míssil pronto para ser disparado contra vocês. Soltem o garoto imediatamente.

Schofield virou-se para poder ver Kevin, enquanto pensava rapidamente.

O mundo estava desabando em cima deles: o Penetrator, os homens da unidade Eco, um míssil preparado para atingi-los...

Foi naquele momento que Schofield viu um compartimento, semi-escondido na parede, atrás do assento de Kevin.

Ele se virou para o presidente.

— Senhor, poderia fazer o favor de ajudar Kevin a tirar o traje espacial?

O presidente começou a fazer isso enquanto Schofield apertava o botão "FALAR".

— Penetrator, quais são os seus planos?

Enquanto falava, foi até o compartimento na parede e abriu-o. Num aviso afixado na porta, estava escrito: "KIT DE SOBREVIVÊNCIA".

Os homens da unidade Eco continuavam a esmurrar a porta da cabine.

— Se soltarem o garoto — disse o piloto do Penetrator —, deixaremos vocês em paz.

— Certo, tudo bem — resmungou Schofield.

Ele estava vasculhando freneticamente o compartimento que guardava o kit de sobrevivência do ônibus espacial.

— Vamos — sussurrou ele —, tem de haver um aqui. Sempre tem...

No microfone, no entanto, ele disse:

— E se não soltarmos o garoto?

— Nesse caso, vamos simplesmente aproveitar a chance e matar vocês todos.

Enquanto o piloto ainda estava respondendo, Schofield achou o que estava procurando no interior do compartimento: um tubo de metal cilíndrico com cerca de meio metro de comprimento que parecia uma...

Ele pegou-o e se levantou logo em seguida, ficando de frente para a janela de vidro que dava para a parte traseira do ônibus espacial. Do outro lado do vidro, apontada diretamente para o seu rosto, havia uma pistola, empunhada por um dos homens da unidade Eco!

Com um clarão de luz branca — e um bang silencioso —, a pistola foi disparada.

Schofield fechou os olhos, esperando que a bala quebrasse o vidro e entrasse em sua cabeça..

Mas o vidro era muito espesso. A bala deixou um pequeno arranhão antes de ricochetear em outra direção.

Schofield respirou fundo e correu para o seu assento.

— Penetrator — disse ele, enquanto sentava no assento e começava a colocar o cinto de segurança. — Tudo bem, tudo bem. Aceitamos. Escute-me, porém. Também tenho o presidente comigo — enquanto falava, fez um sinal para que o presidente soltasse o cinto de segurança.

— O presidente...

— Correto. Vou mandá-lo com o garoto. Tenho certeza de que não se importarão. Mas quero que me dêem a palavra de honra que não vão disparar contra nós.

— Certo.

Schofield voltou-se para Kevin e para o presidente.

— Quando eu abrir a escotilha, quero que vocês se afastem o máximo que puderem desta espaçonave. Certo?

— Certo — disse Kevin.

— Certo — concordou o presidente. — Mas e quanto a você? Schofield puxou a alavanca de abertura da escotilha.

Com um ruído surdo, uma pequena seção do teto do ônibus espacial, diretamente acima do piloto amarrado, foi catapultada para o alto, voando para longe da espaçonave.

Um quadrado de céu azul surgiu acima do piloto.

— Corram para longe, afastem-se do ônibus espacial o máximo que puderem — disse Schofield. — Vou me juntar a vocês em um minuto. Antes tenho um helicóptero para eliminar.

No calor escaldante do deserto, dois pequenos vultos emergiram da escotilha da cabine de comando do ônibus espacial.

Eram Kevin e o presidente.

O presidente ainda vestia seu traje espacial laranja, só que agora sem o capacete. Kevin estava usando suas próprias roupas, as mesmas que usara por debaixo do traje espacial, vários números acima do seu.

O Penetrator pairava acima deles, e os rotores espalhavam vento em todas as direções.

Uma escada de plástico desenrolou-se automaticamente do teto da espaçonave quando a escotilha de emergência foi ejetada.

O presidente e Kevin desceram a escada rapidamente, sob o olhar atento dos três tripulantes do Penetrator.

Finalmente seus pés tocaram o asfalto fervente da pista de aterrissagem e eles correram para longe do ônibus espacial.

Nesse meio tempo, no interior da cabine do ônibus espacial, Schofield tinha posicionado o tubo de metal sobre os joelhos. Agora esperava ansioso que Kevin e o presidente se afastassem do ônibus espacial.

Trocou um olhar com o piloto da espaçonave, que ainda estava amarrado.

— Você está olhando o quê? — perguntou Schofield.

Ziiiiüüiiiiii!

Sem aviso, uma rajada de fagulhas laranja surgiu atrás da porta.

— Minha santa...

Os homens da unidade Eco estavam usando um maçarico para arrombar a porta!

Tenho que esperar o presidente e o garoto se afastarem...

Naquele mesmo instante, a voz do piloto do Penetrator surgiu no rádio.

— Obrigado, X-38. Desculpe-me por desiludi-lo, mas infelizmente vou ter que destruí-lo. Tenha uma boa noite.

Mal o piloto acabou de falar, um míssil Sidewinder foi disparado do suporte no lado direito do Penetrator, deixando um rastro de fumaça que marcava sua trajetória. O míssil zuniu para baixo, seguindo direto para o pára-brisa do ônibus espacial.

Atrás de Schofield, as fagulhas do maçarico continuavam a cair pelo buraco que estava sendo aberto na porta.

Foda-se, pensou Schofield. É hora de cair fora deste lugar.

Como fogos de artifício sendo lançados para o céu na virada do ano, Shane Schofield voou pelos ares sentado num assento ejetor por cima do ônibus espacial, com uma trajetória perfeitamente vertical.

Foi então que tudo aconteceu simultaneamente.

Primeiro, o míssil do Penetrator atingiu o X-38 abaixo de Schofield, fazendo com que os homens da unidade Eco explodissem numa bola de fogo.

Schofield voou por cima das chamas criadas pela explosão e alcançou o zênite de sua trajetória quando se nivelou com a espantada tripulação do Penetrator.

Foi somente naquele momento que os três membros da tripulação repararam que Schofield mantinha um tubo cilíndrico — retirado do kit de sobrevivência do ônibus espacial — por sobre o ombro.

Só que não era um velho tubo qualquer.

Era um lançador de foguetes.

Um lançador de foguetes compacto M-72, com um único disparo, colocado no kit de sobrevivência para a eventualidade de

um astronauta cair em território inimigo e precisar de uma arma leve, mas de alto poder destrutivo.

Ao atingir o ápice de sua trajetória, encontrando-se a uma distância segura da bola de fogo em que o X-38 se transformara, Schofield apertou o gatilho do lançador de foguetes.

Uma ogiva aerodinâmica foi arremessada instantaneamente do M-72, viajando através do ar numa velocidade incrível em direção à cabine do Penetrator.

O foguete atingiu a superfície do pára-brisa do helicóptero e explodiu violentamente. As paredes do helicóptero se projetaram para fora, fazendo com que a aeronave se desintegrasse em pleno ar.

Destroços incandescentes caíram do céu, deixando um rastro de fumaça preta espessa no ar. Eles se chocaram contra o asfalto em milhares de pedaços.

Para finalizar a seqüência de acontecimentos, o pára-quedas do assento ejetor se abriu e Schofield aterrissou suavemente na pista, próximo à carcaça em chamas do ônibus espacial e dos restos do Penetrator da Força Aérea.

O presidente e Kevin correram na sua direção.

— Aquilo foi demais! — disse Kevin, com a voz excitada.

— É mesmo — disse o presidente. — Serviu para me lembrar de jamais apontar uma arma carregada na sua direção.

Schofield livrou-se do pára-quedas, olhando na direção dos edifícios da Área 7.

Área 7...

Era estranho, mas a primeira coisa em que pensou não foi no Futebol, tampouco no destino do país.

A primeira coisa em que pensou foi em Libby Gant.

Tinha visto Gant pela última vez durante os combates dentro da arena, quando o coronel Harper explodira a granada de Sinovírus. Tinham se separado naquele exato momento.

Foi então que Schofield viu o helicóptero.

O segundo Penetrator — o helicóptero de César e Logan —, parado no lado de fora do hangar principal.

— César voltou para a Área 1... — pensou Schofield, em voz alta. — Por que teria feito isso?

Naquele mesmo instante, ele avistou um vulto sair da torre de controle, acenando levemente um dos braços.

Era Book II.

Schofield, Kevin e o presidente encontraram Book na base da torre.

Book II parecia lívido, com o aspecto cansado. Tinha uma grossa bandagem enrolada sobre um ferimento no bíceps esquerdo. O restante do braço estava apoiado numa tipóia improvisada.

— Espantalho. Rápido — disse ele. Era evidente que Book estava sentindo dores lancinantes no braço ferido. — É melhor você dar uma olhada nisso. Agora!

Enquanto subiam os degraus da torre de controle, Schofield perguntou:

— Quando foi que César voltou para a Área 7?

— Eles aterrissaram poucos minutos antes de você. Estavam correndo em direção à "porta de cima" quando vocês chegaram. Eu estava cuidando de Janson na torre de controle, e vimos lá do alto tudo o que aconteceu na pista. César e Logan assistiram à cena da entrada do hangar, mas, depois que você mandou os garotos dele para o inferno, eles entraram correndo no complexo.

— César foi para dentro do complexo... Qual seria o motivo? — perguntou-se Schofield, pensando cuidadosamente. Pouco depois, olhou para Book. — Alguma notícia de Gant?

— Não — disse Book II. — Achei que ela estivesse com você.

— Separamo-nos quando a granada de Sinovírus foi detonada. Ela ainda deve estar no interior do complexo.

Chegaram no andar mais alto da torre. Juliet Janson estava prostrada numa cadeira, com uma bandagem sobre o ombro ferido. Estava viva, mas muito pálida.

— O que você quer que eu veja? — perguntou Schofield, voltando-se para Book.

— Isto — disse Book, apontando para uma tela de computador que estava brilhando.

**PROCOLO DE FECHAMENTO S.A.(R) 7-A
HISTÓRICO DO SISTEMA DE SEGURANÇA
7-3-468201103**

******* ATENÇÃO**

**PROCOLO DE EMERGÊNCIA ATIVADO. CASO NÃO SEJA
INSERIDO UM CÓDIGO DE PROLONGAMENTO DE
FECHAMENTO OU UM CÓDIGO DE ANULAÇÃO ATÉ AS 11:05,
A SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO DA BASE SERÁ
ATIVADA.**

**DURAÇÃO DA SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO: 10
MINUTOS.**

******* ATENÇÃO**

Schofield consultou seu relógio.

Eram 10h43.

Vinte e dois minutos para que o mecanismo termonuclear do complexo fosse ativado.

E não tinham notícia alguma de Gant.

Merda!

— Há mais uma coisa — disse Book II. — Conseguimos reativar os geradores, mas a energia ainda está muito baixa. Reativamos dois sistemas, algumas redes de iluminação e o circuito fechado de televisão...

— E...?

— Dê uma olhada nisto.

Book apertou um interruptor, e um dos monitores do console se acendeu. Na tela, surgiu a imagem da sala de controle localizada no hangar principal.

Em pé, parado na sala totalmente destruída, encontrava-se César Russel. Olhava diretamente para a câmera, exatamente como fizera várias vezes naquela manhã.

Russel deu um sorriso forçado para a câmera.

Quando começou a falar, sua voz ribombou pelos alto-falantes da torre.

— Saudações, senhor presidente e povo dos Estados Unidos. Sei que é um pouco cedo para o meu boletim atualizado, mas como parece que, infelizmente, meu desafio chegou ao final, tenho certeza de que vocês não se importarão com meus comentários antecipados. Meus homens foram vencidos, e a minha causa, perdida. Eu poderia elogiar o presidente e seus valorosos guarda-costas pelos seus esforços, mas isso não é da minha natureza. Simplesmente deixo vocês com um último comentário: este país nunca mais será o mesmo, não depois de hoje...

Em seguida, César fez algo que gelou o sangue de Schofield.

Abriu o casaco de seu uniforme, mostrando o peito.

O queixo de Schofield caiu:

— Ai, não...

Sobre o peito de Russel se via uma longa cicatriz vertical, exatamente por cima do coração. Era a cicatriz de um homem que tinha sido submetido a uma cirurgia cardíaca em algum momento do passado.

César soltou um sorriso diabólico, com ar totalmente insano.

— Acertem meu coração, na esperança da minha morte — disse ele.

— De que diabos ele está falando? — comentou o presidente.

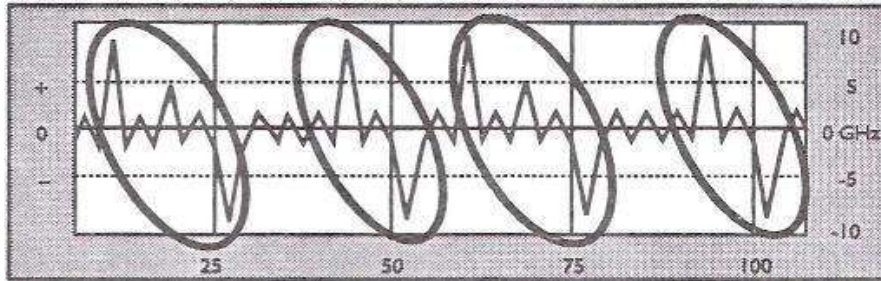
— Não estou entendendo mais nada.

Schofield ficou em silêncio.

Ele tinha entendido.

Tirou um pedaço de papel do bolso. Era a cópia que Brainiac imprimira quando eles ainda estavam no interior do AWACS, bem no início daquela trágica manhã; quando Schofield precisara de uma prova para se certificar de que um radiotransmissor tinha sido mesmo implantado no coração do presidente.

Schofield examinou o papel impresso: ainda tinha os círculos que Brainiac desenhara mais cedo.



Ele se recordava da explicação que Brainiac lhe dera e do diálogo travado entre eles:

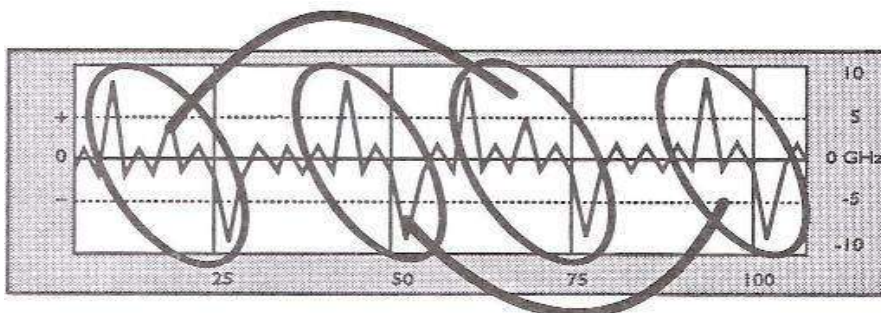
É uma clássica assinatura de reenvio. O satélite envia um sinal de busca — são as cristas no meridiano positivo, na altura dos 10 gigahertz —; em seguida, pouco depois, o receptor na Terra, pelo que parece o presidente, reenvia o sinal. São esses vales embaixo, no meridiano negativo...

... Busca e reenvio. Interferências à parte, o sinal de reenvio parece se repetir a cada 25 segundos.

— Interferências à parte... — repetiu Schofield, fixando o pedaço de papel no qual o diagrama estava impresso. — Infelizmente não se trata de uma interferência. São dois sinais distintos...

Pegou uma caneta no console e coligou os quatro círculos em dois grupos.

— Este gráfico indica dois padrões de sinal distintos — disse Schofield. — O primeiro e o terceiro. O segundo e o quarto.



— O que está dizendo? — perguntou o presidente.

— O que estou dizendo, presidente, é que o senhor não é o único homem neste complexo que tem um transmissor fixado no

coração. É o ás na manga de César, seu último recurso: ainda que perca a batalha, ele ganha a guerra. César Russel também tem um transmissor fixado no coração. Se ele morrer, as ogivas plantadas nos aeroportos explodem.

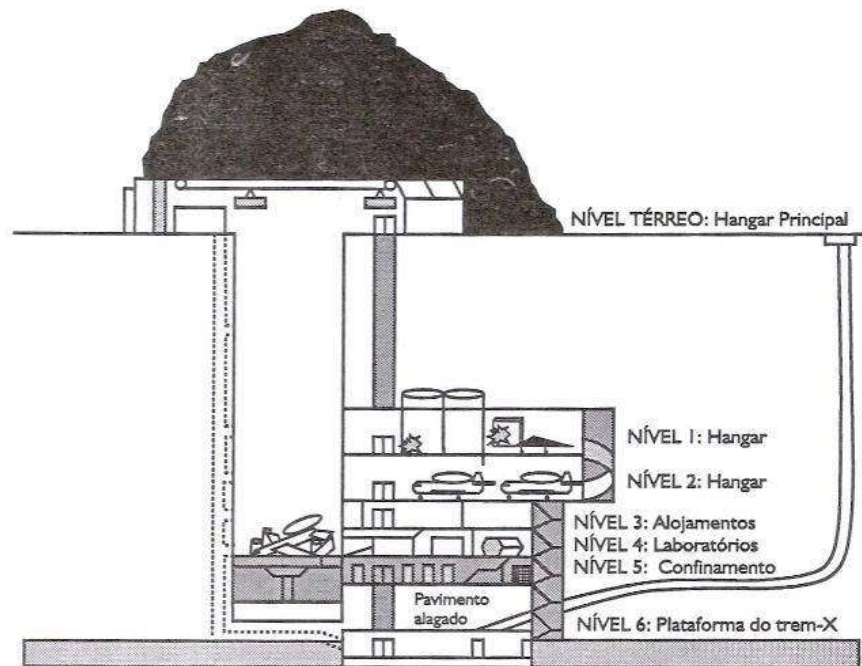
— Mas ele está no interior do complexo — disse Book II, com o rosto marcado pela dor. — E, daqui a exatos vinte minutos, os procedimentos de autodestruição vão ser iniciados.

— Eu sei — disse Schofield. — E ele também vai morrer. O que significa que terei de fazer algo que jamais pensei que fosse querer fazer: voltar para o inteiro da Área 7 e impedir que César Russel morra.

SÉTIMO CONFRONTO

3 de julho, 10h45

BASE DA FORÇA AÉREA
ÁREA ESPECIAL (RESTRITA) Nº 7
10h45



Schofield estava recolhendo todas as armas que estavam à mão.

Com Book II e Juliet feridos, ele sabia que teria de voltar sozinho para o interior da base.

Pegou o Maghook de volta com Book e enfiou-o no coldre da escopeta que mantinha sobre as costas. Também pegou a P-90 que Seth Grimshaw levava para fora do complexo. Restavam somente quarenta balas no carregador, mas isso era melhor do que nada. Meteu a pistola M9 de Book e sua própria Desert Eagle nos coldres das pernas. Por fim, trocou o microfone de pulso e o fone de ouvido, danificados pela água, pelas unidades de Juliet, que ainda funcionavam.

Book e Juliet permaneceriam no alto da torre, armados com uma P-90, para proteger o presidente, Kevin e o Futebol até que as

forças do Exército e dos fuzileiros chegassem à base.

Schofield pegou o telefone celular de Nicholas Tate e ligou para a operadora. A voz de Dave Fairfax surgiu um instante depois, interferindo na ligação.

— Sr. Fairfax, preciso de um favor.

— Qual?

— Preciso dos códigos de autorização para bloquear os procedimentos de autodestruição da Área 7. Mas imagino que você não os consiga nas páginas de um livro qualquer. Terá de entrar numa rede local e conseguir arrumá-los de alguma forma.

— Quanto tempo eu tenho? — perguntou Fairfax.

— Exatamente 19 minutos.

— Já estou começando.

Fairfax desligou.

Schofield enfiou um pente novo na M9. Enquanto fazia isso, um vulto surgiu ao seu lado.

— Também acho que ela ainda está viva — disse Kevin, sem preâmbulos.

Schofield observou o garoto durante alguns instantes, tentando compreender o que estava acontecendo.

— Como você sabe que eu estava pensando nela?

— Simplesmente sabendo. Eu sempre sei. Eu sabia que o Dr. Botha estava mentindo para os homens da Força Aérea. Logo soube que você era um homem bom. Não consigo saber exatamente o que as pessoas estão pensando, apenas o que elas estão sentindo. Neste momento você está preocupado com uma pessoa, alguém de quem você gosta. Uma pessoa que ainda está lá dentro.

— Foi dessa forma que você ficou sabendo que era eu que estava no ônibus espacial?

— Foi.

Schofield terminou de carregar as armas.

— E então, algum último palpite? — perguntou a Kevin.

— Eu a vi somente uma vez, quando vocês dois ficaram parados em frente ao meu quarto. Pude perceber somente uma coisa a respeito dela: ela realmente gosta de você. Por isso, acho que você devia salvá-la.

Um sorriso constrangido surgiu no rosto de Schofield.

— Obrigado.

Dito isso, ele desapareceu logo em seguida.

Schofield tentou a "porta de cima" em primeiro lugar.

Não teve sorte.

Provavelmente César tinha alterado o código manualmente.

Não havia tempo para que Fairfax o decifrasse.

Isso lhe deixava com uma única opção: o túnel da saída de emergência.

Schofield correu em direção ao Penetrator que César abandonara.

Eram 10h48 da manhã.

Dois minutos mais tarde, o helicóptero de César — agora pilotado por Schofield — aterrissou próximo à entrada da saída de emergência, levantando uma nuvem de poeira e areia.

Não tinha sido difícil encontrar a saída de emergência. O monomotor verde do Sr. Hoeg, ainda estava parado sobre o solo do deserto, marcava a localização exata de forma clara.

Schofield saltou do helicóptero preto antes mesmo que os rotores tivessem parado e começou a correr em direção ao túnel.

Saltou para dentro da trincheira arenosa e desapareceu correndo através da porta de aço que ficava na entrada.

Eram 10h51 quando Schofield surgiu nos trilhos escurecidos do trem-X, no Nível 6, empunhando sua arma.

A estação ferroviária estava imersa numa escuridão impenetrável. O fecho de luz que saía da lanterna fixada no cano da P-90 era a única fonte de luz.

Ele viu os corpos espalhados à sua frente, verdadeiras sombras na luz pálida. Eram os remanescentes das batalhas travadas naquele dia.

Força Aérea versus Serviço Secreto.

Sul-africanos versus Força Aérea.

Schofield e seus fuzileiros versus Força Aérea.

Jesus Cristo...

Mas havia uma outra coisa que o afligia. Kevin, naturalmente, estava certo. Além de salvar César Russel, Schofield tinha um motivo "pessoal" para entrar novamente na Área 7.

Ele queria encontrar Libby Gant.

Não sabia o que tinha acontecido com ela depois da explosão da granada de Sinovírus no hangar principal, mas se recusava a acreditar que Gant estivesse morta.

Schofield levou o microfone de pulso até os lábios.

— Gata. Gata. Você está aí? Aqui é o Espantalho. Estou de volta no interior da base. Você pode me ouvir?

Em algum lugar escuro, no interior da Área 7, Libby Gant se mexeu ao ouvir uma voz invadindo seus sonhos.

— ...pode me ouvir?

Ficara inconsciente por cerca de uma hora e não tinha a menor idéia de onde se encontrava ou do que lhe acontecera.

Suas últimas lembranças eram aquelas da sala de controle. Estava vendo algo importante, mas depois, repentinamente... nada.

Enquanto piscava os olhos para despertar, reparou que ainda estava vestindo o traje pressurizado amarelo. Não estava mais com o capacete, que fora removido.

Foi somente então que Gant se deu conta da dor nos ombros. Arregalou os olhos... e um gelado calafrio percorreu sua espinha.

Ela estava amarrada a duas traves de aço cruzadas de modo a formar um grande "X". Seus pulsos estavam presos no alto, bem acima da cabeça, como num crucifixo, fixados com uma espessa fita adesiva na trave posicionada transversalmente. Um pedaço de fita enrolado em sua garganta a mantinha presa à junção do "X". Os tornozelos também estavam amarrados com fita adesiva na base da cruz.

Gant começou a respirar muito rapidamente.

Que diabos estava acontecendo?

Era prisioneira de alguém.

Amarrada àquela espécie de cruz, totalmente indefesa e aterrorizada, Gant começou a recobrar os sentidos. Conseguiu dar

uma olhada ao redor para tentar entender onde se encontrava.

A primeira coisa que notou foi que não havia iluminação elétrica. Três pequenas fogueiras iluminavam a área próxima a ela.

Foi na soturna luz das fogueiras que Gant conseguiu ver Hagerty.

O coronel Hot Rod Hagerty estava à sua direita, igualmente "crucificado". Com as pernas presas na altura do chão e os braços esticados na sua própria cruz. Seus olhos estavam fechados, e a cabeça, inclinada. Ele gemia a cada intervalo de poucos segundos.

Gant continuava a observar a sala à sua volta.

Encontrava-se imobilizada debaixo de uma espécie de sacada, num lugar escuro e sombrio. No espaço aberto à sua frente, conseguiu ver uma estrutura elevada parecida com um palco. Alguns brinquedos estavam espalhados perto do palco, em meio a cacos de vidro.

Parecia que aquela estrutura tinha sido anteriormente cercada por paredes de vidro. Mas aquilo não era um palco.

Gant finalmente entendeu onde se encontrava.

Estava na parte do laboratório que abrigava o cubo esterilizado de Kevin. Naquele momento, estava exatamente debaixo do laboratório de observação.

Foi então que viu uma terceira figura crucificada na sala e resfolegou com repugnância.

Era o coronel Jerome Harper, o coronel da Força Aérea.

Ou o que restava dele.

Ele estava à esquerda de Gant, também debaixo do laboratório de observação. Tinha os braços presos a uma trave posicionada acima da cabeça. A cabeça estava inclinada para a frente no limite máximo permitido pela fita adesiva amarrada ao redor de sua garganta.

Mas tinha sido a parte inferior do seu corpo que chamara a atenção de Gant, deixando-a em pânico.

Harper estava sem as pernas.

Tinham sido cortadas.

Tudo o que se encontrava abaixo da linha da cintura do coronel tinha sido brutalmente cortado — como se fosse a carcaça de um

animal num abatedouro —, e agora só restava uma gigantesca fatia de carne crua na altura dos quadris. De fato, toda a região da cintura de Harper reduzia-se a uma imundície ensangüentada que terminava na base de sua coluna.

Era a coisa mais nojenta que Gant tinha visto em toda a vida.

Seus olhos percorriam a sala, dando-lhe a noção exata da gravidade da situação.

Estava nas mãos de um monstro. Um indivíduo que, até aquele dia, era um prisioneiro na Área 7.

Lúcifer Leary.

O "Cirurgião de Fênix".

O serial killer que tinha aterrorizado os pontos de carona da rodovia interestadual que ligava Las Vegas a Fênix. O ex-estudante de medicina que seqüestrava suas vítimas, levava-as para casa e depois comia seus membros diante delas.

Gant continuava a olhar em volta, aterrorizada.

Ela se recordou que Leary era um homem de grandes dimensões. Tinha pelo menos dois metros de altura e uma tenebrosa tatuagem no rosto. Mas, felizmente, não estava ali naquele momento.

Salvo Harper, Hagerty e ela mesma, a área de observação estava totalmente vazia.

E isso, muito estranhamente, tornava a atmosfera ainda mais inquietante.

Schofield seguiu em direção à escada situada na extremidade leste do Nível 6.

Tinha que chegar à sala de controle do hangar principal e digitar os códigos para evitar o acionamento do mecanismo de autodestruição antes das 11h05. Caso não conseguisse fazer isso, teria que capturar César e retirá-lo da Área 7 antes que a ogiva explodisse às 11h15.

Ele abriu a porta da escada...

...e se encontrou diante de um enorme urso negro, que se apoiou nas patas traseiras, mostrou as imensas garras e rugiu alto na sua direção!

Schofield recuou agilmente e foi para trás da plataforma do trem-X, enquanto a família de ursos caminhava em fila indiana para fora da entrada da escada: papai urso, mamãe urso e três filhotes.

Nicholas Tate tinha razão.

Havia mesmo ursos à solta.

Papai urso pareceu farejar algo no ar por um instante. Em seguida, seguiu para oeste, na direção da outra extremidade da estação subterrânea, acompanhado pela família.

Assim que se afastaram alguns metros, Schofield correu para a porta da escada.

Dave Fairfax digitava freneticamente o teclado de seu supercomputador.

Depois de trabalhar durante cinco minutos, o computador encontrou um número base para o código de cancelamento do mecanismo de autodestruição da Área 7.

Não deixava de ser um progresso, considerando-se o pouquíssimo tempo de trabalho. Havia somente um problema.

O número tinha 640 milhões de dígitos.

Fairfax voltou ao trabalho.

10h52

Schofield subia a escada na semi-escuridão, enquanto o raio de sua lanterna seguia oscilando.

Enquanto corria, Schofield tentava se comunicar com Gant através das ondas sonoras.

— Gata, aqui é Espantalho. Você consegue me ouvir? — sussurrou ele. — Repito, Gata, aqui é Espantalho...

Nenhuma resposta.

Ele passou pela porta de incêndio que dava para o Nível 5, de onde continuavam a espirrar finos jatos de água. Schofield prosseguiu. Chegou no Nível 4, onde ficava o laboratório, mas passou correndo pela porta aberta, continuando a subir.

Na outra extremidade do Nível 4, Gant ouviu aquela voz novamente. Tinha um som metálico e parecia muito distante.

— Repito, Gata, aqui é Espantalho...

Espantelho...

A voz saía do fone de ouvido de Gant, que tinha caído de sua orelha e agora balançava um pouco mais abaixo. Devia ter se soltado quando fora golpeada na cabeça e depois desmaiara.

Gant olhou para o pulso esquerdo, que estava amarrado com fita adesiva a um dos braços da cruz, acima da sua cabeça.

Tinha ainda o microfone do Serviço Secreto preso no pulso, mas não havia modo de levá-lo até a boca. Infelizmente, aquele microfone só captava a voz a uma curta distância.

Ela começou a bater com um dos dedos na parte de cima do microfone.

Schofield chegou à porta antifogo atrás da qual se encontrava o Nível 2.

Parou repentinamente.

Tinha ouvido uma estranha seqüência de batidas em seu fone de ouvido.

Taap-taap-tap. Taap-taap. Taap. Tap-taap. Taap...

Batidas longas e curtas.

Código Morse.

Morse que significava: — G-A-T-A. G-A...

Fox, é você? Uma batida para não, duas batidas para sim.

Tap-tap.

— Você está bem?

Tap.

— Onde está você? Indique o número do andar com batidas.

Tap-tap-tap-tap.

10h53

Schofield irrompeu através da porta antifogo do Nível 4. Esquadrinhava a área de descompressão diante do cano de sua arma.

Estava escuro.

Muito escuro.

Aquela parte do pavimento estava totalmente deserta. A câmara de descompressão se achava vazia, assim como as câmaras de teste situadas defronte e as passarelas suspensas. Mas a porta de correr horizontal embutida no piso, que levava ao setor dos prisioneiros no Nível 5, ainda estava aberta.

A água no Nível 5 tinha subido consideravelmente nas últimas horas. Agora, o líquido escuro lambia o piso do Nível 4, fazendo com que a abertura horizontal parecesse uma pequena piscina retangular.

O Nível 5, pelo menos ao que parecia, estava totalmente submerso.

Schofield passou ao lado da piscina. Alguma coisa se moveu com velocidade nas águas negras. Schofield virou-se num reflexo condicionado, iluminando a água com a lanterna fixada no cano do fuzil, mas, o que quer que fosse, já tinha desaparecido.

A situação era realmente crítica: o complexo imerso na escuridão, os ursos vagando pelas escadas, César e Logan em algum lugar ali dentro, água por todos os lados, isso sem falar na possibilidade de encontrar mais prisioneiros.

Ele chegou à parede que dividia o Nível 4 em duas seções, abriu a porta, ergueu sua arma...

...e imediatamente iluminou Gant na outra extremidade do pavimento, depois dos restos do cubo no qual Kevin vivera até aquele dia. Estava presa a uma bizarra cruz de aço.

Schofield atravessou a sala correndo e caiu de joelhos diante de Gant, soltando a P-90 no chão. Envolveu carinhosamente as mãos de Gant nas suas e, sem nem mesmo refletir, beijou-a nos lábios.

Inicialmente, Gant ficou um pouco atônita, mas logo compreendeu o que estava acontecendo e correspondeu ao beijo.

Quando terminou, Schofield percebeu os dois homens presos nos lados de Gant.

Primeiramente, viu Hagerty, totalmente rígido e igualmente crucificado. Em seguida, viu o cadáver do coronel Harper: os pedaços rosados de carne crua na altura do baixo-ventre e a parte final da espinha dorsal exposta.

— Meu bom Jesus... — sussurrou ele.

— Vamos — disse Gant. — Não temos muito tempo, ele logo vai voltar.

— Quem? — Schofield tinha começado a soltar a fita adesiva ao redor da garganta dela.

— Lúcifer Leary.

— Ai, merda... — Schofield começou a trabalhar freneticamente. Finalmente, conseguiu soltar a fita em torno do pescoço de Gant,

Estava começando a soltar os pulsos dela, quando...

...um forte ruído mecânico estrondou pela sala.

Schofield e Gant olharam em volta, com os olhos arregalados.

— O elevador de aeronaves... — disse Schofield.

— Ele deve ter ido lá para cima — sussurrou Gant —, e agora está descendo. Vamos...

Schofield tentava febrilmente soltar a fita adesiva amarrada ao redor do pulso esquerdo de Gant, mas o nó estava muito apertado. Isso estava demorando muito...

Ele olhou em torno procurando por cacos de vidro próximos ao quarto de Kevin, cacos que poderiam ser usados para cortar a fita adesiva. Viu alguns e foi apanhá-los; logo começou a fazer uma seleção, procurando por um suficientemente afiado. Tinha encontrado um caco no exato momento em que Gant gritou: Espantalho! Schofield virou-se...

...e se viu diante de um sujeito extremamente alto e de ombros largos.

Schofield ficou paralisado.

O homem permanecia parado diante dele, a menos de um metro de distância, com o rosto encoberto pela escuridão e totalmente imóvel. Era bem maior que Schofield e o observava silenciosamente. Schofield nem mesmo o ouvira aproximar-se.

— Você sabe por que a fuinha nunca assalta o ninho do jacaré? — perguntou o sujeito espectral. Schofield não conseguia nem mesmo ver os movimentos da sua boca.

Schofield engoliu em seco.

— Porque — continuou o sujeito — ela nunca sabe quando o jacaré vai voltar.

Pouco depois, o gigante deu um passo em direção à luz de uma das fogueiras...

...e Schofield viu o rosto mais assustador e mal-encarado de toda a sua vida. O rosto tinha grandes dimensões — assim como o resto do corpo —, e uma medonha tatuagem negra cobria inteiramente o lado esquerdo. Era uma tatuagem que reproduzia cinco cortes deixados pelas garras de um animal feroz.

Lúcifer Leary.

Ele era realmente enorme: tinha pelo menos dois metros de altura, imensos ombros musculosos e gigantescas pernas parecidas com troncos de árvores. Era quase vinte centímetros mais alto do que Schofield. Vestia as calças jeans que faziam parte do uniforme de prisioneiro e uma camisa azul-celeste com as mangas cortadas. Os olhos negros não demonstravam nenhuma espécie de sentimento humano: eram apenas duas órbitas negras vazias que observavam Schofield.

Em seguida, Leary abriu a boca e sorriu de forma ameaçadora, revelando dentes amarelados e imundos.

O efeito era quase hipnótico.

Schofield lançou um rápido olhar para trás, na direção de Gant, para a P-90 que estava no chão, na frente dela. Com um movimento ágil, sacou as duas pistolas do coldre.

As armas mal saíram de seus coldres. Leary tinha antecipado o movimento.

Rápido como uma cascavel, ele investiu para a frente e envolveu os pulsos de Schofield no momento que suas mãos alcançaram os cabos das armas.

Depois, começou a apertar.

Schofield nunca sentira uma dor tão intensa em toda a sua vida. Caiu de joelhos, rangendo os dentes. Seus pulsos estavam sendo esmagados pelas gigantescas patas de Leary. O fluxo de sangue para as mãos foi interrompido. Parecia que seus dedos, inchados e avermelhados, estavam para estourar.

Ele soltou as pistolas, que caíram ruidosamente no chão. Leary chutou-as para longe.

Depois, o gigante agarrou Schofield pelo pescoço e levantou-o do chão, em seguida arremessou-o em direção ao que restava do cubículo de Kevin.

Schofield aterrissou violentamente com as costas no chão e seguiu deslizando para trás, através de fragmentos de vidro, até colidir contra o lado da parede que tinha permanecido intacta. O vidro explodiu, ao mesmo tempo em que Schofield caiu da parte elevada do cubículo, debaixo de uma chuva de cacos de vidros.

Lúcifer seguiu-o, dando a volta pelo tablado. Esmagava cacos de vidro a cada passo que dava.

Schofield tentava desesperadamente se levantar, mas, poucos segundos depois, Leary o alcançou.

O gigantesco assassino ergueu Schofield do chão, segurando-o pelo uniforme de combate, e deu-lhe um violento soco no rosto com a mão livre. A cabeça de Schofield chegou a estalar com a força da pancada.

Gant só podia observar impotente a surra que Lúcifer estava aplicando em Schofield. Ainda tinha as mãos firmemente amarradas na cruz, a poucos centímetros da P-90 que Schofield deixara cair.

A luta limitava-se a um único combatente.

Schofield desmontou no chão após alguns socos de Lúcifer.

Lúcifer foi em direção a Schofield enquanto este lutava para se levantar.

Abaixou-se e agarrou Schofield; em seguida, arremessou-o através da porta que dividia o Nível 4. Schofield ficou caído no piso da área de descompressão, ensangüentado e sem fôlego.

Lúcifer foi atrás dele.

Depois de um chute violento, Schofield rolou até a borda da porta horizontal embutida no pavimento, que estava cheio d'água.

Naquele exato instante, inesperadamente, uma gigantesca cabeça de réptil irrompeu da água e investiu contra a cabeça de Schofield.

Schofield desviou-se por puro reflexo, evitando as ágeis mandíbulas no momento em que elas se fechavam a um centímetro

de seu rosto.

Jesus!

Era um dragão-de-comodo. O maior lagarto do mundo, famoso por devorar seres humanos. O presidente tinha comentado que alguns espécimes eram mantidos na base, junto com ursos Kodiak, confinados em jaulas no Nível 5. Eram utilizados nos testes do projeto do Sinovírus.

Provavelmente, as trancas elétricas de suas jaulas também não tinham resistido ao corte de energia.

Quando viu o dragão-de-comodo na piscina, Leary parou, estampando um leve sorriso diabólico em seu rosto horrendo.

Levantou Schofield do chão e segurou-o pouco acima da piscina infestada de répteis.

Enquanto debatia as pernas e tentava agarrar os enormes punhos de Leary, Schofield viu os vultos escuros, parecidos com jacarés, de pelo menos dois dragões se contorcendo na água abaixo.

Ato contínuo, sem nem mesmo parar para tomar fôlego, Lúcifer soltou Schofield dentro da piscina.

Schofield desapareceu na água com uma explosão de espuma. Lúcifer deu uns passos e apertou um botão localizado no chão, ao lado da entrada. A porta começou a deslizar rapidamente sobre as marolas que marcavam o lugar exato no qual Schofield tinha mergulhado.

Alguns instantes depois, a extremidade da porta se encaixou no batente.

Ka-chunk.

A porta estava selada.

Lúcifer soltou uma espécie de gargalhada gutural quando ouviu o barulho dos punhos de Schofield esmurrando a porta de correr pelo outro lado. A essa altura, os dragões já deviam estar atacando o fuzileiro idiota.

Lúcifer sorriu.

Pouco depois, deu meia-volta e seguiu na direção da outra extremidade do Nível 4, onde os prazeres de mutilar uma bela militar o aguardavam.

Libby Gant começou a ofegar aterrorizada ao ver Lúcifer Leary voltar sozinho para o laboratório de observação do Nível 4.

Não.

Lúcifer Leary não poderia ter...

Não...

O gigantesco serial killer caminhava calmamente através do espaçoso ambiente parecido com um hall. Ele abaixou a cabeça e seus olhos se fixaram em Gant.

Ajoelhou-se diante dela, aproximando seu rosto ao de Gant. Seu hálito era horrendo: fedia a carne humana ingerida.

Ele passou a mão no seu cabelo.

— Que vergonha, que vergonha — trinou ele, com voz de falsete. — Seu príncipe encantado não era o bravo guerreiro que achava que fosse. Isso agora nos deixa livres para... nos conhecermos melhor.

— Provavelmente isso não será possível — disse uma voz vinda de trás do gigante.

De pé, na entrada da área de descompressão, com água pingando por todo o corpo, encontrava-se Shane Schofield.

— Você vai ter que se livrar de mim, antes de encostar um dedo nela — disse Schofield, em tom de ameaça.

Lúcifer soltou um rugido e, com um movimento rapidíssimo, apanhou a P-90 de Schofield no chão. Em seguida, deu uma longa rajada.

Mas Schofield tinha dado um passo para o lado, protegendo-se atrás da divisória e ficando fora do campo de visão do atirador. A parede divisória na altura da porta ficou crivada de balas.

Poucos segundos depois, entretanto, a arma ficou sem munição. Lúcifer arremessou-a para longe e atravessou correndo o laboratório em direção à área de descompressão.

A porta horizontal estava novamente aberta, e pequenas marolas batiam contra suas bordas. As silhuetas dos dragões-de-comodo podiam ser vistas debaixo da superfície remexida da piscina.

Por alguma estranha razão, os répteis não tinham matado Schofield.

Foi neste momento que Lúcifer viu Schofield, parado junto à câmara de descompressão, à direita da piscina.

Investiu contra ele, desferindo-lhe um violento soco com a direita.

Schofield esquivou-se, evitando o golpe. Agora, ele estava mais calmo e controlado. Não seria mais apanhado de surpresa. Além disso, já sabia do que Lúcifer era capaz.

Lúcifer girou e atacou novamente. Mais um golpe que acertou o ar. Schofield puniu o erro com uma forte pancada no rosto de Lúcifer.

Crack.

O nariz foi instantaneamente quebrado.

Lúcifer parecia mais surpreso do que abalado. Tocou com os dedos no sangue que escorria de seu nariz como se aquilo fosse uma substância alienígena, como se nenhum outro homem o tivesse machucado antes.

Schofield não perdeu tempo e acertou-o novamente com um poderosíssimo golpe que fez com que o gigante, pela primeira vez, perdesse momentaneamente o equilíbrio.

Novamente, agora com mais força, fazendo com que Lúcifer cambaleasse para trás.

Novamente, outro passo para trás.

Novamente— o golpe mais violento que Schofield jamais desferira —, e o calcanhar de Lúcifer tocou a borda da piscina. Estava para se virar, quando Schofield o acertou no nariz, fazendo com que o gigante perdesse completamente o equilíbrio e caísse para trás...

...na piscina infestada de dragões-de-comodo.

Lúcifer atingiu a água com uma forte pancada. Mal a espuma tinha se dissolvido, os dragões já estavam em cima dele. Pululavam por cima do corpo, que se transformara numa massa retorcida de pele de réptil. Garras e caudas espalhavam-se para todos os lados. No meio disso tudo, os pés de Lúcifer podiam ser vistos se debatendo ao som de seus gritos de agonia.

A piscina repentinamente adquiriu uma enjoativa tonalidade de vermelho, e as pernas de Lúcifer ficaram inertes. Os répteis continuavam a devorar o seu corpo.

Schofield ficou enjoado com a cena, mas se alguém merecia morrer de forma tão terrível e dolorosa, esse homem era Lúcifer Leary.

Pouco depois, Schofield apertou o botão que fechava a porta embutida no pavimento e correu de volta para Gant, tentando esquecer o que acabara de assistir.

10h59

Um minuto depois, Gant estava desamarrada e de pé junto a Schofield, que cortava as fitas que prendiam Hot Rod Hagerty à cruz. Ele estava em estado de choque.

Gant comentou:

— Sabe, esse aniversário foi realmente um saco.

Ela fez um sinal em direção à área de descompressão.

— O que aconteceu ali? Achei que Leary tivesse...

— O filho-da-mãe me jogou numa piscina cheia de dragões-de-comodo — disse Schofield.

— E como foi que você escapou?

Schofield mostrou seu Maghook.

— Aparentemente, os répteis são excepcionalmente suscetíveis a descargas magnéticas. Fiquei sabendo desse pequeno fato somente esta manhã, por meio de um garotinho chamado Kevin. De modo que, quando ativei meu Maghook, eles não quiseram se aproximar de mim. Depois, abri a porta por dentro e voltei atrás de você. Infelizmente, Lúcifer não possuía um gancho magnético quando caiu lá dentro.

— Ótimo — disse Gant. — Realmente ótimo. Mas onde estão o presidente e Kevin?

— Estão a salvo. No lado de fora do complexo.

— Então por que você está aqui dentro?

Schofield consultou seu relógio.

Eram exatamente 11 horas.

— Por duas razões. Primeiro, porque dentro de exatamente cinco minutos, o mecanismo de autodestruição deste complexo vai ser ativado. Dez minutos mais tarde, este lugar vai se transformar numa nuvem de poeira radioativa. Não podemos permitir que isso aconteça enquanto César Russel estiver aqui dentro. Portanto, ou impedimos que a bomba seja detonada, ou levamos César Russel para fora daqui antes que isso aconteça.

— Espere um momento, nós temos que salvar César? — perguntou Gant.

— Parece que nosso anfitrião decidiu colocar um chip de rádio no próprio coração, da mesma forma como fez com o presidente. Se ele morrer, o país também morre.

— Filho-da-puta! — exclamou Gant. — E qual é a segunda razão?

O rosto de Schofield ficou levemente enrubescido.

— Eu queria encontrá-la.

O rosto de Gant se iluminou, mas, como se isso não tivesse importância, ela disse:

— Podemos falar sobre isso mais tarde.

— Acho que seria uma boa idéia — disse Schofield.

Neste meio tempo, Hagerty se livrava de suas amarras, piscando os olhos para tentar sair do estupor.

— O que você acha de conversarmos sobre esse assunto num encontro a dois?

Gant soltou um risinho.

— Acho ótimo!

11h01

Schofield e Gant subiam velozmente a bordo do mini-elevador através do poço principal. Agora, as únicas armas de que dispunham eram as pistolas de Schofield. Gant estava com a M9, o capitão com a Desert Eagle.

Schofield tinha mandado Hagerty ir para o Nível 6, a fim de escapar pelo túnel da saída de emergência. Depois de ver o corpo do coronel Harper serrado ao meio, Hagerty não discutira. Ficava contente em poder deixar o mais rápido possível a Área 7.

— Não sei se conseguiremos desarmar o mecanismo de autodestruição — disse Gant, enquanto Schofield injetava-lhe uma dose da vacina contra o Sinovírus, para protegê-la da presença do vírus no hangar contaminado. — Temos de digitar os códigos antes das 11h05, para desativá-lo, e não conhecemos nenhum deles.

— Estamos trabalhando nisso — disse Schofield, tirando o telefone celular do bolso. Ele apertou a tecla de rediscagem, e a voz de Fairfax imediatamente surgiu na linha.

— Sr. Fairfax, como andam as coisas?

— O código para interromper o procedimento de autodestruição é 10502— disse Fairfax. — Invadi o sistema pela retaguarda, com um código-fonte. Foi assim que consegui obtê-lo. Vem a ser o número de operação de um dos chefões deste lugar, um coronel da Força Aérea, chamado Harper.

— Acho que ele não vai precisar mais utilizá-lo — disse Schofield. — Muito obrigado, Sr. Fairfax. Caso eu consiga sair vivo daqui, vou pagar-lhe uma cerveja qualquer dia desses.

Ele desligou o telefone e se virou para Gant.

— Certo. Chegou o momento de desativarmos essa bomba-relógio nuclear. Depois, só precisaremos capturar César vivo.

Continuavam a subir na escuridão do poço.

Acima deles, avistava-se a grande abertura em forma de quadrado, situada no andar térreo, que estava ligeiramente iluminada pela luz alaranjada das fogueiras.

Tinham descoberto que Lúcifer Leary levava a plataforma do elevador de aeronaves até o Nível 4. Quando chegaram no poço do elevador, vindos do laboratório de observação, Schofield e Gant encontraram a gigantesca plataforma parada bem diante deles, com nada menos do que 15 corpos empilhados — prisioneiros, soldados do 7o Esquadrão, fuzileiros e membros do staff da Casa Branca —, cadáveres que Leary, sem dúvida alguma, planejava desmembrar das formas mais estranhas e bizarras.

Enquanto viajavam rapidamente para cima, Gant estendeu o braço por debaixo da plataforma em movimento e pegou o Maghook, que ela deixara fixado ali mais cedo.

— Prepare-se — disse Schofield.
Estavam chegando ao hangar principal.

O hangar parecia uma visão do inferno.
Literalmente.

Fogueiras ardiam em vários pontos, banhando o lugar com um lúgubre brilho alaranjado. Cadáveres jaziam por todos os lados.

Diversas espécies de escombros entulhavam a área: fragmentos de helicópteros explodidos, veículos destruídos e os restos da barricada que tinha sido erguida pelos soldados da unidade Bravo.

Parecia que absolutamente nada tinha escapado ileso.

As janelas inclinadas da sala de controle estavam quebradas. Até mesmo uma das gigantescas plataformas de madeira presa num dos guindastes sobre trilhos do teto tinha sido atingida por pedaços da hélice do Nighthawk 2.

Entretanto, um objeto permanecia surpreendentemente intocado pela destruição do dia.

O Marine One.

Ainda estava parado no mesmo lugar, no lado oeste do poço do elevador de aeronaves, milagrosamente intacto.

Quando o elevador parou com um solavanco no interior do hangar, Schofield e Gant olharam cautelosamente ao redor.

11h02

- O computador que controla o mecanismo de autodestruição fica na sala de controle — disse Gant.

- Então é para lá que vamos — disse Schofield, caminhando em direção ao pequeno edifício.

- Espere um minuto — disse Gant, parando repentinamente e esquadrihando com os olhos o entulho em torno deles.

— Não temos um minuto! — exclamou Schofield.

- Então vá você — disse Gant. — Avise-me se precisar de ajuda. Tenho uma coisa para resolver antes.

- Tudo bem — disse Schofield, prosseguindo em direção ao edifício.

Gant se ajoelhou e começou a remexer o chão no meio dos cadáveres e do entulho espalhados nas proximidades do mini-elevador.

Schofield irrompeu correndo no andar térreo do edifício, empunhando sua Desert Eagle apontada para a frente.

Subiu voando as escadas em direção ao segundo andar. Pela primeira vez naquela maldita manhã, ele sentia que estava verdadeiramente com o controle da situação. Tinha o código para interromper a autodestruição da base, 10502. Tudo que tinha a fazer era digitá-lo no computador e desarmar a ogiva.

Depois, teria bastante tempo para encontrar César, que tinha ficado sozinho, antes que ele se matasse. Devia arrancá-lo da Área 7 e entregá-lo nas mãos da justiça.

11h03

Schofield chegou à porta da sala de controle e abriu-a com a arma apontada para a frente.

E ficou totalmente surpreso com o que viu.

No meio da sala de controle totalmente destruída, sentado numa cadeira giratória, estava César Russel. Parecia estar esperando pela chegada de Schofield.

Sempre acreditei que você retornaria — disse César.

Estava desarmado.

— Sabe, capitão. Um homem como você acaba desperdiçado neste país. Você é inteligente, corajoso... capaz de fazer tudo que for possível para vencer, até mesmo coisas bizarras e ilógicas, como a que está prestes a fazer neste momento: salvar-me. Você e seus esforços jamais serão reconhecidos pelos ignorantes que governam esta nação. Essa é a razão pela qual — ele suspirou — não posso deixar de lamentar a sua morte.

Foi naquele exato instante que Schofield ouviu uma arma sendo engatilhada próximo à sua cabeça.

Schofield virou-se...

...e viu o major Kurt Logan parado atrás dele. Tinha uma SIG-Sauer prateada apontada para a sua têmpora.

11h04.

— Vamos, entre — disse César. — Entre na sala.

Logan apanhou a Desert Eagle de Schofield, enquanto os dois entravam na sala de controle destruída.

— Venha ver a sentença de morte dos Estados Unidos — César acenou na direção de uma tela iluminada atrás dele. Era igual àquela que Schofield tinha visto na torre de controle da pista de aterrissagem. Estava escrito:

**PROTOCOLO DE FECHAMENTO S.A.(R) 7-A
HISTÓRICO DO SISTEMA DE SEGURANÇA
7-3-468201103**

***** ATENÇÃO

**PROTOCOLO DE EMERGÊNCIA ATIVADO. CASO NÃO SEJA
INSERIDO UM CÓDIGO DE PROLONGAMENTO DE
FECHAMENTO OU UM CÓDIGO DE ANULAÇÃO ATÉ AS 11:05,
A SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO DA BASE SERÁ
ATIVADA.**

**DURAÇÃO DA SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO: 10
MINUTOS.**

***** ATENÇÃO

Schofield viu um relógio em contagem progressiva num dos cantos da parte de baixo da tela do computador.

11:04:29

11:04:30

11:04:31

— Tique-taque, tique-taque — disse César, deleitando-se. — Deve ser mesmo muito frustrante para você, capitão. Agora não existe nenhum plano mirabolante para salvá-lo, nenhum ônibus espacial, nenhuma saída secreta. Uma vez ativada a seqüência de autodestruição, com dez minutos de duração, nada poderá detê-la.

Eu vou morrer, você vai morrer, e os Estados Unidos vão morrer conosco.

O relógio da tela continuava sua contagem progressiva. Vigiado por Logan, tudo que Schofield podia fazer era observar impotente o relógio aproximar-se das 11h05. 11:04:56

11:04:57

Schofield cerrou os punhos em sinal de raiva e frustração.

E pensar que ele tinha o código! Conhecia-o! Mas não podia utilizá-lo. E onde diabos estava Gant? O que ela estava fazendo?

11:04:58

11:04:59

11:05:00

— Pronto, começou — sorriu César.

— Mas que merda — sussurrou Schofield.

O computador passou a emitir um bip.

PROCOLO DE FECHAMENTO S.A.(R) 7-A SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO DA BASE ATIVADA. 10 MINUTOS PARA A EXPLOSÃO.

Uma contagem regressiva foi iniciada na tela.

10:00

9:59

9:58

Instantaneamente, um batalhão de luzes vermelhas, alimentadas por pilhas, começou a piscar por todo o complexo: no interior do hangar principal, no poço do elevador de aeronaves e até mesmo dentro da sala de controle.

Uma voz gravada ecoou pelos alto-falantes do sistema de emergência da base.

— Atenção! Dez minutos para a autodestruição da base...

No mesmo instante em que foram iluminados pelas luzes intermitentes vermelhas, Schofield percebeu que Kurt Logan tinha desviado o olhar, por um átimo de segundo, para observar as luzes.

Schofield agarrou a oportunidade.

Jogou-se em cima de Logan, fazendo com que ambos se chocassem contra o console de um computador.

Logan tentou apontar a pistola novamente, mas Schofield segurou-lhe o pulso e bateu com toda força contra o console, fazendo com que soltasse a arma.

César permanecia sentado, com um sorriso de satisfação, assistindo com prazer à luta que se desenrolava à sua frente.

Schofield e Logan brigavam com violência, iluminados pela luz vermelha de emergência. Pareciam imagens refletidas num espelho: dois soldados de elite que tinham estudado pelos mesmos manuais; trocavam golpes idênticos, empregando as mesmas técnicas de defesa.

Schofield, porém, estava exausto por causa de seu encontro anterior com Lúcifer e foi castigado sem piedade por Logan, depois de ter errado um golpe.

Logan se abaixou para se esquivar do golpe de Schofield e agarrou-o pela cintura, tirando-o do chão. Empurrou-o para trás, em direção às janelas quebradas da sala de controle.

Schofield passou direto através da janela e começou a voar pelos ares, caindo com as costas voltadas para o chão. Fechou os olhos, esperando pelo violento impacto com o solo, dez metros abaixo.

Algo que jamais aconteceu.

Sua queda foi muito mais breve do que o previsto.

Pam!

Schofield bateu com as costas contra uma superfície de madeira áspera, que oscilou com o peso de seu corpo.

Ele abriu os olhos.

Estava deitado em cima de uma das enormes plataformas de madeira que ficavam suspensas pelos guindastes do sistema de trilhos, que percorria o teto do hangar principal.

A plataforma se achava parada bem próxima da sala de controle, e o guindaste estava ligeiramente voltado para a esquerda, para não obstruir a visão do hangar.

Um triângulo formado por espessas correntes conectava a pesada plataforma ao sistema de trilhos do teto, dois metros acima

de Schofield. As correntes eram mantidas coligadas por um mecanismo anelar movido por uma mola, parecido com o fecho circular de uma gargantilha.

Preso ao mecanismo anelar havia um pequeno comando com três botões, que permitiam conduzir a plataforma para a frente e para trás ao longo dos trilhos.

Repentinamente, a plataforma oscilou violentamente. E Schofield levantou a cabeça para ver que Kurt Logan tinha saltado sobre a superfície da plataforma, vindo atrás dele.

Abaixo, no pavimento do hangar, Libby Gant tinha acabado de encontrar aquilo que procurava, quando ouvira o barulho de vidro se quebrando. Levantara a cabeça e vira Schofield voando por cima de uma das janelas da sala de controle e aterrissando violentamente numa plataforma de madeira que estava suspensa no teto do hangar.

Um átimo depois, vira Kurt Logan saltar pela janela e pousar tranqüilamente na plataforma.

— Não... — sussurrou Gant.

Sacou sua pistola, mas uma rajada de balas repentinamente atingiu o piso em torno dela.

Gant mergulhou instintivamente no chão, protegendo-se atrás de dois cadáveres. Quando finalmente conseguiu levantar a cabeça, pôde ver César Russel apoiado numa das janelas da sala de controle, com uma P-90 nas mãos e gritando:

— Não, não, não! Quero que seja uma luta limpa!

— Atenção. Nove minutos para a autodestruição da base...

Na plataforma de madeira, Logan se ajoelhou ao lado de Schofield e esmurrava com violência o seu rosto.

— Por culpa sua, capitão, esta manhã se tornou bem mais difícil do que o previsto.

Sob as luzes intermitentes vermelhas, seu rosto brilhava de raiva.

Acertou outro soco. Violento.

A cabeça de Schofield bateu contra a madeira. De seu nariz esguichava sangue.

Logan pegou o controle para manobrar o guindaste, que estava próximo de sua cabeça. Apertou um botão.

Com um solavanco e um ruído mecânico, a plataforma começou a se movimentar através do hangar, seguindo em direção ao poço do elevador de aeronaves. Devia ter um motor autônomo, por isso não tinha sido afetada pela falta de energia elétrica na base.

Enquanto a plataforma continuava a deslizar através do hangar, Logan continuava a golpear Schofield, marcando cada golpe com palavras raivosas:

— Sabe, lembro-me...

Soco.

— ...dos nossos exercícios anuais de guerra, quando derrotávamos as bichinhas dos fuzileiros...

Soco.

— Era muito fácil. Vocês são uma verdadeira desgraça...

Soco.

— ...para o país, para a bandeira e até mesmo para as putas das suas mães.

Soco.

Schofield mal conseguia manter os olhos abertos.

Jesus, Logan o estava massacrando...

A plataforma logo alcançou a área acima do poço do elevador; agora estavam sobre um abismo com mais de cem metros de profundidade. Logan apertou outro botão do controle, e a plataforma parou.

— Atenção. Oito minutos para a autodestruição da base.

Schofield virou o rosto, na tentativa de olhar para baixo. Viu as paredes verticais do poço, o concreto áspero iluminado pelas luzes intermitentes vermelhas, desaparecendo na escuridão.

— Adeus, capitão Schofield — disse Logan, enquanto levantava Schofield pelas lapelas e o levava para a beirada da plataforma.

Schofield — machucado, ensangüentado e exausto — não conseguia resistir. Mal conseguia ficar de pé na beirada da

plataforma, equilibrando-se na beira do abismo que se abria abaixo dele.

Schofield pensou no Maghook que ainda mantinha nas costas, mas, quando viu que o teto era feito de fibra de vidro, compreendeu que seria inútil. O ímã não se fixaria numa superfície daquele material.

De qualquer modo, ele não tinha mais energias para continuar a lutar.

Sem armas.

Sem Maghook.

Sem assentos ejetores.

Naquele momento, Logan tinha todas as vantagens.

Logan estava prestes a empurrá-lo para fora da plataforma, quando Schofield viu Gant — uma sombra entre as luzes vermelhas — escondida atrás de alguns cadáveres, perto de uma das bordas do poço do elevador.

Schofield olhou diretamente nos olhos de Logan...

...e começou a sorrir. Levou a palma da mão até a boca, mostrando seu microfone do Serviço Secreto.

Uma fração de segundo depois, Schofield, ainda olhando diretamente para os olhos de Logan, disse:

— A "ponte Harbour", Gant. Você será o pólo negativo.

Logan franziu o cenho.

— O quê?

E antes que Logan pudesse pensar em fazer alguma coisa, Schofield esticou o braço, com suas últimas forças, e soltou o mecanismo que prendia a plataforma ao sistema de trilhos do teto.

O resultado foi imediato.

Numa espécie de movimento em câmera lenta, acentuado pelas luzes intermitentes vermelhas, a plataforma — com Schofield e Logan a bordo — precipitou-se no vazio, arrastando os dois combatentes juntos...

Schofield, Logan e a plataforma estavam caindo através do abismo do poço do elevador.

Schofield seguia caindo em queda livre.

Velozmente.

A primeira coisa que viu passando ao seu lado foi o hangar, com as luzes vermelhas piscando. Essa imagem foi logo substituída pelo concreto da borda do poço do elevador, que logo desapareceu de vista. Depois, tudo o que conseguia ver eram paredes de concreto passando velozmente diante de seus olhos como um borrão acinzentado. O quadrado iluminado na parte de cima do poço ia diminuindo de tamanho muito rapidamente.

Logan caía ao lado dele, com uma expressão de terror absoluto estampada no rosto. Provavelmente, ainda não conseguia acreditar no que Schofield tinha acabado de fazer.

Tinha jogado ambos no poço, junto com a plataforma de madeira!

Schofield, no entanto, rezava para que Gant o tivesse ouvido.

Enquanto seguia caindo em queda livre, rodeado pelas luzes vermelhas, Schofield friamente pegou o Maghook que estava acomodado nas costas e ativou o ímã em carga positiva. Em seguida, olhou para cima, procurando por sua última esperança.

Gant tinha escutado o seu chamado.

Agora, estava deitada de bruços na beira do poço, apontando seu próprio Maghook, em carga negativa, para o fundo.

— Espantalho — disse ela no microfone do rádio —, você dispara primeiro. Eu dou o golpe decisivo.

Enquanto caía através do poço do elevador, Schofield disparou seu Maghook com carga positiva para o alto.

O bulbo voou para o alto como um foguete, numa trajetória vertical perfeita, deixando para trás seu cabo, que oscilava no ar.

Caindo ao lado de Schofield, Kurt Logan viu o que estava acontecendo e gritou:

— Não...!

— Vamos, Gata — sussurrou Schofield. — Não me deixe morrer.

Libby Gant contraía os olhos enquanto olhava para o cano de seu Maghook, apontado para baixo.

Não obstante todos os elementos perturbadores ao seu redor —, as luzes vermelhas piscando, as sirenes, a voz gravada saindo dos alto-falantes —, Gant conseguiu avistar o Maghook de Schofield: um pequeno ponto de metal brilhante subindo através da escuridão do poço, vindo na sua direção.

— Nada é impossível — sussurrou ela.

Depois, com uma frieza absoluta, apertou o gatilho de seu Maghook.

Whump!

O bulbo magnético saiu zunindo pelo cano e seguiu poço abaixo, deixando o cabo para trás.

O Maghook de Schofield subia através do poço. O Maghook de Gant descia através do poço. Schofield estava caindo a pouca distância de Logan e da plataforma. Gant deixou que o cabo se estendesse todo.

— Vamos... Vamos...

Como tinham cargas opostas, bastava que um passasse perto do outro para...

Clang!

Os dois Maghook se engancharam em pleno ar, como se fossem mísseis gêmeos colidindo no céu!

A "ponte Harbour" de Sydney.

Seus potentíssimos campos magnéticos mantinham-nos firmemente ligados. Lá no alto, no hangar, Gant enganchou rapidamente o ejetor numa grade fixada no chão.

Dois Maghook unidos mediam cem metros.

Uma queda livre de cem metros significava um puxão terrível.

Quando viu os dois ganchos magnetizados se engancharem no ar, Schofield enrolou o cabo ao redor dos braços e do peito. Em seguida, enrijeceu os braços em torno do cabo, preparando-se para o impacto iminente.

Aquilo iria doer.

Foi terrível.

Com um tremendo contragolpe, os dois cabos dos Maghook se retesaram, e Schofield foi arrastado para o alto, como se fosse um pára-quedista abrindo o pára-quedas. Debaixo dele, Kurt Logan e a plataforma de madeira continuaram a cair até se chocarem violentamente contra a plataforma de aeronaves vários níveis abaixo.

A plataforma de madeira explodiu em milhares de pedaços.

Logan teve o mesmo fim.

Aterrissou aos berros com uma violência terrível sobre alguns restos do AWACS que tinham ficado sobre a plataforma do elevador. Sua cabeça foi arrancada dos ombros quando o pescoço atingiu um pedaço da asa que estava apontado para o alto. O restante de seu corpo, devido ao impacto fenomenal, foi achatado como se fosse um tomate.

Schofield, depois de ter sido puxado para o alto pelos cabos enganchados dos dois Maghook, bateu com força contra uma das paredes do poço e foi jogado para trás com o impacto. Quando finalmente parou, estava pendurado junto ao concreto áspero de uma das paredes, 25 metros acima da plataforma, resfolegando e com dores terríveis nos ombros e nos braços. Mas estava vivo.

Os dois Maghook puxaram Schofield velozmente para o alto do poço.

— Atenção. Seis minutos para a autodestruição da base.

Eram 11h09 quando Gant puxou Schofield por cima da borda.

— Pensei que você tivesse dito que era impossível fazer a "ponte Harbour" — disse ela, com ar despreocupado.

— Creia em mim, foi uma ótima forma de provar que eu estava errado — respondeu Schofield.

Gant sorriu.

— Bem, só topei fazer isso porque queria uma outra...

Foi interrompida por uma rajada de balas que cruzou o ar. As balas passaram zunindo e acertaram os dois.

Uma ferida irregular de arma de fogo foi aberta no pé direito de Gant. A bala quebrou o tornozelo, enquanto outras duas perfuraram o ombro esquerdo de Schofield. Outros projéteis passaram tão perto do seu rosto, que ele pôde sentir o ar sendo deslocado perto do nariz.

Os dois fuzileiros caíram, cerrando os dentes por causa da dor. César Russel saiu correndo do edifício da sala de controle com uma expressão insana nos olhos. Brandia uma submetralhadora P-90.

Schofield estava ferido, mas pelo menos conseguia se mover. Empurrou Gant para trás dos restos da barricada montada pelos homens da unidade Bravo.

Em seguida, pegou a Beretta de Gant e saiu correndo pelo outro lado da barricada, em direção aos destroços do Nighthawk 2, junto ao elevador social. Era uma tentativa desesperada de atrair para si os tiros direcionados a Gant.

O gigantesco Super Stallion do Corpo de Fuzileiros Navais estava estacionado em frente à porta do elevador social, todo amassado, crivado de balas e com a cabine destruída por uma explosão.

As balas de César seguiam Schofield, atingindo o chão atrás dele, mas nas luzes vermelhas intermitentes era difícil acertar o alvo.

Schofield alcançou o Super Stallion e mergulhou dentro da cabine do helicóptero, segundos antes de suas paredes internas serem atingidas por uma rajada de balas.

— Venha aqui, herói! — gritou César. — Qual é o problema? Não pode atirar de volta? Está com medo de quê? Vamos! Pegue uma arma e atire de volta!

Mas Schofield não podia fazer isso. Se matasse César, mataria todas as grandes cidades do norte dos Estados Unidos.

Droga, pensou.

Era a pior das situações.

Encontrava-se sob fogo e não podia revidar!

— Gata! — gritou ele no microfone de pulso. — Você está bem?

A voz chegou fraca no fone de ouvido.

— Estou...

Schofield gritou:

— Temos de pegá-lo e tirá-lo daqui! Alguma sugestão?

A resposta de Gant foi abafada pela voz metálica pré-gravada.

— Atenção. Cinco minutos para a autodestruição da base...

Através da janelinha de uma porta, Schofield viu César se aproximando por uma das laterais do helicóptero destruído, disparando a P-90.

— Você gosta disso, herói? — gritou o oficial da Força Aérea. — Você gosta disso?

No interior da cabine, as balas de César faziam com que tudo tremesse e balançasse. Schofield, empunhando a pistola, rangia os dentes. Sentia dores lancinantes nos dois ferimentos à bala no ombro, mas a adrenalina o sustentava.

Através do vidro quebrado da porta do Super Stallion, ele conseguiu ver César — totalmente transtornado — disparando como um maluco contra o helicóptero à medida que se aproximava da cabine devastada.

César o alcançaria dentro de quatro segundos...

Foi então que a voz de Gant explodiu repentinamente no fone de ouvido de Schofield.

— Espantalho! Prepare-se para atirar! Pode haver um outro meio de...

— Não posso atirar! — gritou Schofield.

Preciso apenas de um segundo!

Perto do poço do elevador, Gant estava agachada junto ao objeto que tinha procurado antes: a caixa-preta que surrupiara do AWACS, no Nível 2, uma hora e meia mais cedo. A mesma caixa-preta que tinha escondido subrepticamente depois de chegar com o presidente no hangar principal a bordo do mini-elevador.

Gant enfiou a mão no bolso de seu traje pressurizado e tirou uma pequena unidade vermelha com antena curta e preta.

Era a unidade para ligar e desligar que pertencia a Russel, com seus interruptores marcados com os números "1" e "2".

Somente agora Gant entendia por que havia dois interruptores na unidade.

Aquela unidade não servia apenas para ativar e desativar o radiotransmissor no coração do presidente, mas também para ativar e desativar o transmissor no coração de César.

César estava quase chegando à cabine do helicóptero, empunhando sua P-90.

Encontraria Schofield dentro de poucos segundos.

— Estou chegando...!— gritou com voz de falsete.

Schofield deitara-se esticado no piso do Super Stallion, de frente para a abertura na fuselagem da cabine. Estava preso numa armadilha.

— Gata... — disse ele no microfone.

— O que quer que pretenda fazer... por favor, faça logo.

Gant estava suando. Seu tornozelo latejava dolorosamente, mas ela tinha que manter a concentração.

— Atenção. Quatro minutos para a autodestruição da base...

Ela fez surgir um diagrama padrão na pequena tela de cristal líquido da caixa-preta. Em seguida, ligou a unidade de ativação e desativação.

A única pergunta era: qual dos dois interruptores da unidade controlava o transmissor do presidente, e qual controlava o de César? O "1" ou o 2?

Gant não teve dúvida.

César certamente teria escolhido ser o número "1".

Sincronizada com o momento em que o ponteiro no diagrama da caixa-preta se encontrava entre os sinais de busca e retorno, ela apertou o interruptor marcado com o número "1" e desligou o sinal em microondas de César.

Depois, ativou o sinal em microondas da caixa-preta, utilizando-o para imitar o proveniente de César. Caso não tivesse feito nada de errado, o satélite em órbita espacial não teria como saber que estava captando um novo sinal de retorno. Uma pequena luz verde no topo da caixa-preta começou a piscar.

Gant aproximou a boca do microfone de pulso.

— Espantalho! Já cuidei do sinal de rádio! Acabe com o bastardo.

Assim que Gant terminou a frase, César entrou no campo de visão de Schofield.

O oficial da Força Aérea sorriu ao ver que Schofield — deitado no piso da cabine destruída do Super Stallion — estava levantando a arma para se defender.

Sorriu e ergueu o dedo indicador, em sinal de advertência, na direção de Schofield.

— Não, não e não, capitão, você não tem direito de fazer isso. Lembre-se: não se dispara contra o tio César.

— Não? — perguntou Schofield.

— Não.

— Ah... — suspirou Schofield.

Bang!

Com um movimento rapidíssimo, ele disparou sua arma e acertou o peito de César em cheio.

César começou a sangrar no torso.

Bang! Bang! Bang!

César cambaleava para trás à medida que as balas o atingiam. Estava com os olhos arregalados e uma expressão de incredulidade no rosto. Deixou cair sua P-90 e tombou para trás violentamente.

Schofield se levantou, saiu do helicóptero e correu até onde César estava caído. Afastou a arma que César usava com um chute.

César ainda estava vivo, mas nas últimas.

Um fio de sangue escorria do canto de sua boca, estava reduzido a uma visão patética; na sua vulnerabilidade, não era nem sombra do homem que tinha sido antes.

Schofield encarou-o.

— Mas... mas...? — gaguejou César, engasgado no próprio sangue. — Você... você não podia me matar!

— Na verdade, podia — disse Schofield. — Mas acho que vou deixá-lo morrer sozinho.

Schofield correu apressado ao encontro de Gant. Tudo o que desejava era dar o fora da Área 7.

Atenção. Três minutos para a autodestruição da base...

Schofield carregou Gant nos braços até o mini-elevador. O tornozelo direito dela tinha sido despedaçado pela bala de César. Ela não conseguia nem mesmo dar um passo sozinha. Mas isso não a impedia de ajudar.

Enquanto Schofield a carregava, ela mantinha a caixa mais importante do mundo pousada sobre seu colo.

O objetivo deles, mais do que salvar as próprias vidas, era retirar a caixa-preta do interior da Área 7 antes que ela fosse destruída pela iminente explosão nuclear. Caso o sinal fosse interrompido, tudo pelo que tinham lutado teria sido inútil.

— Certo, espertinho — disse Gant —, como vamos sair desta armadilha nuclear de sete níveis?

Schofield apertou um botão no piso do mini-elevador. Começaram a descer junto à parede do poço. Ele consultou o relógio.

11:12:30

11:12:31

— Bem, não podemos sair pela "porta de cima" — disse ele. — César trocou o código, e aquele sujeito que trabalha na DIA levou dez minutos para descobrir os códigos de fechamento das portas. Também acho que não teríamos tempo suficiente para sair através do duto de ventilação. Book e eu levamos um bom minuto para descer através daquele túnel. Não consigo imaginar que possamos subi-lo em menos de dez minutos. Neste meio tempo, a saída de emergência teria virado uma nuvem de vapor nuclear.

— O que vamos fazer, então?

— Existe uma maneira — disse Schofield. — Mas temos de chegar a tempo.

11:12:49

11:12:50

Schofield parou o elevador no hangar do Nível 2 e, com Gant nos braços, atravessou-o correndo em direção à entrada da escada de incêndio, que ficava na outra extremidade.

— Atenção! Dois minutos para a autodestruição da base...

Eles alcançaram as escadas.

11:13:20

Schofield descia pelas escadas, carregando Gant nos braços, saltando três degraus de cada vez.

Passaram pelo Nível 3.

11:13:32

Pelo Nível 4, o pavimento dos horrores.

11:13:41

Pelo Nível 5, o pavimento alagado.

11:13:50

Schofield abriu a porta do Nível 6 com um chute.

— Atenção! Um minuto para a autodestruição da base...
Imediatamente viu o veículo de fuga.

O pequeno veículo de manutenção do trem-X, sobre os trilhos que levavam para o lago Powell, parado perto da porta das escadas. Tinha permanecido no mesmo lugar durante toda a manhã.

Schofield lembrava-se do que Herbie Franklin dissera sobre o veículo de manutenção. Não só era menor do que as outras locomotivas do trem-X, como também mais veloz. Era constituído por uma cabine com capacidade para duas pessoas.

— Quarenta e cinco segundos para a autodestruição da base...
Schofield abriu a porta da cabine, colocou Gant no interior e entrou atrás dela.

— Trinta segundos...

Schofield apertou um botão preto no console da cabina.

O motor do trem-X compacto foi ligado.

— Vinte segundos... dezenove... dezoito...

Schofield olhou para os trilhos à sua frente. A linha se estendia a perder de vista na escuridão, interrompida somente pelo piscar das luzes vermelhas, quatro trilhos paralelos que convergiam para um distante ponto único.

— Vamos! — disse Gant.

Schofield apertou o acelerador.

— Quinze...

O pequeno trem-X deu um impulso para a frente e ganhou aceleração com um estrondo. Começaram a atravessar a estação subterrânea debaixo das luzes vermelhas intermitentes.

— Quatorze...

O impulso tinha sido tão grande que mantinha Schofield colado no encosto de seu assento.

Num instante tinham alcançado a velocidade de oitenta quilômetros por hora.

— Treze...

O trem-X ganhava velocidade rapidamente. Schofield via os quatro trilhos, os dois de cima e os dois de baixo, desaparecendo diante de si à medida que avançavam.

Cento e sessenta quilômetros por hora.

— Doze... onze...

Pouco depois, com um grande deslocamento de ar, o trem-X entrou no túnel que levava para o lago Powell, deixando a Área 7 para trás. Duzentos e quarenta quilômetros por hora.

— Dez...

Quatrocentos quilômetros por hora. Esta velocidade correspondia a um avanço de mais de 150 metros por segundo. A cada dez segundos, ficariam a mais de um quilômetro de distância da Área 7.

— Nove... oito...

Schofield esperava que pouco mais do que um quilômetro fosse suficiente.

— Sete... seis...

Ele torcia para que o pequeno veículo se afastasse ainda mais.

— Cinco... quatro...

Grant gemia de dor.

— Três... dois...

A pequena locomotiva corria como um foguete através do túnel, afastando-se da Área 7. Vibrava nas curvas numa velocidade fenomenal.

- Um...

— ...autodestruição da base ativada.

O momento da explosão.

Foi como o fim do universo.

O rugido colossal da explosão nuclear no interior da Área 7 foi absolutamente monstruoso.

Por ser uma estrutura projetada durante a Guerra Fria com o objetivo de resistir a um ataque nuclear direto, ela conseguiu conter com sucesso sua própria extinção atômica.

A ogiva W-88 de autodestruição ficava localizada no interior das paredes do Nível 2, mais ou menos no centro da base subterrânea. Quando explodiu, o complexo inteiro se acendeu como uma lâmpada, e um fluxo de energia térmica atravessou as paredes e os pavimentos com uma força irrefreável e irresistível.

Tudo que se encontrava no interior do complexo foi pulverizado em um nanossegundo: aviões, câmaras de teste, o poço do elevador. Até mesmo o corpo prostrado e ensangüentado de César Russel.

De sua posição, caído sobre o pavimento do hangar principal, a última coisa que César viu foi um brilho branco ofuscante seguido do calor mais intenso que já sentira em toda a vida. Depois, nada.

Mas, de modo geral, as paredes externas de titânio, com sessenta centímetros de espessura, conseguiram conter a explosão.

A onda de choque causada pela gigantesca explosão, no entanto, fez com que o terreno arenoso tremesse muito além das paredes de titânio que envolviam a estrutura. A terra tremeu por vários quilômetros ao redor da Área 7, visto que as ondas de choque se propagavam em círculos concêntricos, como ondas num lago.

A primeira coisa a explodir foi a saída de emergência. Suas rígidas paredes de concreto foram atingidas pela onda de destruição um segundo depois da explosão. Foram instantaneamente pulverizadas. Caso Schofield e Gant estivessem ali dentro, seus corpos teriam sido dissolvidos.

Foi então que surgiu a visão mais espetacular da explosão.

No momento em que o complexo inteiro se tornou uma cavidade oca, a pesada camada de granito do alto desabou.

Visto de cima, parecia que a Área 7 tinha sido atingida por um terremoto perfeitamente circular.

Sem aviso algum, um círculo de terra de 800 metros de diâmetro, ao redor do complexo, começou a se liquefazer e a ceder, engolindo as construções da Área 7 — o hangar principal, a torre de

controle da pista de decolagem e os outros hangares. Tudo foi simplesmente engolido pela terra, desaparecendo de vista. No lugar onde ficava a Área 7, só restou uma gigantesca cratera, com quase um quilômetro de largura, bem no meio do deserto.

De seu lugar a bordo de um Super Stallion dos fuzileiros navais, que chegara ao complexo havia apenas dez minutos, o presidente pôde observar o desaparecimento da Área 7.

Ao lado dele, Book II, Juliet Janson e Kevin limitavam-se a observar, espantados, o espetacular fim da Área 7.

Embaixo, no túnel do trem-X, o pesadelo ainda não havia terminado.

Quando o artefato fora detonado, a pequena locomotiva estava avançando através do túnel em velocidade máxima.

Eles ouviram o ruído da explosão.

Sentiram a terra tremer em torno deles.

Schofield olhou através do vidro traseiro do veículo.

— Meu Deus... — sussurrou ele.

Viu uma cascata de pedras em movimento, avançando através do túnel na direção deles!

O teto do túnel estava cedendo, estilhaçando-se em pedaços à medida que a onda de choque se afastava da Área 7.

O problema era que eles estavam sendo alcançados!

O trem-X corria pelo túnel a 400 quilômetros por hora.

A cascata de rochas seguia atrás deles a pelo menos 420. Fragmentos de rochas voavam através do caminho. Era como se o túnel tivesse se transformado numa imensa besta feroz que tentava morder os calcanhares da locomotiva do trem-X. *Bang!*

Um pedaço de concreto do tamanho de uma bola de beisebol caiu sobre o teto da locomotiva. Schofield virou-se para ver de onde vinha o som. Logo...

Bang-bang-bang-bang-bang-bang-bang—bang-bang!

Uma ensurdecadora tempestade de fragmentos de concreto caiu sobre a locomotiva.

Não! Pensou Schofield. Não agora! Não no último momento! A cascata de pedras os alcançou.

Bang-bang-bang-bang-bang-bang-bang...

Pedaços de concreto acertaram o pára-brisa, quebrando-o. Voou vidro em todas as direções.

Bang-bang-bang-bang-bang-bang-bang...

Pequenos pedaços começaram a entrar na cabine. A locomotiva começou a tremer violentamente, como se estivesse prestes a sair dos...

Mas pouco depois, repentinamente, a tempestade de pedras diminuiu de intensidade, e a locomotiva voltou a correr pelo túnel, livrando-se das pedras mortíferas.

Schofield virou-se em seu assento e viu que a tempestade de concreto tinha ficado para trás no túnel, desaparecendo lentamente numa das curvas, como um monstro esfomeado que desistia de perseguir sua presa. A onda de choque tinha chegado no seu limite e agora estava perdendo a força.

Tinham conseguido escapar.

Raspando.

E enquanto o trem-X continuava a correr pelo túnel, Shane Schofield recostou-se no seu assento e soltou um longo e profundo suspiro de alívio.

Quando Schofield e Gant foram resgatados da estação de abastecimento do trem-X, localizada num cânion junto ao lago Powell, por um helicóptero Marine CH-53E, uma verdadeira frota de aeronaves do Exército e dos Fuzileiros Navais estavam sobrevoando a Área 7.

Parecia um enxame de pequenos insetos, pontinhos escuros pairando no céu limpo do deserto. Todos se mantinham a uma distância segura para evitar qualquer risco de contaminação radioativa.

O presidente agora estava em segurança, a bordo de um dos helicópteros dos fuzileiros, que por sua vez era escoltado por outros cinco Super Stallion. Até que o radiotransmissor fosse retirado de seu coração, os fuzileiros permaneceriam ao seu lado.

No momento em que decolou do asfalto da Área 7, o presidente ordenou que todas as aeronaves da Força Aérea dos

Estados Unidos permanecessem no solo até segunda ordem.

Schofield e Gant, carregando a preciosa caixa-preta, foram levados até o presidente, que estava em companhia de Book II, Juliet e Kevin, na Área 8. Vinte minutos antes da chegada da comitiva presidencial, a base tinha sido inteiramente vasculhada por duas unidades de fuzileiros, por questão de segurança.

Durante a varredura da base, os fuzileiros encontraram somente cadáveres. A única exceção foi Nicholas Tate III, que vagava em estado de confusão mental, dizendo que tinha de falar com seu corretor de ações.

Gant foi imediatamente colocada numa maca, e um médico dos fuzileiros começou a cuidar do seu tornozelo. Schofield recebeu uma atadura temporária no ombro para os ferimentos das balas, além de uma tipóia para o braço e uma dose de codeína para a dor.

— Fico contente em ver que consegui escapar, capitão — disse o presidente, ao se aproximar do local onde estavam sendo medicados. — Imagino que César não tenha tido a mesma sorte.

— Receio que ele não tenha conseguido, senhor — disse Schofield. Ele levantou a caixa-preta, exibindo o ponto de luz verde que piscava. — Mas está conosco, pelo menos em espírito.

O presidente sorriu.

— Os fuzileiros que vasculharam esta base me disseram que encontraram algo no lado de fora que vai deixá-lo contente, capitão.

Schofield não entendeu o comentário.

— Do que está falando, senhor?

— De mim, gatão — disse Mãe, quase gritando, ao sair de trás do presidente.

Schofield abriu um largo sorriso.

— Você conseguiu escapar!

Da última vez que vira Mãe, ela estava dirigindo a "barata" em alta velocidade.

— Eu sou indestrutível, cacete! — exclamou Mãe, que mancava levemente. — Quando aquele míssil atingiu a "barata", eu sabia que não conseguiria ir muito longe. E sabia também que César e seus asseclas não seriam gentis comigo, caso me achassem viva. Assim,

quando a "barata" saiu da pista, levantando uma grande nuvem de poeira, aproveitei para pular. Ela derrapou e bateu logo à frente. Tive tempo para cavar um buraco na areia, debaixo do pára-choque dianteiro, para esconder a cabeça. Depois arranquei minha perna mecânica, para dar um efeito teatral, e me fingi de morta até que César e seus helicópteros fossem embora.

— Arrancou a perna mecânica para dar um efeito teatral... — repetiu Schofield. — Brilhante!

— Também achei. — Mãe sorriu. Em seguida, balançou o queixo na direção dele. — E quanto a você? A última vez que o vi, você e o presidente estavam seguindo para o espaço sideral. Quer dizer que você salvou a porra do dia outra vez?

— Parece que sim — disse Schofield.

— Mas, falando de coisas mais importantes — sussurrou Mãe, com ar conspiratório —, você fez aquilo que eu lhe disse para fazer com "aquela garota"? — Ela inclinou a cabeça teatralmente na direção de Gant.

Schofield teve de se esforçar para não começar a rir.

— Quer saber de uma coisa, Mãe? Na verdade, acho que fiz.

Pouco depois, Schofield e o presidente ficaram a sós.

— Como o resto do país reagiu? — perguntou o capitão. — Assistiram a tudo pela televisão, através do Sistema de Transmissão de Emergência?

O presidente sorriu.

— Engraçado você perguntar. Examinamos o histórico do sistema elétrico da base e encontramos isto.

Ele exibiu um papel com o histórico do fornecimento de energia da Área 7, apontando para um registro.

07:37:56

ATENÇÃO: DEFEITO NO SISTEMA DE ENERGIA AUXILIAR

Defeito localizado no terminal 1-A2. Nenhuma resposta dos sistemas: TRACS; AUX SYS-1; RAD COM-SPHERE; MBN; EXT FAN

O presidente disse:

— Você se lembra de ter destruído uma caixa de disjuntores num dos hangares subterrâneos? Por volta das 7h37?

— Sim...

— Bem, parece que aquela caixa de disjuntores era importante. Dentre outras coisas, ela continha os controles do sistema de energia auxiliar da base e do radiobloqueio. Também continha um sistema chamado RTM. Sabe o que RTM significa?

— Não...

— Significa Rede de Transmissão Militar, ou seja, o antigo nome que indicava o Sistema de Transmissão de Emergência. Pelo que pudemos entender, o cabo que levava as transmissões do RTM para o exterior foi destruído naquela explosão. E, levando em conta que o Protocolo LBJ não foi iniciado, as transmissões de César no Sistema de Transmissão de Emergência foram retardadas por 45 minutos.

— Mas o sistema foi destruído às 7h37... — disse Schofield.

O presidente sorriu.

— Correto — disse ele. — Isso significa que nada do que César disse para a câmera esta manhã foi transmitido. Ficou falando somente para as pessoas que se encontravam no interior da Área 7.

Schofield refletiu um pouco, tentando compreender as implicações do que acabara de ouvir. Pouco depois disse:

— Quer dizer que o país não sabe que isso aconteceu... O presidente concordou enfaticamente com a cabeça.

— Parece que o povo dos Estados Unidos passou o dia preocupado com um outro drama. Um acidente envolvendo a estrela mais bem paga de Hollywood e um ator, que é o seu namorado. Tudo indica que o desafortunado casal passou o dia retido nos Alpes suíços, presos numa avalanche enquanto caminhavam ilegalmente numa área pertencente ao exército suíço. Infelizmente, o inescrupuloso guia acabou morto, mas parece que o casal de estrelas já está a salvo e gozando de ótima saúde. Pelo que me disseram, a CNN passou o dia fazendo a cobertura do drama,

mandando ao ar boletins atualizados de hora em hora. É o maior evento jornalístico desde o acidente que matou a princesa Diana.

Schofield quase soltou uma gargalhada.

— Então eles realmente não sabem de nada — disse ele.

— Exatamente — disse o presidente. — E é dessa forma que vão permanecer, capitão...

Exatamente seis horas mais tarde, o segundo ônibus espacial X-38 da Área 8 foi lançado de um Boeing 747 em vôo. Sua missão: destruir um satélite espião ilegal da Força Aérea que se encontrava em órbita geoestacionária sobre o sul do Utah.

Com base no que os pilotos do ônibus espacial relataram, parecia que o satélite em questão estava transmitindo e recebendo um sinal característico de microondas de um determinado ponto do deserto do Utah.

Mas aos pilotos pouco importava o que estava acontecendo. Tinham ordens a cumprir, e elas foram cumpridas ao pé da letra.

Assim, o satélite foi destruído.

Com a destruição do satélite, os explosivos de plasma do tipo-240 que se encontravam nos aeroportos tornaram-se inúteis e perderam a coligação com o coração do presidente. Restava o problema dos sensores de movimento, que necessitariam de mais tempo para serem desarmados.

Nas horas que se seguiram, todas as 14 bombas foram desarmadas e desmanteladas. Depois, foram levadas para serem analisadas num laboratório.

Além do desarmamento das bombas de plasma, a destruição do satélite também permitiu a remoção do transmissor fixado no coração do presidente.

A operação foi conduzida por um renomado cirurgião cardiovascular civil, do hospital universitário Johns Hopkins, sob a vigilância atenta de outros três cirurgiões e de um destacamento armado do Serviço Secreto e do Corpo de Fuzileiros Navais.

Cirurgião algum esteve tão atento, e tão nervoso, durante uma operação.

Foi utilizada uma quantidade reduzida de anestésico. Embora o povo norte-americano jamais tenha sido informado sobre o fato, o vice-presidente comandou o país por 28 minutos.

Algum tempo depois, foi formado um comitê de investigação para apurar o papel da Força Aérea no incidente da Área 7.

Como resultado da investigação, nada menos que 18 oficiais do alto escalão da Força Aérea, responsáveis pelo controle de doze bases aéreas no sudeste dos Estados Unidos, e mais 99 homens, dentre oficiais e soldados servindo nessas bases, foram condenados por alta traição em sessão fechada da justiça.

Descobriu-se que todos os homens envolvidos nos eventos da Área 7 estavam servindo ou tinham servido no Comando de Operações Especiais da Força Aérea, em Hurlbut Field, na Flórida, ou no 14º e 20º comandos, nas bases de Warren e Falcon, no Wyoming e no Colorado. Todos os homens, em algum momento, tinham estado sob o comando de Charles "César" Russel.

Considerando-se o contingente de quase 400 mil homens e mulheres atualmente em serviço, 117 traidores não formavam um grupo numeroso e correspondiam a cerca de uma dúzia de soldados para cada base. Mas as aeronaves e o material bélico posicionados nessas bases eram mais do que suficientes para pôr em prática o plano de César.

Como foi descoberto durante o processo, cinco dos membros da Força Aérea envolvidos na conspiração eram cirurgiões que tinham operado congressistas, incluindo o senador e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Jeremiah K. Woolf.

Com base em provas circunstanciais apresentadas durante o processo, foi estabelecido que todos os membros envolvidos no incidente eram suspeitos de pertencer a uma sociedade secreta racista que atuava na Força Aérea, conhecida como Irmandade.

Todos foram sentenciados a prisão perpétua, a ser cumprida numa prisão militar não revelada, sem possibilidade de liberdade

condicional. Desafortunadamente, houve um acidente com o avião que os levava para a prisão secreta. Não houve sobreviventes.

No relatório final do comitê de investigação, dirigido ao Estado-Maior das Forças Armadas, foi abordada a questão dos "grupos secretos com finalidades anti-sociais" no âmbito das forças armadas. Embora o relatório tenha sublinhado que a maioria desses grupos tinha sido afastada do serviço durante um expurgo nos anos 1980, recomendou-se a realização de uma nova averiguação.

O Estado-Maior das Forças Armadas, entretanto, não reconheceu a existência dessas sociedades e, dessa forma, rejeitou as recomendações do relatório a esse respeito.

Nos seis meses que se seguiram, muitos turistas disseram ter visto uma família de ursos Kodiak na parte nordeste do lago Powell, mas não houve confirmação das autoridades.

Oficiais do serviço de proteção à vida animal investigaram os relatos, mas nenhum urso foi encontrado.

Duas semanas depois, uma discreta cerimônia foi realizada numa sala subterrânea da Casa Branca. Havia nove pessoas na sala. O presidente dos Estados Unidos.

O capitão Shane Schofield, com um dos braços numa tipóia. A sargento Elizabeth Gant, usando muletas por causa do tornozelo quebrado.

A sargento de artilharia Gena "Mãe" Newmann, acompanhada do marido Ralph, um baixinho careca que trabalhava como caminhoneiro.

O sargento Buck Riley Júnior, com um braço numa tipóia.

A agente do Serviço Secreto Juliet Janson, com um braço numa tipóia.

David Fairfax, da Defense Intelligence Agency, usando seu melhor par de tênis.

E um garotinho chamado Kevin.

O presidente concedeu a Schofield e a sua equipe de fuzileiros a Medalha de Honra do Congresso (confidencial), pela bravura demonstrada no campo de batalha.

Era uma medalha sobre a qual não deveriam falar com ninguém.

Todavia, todos concordavam que era melhor assim.

Enquanto os outros convidados ficaram para jantar com o presidente e a sua família na Casa Branca — com direito a uma discussão animada sobre o sindicato dos caminhoneiros, que envolveu o presidente, Mãe e Ralph —, Schofield e Gant despediram-se e saíram sozinhos. Era o segundo encontro deles.

Quando chegaram ao local indicado, perceberam que ficariam a sós.

No meio de uma sala com paredes forradas de madeira, havia uma mesa com velas.

Sentaram-se e começaram a jantar.

Sozinhos.

Estavam na sala de refeições privada do presidente, no piso superior da Casa Branca, com vista para o monumento a Washington.

— Sirva-lhes tudo o que pedirem — foram as instruções do presidente ao seu chef. — Ponha na minha conta.

Sob a luz de velas, os dois falaram e falaram até tarde da noite. Quando terminaram a sobremesa, Schofield enfiou a mão no bolso.

— Sabe — disse ele —, gostaria de ter-lhe dado no dia do seu aniversário, mas não tive oportunidade.

Ele tirou do bolso uma espécie de cartão amassado. Era pequeno, do tamanho de um cartão de Natal.

— O que é? — perguntou Gant.

— Era o seu presente de aniversário — disse Schofield, com tristeza. — Ficou no bolso da minha calça durante o dia todo e tive de pegá-lo todas as vezes que troquei de uniforme. Receio que tenha ficado um pouco amassado.

Ele o entregou a Gant.

Ela deu uma olhada e sorriu.

Era uma fotografia.

Uma foto de um grupo de pessoas numa belíssima praia do Havaí. Todos usavam bermudas e camisas havaianas de cores berrantes.

Num dos cantos da foto, próximos um do outro e sorrindo para a câmara, estavam Gant e Schofield. O sorriso de Gant era um pouco forçado, e o de Schofield, um pouco triste, atrás de suas lentes espelhadas.

Gant se lembrava daquele dia como se fosse ontem.

Era o churrasco que tinha sido organizado numa praia, nas proximidades de Pearl Harbor, para festejar a entrada de Gant na unidade de reconhecimento de Schofield.

— Foi nesse dia que nos conhecemos — disse Schofield.

— É mesmo — disse Gant.

— Nunca me esqueci desse dia — disse ele. Gant sorriu.

— Sabe, este é o melhor presente de aniversário que recebi este ano.

Em seguida, levantou-se da cadeira e, inclinando-se sobre a mesa, beijou Schofield na boca.

Depois do jantar, eles foram para o andar térreo, onde uma limusine presidencial os aguardava. O automóvel era escoltado por quatro Humvee do Corpo de Fuzileiros Navais, seis carros da polícia e quatro batedores em motocicletas.

Gant ergueu as sobrancelhas ao ver o cortejo.

— Ah... — exclamou Schofield, meio sem jeito. — Tem mais uma coisa que eu gostaria de lhe dizer.

— O quê?

Schofield abriu a porta da limusine... ...revelando Kevin, que dormia no banco traseiro.

— Ele precisava de um lugar para ficar, pelo menos até acharem um novo lar... — Schofield deu de ombros. — Ofereci-me para ficar com ele pelo tempo necessário. Entretanto, o governo destacou uma escolta mais imponente do que a habitual.

Gant balançou a cabeça, limitando-se a sorrir.

— Vamos — disse ela. — Vamos para casa.

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* feita por autor
desconhecido

